



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Morgana Ribeiro dos Santos

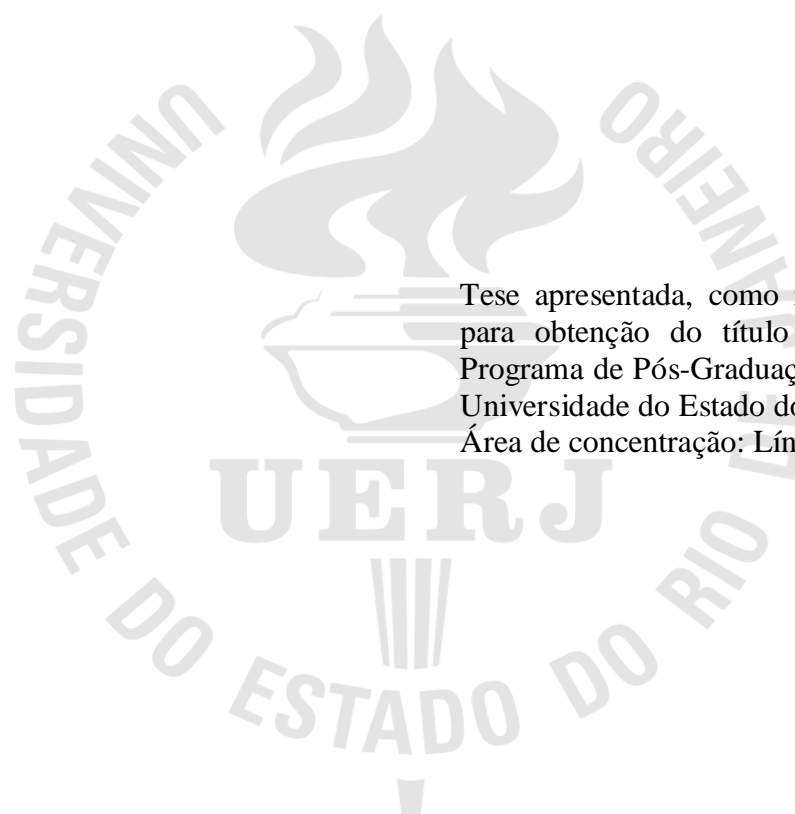
Perspectivas da literatura de cordel no Ensino Fundamental II

Rio de Janeiro

2018

Morgana Ribeiro dos Santos

Perspectivas da literatura de cordel no Ensino Fundamental II



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Darcília Marindir Pinto Simões

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S237 Santos, Morgana Ribeiro dos.
Perspectivas da literatura de cordel no Ensino Fundamental II / Morgana
Ribeiro dos Santos. – 2018.
245 f.: il.

Orientadora: Darcilia Marindir Pinto Simões.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto
de Letras.

1. Literatura de cordel brasileira – Estudo e ensino – Teses 2. Livros
didáticos – Teses. 3. Língua portuguesa (Ensino fundamental) – Estudo e
ensino – Teses. 4. Língua portuguesa (Ensino fundamental) - Substantivo –
Teses. 5. Língua portuguesa (Ensino fundamental) – Adjetivo – Teses. 6.
Leitura – Estudo e ensino – Teses. 7. Cultura – Brasil – Teses. I. Simões,
Darcilia, 1951-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-91:806.90(07)

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Morgana Ribeiro dos Santos

Perspectivas da literatura de cordel no Ensino Fundamental II

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 19 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Darcília Marindir Pinto Simões (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Claudia Moura da Rocha
Instituto de Letras - UERJ

Prof.^a Dra. Tânia Maria Nunes Lima Câmara
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Aira Suzana Ribeiro Martins
Colégio Pedro II

Prof.^a Dra. Edila Vianna da Silva
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a Deus, como um gesto de gratidão pela minha vida, saúde, inteligência e curiosidade.

A Antonio Ribeiro dos Santos, meu pai, de quem recebi a vida, o caráter, o apreço pelo trabalho, a natureza alegre e a criatividade.

A Cícera Henrique Ribeiro dos Santos, minha mãe, de quem recebi a vida, o caráter, a disciplina, a natureza firme e corajosa.

A Evandro Freire Antunes, meu marido, de quem recebo o amor e o apoio que me fortalecem para realizar projetos e sonhos.

A Magna Ribeiro dos Santos, minha irmã, um raio de luz e beleza que enfeita minha vida.

A Fanuel Henrique Ribeiro da Cruz, meu irmão, um foco de ternura e bondade que alegra minha alma.

A Gil Ribeiro, meu tio, por canalizar nossa ancestralidade poética em sua pessoa e defendê-la com todo o seu ser.

A meus ancestrais potiguares e paraibanos, sertanejos, mestiços, por minha existência e pela inspiração soprada das matas, do solo, das plantações, das pedras, dos riachos.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À Profª Drª Darcilia Marindir P. Simões, por ter me dedicado seu conhecimento, sua sabedoria, paciência e confiança, desde o Mestrado.

Às Professoras Doutoras Aira Suzana Ribeiro Martins e Cláudia Moura da Rocha, pelas orientações valiosas na ocasião da qualificação.

À Profª Drª Tânia Maria Nunes Lima Câmara, pelas orientações, carinho e apoio, desde o Mestrado.

À Profª Drª Edila Vianna da Silva, pelas orientações e parceria no trabalho e na vida.

Aos Professores Doutores Denise Salim Santos e Cláudio Artur O. Rei, pela disponibilidade de premiar minha tese com suas competentes leituras e participar da banca em caso de substituição.

RESUMO

SANTOS, Morgana Ribeiro dos. *Perspectivas da literatura de cordel no Ensino Fundamental II*. 2018. 245f. Tese. (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Esta tese consiste em uma investigação sobre o que é a literatura de cordel e como essa manifestação da literatura popular tem sido apresentada nos livros didáticos de Língua Portuguesa dedicados ao segundo segmento do Ensino Fundamental. A partir da análise dos livros didáticos e considerando-se a importância linguística e cultural dessa literatura, propõem-se leituras de poemas de cordel – selecionados de acordo com a adequação temática ao Ensino Fundamental II – à luz da Estilística influenciada pelos estudos semióticos, da Semântica e da perspectiva dialógica. As propostas de leitura dos cordéis se concentram na análise dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas, destacando o valor dessas classes de palavras na arquitetura sógnica dos textos, e ressaltam as relações de sentido que podem ser estabelecidas com outros textos, de modo a enriquecer a habilidade leitora dos alunos e aproveitar seus conhecimentos prévios. Esta tese defende o estudo da literatura de cordel nas escolas, a fim de possibilitar aos estudantes o conhecimento dessa poética popular e fortalecer o vínculo dos educandos com a cultura genuína do Brasil.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Livro didático. Ensino. Leitura. Significação.
Substantivo. Adjetivo/locução adjetiva.

ABSTRACT

SANTOS, Morgana Ribeiro dos. *Perspectives of cordel literature in Elementary School II*. 2018. 245f. Tese. (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This thesis consists of an investigation about what is cordel literature and how this manifestation of popular literature has been presented in the Portuguese Language didactic books dedicated to the second segment of Elementary School. From the analysis of the textbooks and considering the linguistic and cultural importance of this literature, reads are proposed about cordel poems – selected according to the thematic adequacy to Elementary School – in the light of Stylistics influenced by semiotic studies, Semantics and the dialogical perspective. The proposals for reading the strings concentrate on the analysis of nouns and adjectives/adjectives phrases, highlighting the value of these classes of words in the signic architecture of the texts, and emphasize the relations of meaning that can be established with other texts, in order to enrich the students' reading ability and utilize their prior knowledge. This thesis defends the study of cordel literature in schools in order to enable students to learn about this popular poetics and to strengthen the students' bond with the genuine culture of Brazil.

Keywords: Cordel literature. Didactic book. Teaching. Learning. Signification. Noun. Adjective/Adjective Phrase.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	<i>Português: linguagens</i> (2012), livro do 6º. Ano	51
Tabela 2 –	<i>Português: linguagens</i> (2012), livro do 7º. Ano	51
Tabela 3 –	<i>Português: linguagens</i> (2012), livro do 8º. Ano	52
Tabela 4 –	<i>Português: linguagens</i> (2012), livro do 9º. Ano	52
Tabela 5 –	<i>Projeto Teláris: Português</i> (2012), livro do 6º. Ano	54
Tabela 6 –	<i>Projeto Teláris: Português</i> (2012), livro do 7º. Ano	54
Tabela 7 –	<i>Projeto Teláris: Português</i> (2012), livro do 8º. Ano	55
Tabela 8 –	<i>Projeto Teláris: Português</i> (2012), livro do 9º. Ano	55
Tabela 9 –	<i>Perspectiva língua portuguesa</i> (2012), livro do 6º. Ano	63
Tabela 10 –	<i>Perspectiva língua portuguesa</i> (2012), livro do 7º. Ano	63
Tabela 11 –	<i>Perspectiva língua portuguesa</i> (2012), livro do 8º. Ano	64
Tabela 12 –	<i>Perspectiva língua portuguesa</i> (2012), livro do 9º. Ano	65
Tabela 13 –	<i>Para viver juntos: português</i> (2012), livro do 6º. Ano	72
Tabela 14 –	<i>Para viver juntos: português</i> (2012), livro do 7º. Ano	72
Tabela 15 –	<i>Para viver juntos: português</i> (2012), livro do 8º. Ano	73
Tabela 16 –	<i>Para viver juntos: português</i> (2012), livro do 9º. Ano	74
Tabela 17 –	<i>Universos: língua portuguesa</i> (2012), livro do 6º. Ano	76
Tabela 18 –	<i>Universos: língua portuguesa</i> (2012), livro do 7º. Ano	77
Tabela 19 –	<i>Universos: língua portuguesa</i> (2012), livro do 8º. Ano	78
Tabela 20 –	<i>Universos: língua portuguesa</i> (2012), livro do 9º. Ano	79
Tabela 21 –	Escolas Estilísticas	96
Tabela 22 –	Recortes isotópicos em <i>A briga do rapa com o camelô</i> , de Gonçalo Ferreira da Silva (2007)	117

Tabela 23 –	Recortes isotópicos em <i>Viagem a São Saruê</i> , de Manuel Camilo dos Santos (1978)	127
Tabela 24 –	Recortes isotópicos em <i>O Romance do Pavão Misterioso</i> , de José Camelo de Melo Rezende (1923)	137
Tabela 25 –	Recortes isotópicos em <i>A desventura de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler</i> , de João Martins de Athayde (1945)	145
Tabela 26 –	Recortes isotópicos em <i>A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99</i> , de Janduhi Dantas (2011)	160
Tabela 27 –	Recortes isotópicos em <i>O coelho e o jabuti</i> , de Arievaldo Viana (2011)	169

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Coleção <i>Português: linguagens</i> , de Cereja e Magalhães (2012).....	51
Figura 2 –	Capa do folheto <i>Vitalino, o Nordeste feito de barro</i>	53
Figura 3 –	Coleção <i>Projeto Teláris: Português</i> , de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).....	54
Figura 4 –	Capa do folheto <i>Zé Matraga, o valentão de Palmares</i>	59
Figura 5 –	J. Borges: <i>A moça que virou cobra</i>	60
Figura 6 –	Coleção <i>Perspectiva Língua Portuguesa</i> , de Discini e Teixeira (2012).....	63
Figura 7 –	Figura 7 – Coleção <i>Para viver juntos: português</i> , de Costa, Marchetti e Soares (2012).....	71
Figura 8 –	Coleção <i>Universos: língua portuguesa</i> , editada por Ramos (2012).....	75
Figura 9 –	J. Borges: <i>O cordelista na feira</i>	80
Figura 10 –	Capa e quarta capa do folheto <i>Saiona, a mulher dos olhos de fogo</i>	85
Figura 11 –	Tira do Bode Gaiato.....	114
Figura 12 –	Charge.....	116
Figura 13 –	Capa do folheto <i>A Briga do Rapa com o Camelô</i>	119
Figura 14 –	Capa do folheto <i>Viagem a São Saruê</i>	129
Figura 15 –	Capa do folheto <i>O Romance do Pavão Misterioso</i>	140
Figura 16 –	Capa do folheto <i>A desventura de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler</i>	147
Figura 17 –	Capa do folheto <i>A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99</i>	159
Figura 18 –	Capa do livro <i>O coelho e o jabuti</i>	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A LITERATURA DE CORDEL.....	15
1.1 Do oral para o escrito e as novas tecnologias.....	24
1.2 Considerações sobre a produção e a atividade editorial do cordel.....	28
1.3 O cordel educativo.....	35
1.4 O cordel na perspectiva da variação linguística.....	38
2 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	46
2.1 <i>Português: linguagens</i> , de Cereja e Magalhães (2012).....	51
2.2 <i>Projeto Teláris: Português</i> , de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).....	53
2.3 <i>Perspectiva Língua Portuguesa</i> , de Discini e Teixeira (2012).....	62
2.4 <i>Para viver juntos: português</i> , de Costa, Marchetti e Soares (2012).....	71
2.5 <i>Universos: língua portuguesa</i> , obra coletiva, editada por Ramos (2012).....	75
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	88
3.1 Ensino de leitura em perspectiva dialógica.....	88
3.2 A iconicidade verbal.....	92
3.3 O estilo e a significação.....	94
3.4 O substantivo e o adjetivo/locução adjetiva.....	101
4 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	107
4.1 A dinâmica da luta de classes.....	107
4.2 Idealização da terra.....	123
4.3 Cordel misterioso.....	136
4.4 A educação formal, a escrita e as novas tecnologias em debate no cordel.....	143
4.5 A mulher na literatura de cordel.....	152

4.6	Cordel fabuloso	165
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
	REFERÊNCIAS	184
	REFERÊNCIAS DA INTERNET	189
	ANEXO A – <i>Cordel em versos</i> , de Moreira de Acopiara.....	191
	ANEXO B – <i>Cordel em Arte</i> , de Moreira de Acopiara.....	195
	ANEXO C – <i>Belém dos Sons de Outubro</i> , de Ducarmo Souza.....	197
	ANEXO D – <i>Sobre a história da Linguística</i> , de Gil Ribeiro.....	199
	ANEXO E – <i>O Romance do Pavão Misterioso</i> , de José Camelo de Melo Rezende.....	205
	ANEXO F – <i>História de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler</i> , de João Martins de Athayde.....	216
	ANEXO G – <i>Grandes Mestres da Nossa Literatura</i> , de Gil Ribeiro.....	222
	ANEXO H – <i>Peleja da Carta com o E-mail</i> , de Janduhi Dantas.....	233
	ANEXO I – <i>As Herdeiras de Maria</i> , de Dalinha Catunda.....	235
	ANEXO J – <i>Não deixe o homem bater, nem em seu atrevimento!</i> , de Dalinha Catunda.....	237
	ANEXO K – <i>Caipora</i> , de Gonçalo Ferreira da Silva.....	240
	ANEXO L – <i>A peleja de Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau</i> , de Arievaldo Viana.....	243

INTRODUÇÃO

Esta tese, produzida com o fim de concluir o curso de Doutorado em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, refere-se à pesquisa cujo projeto recebeu o título *Perspectivas da literatura de cordel no Ensino Fundamental: poesia popular nordestina nos livros didáticos*. O estudo, iniciado no primeiro semestre de 2014, teve como objetivo geral investigar como os poemas populares nordestinos têm sido considerados nas aulas de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental e como objetivos específicos os seguintes:

- estudar a literatura de cordel, sua história, seus fundamentos, suas características, sua riqueza linguística e cultural;
- analisar como o cordel tem sido abordado no livro didático, reconhecendo-o como importante produto cultural;
- produzir reflexões a respeito do tratamento conferido à literatura de cordel, com base nos dados observados nos livros didáticos;
- contribuir para a valorização dessa manifestação da literatura popular nordestina, enfatizando seus recursos expressivos, seu valor documental na representação da voz e do imaginário do povo do Nordeste;
- propor estudos de poemas de cordel com o embasamento teórico da Estilística semiótico-funcional e da Semântica, a fim de que sejam aproveitados como material pedagógico para docentes em aulas de língua materna no Ensino Fundamental.
- Analisar o papel do substantivo, do adjetivo e das locuções adjetivas na produção de sentido dos cordéis selecionados.

Com base nesses objetivos, elaboraram-se as seguintes questões de pesquisa:

- Há poemas de cordel nos livros didáticos dedicados ao 2º. segmento do Ensino Fundamental?
- Em caso afirmativo, como o cordel é considerado nesses livros?
- Qual a importância da literatura de cordel no aprendizado da Língua Portuguesa?

A metodologia adotada para o desenvolvimento desta tese foi a pesquisa bibliográfica. A base teórica desta tese constituiu-se, sobretudo, de estudos de Estilística articulada à Semiótica, além de estudos de Semântica e da perspectiva dialógica. A pesquisa bibliográfica contemplou ainda estudos dedicados à literatura de cordel, ao livro didático, ao ensino de leitura, à variação linguística. A fim de investigar como a literatura de cordel está sendo apresentada aos estudantes nos livros didáticos de Língua Portuguesa, esta pesquisa conta com a análise de cinco coleções de livros didáticos de Ensino Fundamental, disponibilizadas para apreciação dos professores de Português em 2013 na rede municipal de Niterói. Essas coleções de livros circularam nas escolas de 2014 a 2017. Como proposta de trabalho para aulas de língua materna, são apresentadas leituras centradas em poemas de cordel, selecionados pela relevância temática e pela adequação ao segundo segmento do Ensino Fundamental.

As considerações doravante apresentadas resultam das leituras e análises realizadas, elegendo-se a literatura de cordel e o ensino de língua materna como objetos de investigação, e das reflexões produzidas nesses estudos ao longo do curso de Doutorado em Língua Portuguesa.

O primeiro capítulo se dedica a um resumo da história da literatura de cordel, abordando suas origens, fundamentos, características, valor linguístico-discursivo, cultural e documental.

O segundo capítulo trata do livro didático e apresenta uma análise de coleções de livros didáticos de Ensino Fundamental – segundo segmento –, adotados de 2014 a 2017: *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2012); *Projeto Teláris: Português*, de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012); *Perspectiva língua portuguesa*, de Discini e Teixeira (2012); *Para viver juntos: português*, de Costa, Marchetti e Soares (2012) e *Universos: língua portuguesa*, de autoria coletiva, editada por Ramos (2012). Nessa análise, observa-se a ausência ou a presença da literatura de cordel e, no caso da presença, discutem-se as propostas de trabalho com os poemas dos folhetos nordestinos.

No terceiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica que norteia as propostas de leitura dos poemas de cordel selecionados para análise, os quais constam no capítulo quarto deste trabalho. A fundamentação teórica é constituída por obras que versam sobre ensino de leitura, variação linguística, Estilística, Semântica, Semiótica, gramática e relações dialógicas entre os textos.

As análises que constituem as propostas de leitura do quarto capítulo são centradas nos seguintes textos: *A briga do rapa com o camelô*, de Gonçalo Ferreira da Silva (2007), *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos (1978), *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camilo de Melo Rezende (2000 – primeira edição em 1923), *A desventura de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler*, de João Martins de Athayde (1945), *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, de Janduhi Dantas (2011) e *O coelho e o jabuti*, de Arievaldo Viana (2011).

Nas considerações finais da pesquisa, faz-se uma síntese das reflexões sobre a importância da literatura de cordel e seu reconhecimento ou ausência de reconhecimento nos livros didáticos e nas aulas de língua materna, e sugere possibilidades para a continuidade ou desdobramentos da investigação. Por fim, apresentam-se, nas referências bibliográficas, os estudos que têm contribuído para essas reflexões.

1 A LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel é uma manifestação genuína da cultura popular brasileira que floresceu no Nordeste, a partir do diálogo com a cultura europeia, enraizada nas tradições orais e configurada como gênero da literatura popular escrita no final do Século XIX. Haurélio (2010, p. 16) ressalta que a literatura de cordel “reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta” – poemas épicos da literatura francesa medieval – ao mesmo tempo em que serve como “espelho social de seu tempo”. O cordelista, também conhecido como poeta de gabinete ou poeta de bancada, denominações que ressaltam a atividade da escrita, segundo o estudioso, “é parente do menestrel errante da Idade Média, que, por sua vez, descende do rapsodo grego” – artista popular que declamava poemas na Grécia antiga. (HAURÉLIO, 2010, p. 16).

Os versos do ilustre Moreira de Acopiara tratam das raízes ibéricas do cordel brasileiro, assim como de sua origem oral.

Descobri que na Península	Histórias que divertiam
Ibérica, séculos atrás,	O Brasil colonial
Essa arte teve início	Foram logo adaptadas
Com narrativas orais	À realidade local;
Recitadas nos castelos	Mas outros temas, porém,
E nos palácios reais.	Permaneceram no oral.
E foi com os portugueses	Só no século XIX,
Que essa arte aqui chegou,	Acompanhando o progresso,
Instalou-se no nordeste	Essas histórias rimadas,
E se aperfeiçoou,	Após fazerem sucesso
Modernizou-se e, em seguida,	Entre o povo sertanejo,
Pelo Brasil se espalhou.	Passaram para o impresso.

Fonte: ACOPIARA, 2008, p. 14-15.

O poeta e pesquisador Aderaldo Luciano, na apresentação do livro *Breve História da Literatura de Cordel* (HAURÉLIO, 2010, p. 7), explica que a produção dos folhetos e sua comercialização no Nordeste do Brasil tiveram início no Recife, como uma consequência da reunião, na capital pernambucana, de quatro poetas paraibanos: Silvino Pirauá de Lima, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde e Leandro Gomes de Barros, sendo este considerado o Pai do Cordel Brasileiro.

O poeta e presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira da Silva (2011), ressalta que essa literatura, originária das tradições europeias, emergiu no Nordeste porque “a primeira capital da nação foi Salvador, ponto de convergência natural de todas as culturas, ali permanecendo até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro” (SILVA, 2011, p. 18).

A fim de esclarecer o que é literatura de cordel, cabe destacar a advertência de Haurélio (2010), de que não se pode confundir *literatura de cordel* com o hiperônimo *poesia popular nordestina*. O autor explica que a *poesia popular* é um tronco do qual a *literatura de cordel* é uma ramificação, assim como o *repente*, a *poesia matuta* e a *embolada*. Nas palavras do estudioso:

O Cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, como o repente também o é. Entretanto, Cordel e repente não são a mesma coisa, pois, à medida que a árvore cresce, os galhos se distanciam, conquanto estejam unidos pela origem comum. O tronco desta árvore é a poesia popular. A embolada e a poesia matuta, dentre outras manifestações, são também galhos ou ramos importantes. Todavia, a confusão do Cordel com a dita poesia matuta, divulgada por Catulo da Paixão Cearense, apesar de comum, precisa, como todos os equívocos, ser combatida. A linguagem propositadamente estropiada dos versos matutos vende uma falsa ideia de espontaneidade que nada tem a ver com a Literatura de Cordel praticada por poetas do porte de José Pacheco, Delarme Monteiro, Caetano Cosme da Silva ou Manoel Monteiro. (HAURÉLIO, 2010, p. 18)

Haurélio (2010, p. 23), em nota de rodapé, ressalta ainda que “repentista não é cordelista, e cordelista não é repentista. Repentista *pode* ser cordelista e vice-versa (mas não é regra)”. A respeito da diferença entre *cordel* e *repente*, o autor salienta que “o Cordel não é a versão escrita do repente, assim como o repente não é o Cordel cantado. São manifestações irmãs que (...), à medida que o tempo passa, têm acentuadas as suas diferenças” (HAURÉLIO, 2010, p. 23).

A respeito da origem do termo *cordel* como denominação para os livretos nordestinos, o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo (2002), é bastante esclarecedor. A definição para o verbete *literatura de cordel* inicia-se com as seguintes palavras:

Denominação dada em Portugal e difundida no Brasil, referente aos folhetos impressos, compostos em todo o Nordeste e depois divulgados pelo Brasil. Na obra *Cinco Livros do Povo: Introdução ao estudo da novelística no Brasil*, Luís da Câmara Cascudo comenta: “No Brasil diz-se sempre folhetos referindo-se a estas brochurinhas em versos. Em Portugal dizem ‘literatura de cordel’ porque os livrinhos eram expostos à venda cavalgando sobre um barbante, como ainda acontece em certos pontos do Brasil”. Segundo Veríssimo de Melo, “as raízes da nossa literatura de cordel, narrativa em versos e registro de fatos memoráveis, em folhetos, estão fincadas, sem nenhuma dúvida, em velha tradição portuguesa e ibérica”. (CASCUDO, 2002, p. 332)

No Brasil, entende-se que o nome *cordel* foi aplicado aos folhetos populares pelo fato de terem sido dispostos para o público consumidor pendurados em cordões ou barbantes, nas feiras e demais pontos de venda e divulgação. Essa informação é ratificada nos seguintes versos de Moreira de Acopiara:

Por ser um livreto impresso
 Mesmo em precário papel
 Exposto em pequena corda,
 O seu leitor mais fiel
 Depressa o batizou de
 Poesia de cordel.
 Fonte: ACOPIARA, 2008, p. 18.

Segundo o verbete citado do *Dicionário do Folclore Brasileiro* (CASCUDO, 2002, p. 332), a literatura de cordel ou manifestações semelhantes receberam também os nomes *folhas soltas* ou *folhas volantes* em Portugal, *pliegos sueltos* na Espanha e *littérature de colportages* ou literatura ambulante na França, desde o Século XVII. No mesmo verbete, afirma-se que “a literatura de cordel desses países emigrou para o Brasil, ingressando no patrimônio de cultura oral” e, posteriormente, difundindo-se por meio de “cantorias em grupo e de forma escrita” (CASCUDO, 2002, p. 332). Dentre os pesquisadores que se ocuparam do estudo da literatura de cordel, o verbete destaca Mário da Andrade, Luís da Câmara Cascudo, Sebastião Nunes Batista, Orígenes Lessa, Ariano Suassuna, Leonardo da Mota, Veríssimo de Melo, Joseph M. Luyten e Mário Souto Maior, “que permaneceu no Japão durante 15 anos para estudar a literatura de cordel japonesa” (CASCUDO, 2002, p. 333).

Gonçalo Ferreira da Silva (2011, p. 17) registra manifestações semelhantes ao cordel nordestino em outros países da América Latina: os *corridos* ou *compuestos* encontrados na Venezuela, no México, na Argentina e no Peru.

Cabe aqui uma observação sobre a origem lusitana do cordel brasileiro, questionada pela pesquisadora Márcia Abreu (1999). A autora afirma que a literatura de cordel nordestina, cujas características se consolidaram entre o final do Século XIX e os anos 20 do século seguinte, difere da literatura de cordel portuguesa em alguns aspectos. Sobre o processo de consolidação da literatura de cordel brasileira e sua distinção em relação à literatura de cordel portuguesa, a estudiosa declara:

Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui, havia autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas

populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá interessavam mais as vidas de nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público. (ABREU, 1999, p. 104-105)

A respeito da apresentação dos folhetos nordestinos tradicionais, Viana (2010, p. 27) esclarece que “medem geralmente 11 X 15,5 cm – um ofício dobrado em quatro partes – o que corresponde a 8 páginas, que podem se multiplicar para 16, 24, 32, 40, 48 ou mais páginas, sempre múltiplas de oito, conforme o tamanho do texto”. Matos (2010, p. 18) afirma, todavia, que “um texto de 8 ou 16 páginas é classificado como ‘folheto’. A partir de 32 páginas, os poetas consideram-no ‘romance’” (MATOS, 2010, p. 18).

Ainda sobre a apresentação dos folhetos de cordel, vale ressaltar a arte da xilogravura ou “gravura artesanal talhada em madeira” (VIANA, 2010, p. 28) que estampa as capas dessas publicações. A xilogravura, segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo, é uma “técnica que da China passou para a Inglaterra e Holanda, espalhando-se por toda a Europa” (CASCUDO, 2002, p. 752). Haurélio (2010) relata que as capas de folhetos de cordel eram, inicialmente, “cegas”, ou seja, “sem qualquer ilustração”, destacando que havia “em alguns casos, vinhetas e arabescos, emoldurando o nome do autor ou o título da obra” (HAURÉLIO, 2010, p. 96). Posteriormente, as capas dos folhetos passaram a ser estampadas com imagens de cartões postais ou reprodução de fotografias de artistas de cinema, segundo Haurélio. O estudioso destaca que “a xilogravura é um fenômeno relativamente recente, apesar de ter sido usada em 1907, na ilustração de um folheto de Francisco Chagas Batista” (HAURÉLIO, 2010, p. 96). Haurélio atribui o pioneirismo dessa técnica a Damásio Paulo e cita alguns artistas da xilogravura muito prestigiados: J. Borges, Minelvino Francisco Silva, Franklin Maxado, Jerônimo Soares, Jotabarro, José Costa Leite, Dila, Abraão Batista, Eneias Tavares dos Santos (HAURÉLIO, 2010, p. 100).

Moreira de Acopiara (2008) exalta a arte da xilogravura em seu poema *Cordel em Arte*, do qual apresentamos dez estrofes:

A xilogravura é	Em pedaços de madeira,
Arte de muito valor,	Bem serrados e lixados,
(Em todo o Brasil nós temos	Textos pequenos e grandes
Muito xilogravador),	Eram com calma entalhados
E ela chegou ao Brasil	Pra serem reproduzidos,

Com o colonizador.	E eram bons os resultados.
Mas existe há muito tempo!	Em seguida mais artistas
Acredita-se que tem	Pegaram no mesmo malho
Origem na China, mas	(Ou buril) porque notaram
Há quem afirme também,	Ser um bonito trabalho,
Com muita convicção,	E fizeram logôs, rótulos,
Que é da Grécia que ela vem.	Fotos, cartas de baralho.
Gravura você já sabe:	Chegou a imprensa e a Xilo-
Significa gravar	Gravura andou esquecida.
Em metal, pedra ou madeira,	Quase morta! Mas reergueu-se
Pra depois utilizar	Muito mais fortalecida.
Como se fosse um carimbo.	Como arte plástica teve
Você pode confirmar.	Até melhor acolhida.
Xilo quer dizer madeira,	Só em mil e novecentos
E o dicionário assegura	E sete um poeta usou
Que é uma palavra grega,	xilogravura na capa
Que está na nossa cultura.	De um cordel seu. Se agradou
Logo, gravura mais xilo	Do resultado, e o povo
Resultou xilogravura.	De imediato aprovou.
E essa arte é mesmo antiga.	Desde então xilogravura
Antes da tipografia,	Cumpre importante papel
Em várias partes do mundo	Na cultura popular,
Xilogravura existia.	Se tornando a mais fiel
Se reproduziam textos	Companheira dos livrinhos
Chamavam xilografia.	Que chamamos de cordel.

Fonte: ACOPIARA, 2008, p. 28-29

Há diversas classificações para os folhetos de cordel. Gonçalo Ferreira da Silva, no livro *Acorda cordel na sala de aula*, organizado por Arievaldo Viana (2010), cita e exemplifica as principais modalidades do cordel, com base na métrica e na quantidade de versos por estrofe. Segundo o pesquisador, no início, quando os poemas populares eram apenas cantados, não havia compromisso com a métrica e com o número de versos para compor as estrofes, todavia, havia uma preocupação com as rimas (VIANA, 2010, p. 43). As

modalidades apresentadas por Gonçalves são:

- *Parcela ou verso de quatro sílabas* – o verso mais curto da literatura de cordel; em desuso.
- *Verso de cinco sílabas* – registrado quase um século depois das primeiras manifestações das estrofes de quatro versos de sete sílabas.
- *Estrofe de quatro versos de sete sílabas* – essa modalidade, acrescida de dois versos, formou a atual e definitiva sextilha.
- *Sextilha* – consagrada pelos autores, é a modalidade mais rica, usada nos combates poéticos, nas longas narrativas, nos folhetos de época, nas sátiras políticas e sociais. Essa modalidade, segundo Gonçalves, apresenta cinco estilos: *aberto* (mais tradicional, com o esquema de rimas XAXAXA, ou seja, os versos pares rimam entre si); *fechado* (esquema de rimas alternadas ABABAB); *solto* (o poeta apresenta como exemplo uma sextilha em que rimam o primeiro verso com o terceiro e o segundo com o quarto; o quinto e o sexto versos são soltos ou brancos); *corrido* (estilo exemplificado com uma sextilha em que o primeiro verso rima com o segundo, assim como o quarto rima como quinto – rimas emparelhadas, e o terceiro verso rima com o sexto); *desencontrado* (estilo exemplificado com uma sextilha em que rimam o primeiro, o quarto e o quinto versos, e o segundo verso rima com o terceiro e o sexto).
- *Setilha* – modalidade mais recente, possivelmente criada por José Galdino da Silva Duda (1866-1931); considera-se o autor mais rico nessa modalidade de cordel José Pacheco da Rocha (1890-1954).
- *Oito pés de quadrão ou Oitava* – estrofe de oito versos de sete sílabas. Modalidade exemplificada com uma oitava em que o primeiro verso rima com o segundo e o terceiro, o quinto rima com o sexto e o sétimo versos, e o quarto verso rima com o oitavo.
- *Décima* – modalidade muito usada por cordelistas e repentistas, consiste em estrofes de dez versos de sete sílabas.
- *Martelo agalopado* – estrofe de dez versos de dez sílabas é uma das modalidades mais antigas da literatura de cordel. Criada pelo professor Jaime

Pedro Martelo (1665-1727). As martelianas, inicialmente, não tinham compromisso com o número de versos e eram alongadas com versos de rimas pares. Há também o martelo de seis versos.

- *Galope à beira-mar* – estrofe com dez versos de onze sílabas. Há o galope alagoano, com dez versos de dez sílabas, que se diferencia do martelo agalopado pela presença do mote: “Nos dez pés de galope alagoano”.
- *Meia quadra* – estrofe composta de versos de quinze sílabas e rimas emparelhadas. O poeta exemplifica a modalidade com duas estrofes de quatro versos. (VIANA, 2010, p. 43-52)

Alves Sobrinho (2003, p. 109-115) apresenta uma classificação para os folhetos baseada nos temas ou “conforme conteúdo e assunto”:

- *Peleja*, debate, discussão e encontro – modalidade marcada por um desafio que ocorre por meio do debate ou da luta física.
- *Marcos e vantagens* – delimitação de um domínio imaginário; exaltação do próprio talento.
- *História de inspiração popular* – história criada pelo próprio poeta.
- *História de inspiração não popular* – história versada em cima de um enredo criado por outro.
- *Fabulação* – histórias que comparam a vida dos animais com a humana.
- *Gracejos e espertezas* – histórias de humor; histórias de pícaros ou espertalhões.
- *Religião e beatismo* – folhetos que tratam da religiosidade baseada nos ensinamentos da Igreja Católica.
- *Profecias* – tratam do fim do mundo.
- *Avisos* – falam dos sermões de padre Cícero e frei Damião.
- *Castigos e exemplos* – tratam de desobediência e punição.
- *Política, sociedade e ciência* – temas políticos, costumes, saúde.
- *Reportagens* – versam sobre o dia a dia, desastres, fenômenos, acontecimentos sociais e políticos.

- *Heroísmo* – folhetos que tratam de bravura, coragem, ação.
- *Proezas* – tratam de façanhas mirabolantes.
- *Miscelânea* – folhetos que tratam de assuntos confusos e desordenados.
- *Profanação* – essa modalidade questiona os princípios religiosos.
- *Depravação* – assunto pouco explorado; os autores não assinam ou usam pseudônimo.
- *Conselhos* – conselhos de conteúdo moralizante ou jocoso.
- *Escândalo e Corrupção* – folhetos que falam de libertinagem, costumes escandalosos ou avançados, danças obscenas, usos extravagantes. (ALVES SOBRINHO, 2003, p. 109-115)

A classificação proposta por Maxado (1980) estabelece as seguintes categorias para os folhetos de cordel, também seguindo o critério do tema ou conteúdo:

Assim, temos folhetos de época ou de ocasião; históricos; didáticos ou educativos; biográficos; de propaganda política ou comercial; de louvor ou homenagem; de safadeza ou putaria; maliciosos ou de cachorrada; cômicos ou de gracejos; de bichos ou infantis; religiosos ou místicos; de profecias ou eras; de filosofia; de conselhos ou de exemplos; de fenômenos ou de casos; maravilhosos ou mágicos; fantásticos ou sobrenaturais; de amor ou de romance amoroso; de bravura ou heróicos; vaquejadas; de presepadas ou dos anti-heróis; de pelepas ou de desafios; de discussão ou de encontros; de lendas ou mitos; pasquim ou de intriga; etc. (MAXADO, 1980, p. 53)

Na seção 1.3 retomaremos as categorias *política, sociedade e ciência*, estabelecida por Alves Sobrinho (2003, p. 112) e a de folhetos *didáticos ou educativos*, estabelecida por Maxado (1980, p. 53), a fim de examinar a proposta educativa subjacente à literatura de cordel.

Além de preconizar conteúdos moralizantes ou ensinamentos e traduzir o imaginário popular em histórias de amor, aventura, esperteza, humor, justiça, fé, um dos aspectos fundamentais dos folhetos de cordel é o valor documental, especialmente nos textos que se ocupam de noticiar e discutir acontecimentos do dia a dia, crimes, fatos políticos, desigualdades sociais. Na obra *O povo de papel: a sátira política na literatura de cordel*, a pesquisadora Ivone da Silva Ramos Maya (2012) faz um estudo, associando Literatura e História, da crítica à Primeira República presente nos versos do poeta Leandro Gomes de Barros. A autora explica que:

A fala do poeta funcionaria como um contraponto ao que se costuma afirmar sobre esse período, de que haveria um “emudecimento” em relação ao popular, apenas

emergindo a voz das elites. O trabalho tenta demonstrar que, ao contrário, através dos poemas, o povo é informado de como funcionava o sistema político da época; e o poeta, utilizando-se frequentemente da paródia, da sátira e da alegoria, apresentava essas questões de maneira a ser facilmente assimiladas e compreendidas por seus leitores. (MAYA, 2012, p. 18-19)

Um dos muitos exemplos apresentados por Maya (2012) consiste em fragmentos do poema *O imposto de honra*, de 1916. Nas estrofes transcritas abaixo, o poeta Leandro Gomes de Barros aborda o imposto atribuído ao presidente Wenceslau Brás e a dívida externa.

Ora o Brazil deve a França	Seu fulano dos anzóis
Mas a dívida não foi minha	Entrou e meteu o pau
Agora chega Paris	Pensou que tripa era carne
Tira o facão da bainha	E gaita era berimbau
E diz: – Quero meu dinheiro	Vão cobrar desse, ele diz.
Inda que seja em galinha.	Quem paga é seu Wenceslau.

Fonte: (MAYA, 2012, p. 109-110)

Nesse sentido, infere-se que, por meio da literatura de cordel, a História pode ser compreendida de um ponto de vista que expressa a voz do povo e se opõe ao discurso oficial.

A partir da década de 1940, a literatura de cordel rompeu as fronteiras do Nordeste, disseminou-se por outras regiões do Brasil, principalmente, Sudeste, com o deslocamento dos nordestinos para os centros urbanos, em busca de trabalho e melhores condições de vida. No Rio de Janeiro, por exemplo, podem ser apontados como centros de preservação e divulgação dos folhetos de cordel, na atualidade, o *Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas*, também conhecido como *Feira de São Cristóvão* ou *Feira dos Paraíbas*, no bairro São Cristóvão, e a *Academia Brasileira de Literatura de Cordel*, localizada em Santa Teresa.

A fim de exemplificar ainda a expansão da literatura de cordel no território brasileiro, podemos citar o cordel amazônico. Transcrevem-se abaixo as quatro primeiras estrofes do belíssimo poema *Belém dos Sons de Outubro*, de Ducarmo Souza (2014, p. 35), publicado na *I Antologia de literatura de cordel da Amazônia*. A poeta descreve a festividade do Círio de Nazaré:

Belém no mês de outubro	E no segundo domingo
Muda de cor e de tom,	Acontece a grande festa!
Está em ritmo de Círio	O povo de fora acha
Dos hinos se ouve o som.	Que Belém é uma floresta.

É a peregrinação	Encantou o Arcebispo
Para todos, muito bom.	O grande Orani Tempesta.
Isso é um privilégio	A imagem pequenina
Para o povo paraense,	Dia do Círio se agiganta.
Esta festa religiosa	Toda enfeitada de flores
Somente a ele pertence,	De uma beleza tanta!
Mas compartilha com todos.	É uma coisa inigualável
Mérito do belenense.	A fé do povo na Santa.

Fonte: SOUZA, 2014, p. 35

O panorama atual da literatura de cordel se caracteriza por movimentos de revitalização; iniciativas voltadas para leitura, discussão e produção desses poemas na escola; divulgação pela internet; poetas com maior grau de instrução; participação de mulheres como cordelistas e pesquisadoras.

Gonçalo Ferreira da Silva (2011, p.17) destaca “o infundado temor dos intelectuais” em relação ao futuro da literatura de cordel e revela uma perspectiva otimista. Segundo o estudioso:

Muitos dos nossos intelectuais acham que, com a escolaridade dos nossos atuais e principais poetas, a literatura de cordel corre o risco de descaracterizar-se. Puro engano. Paulo Nunes Batista, bacharel em Direito, Pedro Bandeira, Ivanildo Vila Nova e tantos outros, contam com uma produção cada vez melhor e mais autêntica. A polidez e obediência à gramática não tiram a autenticidade da obra. (SILVA, 2011, p. 17)

A literatura de cordel segue seu curso na linha do tempo, em um diálogo ininterrupto com a tradição e a modernidade, resgatando, em cada poema, a ancestralidade brasileira e apropriando-se do novo, conforme será desenvolvido na próxima seção.

1.1 Do oral para o escrito e as novas tecnologias

A literatura de cordel tem sido tema de profusas discussões a respeito de sua relação com a oralidade da qual se originou. Alguns autores entendem a literatura de cordel como uma manifestação de caráter misto, isto é, que se realiza nas modalidades oral e escrita. Outros a concebem como uma manifestação da escrita que mantém estreitas relações com a oralidade. Há ainda os que a defendem como manifestação da escrita relativamente autônoma em relação à oralidade, caracterizada pela elaboração da palavra e pela preocupação com as

regras gramaticais, embora admitam sua origem nas tradições orais. Inegável é o fato de que a literatura de cordel constitui farto material para pesquisa e debate, mantendo-se viva e renovada, adaptando-se continuamente aos novos tempos e às novas tecnologias.

Faraco (2010), relevante estudioso dos fenômenos linguísticos, esclarece aspectos fundamentais da língua nas modalidades oral e escrita, salientando a anterioridade da modalidade oral em relação à expressão escrita. Segundo ele, estipula-se que “a humanidade fala (...) há aproximadamente cem mil anos”, correspondendo mais ou menos à “idade da espécie *Homo sapiens sapiens*” (FARACO, 2010, p. 4).

Faraco destaca a oralidade como base da comunicação humana e a escrita como meio de expressão secundário e recente. Nas palavras do autor:

O meio básico de expressão da linguagem verbal é a oralidade, ou seja, a expressão articulada de sons produzidos pelo aparelho fonador. Com o passar do tempo, a humanidade criou um segundo meio de expressão – a escrita. Se comparado ao meio oral (que tem perto de cem mil anos), o meio escrito é recentíssimo (foi desenvolvido apenas há aproximadamente cinco mil anos). Por outro lado, enquanto todos os grupos humanos conheceram no passado e conhecem no presente o meio oral de expressão, apenas alguns grupos desenvolveram o meio escrito no passado e há ainda hoje muitas línguas ágrafas. (FARACO, 2010, p. 5)

Matos (2010), assim como Faraco (2010), destaca a fala como base da comunicação humana. A autora defende que “a verdadeira palavra é a palavra falada” (MATOS, 2010, p. 16) e caracteriza a literatura de cordel como uma poética de oralidade mista, ou seja, situada em um ponto intermediário entre a oralidade e a escrita. Nas palavras de Matos:

Sábio, o poeta popular percebe o fascínio da palavra oralizada, porque é ela o principal meio de comunicação de histórias, narrativas, fatos, casos etc. , ou seja, é ela, em verdade, a grande mediadora entre homem (que conta/canta) e sua experiência. É por isso que a literatura de cordel ou de folhetos é ainda um gênero narrativo muito cultivado pelos poetas populares do Brasil, notadamente no nordeste, onde a voz e canto do povo ainda se fazem ouvir. Esta forma poética, que se situa entre a oralidade e a escritura, insere-se no que Paul Zumthor denomina oralidade mista, isto é, oralidade marcada pela coexistência com uma cultura escrita. (MATOS, 2010, p. 16)

Na perspectiva de Matos, a oralidade em que se insere a literatura de cordel não se restringe à voz do poeta, sendo constituída de uma atuação performática. Segundo a autora, o poeta de cordel, “com voz e gestos, faz a coreografia de suas narrativas” (MATOS, 2010, p. 16).

Na apresentação do livro *Poéticas da oralidade*, Lucena (2010), em concordância com Matos (2010), situa o cordel como uma poética da oralidade cujo suporte é o corpo do poeta, ainda se materializada na escrita, já que, por meio do próprio corpo o poeta a registra no papel. Segundo Lucena:

Poéticas da oralidade são, antes de tudo, expressões que, compostas dentro do suporte corpo, se espalham pelos espaços até onde a voz consegue ecoar. Mas a voz não para por aí. Ela passa a outros corpos que ecoam mais uma vez a voz escutada e presenciada. E assim a voz primeira vai sendo transmitida, e muitas vezes recriada, de boca em boca, de ouvido em ouvido. De corpo a corpo. São assim as cantorias, os repentistas, os aboios, os cocos, os cordéis. E é também o corpo que se inscreve como suporte dessas poéticas que as escreve em folhas manuscritas, em folhetos, em livros. (LUCENA, 2010, p. 13)

Na abordagem de Lucena, a separação entre voz e escrita é uma fronteira imposta, “que faz com que as produções advindas da escritura sejam sempre consideradas superiores às aquelas que reverberam a voz” (LUCENA, 2010, p. 13).

Em uma perspectiva que converge com a de Lucena (2010), Dias (2010, p. 33) questiona a fronteira entre a literatura de cordel e a poesia popular oral, não admitindo “uma ruptura brutal” entre elas. O autor entende a literatura de cordel como “uma nova modalidade de enunciação da poesia popular”, que “estabelece com a poesia oral um trânsito, uma dinâmica de relação entre duas formas de enunciação” (DIAS, 2010, p. 33).

Evaristo (2011, p. 120) ressalta o cordel como “um gênero intermediário entre a oralidade e a escrita”, que, conseqüentemente, “mantém algumas pistas da oralidade ao ser transposto para o texto escrito e impresso”.

Haurélio (2010, p. 17) reitera os seguintes questionamentos do poeta e pesquisador Aderaldo Luciano: “toda a literatura universal não é herança da oralidade? A escrita não é fruto secundário da linguagem? Por que, então, observa-se isso como característica da Literatura de Cordel?” e defende certa autonomia da literatura de cordel em relação à oralidade. Entendendo a literatura de cordel como uma manifestação da escrita – embora declare sua origem na oralidade – caracterizada pelo aprimoramento da linguagem, Haurélio (2010, p. 26) situa a literatura de folhetos como uma ramificação da poesia popular, distinguindo-a do *repente*, da *embolada* e da *poesia matuta*. O autor salienta ainda o esforço de alguns poetas para adquirir alguma erudição por meio da leitura e, a partir dessa pesquisa, produzir textos mais interessantes para seu público. Haurélio exemplifica a leitura como base da escritura dos poemas de cordel com o folheto *Os martírios de Jorge e Carolina*, de Zé Duda (1886-1933), adaptação do romance *A Viuvinha*, de José de Alencar (HAURÉLIO, 2010, p. 26). Segundo Haurélio:

A necessidade do saber livresco, seja para exibição nas cantorias, seja para fundamentação na criação literária, era uma constante entre os bons cordelistas-repentistas. A Bíblia, um livro de História, outro de Geografia ou Gramática, o Lunário Perpétuo, o Livro de Carlos Magno bastavam para os rudimentos de erudição necessários aos artífices do verso popular. (HAURÉLIO, 2010, p. 24)

A respeito do *Lunário Perpétuo*, em nota de rodapé, Haurélio faz apontamentos muito interessantes:

O Lunário Perpétuo foi um Almanaque que circulou em Portugal pelo menos três ou quatro séculos, tendo como autor Jerônimo Cortês. O Lunário reunia as informações mais variadas sobre medicina rústica, fases da lua e o tempo certo para o plantio. Por sua influência, muitos poetas de Cordel se fizeram astrólogos, a exemplo de Luís Gomes de Albuquerque (que mudou o último nome para Lumerque, por influência da numerologia), João Ferreira de Lima, Manoel Caboclo e Silva, Vicente Vitorino de Melo e José Costa Leite. (HAURÉLIO, 2010, p. 24)

As estrofes de Moreira de Acopiara apresentadas a seguir tratam da necessidade do poeta de ler e pesquisar, a fim de obter conteúdo para a composição dos versos de cordel.

Mas para escrever direito	E li muitos e bons livros:
Era preciso estudar,	O dicionário, a gramática!
Dominar a arte de	Devorei livros de história,
Rimar e metrificar.	De redação, matemática,
E pra botar conteúdo	E tudo que eu aprendia
Eu tinha que pesquisar.	Ia colocando em prática.

Fonte: ACOPIARA, 2008, p. 9

Lemaire (2010) discute a adaptação da literatura de cordel às novas tecnologias. Segundo a autora, essa poética, oral na origem, foi manuscrita em cadernos e depois, dominadas as técnicas de impressão, passou a ser publicada em folhetos. Atualmente, a literatura de cordel é divulgada também pela internet, seja na forma escrita, lida, recitada, dramatizada. Outras manifestações irmãs do cordel, por exemplo, as cantorias, também aproveitam os recursos virtuais. A autora esclarece que:

No sentido das tradições que se fazem e se refazem, o folheto de cordel, quando nasce em finais do século XIX no Nordeste, já constitui a terceira fase da tradição poética da oralidade que se refaz a partir da tradição oral inicial dos poetas nômades e através da fase do caderno manuscrito, para chegar a era da imprensa e ter de se reinventar de novo. Terceira tradição e ao mesmo tempo terceira vez que a mesma tradição se refaz e reinventa, como ela se reinventa hoje em dia pela quarta vez com a introdução de novas tecnologias: Internet, Messenger, Skype. De novo, hoje em dia, os poetas dos folhetos conseguem apropriar-se dessas novas tecnologias: fazem agora os seus repentes, as suas cantorias e as suas pejejas virtuais pela Internet; produzem e divulgam seus folhetos na Internet. Mais uma vez, uma tradição se refaz e mostra a imensa vitalidade e dinamismo de uma tradição poética que veio das tradições da oralidade, se manteve e se mantém, apesar de um discurso acadêmico que já a declarou morta há mais de cem anos. (LAMAIRE, 2010, p. 28-29)

A relação com a oralidade e a permanente adaptação a novos suportes e aos recursos tecnológicos têm colocado a literatura do cordel no centro de um amplo debate, o que evidencia a força e o dinamismo dessa manifestação poética. Nesta tese, consideram-se

pertinentes as observações dos autores citados, defendendo-se a existência de um contínuo entre oralidade e escrita. Outrossim, entende-se que a literatura de folhetos se constituiu como gênero da escrita no final do Século XIX, sem abandonar, todavia, a modalidade oral de enunciação. Assim como outros poemas, caracterizados por sonoridade expressiva, ritmo, métrica, rimas, os cordéis apresentam uma estrutura de composição favorável a que sejam recitados, cantados, dramatizados. Dialogando com a tradição e com a inovação, a literatura de cordel segue seu curso, mantendo-se atual e renovada, tanto no que diz respeito à adequação aos novos suportes e tecnologias, quanto no que diz respeito aos temas que traz para discussão. Um bom exemplo de cordel do Século XXI encontra-se no *blog* Cordel de Saia¹, administrado pelas poetas Dalinha Catunda e Rosário Pinto, onde se publicam poemas de mulheres cordelistas e conteúdos relacionados, todavia, sem excluir produções ou contribuições masculinas.

1.2 Considerações sobre a produção e a atividade editorial do cordel

Como registrado na parte inicial do presente capítulo, seção 1, dedicada à apresentação breve e genérica da literatura de cordel, Leandro Gomes de Barros é reconhecidamente, o maior entre os poetas cordelistas. Em crônica publicada no *Jornal do Brasil*, em 9 de setembro de 1976, Carlos Drummond de Andrade² defendeu que o cordelista deveria receber o título de Príncipe dos Poetas Brasileiros, que fora atribuído a Olavo Bilac em uma eleição organizada pela Revista Fon-Fon!, em 1913. Segundo Andrade:

Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado à má informação porque o título a ser concedido, só podia caber a Leandro Gomes de Barros, desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida, pela revista Fon-Fon!, mas vastamente popular no Norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor do “Ouvir Estrelas”. (Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano 197&pesq=Carlos Drummond de Andrade)

Andrade (1976) cita exceções entre os intelectuais, ou seja, dois estudiosos que conheciam a literatura popular e a obra de Barros: João Ribeiro e Silvio Romero. Andrade afirma que, todavia, “os dois não tomaram conhecimento da ideia de se instituir principado de

¹ Disponível em: <http://cordeldesaia.blogspot.com.br/>

² Disponível em: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano 197&pesq=Carlos Drummond de Andrade. Acesso em 12 nov. 2017.

poesia na república das letras”. A respeito da vasta produção de Barros, Andrade argumenta que:

Barros tem 237 obras catalogadas por Sebastião Nunes Batista e Hugolino de Sena Batista, em bibliografia editada pela Biblioteca Nacional. Calcula-se, porém, em mais de mil o número de suas produções. É impossível dizer ao certo a quanto monta sua obra poética, pois ela foi mudando de autoria à proporção que se reeditava, após a morte do autor, em consequência de sucessivas transferências de propriedade dos direitos. (Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano197&pesq=Carlos Drummond de Andrade)

Andrade (1976) elogia o trabalho da Casa de Rui Barbosa, fundação localizada no Rio de Janeiro, que, segundo ele, “vem fazendo perseverante e notável trabalho de pesquisa e classificação da literatura popular brasileira em verso”.

O cronista descreve metaforicamente Barros como “uma planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza”, que “espalhava seus versos em folhetos de cordel, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos nas feiras a um público de alpercatas ou de pé no chão” (ANDRADE, 1976).

Comparando a poesia de Bilac e a de Barros, Andrade (1976) descreve a primeira como “bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem-estar social, bebia inspiração europeia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder político, econômico e mundano”. Enquanto a segunda, “pobre de ritmos, isenta de labores musicais, sem apoio livresco, era a que tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta, e necessitados de ver convertida e sublimada em canto a mesquinharía da vida”.

Sobre o cordelista, Andrade (1976) afirma que “Leandro foi o grande consolador e animador de seus compatriotas, aos quais servia sonho e sátira, passando em revista acontecimentos fabulosos e cenas do dia a dia”. O cronista finaliza seu texto declarando que Leandro Gomes de Barros “não foi príncipe dos poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão e do Brasil em estado puro”.

Se Leandro Gomes de Barros é considerado o maior poeta entre os cordelistas, o maior nome da atividade editorial é João Martins de Athayde. Segundo Abreu (1999, p. 102), Athayde “foi o grande editor de folhetos” do início do Século XX. Visto que os direitos autorais dos poetas podiam ser negociados, ocorrendo, muitas vezes, o apagamento da autoria legítima dos cordéis, havia a figura do editor-proprietário. Além de poeta cordelista, Athayde é apontado por Abreu (1999, p. 102) como “o primeiro editor-proprietário importante”, tendo,

inclusive comprado os direitos autorais de Leandro Gomes de Barros, após sua morte. Segundo a pesquisadora, Athayde “embora não assumisse abertamente a autoria, não indicava o nome do autor do folheto e imprimia seu próprio nome nas capas como ‘editor-proprietário’” (ABREU, 1999, p. 102).

A fim de assegurar a autoria, alguns cordelistas imprimiam sua fotografia nos folhetos ou escreviam um acróstico a partir do próprio nome ao final do texto. Luyten (2005, p. 60) reproduz o acróstico que compõe a última estrofe do cordel *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros:

L – eitor, não levantei falso,
 E – screvi o que se deu,
 A – quele grande sucesso
 N – a Bahia aconteceu,
 D – a forma que o velho cão
 R – olou morto sobre o chão,
 O – onde o seu senhor morreu.

Retomando o trabalho de Athayde como editor de folhetos, segundo Abreu (1999, p. 102-103), ele “introduziu significativas alterações na impressão de folhetos, por meio de reformulações gráficas, da sistematização das edições e do estabelecimento de revendedores nas grandes cidades”. A autora esclarece que:

Antes dele, era prática comum a impressão, numa mesma brochura de 16 páginas, de diferentes poemas ou de partes deles. Assim, em um mesmo folheto, publicavam-se um desafio, uma história de cangaceiros, o relato de um acontecimento social importante, um trecho de uma narrativa ficcional. As histórias iam sendo completadas ao longo de uma sequência de folhetos, da mesma forma que se fazia com os romances publicados em folhetins. (...) Caso ainda sobrassem páginas livres em um folheto, publicavam-se sonetos, canções e poemas fora do padrão convencional, escritos pelo mesmo autor. (ABREU, 1999, p. 103)

Abreu (1999, p. 104) explica que “Athayde vinculou a criação poética a um número determinado de páginas, sempre em múltiplos de quatro, atendendo a demandas tipográficas e econômicas, pois os folhetos são compostos a partir de folhas de papel jornal dobradas ao meio duas vezes”, passando “a publicar uma única história por folheto, mesmo que para tanto fossem necessários vários volumes” (ABREU, 1999, p. 104).

A partir dessa padronização para a qual contribuiu Athayde, “entre o final do século XIX e os anos 20, a literatura de folhetos consolida-se: definem-se as características gráficas,

o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura” (ABREU, 1999, p. 104).

A biografia de Athayde, conforme registra Maxado (1980), apresenta dados curiosos, alguns relacionados a suas atividades como cordelista e editor. Segundo Maxado (1980, p. 93), “antes de ser poeta e editor, Athayde emigrou para a Amazônia, em pleno ciclo da borracha, deixando a família na Paraíba”. Na Amazônia, “teve muitos filhos indígenas, os quais não reconheceu” e “aprendeu muita magia e medicina dos índios” (MAXADO, 1980, p. 93). Depois de se estabelecer no Recife com a família, prosperou com a impressão e a venda dos folhetos, de modo que “chegou a ter 48 casas, quase metade do bairro, além de adquirir um engenho e casas em outras cidades” (MAXADO, 1980, p. 93-94).

Athayde “muito se orgulhava de ter aprendido a ler sozinho”, gostava de ler jornal e estudar História e Geografia. Era reservado, ciumento, vingativo, “trajava-se elegantemente”, “tinha um arsenal em casa”, envolveu-se com política e mantinha duas famílias, uma com a primeira esposa, Josefa, no terceiro andar de seu sobrado, e outra com sua ex-funcionária, Sofia, no segundo andar (MAXADO, 1980, p. 94). O enriquecimento e seus modos extravagantes o tornaram uma figura lendária, tão intrigante quanto o cordel, ao qual se dedicou, “até acham que tinha pauta com o diabo”, conforme registra Maxado (1980, p. 95). O misterioso cordelista, na velhice, chegou a ser “preso por prática de curandeirismo” (MAXADO, 1980, p. 95).

Considerando os folhetos de cordel como suporte para a poesia popular, Dias (2010, p. 31) destaca que “a literatura de cordel é a poesia popular que se torna texto tipográfico, por isso o folheto de cordel, enquanto suporte, também está submetido, a partir de sua materialidade, à dinâmica do processo editorial”. O autor ressalta que, a partir do registro escrito dessa poesia no suporte *folheto*, “foi possibilitado ao poeta popular transpor os seus versos do círculo de seus ouvintes imediatos para a leitura do cordel pelas gerações pósteras” (DIAS, 2010, p. 31). Destarte, os folhetos de cordel “se tornaram objetos de compra, veículo de massa e suporte mantenedor de uma tradição oral que, com as devidas modificações, torna-se registrada, documentada” (DIAS, 2010, p. 31).

Em um estudo sobre a atividade editorial no Brasil, Hallewell (2012, p. 702) afirma que “existe outra indústria editorial, totalmente distinta, cujo público leitor se encontra entre as classes mais humildes das pequenas cidades e da zona rural do país e, sobretudo, nas regiões mais pobres e atrasadas”. O autor entende que essa literatura poderia ser classificada como “a literatura popular do subdesenvolvimento”, pois, segundo ele, “assemelha-se

bastante a um padrão encontrado em todo o mundo ocidental – mesmo nos Estados Unidos – antes do início da industrialização” (HALLEWELL, 2012, p. 702).

Hallewell (2012, p. 703) esclarece que esses folhetos “são tão antigos quanto a própria imprensa”, citando publicações semelhantes ao cordel brasileiro, como as que circularam na Inglaterra, do Século XV ao início do Século XX – os *chapbooks* e na França, até meados do Século XX – a *littérature de colportage*. O estudioso relaciona o cordel brasileiro às tradições europeias, afirmando que “até as histórias indicadas como as mais populares na França o eram no Brasil até pouco tempo atrás”, apontando os exemplos da *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* (HALLEWELL, 2012, p. 704).

Segundo o autor, “é quase certo que essas estórias francesas atingiam Portugal – e assim, o Brasil – através da Espanha” (HALLEWELL, 2012, p. 704). Como exemplos disso, Hallewell cita a história da Princesa Magalona, publicada em Sevilha, em 1519, e em Lisboa, em 1783; a história da donzela Teodora, de origem árabe, foi publicada em Toledo, em 1498, e em Lisboa, em 1712. A respeito da história da Princesa Magalona, o autor apresenta uma informação muito curiosa, que representa o mistério e a superstição que envolvem a literatura de cordel: “a popular Magalona foi tantas vezes impressa desse modo que se criou a superstição de que seria perseguido pela má sorte o impressor que deixasse de incluí-la em seus primeiros trabalhos” (HALLEWELL, 2012, p. 706). Ele registra ainda que “até mesmo Monteiro Lobato encontrou quem lhe dissesse, na São Paulo de 1925, que sua bancarrota se devera a tal omissão” (HALLEWELL, 2012, p. 706).

A respeito da produção de folhetos no Brasil, Hallewell (2012, p. 706-710) esclarece que a impressão era realizada em pequenas tipografias. A primeira livraria expressiva especializada em cordel foi a Livraria Popular Editora, de Francisco das Chagas Batista, na cidade de João Pessoa. Além de Chagas Batista, Hallewell cita importantes nomes dessa atividade editorial no Século XX: Silvano Pirajá de Lima, Leandro Gomes de Barros, Pedro Werta Batista Guedes, João Martins de Athayde, José Bernardo da Silva, Expedito Sebastião da Silva, João José da Silva, Manoel Camilo dos Santos, José Alves Pontes, Joaquim Batista de Sena, Manoel Caboclo da Silva. Esse último era proprietário da Folhetaria Casa dos Horóscopos, que, além de produzir folhetos de cordel, era especializada em almanaques astrológicos, segundo Hallewell (2012, p. 710).

Hallewell (2012) destaca a figura do Padre Cícero, pelo fato de atrair visitantes, fortalecendo o comércio de produtos artesanais, inclusive do folheto de cordel, em Juazeiro do Norte (CE). O autor ressalta que além de “um padre heterodoxo” e “um personagem

lendário”, Padre Cícero tornou-se um “herói do cordel”, “superado tão somente pelo cangaceiro Lampião” (HALLEWELL, 2012, p. 709).

O pesquisador apresenta inquietantes considerações sobre os perigos da atividade editorial do cordel. O estudioso afirma que, em contrapartida ao conservadorismo registrado em alguns folhetos, “um tema frequente do cordel, embora muito perigoso, é a crítica aberta à política do governo ou a personagens de influência e seus efeitos sobre a vida dos pobres” (HALLEWELL, 2012, p. 713). O autor aponta que “sob o Estado Novo, o DIP impôs uma censura prévia dos folhetos de feira, que virtualmente acabou com qualquer comentário político indesejável” (HALLEWELL, 2012, p. 713). Segundo ele, “essa censura terminou em 1945” (HALLEWELL, 2012, p. 713). Hallewell cita o caso de Abraão Bezerra Batista, que, em 1969, foi levado ao tribunal militar por causa de seu folheto *A Corrupção no Ceará e a Imprevisível Intervenção do Governo em Juazeiro do Norte*. Segundo Hallewell (2012, p. 713), Batista “teve melhor sorte que o pretense ‘poeta proletário’ José Gomes (‘Cuíca de Santo Antônio’), de Salvador, que foi assassinado em 1965, por um desconhecido”. Entre os títulos de Gomes, Hallewell cita *O Câmbio Negro e as Misérias da Bahia, A Greve do Ônibus, O que Dizem da Polícia, O Prefeito que Engoliu a Prefeitura, Plínio Salgado e o Galinheiro, Porque Falta Luz na Cidade e Se Eu Fosse Governador* (HALLEWELL, 2012, p. 713-714).

Hallewell (2012, p. 714) registra que “em outubro de 1978, José Francisco Soares, em entrevista à revista *Isto É*, queixou-se de que ninguém ousava satisfazer a demanda de folhetos sobre os altos preços e o custo de vida por medo de ser preso”. Hallewell (2012, p. 714) afirma que “além desse tipo de controle de motivação política, o vendedor de folhetos sempre foi, intermitente e indiscriminadamente, molestado pela polícia como ‘vagabundo’”. O estudioso aponta que “João José da Silva (‘Azulão’), um dos cinco mais importantes poetas populares, foi preso, em 1981, em Nova Iguaçu, por vadiagem, apenas por estar vendendo seus folhetos” (HALLEWELL, 2012, p. 714).

A respeito dos *folhetos de encomenda*, Hallewell (2012, p. 714) comenta que “a popularidade do cordel tornou-o também um bom veículo de publicidade”. O autor registra que “José Francisco Soares declarou à revista *Veja*, em maio de 1977, que quase toda semana escrevia um folheto de encomenda, relacionando os últimos sobre a Sudene, o INPS e a Viação Itapemirim” (HALLEWELL, 2012, p. 714). Segundo o autor, “o Ministério da Agricultura escolhe, deliberadamente, o folheto como o meio mais eficiente de atingir o pequeno agricultor do Nordeste” (HALLEWELL, 2012, p. 714). Por encomenda do

Ministério da Agricultura, foi produzido, por exemplo, o folheto “*O Pequeno Agricultor que se Tornou Fazendeiro*, de José Costa Leite, do qual foram distribuídos gratuitamente 150 mil exemplares” (HALLEWELL, 2012, p. 714).

Hallewell (2012, p. 715-716) questiona “quanto tempo ainda perdurará no Brasil esse tipo de publicação na medida em que a população se torna mais urbanizada e mais sofisticada” concorrendo com “substitutos como os rádios e mesmo as tevês, cada vez mais disseminados?”. O questionamento sobre o futuro do cordel é seguido por reflexões sobre as xilogravuras, segundo o autor, “mais ameaçadas do que os próprios folhetos” (HALLEWELL, 2012, p. 720). Apesar de suas dúvidas, o pesquisador afirma que:

Todavia, o que acontece com frequência é que, exatamente quando a gente comum começa finalmente a rejeitar o que seus superiores sempre desprezaram como tosco e vulgar, o mundo educado começa a interessar-se. Isso é verdade em relação aos folhetos de cordel em geral: tanto é assim que muitos folheteiros começam a queixar-se dos compradores de classe média que simplesmente colecionam suas publicações, sem nenhuma intenção de as lerem. Isso é ainda mais verdadeiro com relação às ilustrações em xilogravura. (HALLEWELL, 2012, p. 721)

Hallewell (2012, p. 721) afirma que “embora já não seja mais possível a alguém ganhar a vida fazendo xilogravuras para folhetos de feira, o interesse dos de fora por essa arte atingiu tal ponto que dois atrevidos vigaristas acharam que valia a pena fazer uma viagem a Caruaru” a fim de “roubar 643 reproduções de ilustrações e 107 autênticos blocos” do xilogravador Dila, “com o pretexto de promover uma exposição em São Paulo” (HALLEWELL, 2012, p. 721).

O autor reconhece, não obstante, o êxito da Luzeiro Editora, de São Paulo, antiga Editora Prelúdio, que, na atualidade, produz folhetos de cordel “em formato maior, com capa envernizada e ilustrada em cores, que distribui por meio de sua rede nacional de representantes” (HALLEWELL, 2012, p. 723). Segundo o pesquisador, o conteúdo publicado pela Luzeiro é “perfeitamente genuíno” e a editora “continua comprando mais material, empregando como consultor editorial um dos melhores (e mais prolíficos) poetas populares vivos, Manoel d’Almeida Filho” (HALLEWELL, 2012, p. 723). Além da Luzeiro, o estudioso cita a Livraria Bahiana, de Salvador, que está seguindo a mesma política da editora de São Paulo. Por fim, o autor afirma: “parece que com métodos modernos ainda se pode ganhar dinheiro com o cordel!” (HALLEWELL, 2012, p. 723).

A presente tese confirma o interesse do mundo acadêmico sobre o cordel, comentado por Hallewell (2012), assim como observa o interesse dos cordelistas pelo mundo acadêmico, haja vista que os cordelistas da atualidade prezam pela educação formal e pela pesquisa. Em

resposta ao questionamento de Hallewell (2012) sobre o futuro do cordel, o presente trabalho apresenta produções muito recentes, provando que a literatura de cordel está viva e atual, equilibrando-se entre a tradição e a inovação. Além disso, cordelistas jovens, com menos de 30 anos, têm se destacado. Podemos citar a jovem Julie Ane, estudante de Pedagogia e filha do cordelista Rouxinol do Rinaré; Josué Lima, filho do cordelista Evaristo Geraldo³; e Jarid Arraes⁴, filha de Hamurabi Batista e neta de Abraão Batista, ambos cordelistas e xilogravadores. Essa última jovem cordelista já publicou mais de sessenta títulos, que ela vende pela internet. Seus poemas versam sobre feminismo, direitos humanos, racismo e diversidade de gênero, além de adaptações de lendas africanas para crianças. Dentre os cordéis de sua autoria, podem ser citados *Lave suas cueca (sic.)*, *Travesti não é bagunça*, *Photoshop é a mulesta* e *Chega de fiu fiu*.

1.3 O cordel educativo

Já que este estudo se dedica a investigar como a literatura de cordel tem sido considerada nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, cabe destacar a categoria dos cordéis didáticos, comprometidos com a educação e com a difusão do conhecimento, inclusive o conhecimento linguístico e literário, objetos do ensino de Língua Portuguesa na escola.

Os ensinamentos ou lições moralizantes se apresentam em diversas categorias de folhetos, todavia, a classe de folhetos “Política, Sociedade e Ciência”, segundo a organização de Alves Sobrinho (2003), especialmente a subclasse dos cordéis de “Ciência”, caracteriza-se nitidamente pelo propósito de instruir. Assim estabelece Alves Sobrinho (2003):

11 Política, Sociedade e Ciência

Política – Neste assunto, os mais politizados são: *A história da reforma agrária e o comunismo no Brasil*, de Joaquim Batista de Sena; *Verdade nua e crua sobre a política paraibana*, *O lamento da candidatura do senhor Getúlio Vargas* e *Mensagem ao povo brasileiro*, os três últimos de Manoel Pereira Sobrinho.

Sociedade – Os folhetos mais aproximados deste assunto são: *Casamento de hoje em dia* e *Casamento a prestação*, os dois de Leandro Gomes de Barros; *Tempos*

³ Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/zoeira/jovens-cordelistas-1.287948>. Acesso em 13 nov. 2017.

⁴ Disponível em: <http://jaridarraes.com/>. Acesso em 13 nov. 2017.

modernos, de Homero do Rego Barros; *O costume dos matutos do tempo de meus avós*, de José Camelo de Melo; *O bom amigo*, de Manoel Camilo dos Santos.

Ciência – *A Cartilha do diabético*, de Manoel Monteiro da Silva, diz assim:

O poeta cordelista

É sempre um artista eclético

Por isso é que nesses versos,

De modo didático e ético,

Vou explicar direitinho

O que é ser diabético. (ALVES SOBRINHO, 2003 p. 111–112)

Alves Sobrinho (2003, p. 112) cita ainda como exemplo dos folhetos de Ciência *A fera invisível*, de João José da Silva, “feito por encomenda” e “distribuído pelo sertão por iniciativa dos Serviços de Unidades Sanitárias do Ministério da Saúde”. O pesquisador comenta que o folheto “descreve a vida sofrida de uma trapezista que ficou tuberculosa” (ALVES SOBRINHO, 2003, p. 112).

Entre as categorias estabelecidas por Maxado (1980, p. 58), a terceira – folhetos didáticos ou educativos – se caracteriza pelo propósito de educar o povo. Segundo o autor, “com o valor da literatura de cordel descoberta e divulgada pelos eruditos e estrangeiros, muitos governantes e empresários a estão usando para auxiliar na educação do povo” (MAXADO, 1980, p. 58). Maxado afirma a existência de folhetos comprometidos com o ensino da agricultura e pecuária, a prevenção de doenças e acidentes, a obediência às leis do trânsito etc. Como exemplo de cordel didático, o estudioso cita o mesmo folheto mencionado por Alves Sobrinho: *A fera invisível ou o triste fim de uma trapezista que sofria do pulmão*, de João José da Silva (MAXADO, 1980, p. 58).

Percebe-se que os folhetos desenvolvidos a partir de um conteúdo de caráter científico ou educativo assumem nitidamente o escopo de ensinar, instruir seu público. Além disso, há uma relação entre o cordel e o letramento do homem do campo. Viana (2010, p. 12) destaca o cordel como recurso para a alfabetização das populações rurais na primeira metade do Século XX, visto que era “em muitos casos, o único tipo de leitura a que tinham acesso”. Segundo o autor, desde o surgimento dos folhetos impressos, no final do Século XIX, “a Literatura de Cordel tem sido uma poderosa ferramenta de alfabetização e incentivo à leitura junto às populações carentes do Nordeste” (VIANA, 2010, p. 13).

Apreciados solitariamente, em silêncio, ou coletivamente, lidos em voz alta, recitados, cantados, os poemas de cordel têm exercido um papel importante nas práticas linguísticas, sobretudo, dos nordestinos.

Ribamar Lopes, no prefácio de *Acorda cordel na sala de aula*, organizado por Viana (2010), destaca a leitura dos folhetos para grupos de pessoas não alfabetizadas como prática comum e salienta a importância do cordel para despertar o interesse pela leitura entre os homens do campo. Segundo Lopes:

A curiosidade pelo conteúdo dos simpáticos livrinhos, despertada tanto pela natureza de suas histórias quanto por sua identificação com elementos da nossa cultura popular, levava as pessoas a aguardarem com ansiedade o momento em que alguém lhes viesse ler os raros folhetos trazidos do mercado ou das feiras por algum parente ou conhecido. E foi essa curiosidade pelas histórias versadas no folheto popular que começou a despertar, principalmente na nossa zona rural, o interesse das pessoas pelo aprendizado informal da leitura. (VIANA, 2010, p. 7)

As estrofes de Moreira de Acopiara, apresentadas a seguir, contam como ocorria o consumo coletivo de literatura de cordel no interior do Nordeste.

É que nasci no sertão	Pois o povo era sensível,
Onde havia pouca escola.	E, apesar de ser pacato,
Por lá os divertimentos	De ter pouca informação
Eram: joquinho de bola,	E de residir no mato,
Forrós, vaquejadas e	A leitura dos folhetos
Versos ao som da viola.	Foi sempre o grande barato.

E as leituras de folhetos	Era comum na fazenda
Dos poetas do sertão.	A gente se reunir
Quando aparecia um,	Ao redor de uma fogueira
Os jovens da região	Pouco antes de dormir
Se reuniam e, atentos,	Para ler versos rimados,
Ouviam a narração	Cantar e se divertir.

Fonte: ACOPIARA, 2008, p. 6-7

Marinho e Pinheiro (2012) registram a oralização e o consumo coletivo dos folhetos e ressaltam a literatura de cordel como significativa via de acesso ao mundo da escrita:

O folheto vai para as ruas e praças e é vendido por homens que ora declamam os versos, ora cantam em toadas semelhantes às tocadas pelos repentistas. São nordestinos pobres e semialfabetizados que entram no mundo da escrita, das tipografias, da transmissão escrita e não apenas oral. A poesia popular, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 18)

Além de significativas contribuições para o letramento do povo, alguns poemas de cordel se propõem especificamente a ensinar a língua materna e a literatura brasileira, por exemplo: *Lições de Gramática em versos de cordel*, de Janduhi Dantas (2009), *Grandes Mestres da Nossa Literatura*, de Gil Ribeiro (s. d.), *As figuras de linguagem na linguagem do cordel*, de Janduhi Dantas (2014) e o folheto sem título, da autoria de Gidalvo Ribeiro dos Santos – mais conhecido como Gil Ribeiro (s. d.), que trata da história da Linguística. Na capa desse folheto, produzido como trabalho do curso de Especialização em Língua Portuguesa na UFRN, apresenta-se a figura do ilustre linguista suíço Ferdinand de Saussure. Apresentam-se a seguir duas estrofes do poema sobre a história de Linguística, de Gil Ribeiro:

Linguística é a ciência	Foi no Século XIX
Que estuda a linguagem	Que o mestre Saussure nasceu
Da natureza humana	Na cidade de Genebra
Signo linguístico e mensagem	A Suíça recebeu
Maior mestre foi Saussure	Maior nome da Linguística
Pois, ele foi descobrir	No campo estruturalista
A língua em nova arrolagem.	Foi onde mais escreveu.

Fonte: RIBEIRO, s.d., p. 2.

Dentre esses folhetos, os dois primeiros, que tratam, respectivamente, da gramática da língua portuguesa e da literatura, participarão da discussão que constitui a seção 4.4.

1.4 O cordel na perspectiva da variação linguística

Embora o ensino da variação linguística não seja o foco do trabalho e ressaltando-se que, na escrita, as marcas da variedade linguística nordestina são menos nítidas do que na fala – sobretudo no que diz respeito aos aspectos fonológicos –, cabem algumas considerações sobre esse tópico, haja vista que a literatura de cordel é uma manifestação da literatura popular que representa a variação linguística regional, mais especificamente a variedade linguística do nordeste brasileiro.

A Sociolinguística, segundo Mollica (2013, p. 9), “é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. A autora afirma que essa ciência “se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade,

focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (MOLLICA, 2013, p. 9). O objeto de estudo da Sociolinguística, segundo a estudiosa, é “exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA, 2013, p. 9-10).

A autora destaca o plurilinguismo do Brasil e o valor científico do comportamento linguístico de cada grupo social:

Um país pode conviver com mais de uma língua, como é o caso do Brasil: somos plurilíngues, pois, além do português, há em nosso território cerca de 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciadas, afóra as populações bilíngues que dominam igualmente o português e línguas do grupo românico, anglo-germânico e eslavo-oriental, como em comunidades multilíngues português/italiano, português/espanhol, português/alemão, português/japonês. A linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade. (MOLLICA, 2013, p. 10)

A variação linguística, segundo Mollica (2013, p. 10) “constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”. A autora explica que variantes são “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável” (MOLLICA, 2013, p. 11). Ela aponta a concordância entre o verbo e o sujeito como exemplo de variável linguística ou fenômeno variável, “pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância” (MOLLICA, 2013, p. 11).

Mollica (2013, p. 11) esclarece que as variáveis linguísticas obedecem a fatores internos ou externos à língua. A autora afirma que “no conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfo-sintáticas, os semânticos, os discursivos e os lexicais” (MOLLICA, 2013, p. 11). A respeito das variáveis externas, a sociolinguista explica:

No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala. (MOLLICA, 2013, p. 11)

Bortoni-Ricardo (2004, p. 47-49) afirma que a variação linguística decorre de vários fatores, como:

- Grupos etários – Segundo a autora, no interior da família existem “diferenças sociolinguísticas intergeracionais: os avós falam diferente dos filhos e dos netos etc. O mesmo ocorre na sociedade como um todo”.

- Gênero – A autora afirma que “homens e mulheres falam de maneiras distintas”. Por exemplo, as mulheres usam mais os diminutivos e as marcas conversacionais; os homens falam mais palavrões e gírias chulas. A autora explica que “essas variações (...) estão relacionadas aos papéis sociais que (...) são culturalmente condicionados”.
- *Status* socioeconômico – “As diferenças de *status* socioeconômico representam desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que se reflete em diferenças sociolinguísticas”. A autora ressalta que “esse fator é relevante, considerando que, em nosso país, a distribuição de renda é muito desigual”.
- Grau de escolarização – “Os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico”.
- Mercado de trabalho – “As atividades profissionais que um indivíduo desempenha também são um fator condicionador de seu repertório sociolinguístico”. A autora esclarece que “certos profissionais, como os professores, os atores, os comunicadores sociais, os jornalistas, os advogados, os juízes etc. precisam ter maior flexibilidade estilística”.
- Rede social – “Cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social”. Ou seja, “a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório linguístico” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 47-49).

Bortoni-Ricardo (2004, p. 49) salienta que a complexidade da variação linguística equivale à complexidade “da própria ação humana, por sua vez, determinada por fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais”.

A respeito dos falares nordestinos, a autora faz observações sobre os aspectos fonológicos e lexicais. Sobre a fonologia da variedade linguística nordestina ela afirma:

A principal marca dos falares nordestinos são as vogais /e/ e /o/ pronunciadas abertas quando vêm na sílaba pretônica. Por exemplo: c[ó]ração, R[ó]berto, r[é]dondo, r[é]moto, v[é]rdade, pr[ó]curar. Mas há também outras marcas nesse sotaque, como o /t/ pronunciado como uma consoante linguodental diante de /i/. (...)

No Centro-Sul do país, o fonema /t/ diante da vogal /i/ não tem pronúncia linguodental e sim uma pronúncia palatal, que podemos representar assim: /tch/, como nas palavras Tiago, tijolo, Tijuca e antigo. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 31-32)

No que diz respeito às diferenças no vocabulário, Bortoni-Ricardo (2004) declara:

Em muitas áreas do Nordeste, as pessoas dizem “tomar de conta”, enquanto no Centro-Sul se usa “tomar conta de”. Também dizem “banhar”, enquanto no Centro-Sul se diz “tomar banho”. No léxico da culinária, há muitas diferenças de natureza regional. A palavra “canjica”, por exemplo, denota alimentos diferentes nas diversas regiões. A canjica que comemos no Centro-Sul, em alguns pontos do Nordeste é conhecida como “mungunzá”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 32)

Como o presente estudo se ocupa do cordel escrito, as marcas da variedade linguística nordestina são mais evidentes no léxico dos textos apresentados.

A autora reconhece a existência de um mito sobre a superioridade de determinado falar sobre os outros, defendendo que a identidade e o linguajar de cada região devem ser valorizados e considerados motivos de orgulho para seus partícipes. Segundo a pesquisadora:

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. No entanto, verifica-se que alguns falares têm mais prestígio no Brasil como um todo que outros. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33)

Bortoni-Ricardo (2004) explica que o prestígio de determinada variedade linguística não está relacionado a fatores linguísticos, senão a critérios políticos e econômicos, de modo que a fala dos grupos com maior poder e riqueza é avaliada como boa e correta em relação aos falares das regiões onde vivem as pessoas mais pobres. A autora afirma que:

Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34)

A estudiosa destaca que o prestígio de determinada variedade linguística em relação às outras “acontece em todos os países, entre os quais podemos citar a Espanha, a Itália e a França” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34). A respeito da França, a autora esclarece: “o dialeto francês que adquiriu mais prestígio e que hoje tem mesmo o *status* e língua nacional é o falado na região de Paris, onde se estabeleceu primeiramente a Corte francesa e, depois da

Revolução Francesa de 1789, a sede da República” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34). A autora explica que “quando um falar, isto é, um dialeto ou variedade regional, é alçado à condição de língua nacional em virtude de um processo sócio-histórico, ele adquire maior prestígio em detrimento dos demais”, todavia adverte que “esses juízos de valor são ideologicamente motivados e geram preconceitos que devemos combater” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34).

Bortoni-Ricardo (2004, p. 34) ressalta que os falares das cidades litorâneas do Brasil, “como Salvador, Rio de Janeiro, Recife, Olinda, Fortaleza, São Luís, João Pessoa, entre outras, sempre tiveram mais prestígio que os falares das comunidades interioranas”. Ela explica que essas cidades “estão voltadas para a Europa” e “receberam um contingente muito grande de portugueses nos três primeiros séculos de colonização”, por isso, “desenvolveram falares mais próximos dos falares lusitanos” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34). A estudiosa afirma que “até 1960, a capital do Brasil se situava no litoral: primeiro Salvador, desde o início da colonização, e depois o Rio de Janeiro, no período de 1763 até a fundação de Brasília em 1960” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34).

A pesquisadora ratifica que o prestígio de determinado falar é condicionado por fatores históricos, políticos e econômicos e que os preconceitos decorrentes dessa dinâmica devem ser combatidos, citando a escola como espaço para essa discussão.

É natural que a cidade sede do governo tenha mais poder político e prestígio, e esse prestígio, como vimos, acaba por se transferir ao dialeto da região. No Brasil de hoje, os falares de maior prestígio são justamente os usados nas regiões economicamente mais ricas. Estamos vendo, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem o prestígio a certos dialetos ou variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros. Mas sabemos que esse preconceito é perverso, não tem fundamentos científicos e tem de ser combatido, começando na escola. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34)

A professora ressalta que “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 35).

Mollica (1998, p. 21) afirma que “a atribuição de prestígio pertence à dinâmica das relações sociais”. A autora aponta a existência da “variação diatópica (isto é, diferenças entre dialetos geográficos ou falares regionais), diastrática (isto é, variedades diferentes de acordo com a estratificação social) e estilística (isto é, diferenças segundo o grau de formalidade dos contextos de fala)” (MOLLICA, 1998, p. 29).

A respeito de variação linguística e preconceito, Zilles e Faraco (2015, p. 7) afirmam

que “a variação linguística é uma realidade que, embora razoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações sociais muito negativas”. Os autores explicam que:

O senso comum tem escassa percepção da língua como um fenômeno heterogêneo que alberga grande variação e está em contínua mudança. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. (ZILLES; FARACO, 2015, p. 7)

Os estudiosos advertem que “a língua continua sendo forte elemento de discriminação social, seja no próprio contexto escolar, seja em outros contextos sociais, como no acesso ao emprego e aos serviços públicos em geral” (ZILLES; FARACO, 2015, p. 8) e defendem o desenvolvimento de uma pedagogia da variação linguística, a fim de promover a valorização da pluralidade linguística e abolir a discriminação pela língua. Os autores afirmam:

Por isso, parece ser um grande equívoco a afirmação de que a variação linguística não deve ser matéria de ensino na escola básica. Assim, a questão crucial para nós é saber como tratá-la pedagogicamente, ou seja, como desenvolver uma pedagogia da variação linguística no sistema escolar de uma sociedade que ainda não reconheceu sua complexa cara linguística e, como resultado da profunda divisão socioeconômica que caracterizou historicamente sua formação (uma sociedade que foi, por trezentos anos, escravocrata), ainda discrimina fortemente pela língua os grupos socioeconômicos que recebem as menores parcelas da renda nacional. (ZILLES; FARACO, 2015, p. 8)

Zilles e Faraco (2015, p. 9) destacam que é preciso ver a educação “como uma experiência sociocognitiva que dá acesso amplo ao universo das práticas socioculturais em toda a sua diversidade, universo este em que as linguagens (e a linguagem verbal em especial) têm papel constitutivo”.

Os autores salientam que o ensino da língua deve garantir “o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos” (ZILLES; FARACO, 2015, p. 9). Segundo os estudiosos, “esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas, ou seja, o conjunto de variedades escritas e faladas constitutivas da chamada norma culta” (ZILLES; FARACO, 2015, p. 9).

Na perspectiva de Zilles e Faraco (2015), a escola deve fomentar a valorização da heterogeneidade linguística e combater a discriminação das variedades linguísticas populares. Segundo os autores:

Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que nos desafia é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e

suas características atuais. (ZILLES; FARACO, 2015, p. 9)

Faraco (2015, p. 26) afirma que “não é mais possível continuar rechaçando pura e simplesmente a nossa realidade linguística. Ela não está pedindo condenação, mas explicação”. Segundo o estudioso, “trata-se, portanto, de compreendê-la, de incorporá-la a nossas preocupações político-pedagógicas e de avançar na construção de uma pedagogia que seja capaz, de fato, de dar acesso à expressão culta sem demonizar as expressões ditas populares” (FARACO, 2015, p. 26).

Simões (2006, p. 105) defende a “aprendizagem significativa” nas aulas de Português, de modo que os conteúdos curriculares estejam relacionados em um trabalho interdisciplinar e os conhecimentos prévios dos estudantes sejam valorizados. A autora ressalta a importância da “formação para a autonomia, a diversidade e a constituição e o reconhecimento de identidades” e da “vinculação do conteúdo ao social, buscando aproximar o aluno da sua cultura” (SIMÕES, 2006, p. 106).

Citando pesquisa sobre o imaginário coletivo a respeito do papel da escola na inclusão social, Mollica (2014, p. 12) apresenta a constatação de que “a escola é (...) o meio mais almejado para promover inclusão social”, ou seja, o falante entende a “escola como espaço para seu desenvolvimento linguístico, profissional e suas chances de inserção na sociedade” (MOLLICA, 2014, p. 12).

A partir dessas leituras sobre a variação linguística, compreende-se que a heterogeneidade linguística do Brasil deve ser discutida na escola, a fim de valorizar a identidade plural do país, abolir preconceitos e promover a inclusão social. A literatura de cordel é uma manifestação da literatura popular típica do Nordeste brasileiro, que representa a variação linguística regional e o patrimônio cultural que está além das metrópoles onde se concentram o poder e o capital. Promover o estudo do cordel na escola significa contribuir para um ensino inclusivo, que considera igualmente importantes as variedades linguísticas do Brasil e respeita a diversidade.

Outrossim, esta pesquisa torna-se relevante, visto que oferece uma proposta de leitura de poemas de cordel em que se enfatizam o estilo e a riqueza sónica dos textos. Além disso, os cordéis estudados são apreciados em perspectiva dialógica, de modo que as relações de sentido com outros textos propiciam a ampliação das leituras e favorecem o aproveitamento dos conhecimentos prévios dos estudantes. Defende-se, neste estudo, que todos os saberes são importantes e podem contribuir para uma sociedade mais justa.

Na próxima seção, analisam-se cinco coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa voltadas ao segundo segmento do Ensino Fundamental, a fim de verificar se a literatura de cordel é contemplada nas obras e, em caso positivo, como a abordagem é realizada.

2 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os objetivos dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) para a disciplina Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, especialmente o terceiro e o quarto objetivos do documento, corroboram a relevância de um estudo como este, que investiga como a literatura de cordel é considerada na sala de aula:

Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 7)

A pluralidade cultural e social do Brasil é, evidentemente, um tesouro de valor inestimável, e o povo nordestino contribui largamente, enriquecendo a cultura brasileira com sua linguagem, culinária, literatura, artesanato, danças, música, costumes. Nesse sentido, a escola, na qualidade de instituição privilegiada no que diz respeito à formação dos sujeitos e à produção do conhecimento, deve assegurar o estudo das manifestações literárias populares, a poesia genuína que brota da criatividade do povo, de modo a valorizar esse patrimônio cultural e a expressão da brasilidade.

Outrossim, a literatura de cordel constitui farto material para a aprendizagem da língua, em virtude das temáticas que resgatam as memórias do povo brasileiro e do emprego elaborado de recursos expressivos. Os poemas de cordel podem ser muito atrativos para crianças e adolescentes em idade escolar, como podemos verificar nas narrativas que envolvem fantasia, animais como personagens centrais, amores impossíveis, seres fantásticos, disputas, heroísmo, humor. Os professores Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012), na obra *O cordel no cotidiano escolar* citam a semelhança entre os folhetos populares e a literatura infanto-juvenil:

Há, em muitos cordéis, traços como o predomínio da fantasia, inventividade ante situações inesperadas/complexas, musicalidade expressiva, caráter fabular, marcas comuns à literatura para crianças. O humor é presença marcante tanto na poesia para crianças quanto no cordel. Também um filão do cordel que o aproxima à literatura para crianças é a recriação de contos de fadas tradicionais. Pensando na literatura adequada às crianças, a presença de animais é marca determinante. Neste âmbito, o cordel tem muito material a oferecer, porém, pouco conhecido de pais, professores e educadores em geral. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 49-50)

No espaço escolar, uma das ferramentas pedagógicas mais importantes é o livro didático. Este, além de prestar suporte ao trabalho do professor e ao estudo e pesquisa dos educandos, revela a orientação pedagógica vigente no mercado editorial voltado ao ensino, assim como a perspectiva oficial, já que os livros didáticos passam pela avaliação dos órgãos governamentais que regem a Educação, antes de chegarem às escolas.

O Guia de Livros Didáticos do Programa Nacional do Livro Didático 2014 (PNLD/2014), referente aos livros que serão utilizados nos anos finais do Ensino Fundamental entre 2014 e 2017, estabelece que serão excluídas as coleções de livros que desobedecerem à Constituição da República Federativa do Brasil, à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao Estatuto da Criança e do Adolescente, às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental ou à observância de princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano. A respeito dos princípios éticos, o Guia afirma que serão excluídos os livros didáticos que, dentre outras inadequações, “veicularem estereótipos e preconceitos de condição social, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade ou de linguagem, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos” (MEC, PNLD/2014, 2013, p. 9).

O Guia prevê, para o ensino de língua materna no segundo segmento do Ensino Fundamental, o desenvolvimento das modalidades oral e escrita e o investimento na formação do aluno leitor, com apreciação de diversos gêneros textuais, possibilitando a fruição estética da literatura, em especial, das manifestações literárias brasileiras, respeitando-se a variação linguística e a diversidade dialetal, e abolindo-se os preconceitos.

Em um estudo sobre a seleção de textos para os livros didáticos de Língua Portuguesa, Bezerra (2002, p. 35) afirma que o livro didático, “constitui-se, se não o único material de ensino/aprendizagem, o mais importante, em grande parte das escolas brasileiras”.

A respeito das concepções de texto subjacentes ao livro didático de Língua Portuguesa, a autora explica que são “resultantes de pesquisas realizadas desde o final da década de 60, no quadro da Língua Portuguesa” e que podem “ser agrupadas em dois blocos” (BEZERRA, 2002, p. 35). Segundo a estudiosa, as concepções de texto do primeiro bloco seriam “as de cunho estritamente linguístico (baseadas nos estudos estruturalistas da língua (...)), segundo as quais o texto é um conjunto de unidades linguísticas (palavras, frases, períodos e parágrafos) que encerram um sentido” (BEZERRA, 2002, p. 35-36). As concepções de texto do segundo bloco são assim descritas:

As de cunho sócio-pragmático (baseadas nos estudos de linguística textual, pragmática, semântica, sociolinguística, análise do discurso e outros, considerando-se a enunciação e o enunciado), segundo as quais o texto é uma unidade de sentido estabelecido entre leitor/autor, na modalidade escrita da língua, e entre locutor/interlocutor, na sua modalidade oral, envolvendo conhecimentos partilhados, situação, contexto, propósito, intenções e outros aspectos comunicacionais, estando aberta a várias interpretações (mas *não a todas*). (Grifos da autora) (BEZERRA, 2002, p. 36)

Bezerra (2002) afirma que, até o final dos anos 60, os livros didáticos de Português era compostos por textos literários. A pesquisadora esclarece que “a concepção era a de que só uma produção literária era texto, pois visava à expressão do belo e cabia aos estudantes imitar os modelos consagrados para aprender a escrever” (BEZERRA, 2002, p. 36).

Houve uma mudança nesses livros didáticos, segundo a autora, “com a influência da linguística estrutural e da teoria da comunicação, na década de 70” (BEZERRA, 2002, p. 36). A partir de então, os livros didáticos de Português (LDP) passam a apresentar “ao lado de textos literários, textos jornalísticos e de histórias em quadrinhos, como unidades comunicativas completas, que trazem uma mensagem a ser decodificada pelos alunos leitores” (BEZERRA, 2002, p. 36). A autora afirma que se tornam comuns “perguntas do tipo ‘qual o sentido do texto?’, ‘o que o texto está dizendo?’, seguidas de opções de respostas das quais só uma seria correta” (BEZERRA, 2002, p. 36). A estudiosa critica o fato de que os livros em foco, nesse período, “exploram excessivamente os elementos do circuito da comunicação (emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente), pois todo escrito para ser texto (ainda não se consideravam os textos orais) deveria ter esses componentes” (BEZERRA, 2002, p. 36).

Até metade dos anos 80, segundo Bezerra (2002, p. 36) predomina “essa concepção de texto como unidade linguística que contém um significado a ser decodificado pelos leitores”. A autora afirma que essa concepção “ainda está presente”, ao lado de outra, de “caráter pragmático” (BEZERRA, 2002, p. 36), que entende “o texto como unidade linguístico-pragmática, organizada com base em critérios de coerência, coesão situacionalidade, informatividade, aceitabilidade e outros, podendo ser oral ou escrita e possível de ser interpretada de formas variadas” (BEZERRA, 2002, p. 36). A estudiosa ressalta que “com essa nova concepção, vemos que a variedade de textos nos LDP é marcante” (BEZERRA, 2002, p. 36).

A respeito de confusão entre tipos e gêneros textuais que se constatou recentemente nos livros didáticos de Português, a autora alerta que “os textos empíricos não podem ser classificados simplesmente como narrativos, argumentativos ou descritivos” (BEZERRA,

2002, p. 38). Com base nos estudos de Marcuschi, a estudiosa assim distingue *tipo* e *gênero*:

Os estudos voltados para o *texto*, em linhas gerais, consideram *tipo* como um construto teórico que pode determinar formas básicas e globais para a constituição de um texto (Marcuschi, 2000), podendo ser narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e conversacional; e consideram *gênero* como as inúmeras realizações empíricas de texto – carta, telefonema, conversa, palestra, aula, curriculum vitae, monografia, recibo, relatório, ofício, romance, editorial, notícia, telegrama, resumo, ata, etc. (BEZERRA, 2002, p. 39)

Bezerra (2002) aponta que os livros em foco tendem a uma organização das lições em torno de temas sociais relevantes ou que possam despertar o interesse e a curiosidade dos estudantes. A pesquisadora elogia a diversidade de temas que tem sido contemplada nesses manuais escolares. De acordo com a autora:

Há uma tendência em estruturar-se (*sic*) as lições em torno de temas sociais (fome, desemprego, educação, discriminação), do interesse da faixa etária do público a que se destinam os livros (família, animais – de estimação ou não –, amor, esporte, mistério, aventura, viagem) e, em menor escala, de temas pouco convencionais em livros didáticos, o que consideramos um avanço (poetas, língua – com variações e mudanças, “cola” estudantil e astrologia). Essa diversidade de temas envolve também contextos culturais diferentes (urbano, rural, doméstico, social), que poderia favorecer a exploração textual de forma eficaz, inclusive contemplando a interdisciplinaridade. (BEZERRA, 2002, p. 40)

Bezerra (2002, p. 40) aponta que, a partir dos anos 90, os livros didáticos de Português abordam determinado tema “com uma coletânea de textos de variados gêneros, predominantemente autênticos, ou seja, não escritos com finalidades didáticas, mas com uso constante na nossa sociedade letrada”. Desde então, constatam-se nos livros didáticos gêneros textuais como “carta, bilhete, história em quadrinhos, notícia, reportagem, classificado, biografia, entrevista, verbete de dicionário, artigo de opinião, editorial, propaganda, peça teatral, crônica, conto, anedota, adivinha, bula, receita de cozinha, manual de instruções, fábula, lenda”, entre outros (BEZERRA, 2002, p. 40-41). A autora afirma, contudo, que, nessa seleção, predominam os textos narrativos, literários e não literários, dentre os literários, preferem-se contos e crônicas.

Entre os textos não literários, a estudiosa constata a presença considerável dos textos jornalísticos, como “notícias, reportagens, anúncios, entrevistas – fragmentados ou integrais” (BEZERRA, 2002, p. 42).

A respeito da seleção dos gêneros textuais para compor os livros didáticos de Língua Portuguesa, Bezerra (2002, p. 46) conclui que “a diversidade textual é forte e atualizada”, todavia critica a ausência, nesses livros, de estudos consistentes sobre a função social dos textos trabalhados. Na visão da pesquisadora, falta “um estudo aprofundado, de modo que se distinga *tipo* de *gênero* e se considerem os usos efetivos de cada gênero” (BEZERRA, 2002,

p. 42).

Rojo e Batista (2003, p. 16) ressaltam que “muitas vezes, o livro didático é o único material de leitura disponível nas casas destes alunos de Ensino Fundamental e, por isso mesmo, são fundamentais para seu processo de letramento”.

Em um estudo sobre os livros didáticos de língua portuguesa para o 3º. e 4º. ciclos oferecidos por autores e editores ao PNLD 2002, Rojo e Batista (2003) constataram que foram selecionados para integrar os livros textos de qualidade, adequados ao alunado e diversificados quanto à esfera de circulação e ao gênero textual. Todavia os autores percebem uma carência de textos representativos das variedades linguísticas regionais e de textos provenientes das tradições orais, privilegiando-se textos que circulam nos centros urbanos e sulistas. Nas palavras de Rojo e Batista:

A diversidade de contextos (regionais e culturais) de origem dos textos e a diversidade e as variedades linguísticas não se encontram tão bem representadas nos textos selecionados, sendo mínima a incidência de textos oriundos da tradição oral (25%). Ou seja, há uma decidida preferência por textos representativos da variedade padrão, norma culta, língua escrita, que circulam em contextos urbanos e sulistas. (ROJO; BATISTA, 2003, p. 16)

As observações de Rojo e Batista (2003) reiteram as leituras sobre variação linguística apresentadas na seção 1.3, visto que os autores constataam a preferência por textos representativos das regiões onde se concentram a riqueza e o poder. Os textos que representam a cultura das regiões onde a população tem menos recursos e menos escolaridade são preteridos nos livros didáticos analisados pelos pesquisadores. O presente estudo se propõe a verificar se esse panorama, discutido por Bezerra (2002) e Rojo e Batista (2003) foi alterado e a apresentar sugestões para o ensino de leitura de cordel nas aulas de língua materna, a fim de contribuir para que a literatura de folhetos receba, no âmbito da Educação e além, um tratamento consoante com sua importância cultural e histórica.

Corroborando a importância que atribuímos, nesta tese, ao livro didático, e reconhecendo-se o valor da literatura de cordel na expressão da identidade brasileira, apreciam-se, na próxima seção, cinco coleções de livros didáticos, a fim de verificar a presença ou a ausência da literatura de cordel. No caso da presença dessa manifestação da literatura popular, investiga-se como é considerada nos livros de Português destinados ao ensino de língua materna no segundo segmento do Ensino Fundamental.

2.1 Português: linguagens, de Cereja e Magalhães (2012)

Figura 1 – Coleção *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2012)



Fonte: Fotografias das capas dos livros da coleção *Português: linguagens*

A primeira coleção de livros didáticos em foco, *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2012), apresenta seus conteúdos organizados a partir de unidades divididas em capítulos centrados em temas, conforme as tabelas abaixo:

Tabela 1 – *Português: linguagens* (2012), livro do 6º. ano

6º. ano	Unidade 1 No mundo da fantasia	Unidade 2 Crianças	Unidade 3 Descobrimo quem sou eu	Unidade 4 Verde, adoro ver-te
Capítulo 1	Era uma vez	Coisa de criança	O encantador de melros	Natureza morta ou natureza-morta?
Capítulo 2	Terra de encantamento	Uma questão de valor	Eu: o melhor de mim	A natureza em pânico
Capítulo 3	Todas as crianças crescem... menos uma!	Hora de diversão!	Em busca do sonho	S. O. S. Animal

Fonte: Autora

Tabela 2 – *Português: linguagens* (2012), livro do 7º. ano

7º. ano	Unidade 1 Heróis	Unidade 2 Viagem pela palavra	Unidade 3 Eu e os outros	Unidade 4 Medo, terror e aventura
Capítulo 1	O nascimento de um herói	A palavra no reino da ternura	A descoberta do outro	Bem-vindos ao futuro!
Capítulo 2	O herói e seu avesso	Palavra: porta de aventuras	Alteridade: exercício de ternura	A aventura da linguagem
Capítulo 3	O herói que habita em mim	A trilha das palavras	<i>Bullying</i> : o império da tirania	A aventura da criação

Fonte: Autora

Tabela 3 – *Português: linguagens* (2012), livro do 8º. ano

8º. ano	Unidade 1 Humor: entre o riso e a crítica	Unidade 2 Adolescer	Unidade 3 Consumo	Unidade 4 Ser diferente
Capítulo 1	O humor nosso de cada dia!	Adolescência: a porta da vida?	Felicidade: quanto custa?	Semelhantes nas diferenças
Capítulo 2	Pílulas inquietantes	Corpo em (r)evolução	Consumo: o mundo da sedução	Racismo? Estou fora!
Capítulo 3	O povo: suas cores, suas dores	Nas asas do coração	Publicidade: vendem-se valores!	Sou o que sou

Fonte: Autora

Tabela 4 – *Português: linguagens* (2012), livro do 9º. ano

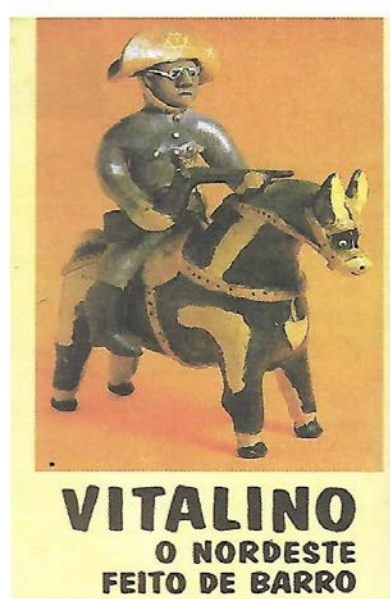
9º. ano	Unidade 1 Valores	Unidade 2 Amor	Unidade 3 Juventude	Unidade 4 Nosso tempo
Capítulo 1	O preço de estar na moda	A conquista do amor impossível	A primeira vez	Ciranda da indiferença
Capítulo 2	Os valores do outro	O selo do amor	Ser sempre jovem	Os Brasis
Capítulo 3	A dança das gerações	O milagre do amor	A permanente descoberta	De volta para o presente

Fonte: Autora

Os volumes de Cereja e Magalhães (2012) apresentam grande diversidade de gêneros textuais, com predomínio de tiras, poemas, anúncios publicitários e cartuns. Além disso, percebem-se muitos textos ou trechos de textos informativos, o que evidencia a perspectiva de articular o conhecimento da língua ao conhecimento do mundo. Os autores também lançam mão de outras linguagens, como pintura, desenho, fotografia, cinema, que são exploradas a fim de desenvolver a leitura, a produção textual, o raciocínio lógico do aluno.

Não obstante a diversidade de gêneros textuais na coleção, não há nenhum poema de cordel para estudo e discussão. Todavia, no livro referente ao 6º. ano, na página 50, há uma atividade de fonologia baseada em uma capa de folheto de cordel.

Figura 2 – Capa do folheto *Vitalino, o Nordeste feito de barro*



Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 50

O título do folheto, *Vitalino: O Nordeste feito de barro*, é aproveitado para a questão proposta, abaixo transcrita:

Observe o folheto ao lado, produzido pela Prefeitura Municipal de Caruaru, cidade que é símbolo do artesanato nordestino.

Entre as palavras empregadas no folheto, há uma em que duas letras representam um único som. Qual é essa palavra?

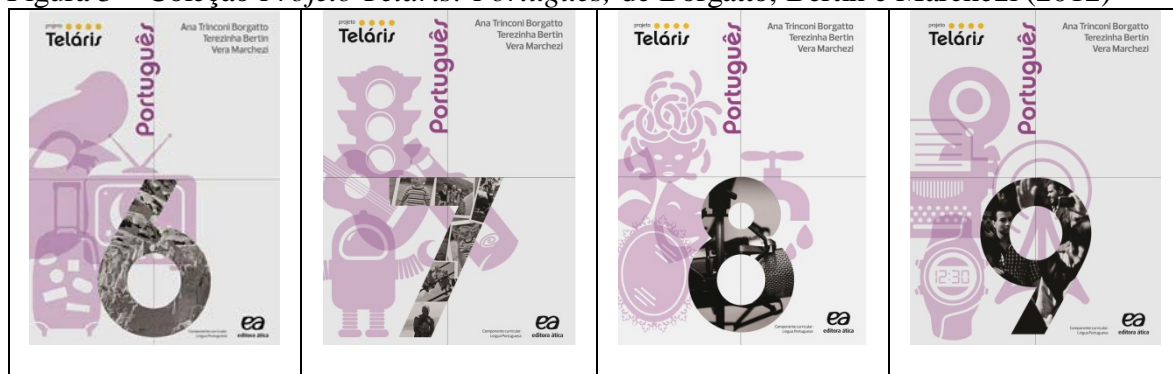
Quais são as letras e qual é o som que elas representam?

Qual é ou quais são as maiores palavras do folheto? Quantas letras e sons elas apresentam? (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 50)

Além dessa atividade e da breve referência ao folheto, do qual só se aproveita a capa, não há, como já foi dito, nenhuma proposta de estudo da língua a partir de poemas de cordel. Entende-se que o título do folheto é, nesse caso, pretexto para o ensino de gramática.

2.2 Projeto Teláris: Português, de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012)

Figura 3 – Coleção *Projeto Teláris: Português*, de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012)



Fonte: Fotografias das capas dos livros da coleção *Projeto Teláris: Português* (2012)

As tabelas abaixo apresentam a organização dos livros da coleção *Projeto Teláris*. Cada livro é dividido em quatro unidades, que, por sua vez, são divididas em dois capítulos cada uma. A proposta das autoras é organizar os capítulos por gênero textual.

Tabela 5 – *Projeto Teláris: Português* (2012), livro do 6°. ano

6°. Ano	Unidade 1: Contos da tradição oral	Unidade 2: Imaginação e realidade	Unidade 3: Relato pessoal e jornalístico	Unidade 4: Defender ideias
Capítulo 1	“Causo”/Conto			
Capítulo 2	Conto popular em verso e conto popular em prosa			
Capítulo 3		Conto em prosa poética		
Capítulo 4		Conto e realidade		
Capítulo 5			Relato pessoal	
Capítulo 6			Reportagem	
Capítulo 7				Crônica com diálogo argumentativo
Capítulo 8				Propaganda

Fonte: Autora

Tabela 6 – *Projeto Teláris: Português* (2012), livro do 7°. ano

7°. Ano	Unidade 1: Verso e prosa	Unidade 2: Relato e memória	Unidade 3: Relato jornalístico	Unidade 4: Ideias e opiniões
Capítulo 1	Poema			
Capítulo 2	Conto			
Capítulo		Relato e biografia		

3				
Capítulo 4		Relato de experiências		
Capítulo 5			Notícia	
Capítulo 6			Reportagem	
Capítulo 7				Crônica com diálogo argumentativo
Capítulo 8				Artigo de opinião

Fonte: Autora

Tabela 7 – *Projeto Teláris: Português* (2012), livro do 8º. ano

8º. Ano	Unidade 1: Histórias em foco: mito e romance	Unidade 2: Expor e organizar o conhecimento	Unidade 3: Persuadir... Convencer	Unidade 4: Ler, cantar, representar
Capítulo 1	Narrativa mítica			
Capítulo 2	Romance			
Capítulo 3		Texto expositivo e algumas formas de organizar a informação		
Capítulo 4		Texto de divulgação científica		
Capítulo 5			Texto de opinião	
Capítulo 6			Publicidade, uma forma de persuadir	
Capítulo 7				Texto teatral
Capítulo 8				Letra de canção

Fonte: Autora

Tabela 8 – *Projeto Teláris: Português* (2012), livro do 9º. ano

9º. Ano	Unidade 1: Prosa e verso na era da informação	Unidade 2: A atemporal arte de narrar	Unidade 3: Opinar, argumentar, defender ideias	Unidade 4: Defender ideias, argumentar, opinar
Capítulo 1	Poemas e formas de linguagem			

Capítulo 2	Contos com linguagem breve em tempos de comunicação rápida			
Capítulo 3		Conto		
Capítulo 4		Romance		
Capítulo 5			Entrevista jornalística	
Capítulo 6			Editorial	
Capítulo 7				Artigo de opinião
Capítulo 8				Manifesto

Fonte: Autora

A coleção de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) se caracteriza pela variedade de gêneros textuais, pelas ilustrações, pelos textos informativos, incluindo dados biográficos sobre os autores dos textos apresentados na coleção. No final de cada unidade, há indicações de livros, CDs, filmes e páginas virtuais, a fim de enriquecer as leituras dos alunos. Nessa coleção, predominam as tiras, os poemas e as letras de música, inclusive músicas regionais nordestinas, como *O casamento da rosa*, de Luiz Gonzaga (livro do 6º. ano, p. 29), *Sabiá*, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas (livro do 6º. ano, p. 82), *Festa da Natureza*, de Patativa do Assaré e Gereba, gravada por Fagner (livro do 7º. ano, p. 59), *Açum-preto*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (livro do 7º. ano, p. 89), *Tenho sede*, de Dominginhos (livro do 8º. ano, p. 138).

O segundo capítulo do livro do 6º. ano, intitulado “Conto popular em verso e conto popular em prosa”, apresenta algumas referências à literatura de cordel. No início do capítulo, as autoras definem os textos de cordel como narrativas em versos constituídas de “frases curtas, ritmo, combinações de sons e muita expressividade” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 44). Segundo as autoras, essas características aproximam essas narrativas da poesia.

As narrativas em versos são exemplificadas por duas estrofes de um poema de cordel do cearense Expedito Sebastião da Silva, tematizando as proezas de Pedro Malasartes:

lidas em todas as partes foi cheio de diabruras
talvez não haja nenhuma devido a isso tornou-se
jocosa e cheia de artes campeão das travessuras
que chegue a se comparar foi um ente absoluto
à de Pedro Malasartes. entre todas criaturas.
Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 44

Na sequência, há um quadro explicativo sobre o lendário personagem da literatura popular:

Pedro Malasartes é uma personagem popular criada na cultura dos povos da península ibérica – Portugal e Espanha. É uma personagem aventureira, cínica e esperta que, em geral, engana pessoas ricas, avarentas, orgulhosas e tolas, exploradoras dos mais fracos. Suas façanhas contra os poderosos são sempre engraçadas e acabam despertando a simpatia popular.

Em Portugal, a personagem é conhecida como Pedro Urdemales. No Brasil, aparece com o nome de Pedro Malasartes. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 44)

A fim de desenvolver a leitura, a interpretação e subsidiar o estudo das variedades linguísticas, apresenta-se, nas páginas 45 e 46, um texto em versos que conta igualmente uma proeza de Pedro Malasartes, da autoria de Pedro Bandeira. Devido à extensão do texto apresentado, transcrevem-se abaixo as quatro últimas estrofes reproduzidas na página 46:

A bendita da panela, Malasartes foi embora
com qualquer caldinho ralo, feliz com a esparrela
a enganar toda a gente e deixou o Zé Trabuco
haveria de ajudá-lo a sorrir para a panela

– Mas é claro que eu aceito! O idiota do Trabuco,
Leve logo tudo embora. muito tempo ele esperou,
Eu só quero essa panela mas dali para diante,
para mim sem mais demora! a panela só esfriou!

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 46⁵

Após seis questões de interpretação (na página 47), das quais se transcrevem a terceira e a quarta, mencionam-se as variedades linguísticas regionais, de grupos sociais, de idade, de gênero; e definem-se as variedades formal “chamada variedade-padrão, utilizada de acordo com as regras da gramática normativa” e informal “utilizada em roda de amigos, entre familiares e em situações em que a linguagem não precisa seguir regras rígidas da linguagem considerada padrão” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 47-48).

⁵ As autoras obtiveram o texto em BANDEIRA, Pedro. *Malasaventuras: safadezas de Malasartes*. São Paulo: Moderna, 2003.

3. Pedro Malasartes resolveu fazer uma trapaça com Zé Trabuço. Copie no caderno a alternativa que indica o motivo da trapaça:

Pedro tinha sido enganado.

Pedro queria vender uma panela mágica.

Pedro atendeu ao pedido de ajuda dos tropeiros.

4. Releia:

“Quando ouviu tropel de mulas,

Pedro o plano começou.”

Explique o plano de Malasartes. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 47)

Com base no texto de Bandeira, faz-se um estudo da variedade informal, com ênfase no uso de diminutivos (*comprinha, panelinha, quentinha, caldinho, joguinho*), no uso de palavras e expressões próprias da linguagem popular (*safado, debochado, meu compadre*) e de reduções de palavras (*pra*).

Transcreve-se abaixo a atividade 1, que trata do emprego do diminutivo.

Observe algumas palavras do conto usadas com a terminação –inho/ –inha:

“fazer uma **comprinha**”; “foi provar da **panelinha**”; “estava bem **quentinha**”; “qualquer **caldinho** ralo”.

Essas palavras estão na forma do **diminutivo**. Das palavras no diminutivo destacadas, escreva no caderno:

as que estão ligadas à ideia de carinho, afeto, valorização;

as que estão ligadas à ideia de pouco-caso, desprezo. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 48)

Na primeira seção “Prática de oralidade”, as autoras ressaltam “o ritmo próximo da música e apoiado em rimas das narrativas populares em versos” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 50) e salientam a importância do gênero discursivo *literatura de cordel* no contexto cultural nordestino e brasileiro. Em um quadro de destaque, define-se literatura de cordel como “narrativas populares típicas do Nordeste, geralmente impressas em papel-jornal, reunidas em pequenos cadernos e colocadas à venda penduradas em barbante (cordel) nas feiras e nos mercados” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 50).

Nessa seção, propõe-se a leitura em voz alta de quatro estrofes do poema de Pedro Bandeira, com atenção ao ritmo e às rimas e a mesma tarefa é proposta em relação a três estrofes do texto *Zé Matraca, o valentão de Palmares*, do cordelista João José da Silva (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, p. 50-51).

Apresentam-se ainda nesse capítulo contos oriundos de tradições populares, poemas narrativos, anúncios publicitários e textos de placas de aviso. Interessa a este trabalho destacar a segunda seção de “Prática de oralidade”, na qual se propõe um debate sobre o

comportamento trapaceiro de Pedro Malasartes (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 55) e a seção “Outras linguagens”, onde se abordam as xilogravuras de cordel. Apresenta-se a capa do folheto *Zé Matraca, o valentão de Palmares*, seguida de perguntas que norteiam a compreensão dos signos verbais e da ilustração. Em seguida, há explicações sobre a produção das capas dos folhetos “feitas de papel barato”, “por gravadores populares” e suas ilustrações “simples e de fácil reprodução”, as xilogravuras “gravadas em madeira” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 56).

Figura 4 – Capa do folheto *Zé Matraca, o valentão de Palmares*



Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 56

Na página 58 do livro, há fotografias do cordelista e xilogravador J. Borges produzindo suas ilustrações e a imagem de uma ilustração de sua autoria: *A moça que virou cobra*, reproduzida a seguir:

Figura 5 – J. Borges: *A moça que virou cobra*



Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 58

Na página dedicada a indicar livros, filmes, CDs e *sites* (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 67), sugerem-se leituras de narrativas populares em verso e em prosa: *Treze casos de viola e violeiros: do baú do mestre Quilim da Braúna*, de Fábio Sombra e *Histórias à brasileira*, de Ana Maria Machado; um filme que destaca um personagem caracterizado por contar histórias fantasiosas: *Peixe grande e suas histórias maravilhosas*; um CD com músicas de base narrativa: *Vai ouvindo*, de Paulo Freire Trio e o acesso ao *site* da ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Nas páginas 68 e 69, propõe-se a pesquisa e o registro de um conto da tradição oral, permitindo que o aluno escolha se o texto será redigido em prosa ou em verso.

No primeiro capítulo do livro do 7º. ano, intitulado “Poema”, há uma breve referência à poesia de cordel na página 36, ressaltando-se a influência dos cantares portugueses na poesia popular nordestina dos folhetos. A poesia de cordel é definida em um vocabulário destacado à esquerda como:

Literatura popular, escrita em versos, que narra histórias de heróis, de animais misteriosos, de valentias de personagens reais, fatos acontecidos... É publicada em folhetos impressos, que ficam expostos pendurados em cordéis. Daí seu nome. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 36)

No mesmo capítulo, na seção “Outro texto do mesmo gênero”, ou seja, representando o gênero poema, há disponível para leitura um texto de Patativa do Assaré, autor de poemas populares, inclusive cordéis. O poema *A realidade da vida*, que apresenta uma reflexão sobre a existência humana e suas dificuldades, ocupa quatro páginas do livro e é seguido de uma breve biografia de Patativa. Transcrevem-se a seguir duas estrofes do poema de Patativa.

Rico, orgulhoso, profano, reflita no bem comum.	Pra que a vaidade o orgulho? Pra que tanta confusão,
Veja os direitos humano, as razão de cada um.	guerra, questão e barulho dos irmão contra os irmão?
Da nossa vida terrena, dessa vida tão pequena,	Pra que tanto preconceito? Vivê assim desse jeito,
a beleza não destrua.	esta existência é perdida.
O direito do trapeiro que apanha os trapos na rua.	Vou um exemplo contá e nestes verso mostra a realidade da vida.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 45

Note-se, no poema de Patativa, a reprodução das marcas de oralidade, como a supressão do /r/ do infinitivo e os desvios de concordância. A respeito da vida e obra desse poeta, o estudo de Carvalho (2011) esclarece que Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, deficiente visual e “com poucos meses de escola formal” (CARVALHO, 2011, p. 7), registrava seus versos com dificuldade. Segundo o pesquisador:

Ele (Patativa do Assaré) nunca teria burilado um verso, como os poetas de bancada, na busca pela palavra exata, da rima rica ou da cadência melódica porque isso era feito mentalmente, antes do poema ganhar forma por meio da escrita. Algumas vezes foi ele quem escreveu ou passou o verso a limpo, à noite, à luz bruxuleante da lamparina cheia de querosene. Outras vezes, eram outros que transcreviam seus poemas, o que acarretou uma série de complicações que só uma revisão crítica tratará de corrigir e estabelecer uma versão final. (CARVALHO, 2011, p. 32)

Retomando a análise do livro didático do 7º. ano da coleção *Teláris*, encontram-se ainda estrofes do poema *Aos poetas clássicos*, de Patativa do Assaré, em um suplemento denominado “Projeto de Leitura”, que vem ao final do livro. Eis uma das estrofes apresentadas:

Depois que os dois livro eu li,
Fiquei me sintindo bem,
E ôtras coisinha aprendi
Sem tê lição de ninguém.
Na minha pobre language,
A minha lira servage
Canto o que minha arma sente
E o meu coração incerra,
As coisa de minha terra
E a vida de minha gente.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 307

Não há referência à literatura de cordel no livro do 8º. ano. No livro do 9º. ano, na página 225, há um trecho de um poema de Patativa do Assaré, *Vaca Estrela e Boi Fubá*, para exemplificar a concordância (verbal e nominal) diferenciada que caracteriza a linguagem regional. Nas palavras das autoras:

Além de expressões e marcas de pronúncias típicas de grupos e falantes de algumas regiões do Brasil, observe como é feita a concordância entre os termos nessa linguagem mais informal, mais popular e regional. Isso caracteriza a obra, dando-lhe destaque. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 225)

Abaixo, seguem quatro versos do poema apresentado:

Quando eu vejo em minha frente uma boiada passar,
As água corre dos olho (grifo das autoras), começo logo a chorá
 Lembro a minha Vaca Estrela e o meu lindo Boi Fubá
 Com saudade do Nordeste, dá vontade de aboiar
 (Apud BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 225)

Conforme exposto, Patativa do Assaré não é propriamente um cordelista ou poeta de bancada, senão um poeta popular que criou também alguns poemas de cordel. Visto que Patativa participou desse universo da literatura de cordel e das manifestações irmãs da literatura popular, cabe destacar o registro de sua obra nos livros didáticos de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012).

Não obstante a classificação diferenciada dos textos de cordel nos livros do 6º. ano, no qual esses textos são considerados como contos populares em verso, e do 7º. ano, em que as produções de cordel são classificadas como poemas, e o fato de os poemas de cordel não serem mais bem explorados no que diz respeito aos recursos linguísticos, a coleção de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) contribui para a valorização da literatura de cordel e dos poetas cordelistas. Sobretudo nos livros do 6º. e 7º. anos, constata-se várias referências aos poemas populares dos folhetos nordestinos e a alguns de seus artistas, acompanhadas de ilustrações e explicações.

A apreciação dos livros didáticos do *Projeto Teláris* evidencia uma preocupação das autoras com o reconhecimento do valor histórico e linguístico da literatura de cordel e comprova a necessidade de adequações para as quais o presente estudo pretende contribuir.

2.3 Perspectiva Língua Portuguesa, de Discini e Teixeira (2012)

Figura 6 – Coleção *Perspectiva Língua Portuguesa*, de Discini e Teixeira (2012)



Fonte: http://www.pluricom.com.br/clientes/editora-do-brasil-1/2013/07/Capas_PerspectivaLnguaPortuguesa_Web.jpg/image_view_fullscreen
Acesso em 24 mar. 2017.

Os volumes de autoria de Discini e Teixeira (2012) são organizados em quatro unidades, segundo o conteúdo a ser trabalhado no estudo da língua. Cada unidade apresenta duas lições centradas em temas, conforme as tabelas abaixo:

Tabela 9 – *Perspectiva língua portuguesa* (2012), livro do 6º. ano

6º. Ano	Unidade 1: Texto e gênero	Unidade 2: Vozes do texto	Unidade 3: Tempo e espaço	Unidade 4: Argumentação
Lição 1	Família			
Lição 2	Bichos			
Lição 3		Lembranças		
Lição 4		Sonhos e emoções		
Lição 5			Cidades	
Lição 6			Diferenças	
Lição 7				Comunicação
Lição 8				Trabalho

Fonte: Autora

Tabela 10 – *Perspectiva língua portuguesa* (2012), livro do 7º. ano

7º. Ano	Unidade 1: Funções da linguagem	Unidade 2: Vozes e pontos de vista	Unidade 3: Descrição, narração, dissertação	Unidade 4: As várias leituras de um texto
Lição 1	Natureza			
Lição 2	Tecnologia			
Lição 3		Sala de aula		
Lição 4		Cultura popular brasileira		
Lição 5			Dança	
Lição 6			Encontros e desencontros	
Lição 7				Terra
Lição 8				Arte e vida social

Fonte: Autora

Tabela 11 – *Perspectiva língua portuguesa* (2012), livro do 8º. ano

8º. Ano	Unidade 1: Variação linguística	Unidade 2: Argumentação	Unidade 3: Textos sincréticos	Unidade 4: Texto e discurso
Lição 1	Romeus e Julietas			
Lição 2	Adolescentes			
Lição 3		Povos da floresta		
Lição 4		Aventuras na terra, na água, no ar		
Lição 5			No escurinho do cinema	
Lição 6			Terror e suspense	
Lição 7				Modas e modos
Lição 8				Mistérios do espaço

Fonte: Autora

Tabela 12 – *Perspectiva língua portuguesa* (2012), livro do 9º. ano

9o. Ano	Unidade 1: Estilo	Unidade 2: A imagem do leitor	Unidade 3: Prosa e poesia	Unidade 4: Intertextualidade
Lição 1	Autorretrato			
Lição 2	Amor			
Lição 3		Querido diário		
Lição 4		Rádio e televisão		
Lição 5			Coisas	
Lição 6			Costumes	
Lição 7				Minha pátria é minha língua
Lição 8				Publicidade

Fonte: Autora

Os livros da coleção *Perspectiva língua portuguesa* (2012) exibem textos de variados gêneros (com predominância dos poemas, completos ou em fragmentos), muitas ilustrações, bastantes textos explicativos e dados biográficos dos autores cujas obras são apresentadas. Percebe-se na coleção de Discini e Teixeira (2012) o investimento no estudo e produção de gêneros textuais não só escritos, mas também orais, como o debate e o seminário. As autoras empregam, ao lado da linguagem verbal, a linguagem não verbal, com destaque para a pintura. Há, na coleção, seções em que se indicam leituras complementares, filmes, CDs e páginas virtuais, a fim de enriquecer os conhecimentos dos estudantes. Destaca-se também a preocupação das autoras com o debate de temas socialmente relevantes, como o papel da mulher na sociedade, as desigualdades sociais, a etnia.

No volume do sexto ano, não há referência à literatura de cordel. O que há de mais aproximado da literatura dos folhetos populares é um excerto da letra da música *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, na página 306, seguido de uma atividade sobre variação linguística regional no tocante ao aspecto fonológico. Essa atividade é a seguinte:

1. Examine as variações na canção popular.
 - a) Destaque os casos de ocorrência da variação do *lh* para *i*, nesses versos de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga.

b) Indique a regra que comanda essa variação.

Para isso, responda:

O *lh* que se transforma em *i* está:

- entre vogais;
- no início das palavras;
- entre uma vogal e uma consoante.

c) Comente:

- a cena narrada em *Asa Branca* (o espaço – rural ou urbano; os tipos das personagens);
- a legitimidade concedida à cena narrada, por meio do uso da variação linguística. (DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 306)

No volume do sétimo ano, destaca-se a quarta lição, intitulada “Cultura popular brasileira”. Ao lado das manifestações da cultura popular e gêneros textuais associados, como congada, contação de causos, excelência de enterro, adivinhas, canções populares, encontra-se a literatura de cordel.

Na página 130 do livro do sétimo ano, apresenta-se um fragmento do cordel *A morte dos doze pares de França*, de Marco Sampaio, do qual se transcrevem duas estrofes:

<p>O exército de Carlos Magno sabendo do acontecimento chorava como criança e com puro sentimento se puseram no caminho com um profundo lamento.</p>	<p>Carlos Magno foi o primeiro que chegou onde ele estava, vendo ali morto Roldão em soluços de afogava e prostrando-se por terra, como que se desmaiava.</p>
--	---

Fonte: SAMPAIO, Marco. *A morte dos doze pares de França*. Apud DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 130

As autoras estabelecem um diálogo entre o cordel apresentado e a congada, manifestação em que Carlos Magno, antigo imperador dos francos, constitui a personagem principal. As autoras citam um comentário de Alceu Maynard Araújo sobre a figura de Carlos Magno na literatura de cordel:

A literatura de cordel nordestina como vemos nesta pequena amostra, é em verso tão somente, uma prova da vivência do ciclo carolíngio (de louvor a Carlos Magno) a se estender em pleno século XX nas terras cálidas do Nordeste brasileiro. (ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore nacional: festas, bailados, mitos, lendas*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967, p. 224. Apud DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 130)

Na página seguinte, as autoras reproduzem apenas como ilustração, a página 50 do livro *O cordel televisivo*, de Franklin Maxado (1984), em que se vê, no alto da página, o título “Intrujão”, uma xilogravura (assinada por Daisy), que representa um homem perseguindo

outro e duas estrofes de cordel da autoria de Raimundo Santa Helena.

Na página 143, inicia-se uma seção dedicada ao estudo do gênero textual *cordel* e suas características. Apresentam-se a capa e um fragmento do cordel *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco da Rocha, reproduzido a seguir:

Um cabra de Lampião	E foi quem trouxe a notícia
Por nome Pilão-Deitado	Que viu Lampião chegar.
Que morreu numa trincheira	O Inferno, nesse dia,
Um certo tempo passado,	Faltou pouco pra virar –
Agora pelo sertão	Incendiou-se o mercado,
Anda correndo visão	Morreu tanto cão queimado
Fazendo mal-assombrado	Que faz pena até contar!

Fonte: *A chegada de Lampião no inferno*.⁶ Apud DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 143

Ainda na página 143, há um quadro explicativo que esclarece o que é literatura de cordel, no qual se reconhecem algumas características importantes dessa manifestação da literatura popular: a origem na oralidade, a narrativa, o consumo coletivo, a relação com o Nordeste do Brasil:

Chama-se cordel:

- narrativa dada oralmente nas suas origens, as quais remontam às tradições medievais;
- texto narrativo, costumeiramente versejado, impresso em folheto e pendurado em cordel, ou barbante, para a comercialização;
- literatura popular que, ao ser divulgada em folhetos impressos, costuma ter trechos de histórias contados oralmente para grupos de ouvintes;
- narrativa ficcional ligada principalmente à região Nordeste do país. (DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 143)

Na página 144, apresentam-se atividades sobre “a organização textual” e “vozes e pontos de vista”. Transcreve-se abaixo a atividade 1 relativa a vozes e pontos de vista:

1. Reconheça, pelo modo de dizer, a(s) alternativa(s) que remete(m) ao tom de voz do sujeito enunciador do cordel sobre Lampião no inferno:
 - a) lamentativo pela morte de Lampião, o grande chefe do cangaço;
 - b) debochado diante da visão do inferno;
 - c) apavorado com as consequências da morte de um líder cangaceiro;
 - d) brincalhão e ao mesmo tempo atabalhoado no modo de relatar.
 Justifique sua resposta. (DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 144)

Nas páginas 145 (ilustrada com uma fotografia de Lampião e Maria Bonita), 146 e 147, há mais excertos do poema de José Pacheco da Rocha e atividades que visam à compreensão do texto; ao estudo da forma: métrica, rimas; ao reconhecimento dos efeitos de sentido decorrentes da elaboração textual; à identificação das crenças populares que o poema expressa. Reproduzem-se a seguir a questão 2 da página 146 e a questão 1 da página 147.

⁶ Gentilmente cedido às autoras pelo autor José Pacheco da Rocha.

2. Comente o efeito de sentido construído pelo uso:

- da mesma extensão métrica dos versos;
- de determinado esquema de rimas.

(DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 146)

1. Levante hipóteses sobre crenças populares do sertão, a partir da leitura desse desfecho do cordel.

(DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 147)

Na página 148, as autoras reproduziram duas estrofes do poema *Emigração e as consequências*, de Patativa do Assaré, acompanhadas de uma fotografia em que um homem caminha em solo seco. Transcreve-se abaixo a segunda estrofe apresentada:

Por força da natureza
Sou poeta nordestino
Porém só conto a pobreza
Do meu mundo pequenino
Eu não sei cantar as glórias
Nem também conto as vitórias
Do herói com seu brasão
Nem o mar com suas águas
Só sei contar minhas mágoas
E as mágoas do meu irmão

Fonte: Patativa do Assaré. *Emigração e as consequências*⁷. Apud DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 148

O poema de Patativa é apresentado em uma seção intitulada “O cordelista Patativa do Assaré”, a fim de enriquecer o conhecimento dos estudantes sobre cordel e promover a discussão sobre a construção do sentido a partir da elaboração do texto no plano da expressão, mecanismo explicado na página 149.

Retoma-se o poema de Patativa na página 150, em atividades que destacam aspectos de versificação e variação linguística. Para a elaboração da segunda atividade proposta, apresentam-se duas quadras de Patativa, que devem ser comparadas com as estrofes do poema *Emigração e as consequências*. As quadras citadas são as seguintes:

Cante lá que eu canto cá	Coisas do meu sertão
Cá no sertão eu infrento	Pois aqui vive o matuto
A fome, a dó e a misera.	De ferramenta na mão.
Pra sê poeta diversa	A sua comida é sempre
Precisa tê sofrimento.	Mio, farinha e feijão.

Fonte: Apud DISCINI; TEIXEIRA, 2012. p. 150

⁷ In: Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste. São Paulo: Hedra, 2000, p. 89-103.

A segunda questão da página 150 propõe uma comparação entre as estrofes do cordel *Emigração e as consequências* (p. 148) e as quadras, a fim de verificar a descaracterização da variante linguística regional nos versos do poema sobre emigração. A proposta da questão 2 está transcrita a seguir:

Compare o poema transcrito do cordel de Patativa do Assaré com estas quadras. As quadras, estrofes de quatro versos, são de autoria do próprio Patativa do Assaré.

- a) Examinem palavras e expressões que reproduzem modos próprios de dizer de uma variante linguística.
- b) No cordel “Emigração e as consequências” comente um processo de descaracterização de determinada variante linguística. Tome as quadras como referência. (DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 150)

Na página 151, continua o estudo do poema *Emigração e as consequências*. Mais duas estrofes do poema são apresentadas, seguidas de uma atividade que trabalha o plano do conteúdo, ou seja, a significação do sofrimento do nordestino na luta pela sobrevivência em um mundo desigual, mas sem deixar de lado a religiosidade, a fé, a esperança. A atividade proposta segue reproduzida abaixo:

Deduza e explique:

- um tema antecipado no título;
- o tom de voz do enunciador.

Para este último item, pense em: denúncia; revolta; inconformismo; cólera; vingança; frustração; resignação; esperança; certeza; hesitação; outros. Explique. (DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 151)

A partir da página 152, desenvolve-se a seção “Expressão escrita”, na qual se orienta a produção de um comentário crítico que verse sobre o tema 1: “O cordel: vozes e pontos de vista” ou o tema 2: “Direitos Humanos em textos de diferentes gêneros: o cordel e a Constituição brasileira”. Em relação ao primeiro tema, propõe-se uma comparação entre o cordel *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco da Rocha, e *Emigração e as consequências*, de Patativa do Assaré, com foco nos diversos pontos de vista que podem conduzir a enunciação na literatura de cordel, como a ironia e a denúncia. O segundo tema contempla uma reflexão a partir de um depoimento de Patativa do Assaré sobre sua relação com a poesia em cotejo com seu cordel *Emigração e as consequências* e um fragmento da Constituição da República Federativa do Brasil. Transcreve-se a seguir o depoimento de Patativa sobre sua relação com a poesia:

A poesia sempre foi e ainda está sendo a maior distração da minha vida. O meu fraco é fazer verso e recitar para os admiradores, porém nunca escrevo meus versos. Eu os componho na roça, ao manejar a ferramenta agrícola e os guardo na memória, por mais extenso que seja. (Patativa do Assaré⁸. *Apud* DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 153.)

O fragmento da Constituição segue reproduzido abaixo:

Constituição da República Federativa do Brasil

(Publicada no Diário Oficial da União no. 191–A, de 5 de outubro de 1988.)

Título II

DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS

Capítulo I

DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Artigo 5º. – Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (Constituição da República Federativa do Brasil⁹. *Apud* DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 153)

A fim de subsidiar a produção textual do tema 2, apresentam-se, em seguida, informações sobre os gêneros textuais e as esferas em que circulam. O cordel é apresentado, pelas autoras, como exemplo da literatura oral que participa dos “gêneros textuais/discursivos da esfera artístico-cultural”, ao lado de manifestações como escultura, pintura, fotografia, advinha, provérbio, música. Vale ressaltar que, nesse estudo, gêneros como conto de amor, conto de enigma e de aventura, conto de fadas, romance, poema e letra de canção são considerados “gêneros textuais/discursivos da esfera literária” (DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 155).

Cabe questionar por que os poemas de cordel não participam da esfera literária ao lado dos contos, dos poemas, e das letras de música, visto que a origem na oralidade pode caracterizar igualmente os contos, por exemplo, entre outros gêneros textuais. Todavia, as autoras esclarecem que os gêneros textuais “não constituem uma lista finita e sim uma lista aberta” e que os gêneros “podem circular em mais de uma esfera”, como a carta, que pode pertencer às esferas jornalística e cotidiana (DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 155).

⁸ Texto obtido em *In: Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste*. São Paulo: Hedra, 2000, p. 16. (Coleção Biblioteca de Cordel).

⁹ As autoras utilizaram a *Constituição da República Federativa do Brasil* 29. ed., atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 5.

A proposta de redação oferecida pelas autoras consiste na produção de um comentário crítico em que sejam comparados os textos apresentados de acordo com o tema. Em relação ao segundo tema, por exemplo, o objetivo é discutir o tema do respeito aos Direitos Humanos com base na leitura do cordel de Patativa do Assaré, de seu depoimento sobre sua relação com a poesia e do fragmento da Constituição.

Na quarta lição da Unidade 2, há ainda estudos sobre o Português do Brasil em cotejo com o Português de Portugal, quanto a ortografia e sintaxe.

Nos livros do 8º. e 9º. ano da coleção *Perspectiva língua portuguesa* (2012) não foram encontradas referências à literatura de cordel.

A coleção *Perspectiva língua portuguesa* (2012) apresenta, no livro do 7º. ano, referências à literatura de cordel e atividades que abordam, sobretudo, a produção do significado por meio da elaboração expressiva, a possível relação dos cordéis abordados com outros textos e o contexto sociocultural em que são produzidos os folhetos nordestinos. Discini e Teixeira (2012) selecionaram textos dos poetas Marco Sampaio, José Pacheco da Rocha e Patativa do Assaré para promover o conhecimento da literatura de cordel e o estudo da língua. Outrossim, a coleção *Perspectiva língua portuguesa* contribui de maneira significativa para o conhecimento e valorização da literatura de cordel nas aulas de língua materna.

2.4 – Para viver juntos: português, de Costa, Marchetti e Soares (2012)

Figura 7 – Coleção *Para viver juntos: português*, de Costa, Marchetti e Soares (2012)



Fonte: Fotografias das capas dos livros da coleção *Para viver juntos: português* (2012)

Os livros dessa coleção são organizados em nove capítulos, divididos em duas leituras.

Dos nove capítulos, oito são centrados em gêneros textuais e o último é composto por uma revisão dos conteúdos. Na tabela a seguir, apresentam-se os capítulos organizados segundo a distribuição nos livros em foco.

Tabela 13 – *Para viver juntos: português* (2012), livro do 6º. ano

6º. Ano	Gênero textual	Leitura 1	Leitura 2
Capítulo 1	Romance de aventura	<i>Robinson Crusoe</i> , de Daniel Defoe	<i>A criatura</i> , de Laura Bergallo
Capítulo 2	Conto popular	<i>O marido da Mãe d'Água</i> , de Luís da Câmara Cascudo	<i>A moça que pegou a serpente</i> , de Yves Pinguilly
Capítulo 3	História em quadrinhos	<i>Zé Pequeno Voluntário</i> , de Antonio Luiz Ramos Cedraz	<i>A estrela misteriosa</i> , de Hergé
Capítulo 4	Notícia	<i>Biogás substitui lenha no Sertão</i> , de Verônica Falcão	<i>Grande concentração de urubus e de andorinhas compromete energia em Parintins</i> , de Elaíze Farias
Capítulo 5	Relato de viagem e diário de viagem	<i>Partir e Uma foca solitária</i> , de Amyr Klink	<i>Projeto Expedição Estrada Real I</i> , de Guilherme Chaves Correa de Figueiredo
Capítulo 6	Poema	<i>O menino que carregava água na peneira</i> , de Manoel de Barros	<i>Ritmo</i> , de Mario Quintana
Capítulo 7	Artigo expositivo de livro paradidático e artigo de divulgação científica	<i>As runas</i> , de Ricardo da Costa, Tatyana Nunes Lemos e Orlando Paes Filho	<i>O paradoxo de Fermi (ou Onde estão os extraterrestres?)</i> , de Marcelo Gleiser
Capítulo 8	Entrevista	<i>Entrevista com Fernanda Takai (Pato Fu)</i> , de André Azenha	Entrevista com Carlos Saldanha: <i>A produção brasileira é pouco conhecida lá fora</i> , de Catarina Cicarelli
Capítulo 9	Revisão	<i>Piratas sem piedade...</i> , de Suely Mendes Brazão	<i>Expedição crê ter achado tesouro em ilha chilena</i>

Fonte: Autora

Tabela 14 – *Para viver juntos: português* (2012), livro do 7º. ano

7º. Ano	Gênero textual	Leitura 1	Leitura 2
Capítulo 1	Conto	<i>Não chore, papai</i> , de Sérgio Faraco	<i>Um peixe</i> , de Luiz Vilela
Capítulo 2	Mito e lenda	<i>Prometeu</i> , de Bernard Evslin	<i>Um impossível amor: as cataratas do Iguaçu</i> , de Leonardo Boff
Capítulo 3	Crônica	<i>O médico e o monstro</i> , de	<i>O verbo for</i> , de João Ubaldo

		Paulo Mendes Campos	Ribeiro
Capítulo 4	Reportagem	<i>Amiguinhos da onça</i> , de Antônio Góis, Fernanda Menal e Guilherme Werneck	<i>Imersos na tecnologia – e mais espertos</i> , de Okky de Souza e Rosana Zakabi
Capítulo 5	Artigo de divulgação científica e artigo expositivo de livro didático	<i>Bichos asquerosos? Para a ciência, nem tanto...</i> , de E.C.	<i>A República oligárquica</i> , de Raquel dos Santos Funari e Mônica Lungov Bugelli
Capítulo 6	Poema	<i>Convite</i> , de José Paulo Paes e <i>Lagoa</i> , de Carlos Drummond de Andrade	<i>Eu</i> , de Carmen Salazar e <i>a primavera...</i> , de Sérgio Capparelli
Capítulo 7	Carta do leitor e carta de reclamação	<i>Desabafo: solte o verbo</i>	<i>Bom dia, caros senhores</i> , de D.G.
Capítulo 8	Artigo de opinião	<i>O aproveitamento e a reciclagem do lixo</i> , de José Eustáquio Diniz Alves	<i>Usar água, sim; desperdiçar, nunca</i> , de Antônio Ermírio de Moraes
Capítulo 9	Revisão	<i>Nossos netos não vão comer pastel!</i> , de Jô Hallack, Nina Lemos e Raq Affonso	<i>Consumismo</i> , de Anna Veronica Mautner

Fonte: Autora

Tabela 15 – *Para viver juntos: português* (2012), livro do 8º. ano

8º. Ano	Gênero textual	Leitura 1	Leitura 2
Capítulo 1	Conto de enigma e conto de terror	<i>A faixa manchada</i> , de Arthur Conan Doyle	<i>O retrato oval</i> , de Edgar Allan Poe
Capítulo 2	Romance de ficção científica e conto fantástico	<i>Admirável mundo novo</i> , de Aldous Huxley	<i>A caçada</i> , de Lygia Fagundes Telles
Capítulo 3	Diário íntimo e diário virtual	<i>O diário de Zlata</i> , de Zlata Filipović	<i>Blog do Fininho</i> , de Fernando Meligeni
Capítulo 4	Verbetes de enciclopédia e artigo de divulgação científica	<i>Regiões polares, monotonía em branco</i>	<i>A casa de cada um</i> , de Juliana Braga
Capítulo 5	Texto dramático	<i>O pagador de promessas</i> , de Dias Gomes	<i>A aurora da minha vida</i> , de Naum Alves de Souza
Capítulo 6	Poema	<i>A rosa de Hiroxima</i> , de Vinicius de Moraes	<i>Poema de circunstância</i> , de Mario Quintana
Capítulo 7	Artigo de opinião	<i>Uma coisa grande mesmo</i> , de Ricardo Guimarães	<i>A sustentabilidade pessoal</i> , de Eugenio Mussak
Capítulo 8	Carta do leitor e debate	<i>Vetada na UE, cobaia é usada no Brasil</i> , de Eduardo Geraque;	<i>Programa USP Debate</i>

		<i>Pesquisa com animais</i> , de D. B. P. C.	
Capítulo 9	Revisão	<i>Para onde estamos fugindo?</i> , de Leonardo Boff	<i>O bicho</i> , de Manuel Bandeira

Fonte: Autora

Tabela 16 – *Para viver juntos: português* (2012), livro do 9º. ano

9º. Ano	Gênero textual	Leitura 1	Leitura 2
Capítulo 1	Conto psicológico	<i>Restos de carnaval</i> , de Clarice Lispector	<i>Eu estava ali deitado</i> , de Luiz Vilela
Capítulo 2	Conto social e conto de amor	<i>Trabalhadores do Brasil</i> , de Wander Piroli	<i>Com certeza, tenho amor</i> , de Marina Colasanti
Capítulo 3	Crônica esportiva e reportagem	<i>Ame a sua Seleção</i> , de Clara Albuquerque	<i>Mundial pode fazer bem</i> , de Ubiratan Leal
Capítulo 4	Artigo de divulgação científica e verbete de enciclopédia	<i>Arraias são animais perigosos?</i> , de Luís Indriunas	<i>Papel</i> , Enciclopédia da ciência
Capítulo 5	Texto dramático e roteiro	<i>O judas em sábado de aleluia</i> , de Martins Pena	<i>Meu tio matou um cara</i> , de Jorge Furtado
Capítulo 6	Artigo de opinião	<i>É a economia que deve se adaptar à sustentabilidade, não o contrário</i> , de Backer Ribeiro Fernandes	<i>A mulher e a água</i> , de Ricardo Braga
Capítulo 7	Resenha crítica	<i>Quiroga escreve para crianças de forma inusitada</i> , de Michel Laub	<i>A sustentabilidade pessoal</i> , de Eugenio Mussak
Capítulo 8	Anúncio publicitário e anúncio de propaganda	<i>Confie na opinião de quem tem duas vezes mais pés do que você</i>	<i>Doe montanhas</i>
Capítulo 9	Revisão	<i>Muribeca</i> , de Marcelino Freire	<i>Alguma dúvida de que as mudanças climáticas já estão afetando sua vida?</i>

Fonte: Autora

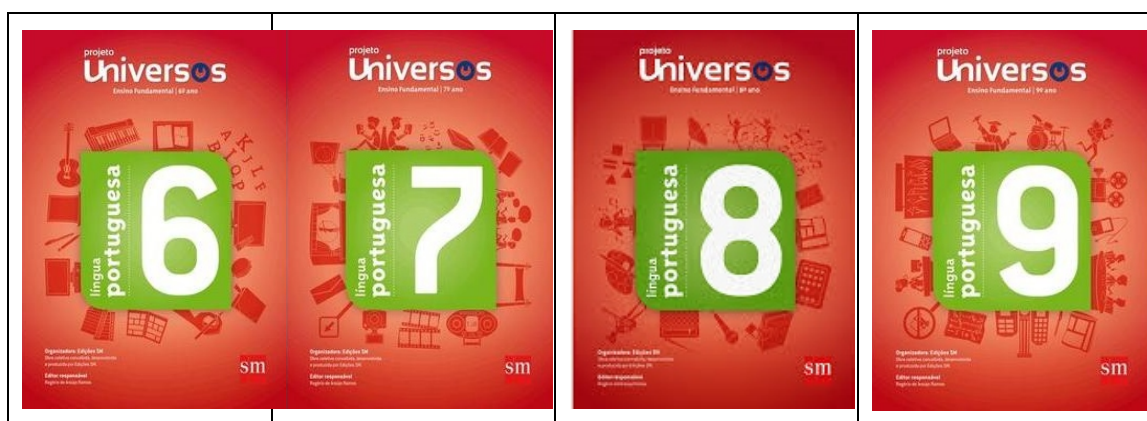
A coleção *Para viver juntos: português* apresenta diversidade de gêneros textuais, com predomínio de tiras, poemas, letras de música, notícias. Os livros contam com bastantes ilustrações e, no que diz respeito à linguagem não verbal, recorre-se com mais frequência à fotografia como auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da língua. Há atividades de compreensão de texto, reflexões linguísticas, gramática e propostas de produção textual escritas e orais. Os capítulos apresentam uma seção em que se sugerem livros, filmes, revistas e sites, a fim de ampliar os conhecimentos dos estudantes.

Na tabela apresentada, percebe-se que alguns gêneros aparecem repetidamente como tema de capítulo, o gênero *poema*, por exemplo, consta no sexto capítulo dos livros do sexto, sétimo e oitavo anos. O *artigo de divulgação científica* se repete no capítulo 7 do livro do sexto ano, no capítulo 5 do livro do sétimo ano, no capítulo 4 do livro do oitavo ano e no capítulo 4 do livro do nono ano. O *artigo de opinião* caracteriza o capítulo 8 do livro do sétimo ano, o capítulo 7 do livro do oitavo ano e o capítulo 6 do livro do nono ano. O gênero *reportagem* é tema do capítulo 4 do livro do sétimo ano e do capítulo 3 do livro do nono ano. O *verbete de enciclopédia* aparece no quarto capítulo dos livros do oitavo e nono anos. A *carta do leitor* é o gênero trabalhado no capítulo 7 do livro do sétimo ano e no capítulo 8 do livro do oitavo ano. O *texto dramático* é discutido no quinto capítulo dos livros do oitavo e nono anos. Com base nessa constatação, questiona-se a repetição dos gêneros textuais como tema de capítulo, haja vista a omissão de outros gêneros textuais que poderiam ter sido contemplados.

No que diz respeito à literatura de cordel, a coleção analisada não apresenta nenhuma referência em qualquer de seus livros. O que há de mais próximo à literatura de cordel encontra-se no segundo capítulo do livro dedicado ao sexto ano: “Conto popular”. Nesse capítulo, além dos contos, há letras de música popular, inclusive um fragmento de *Vaca Estrela e Boi Fubá*, composta por Patativa do Assaré, reconhecido poeta popular e cordelista (COSTA; MARCHETTI; SOARES, 2012, p. 61).

2.5 *Universos: língua portuguesa, obra coletiva, editada por Ramos (2012)*

Figura 8 – Coleção *Universos: língua portuguesa*, editada por Ramos (2012)



Fonte: Fotografias das capas dos livros da coleção *Universos: língua portuguesa* (2012)

A coleção *Universos: língua portuguesa*, da autoria de Camila Sequetto Pereira, Fernanda Pinheiro Barros, Luciana Mariz e editada por Rogério de Araújo Ramos (2012), é organizada em unidades. Cada livro apresenta quatro unidades divididas em três capítulos cada uma, totalizando doze capítulos centrados em gêneros textuais. Após o último capítulo de cada livro, há um projeto anual de leitura de romance e um material extra para subsidiar o estudo da gramática. Assim como as outras coleções, apresenta textos informativos, dados biográficos dos autores cujos textos são trabalhados, bastantes ilustrações, sugestões de livros, filmes, *sites*, CDs, a fim de ampliar os saberes dos alunos e associar os conhecimentos linguísticos ao conhecimento de mundo.

Há diversidade de gêneros textuais, incluindo gêneros orais, nos livros da coleção, para fomentar o estudo da língua. A distribuição dos gêneros apresentados é equilibrada, com predomínio de tiras, reportagens e notícias. No que diz respeito à articulação da linguagem verbal com a linguagem não verbal, nota-se o predomínio da fotografia.

As tabelas a seguir apresentam a organização das unidades e capítulos dos livros em análise.

Tabela 17 – *Universos: língua portuguesa* (2012), livro do 6º. ano

6º. ano	Unidade 1 – A cultura nossa de cada dia	Unidade 2 – Por um meio ambiente por inteiro	Unidade 3 – Olhos e ouvidos na telona	Unidade 4 – É campeão!
Capítulo 1	No começo havia.../Lenda e mito			
Capítulo 2	Encatadores de gente/Cantiga popular			
Capítulo 3	Poemas ao vento/Cordel			
Capítulo 4		Aconteceu, virou manchete/Notícia		
Capítulo 5		É preciso ter opinião/Artigo de opinião		
Capítulo 6		Vendedores de ideias/Cartaz de propaganda		
Capítulo 7			Luz, câmera, ação!/Texto enciclopédico	

Capítulo 8			Assisti, gostei e recomendo/Resenha 1	
Capítulo 9			Assisti, não gostei, não recomendo/Resenha 2	
Capítulo 10				Passou pelo primeiro, pelo segundo, é golaaaaaação!/Narração futebolística
Capítulo 11				Valeu o ingresso/Mesa-redonda
Capítulo 12				Qual é a emoção de ser o melhor do mundo?/Entrevista

Fonte: Autora

Tabela 18 – *Universos: língua portuguesa* (2012), livro do 7º. ano

7º. ano	Unidade 1 – Quadro a quadro sem ficar quadrado	Unidade 2 – Além dos muros da escola	Unidade 3 – Quem conta um conto...	Unidade 4 – Eu sou protagonista!
Capítulo 1	Snif, snif! Ronc, ronc! Ploft!/História em quadrinhos			
Capítulo 2	Isso é coisa de museu!/Fotonovela e radionovela			
Capítulo 3	Poemas para ver/Poema visual			
Capítulo 4		Sem medo de falar em público/Apresentação oral de trabalho		
Capítulo 5		Li e entendi/Texto didático		
Capítulo 6		S.O.S. memória/Anotações de aula		
Capítulo 7			Rir é o melhor remédio/Conto de humor	
Capítulo 8			AAAAAAH!/Conto de terror	

Capítulo 9			Quando menos é mais/Miniconto	
Capítulo 10				Eis o meu ponto de vista/Artigo de opinião
Capítulo 11				Caro jornalista.../Carta argumentativa do leitor
Capítulo 12				Boca no trombone/Carta (e-mail) de reclamação

Fonte: Autora

Tabela 19 – *Universos: língua portuguesa* (2012), livro do 8º. ano

8º. ano	Unidade 1 – Nós falamos português	Unidade 2 – O amor está no ar	Unidade 3 – Entre cenas e atos	Unidade 4 – O mundo das compras em revista
Capítulo 1	Você conhece aquela.../Piada			
Capítulo 2	Última flor do Lácio/Texto de divulgação científica			
Capítulo 3	Por mares nunca dantes navegados/Relato de viagem			
Capítulo 4		Não era uma vez.../Paródia de conto de fadas		
Capítulo 5		Me concede a honra desta contradição?/Poema		
Capítulo 6		Pra você lembra de mim/Entrevista		
Capítulo 7			Em cena: um clássico/Texto dramático 1	
Capítulo 8			Em cena: uma peça contemporânea/Texto dramático 2	
Capítulo 9			Desliguem os celulares, o espetáculo vai	

			começar/Texto instrucional	
Capítulo 10				Compra, compra, compra... \$\$\$/Anúncio publicitário
Capítulo 11				<i>Made in/Reportagem</i>
Capítulo 12				Comprar ou não comprar: eis a questão!/Artigo de opinião

Fonte: Autora

Tabela 20 – *Universos: língua portuguesa* (2012), livro do 9º. ano

9º. ano	Unidade 1 – Eu (não) saio do padrão	Unidade 2 – O movimento do olhar	Unidade 3 – E vai rolar a festa!	Unidade 4 – Fazendo escola
Capítulo 1	Todo mundo odeia falsas promessas/Discursos político-estudantil			
Capítulo 2	A poesia na boca do povo/Letra de canção			
Capítulo 3	Um exercício de cidadania/Manifesto			
Capítulo 4		Um olhar para a eternidade/Crônica 1		
Capítulo 5		O vernáculo sob espreita/Crônica 2		
Capítulo 6		Universo ao meu redor/Poema		
Capítulo 7			Valeu, boi!/Reportagem	
Capítulo 8			Para dizer até breve/Discursos de formatura	
Capítulo 9			Tem raça de toda fé/Texto enciclopédico	
Capítulo 10				Senta que lá vem história/Conto

Capítulo 11				E agora, José?/Reportagem
Capítulo 12				A opinião que vem da aldeia/Artigo de opinião

Fonte: Autora

O livro do 6º. ano da coleção *Universos: língua portuguesa* apresenta um capítulo inteiro dedicado à literatura de cordel. Na página 42, em uma seção intitulada “Antes da leitura”, essa manifestação da literatura popular é introduzida, destacando-se sua origem na oralidade, assim como ocorre com as lendas, os mitos, as cantigas e os ditados populares. Na mesma página, há uma atividade de interpretação com cinco questões baseadas em uma xilogravura de J. Borges, *O cordelista na feira*, reproduzida a seguir:

Figura 9 – J.Borges: *O cordelista na feira*



Fonte: RAMOS, 2012, p. 42

Da atividade de interpretação, transcrevem-se as três primeiras perguntas:

1. A cena revela uma personagem em destaque. Qual?
2. O que essa personagem está fazendo? Em que elementos você se baseou para responder?
3. Como as demais personagens reagem a essa ação? (RAMOS, 2012, p. 42)

Na seção seguinte, intitulada “Durante a leitura”, define-se o que é *cordel* e propõe-se a leitura de um folheto em voz alta para a turma:

Você sabe o que é cordel? Narrados em verso, os cordéis são histórias populares que costumam ser cantadas e recitadas em feiras e praças públicas, por artistas conhecidos como cordelistas. Agora, é a sua vez de ganhar a praça, lendo um folheto

de cordel para a sua turma. (RAMOS, 2012, p. 43)

Apresentam-se algumas instruções para “se dar bem como cordelista” na leitura em voz alta, dentre as quais:

Use entonações diferentes para que o texto não fique cansativo e monótono.

Enfatize, pela entonação, uma palavra ou expressão, de acordo com o efeito de sentido que você queira produzir em seu ouvinte.

Faça uma leitura expressiva, indicando o sentido emocional dos versos. Por exemplo, se eles expressam tristeza e sofrimento, o tom de sua voz deve ser triste (ou seja, não leia de maneira entusiasmada, como se estivesse falando de coisas boas e alegres). (RAMOS, 2012, p. 43)

Na página 44, inicia-se a seção “Leitura”, na qual aprecia-se o cordel *Pedro Malasartes e a sopa de pedras*, de Olegário Alfredo, conhecido como Mestre Gaio. Do referido cordel, transcrevem-se quatro estrofes:

Malasartes é bem lembrado	Outro igual Malasartes
No folclore brasileiro	Ainda está para nascer
No tempo em que viveu	Uma cantiga inventada
Foi moleque por inteiro	Ele sabia vender
Já fez urubu falar	Passava todos para trás
Pra ganhar muito dinheiro.	Tinha o dom de convencer.

Muita gente nã conhece	Em matéria de enganar
Quem é Pedro Malasartes	Malasartes é o primeiro
Este pixote danado	O povo todo do mundo
Viveu para fazer arte	Se divertem por inteiro
Seus casos de peraltice	Ao escutar as peripécias
São vistos por toda parte.	Do pequeno trapaceiro.

Fonte: *Apud* RAMOS, 2012, p. 44-47

Na página 44, há um boxe explicativo que informa sobre a origem do nome *cordel*, os temas e a expansão dessa literatura no Brasil:

Em Portugal, os folhetos de cordel, ou folhetos de feira, eram pendurados em cordas (ou cordéis) para serem vendidos. Trazidos ao Brasil pelos colonizadores portugueses, passaram a ser comercializados em feiras populares pelos próprios poetas ou vendedores ambulantes, que expunham seus folhetos sobre maletas. Os temas dos cordéis são variados: animais falantes, lutas e batalhas, histórias de amor, acontecimentos históricos, biografia de personalidades, etc. (...) Embora o cordel seja uma literatura típica do Nordeste, pode ser encontrado no Rio Grande do Sul, interior de São Paulo, norte do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e parte de Minas Gerais e Goiás. (RAMOS, 2012, p. 44)

Na página 45, há um boxe que informa sobre a xilogravura, com a indicação de um *site* sobre o assunto:

Os cordéis possuem ilustrações bem características: as xilogravuras (ou gravuras em madeira). No Brasil, a primeira xilogravura a ilustrar um cordel foi publicada em 1907. Um século depois, a exposição “100 anos de xilogravura na literatura de cordel, realizada em 2007, em Brasília, reuniu mais de 150 trabalhos em xilogravuras”. O *site* da mostra traz informações sobre o surgimento da técnica no Brasil, os principais xilogravadores do país, além de fotos e muitas imagens de xilogravuras. Site 100 anos de xilogravura na literatura de cordel. Disponível em: <<http://www.100anosxilogravuranocordel.com.br/index.html>>. Acesso em: 1º. Fev. 2012. (RAMOS, 2012, p. 45)

Na página 47, indica-se o DVD com o filme *As aventuras de Pedro Malasartes*, em que o comediante Amácio Mazzaropi interpreta a personagem principal. Há ainda as indicações do *Dicionário do Nordeste*, do jornalista Fred Navarro (Estação Liberdade, 2004), na página 48, e do DVD do grupo musical *Cordel do Fogo Encantado* (MTV, 2005), na página 49. Ressalte-se que o capítulo é ilustrado com fotografias de folhetos, xilogravuras de J. Victor, desenhos remetendo ao meio rural e ao universo do cordel. Além disso, as indicações de leitura e de DVDs são acompanhadas das imagens das capas de cada obra.

A seção “Depois da leitura” apresenta questões de compreensão do texto e, posteriormente, de gramática. Das dez questões de compreensão do texto, destacam-se a quinta, que trabalha o léxico do texto e a caracterização da personagem Pedro, e a oitava, que contempla o posicionamento crítico do estudante:

5. Observe o significado de algumas palavras e expressões do texto.

Pixote	Menino novo
Danado	Levado, esperto
Peraltice	Esperteza, molecagem
Peripécias	Aventuras
Trapaceiro	Indivíduo que faz trapaças, que engana
Zombateiro, zombeteiro	Indivíduo que zomba, que faz gozação
Cambito de mocotó	Perna fina
Cabeça de sarapó	Cabeça pequena
Traquineiro	Indivíduo que faz trambiques, malandro
Contar lorota	Falar mentira
Mofino	Medroso, covarde
Matreiro	Esperto, astuto, experiente
Engambelar/engabelar	Enganar
Cara de pau	Indivíduo que não tem vergonha

Cara de janota

Aparência de bom moço, de pessoa inofensiva

- a) Esses termos estão relacionados a que personagem?
- b) Quais termos se referem a características físicas da personagem?
- c) Quais termos se referem a características de comportamento?
- d) Que termos indicam ações da personagem?
- e) O conjunto de palavras dá uma ideia positiva ou negativa da personagem? Justifique. (RAMOS, 2012, p. 48)

Eis a oitava questão:

Em sua opinião, o fato de a velha ser avarenta e mesquinha justifica a atitude de Malasartes? Explique. (RAMOS, 2012, p. 49)

As questões de gramática estão relacionadas ao sentido do texto. Das seis questões apresentadas, nas páginas 50 e 51, destacam-se a quarta e a quinta questões. A quarta questão aborda o léxico e a sinonímia:

4. Os termos *pão-duro*, *mão de galinha*, *unha de fome* e *avarenta* foram utilizados para caracterizar a velha.

- a) Qual é o sentido desses termos? Que relação eles têm entre si?
- b) Em que situação a palavra *avarenta* seria mais adequada para se referir a alguém do que os outros três termos? Explique. (RAMOS, 2012, p. 50-51)

A quinta questão trata de marcas de oralidade no poema:

5. Para se aproximar mais da fala cotidiana, além das expressões idiomáticas, o texto possui palavras abreviadas como *pra* em vez de *para*. Retire do texto outros exemplos de palavras abreviadas.

Logo abaixo da questão 5, há um esclarecimento sobre registro formal e informal da língua:

A maneira como nos expressamos pode seguir o **registro formal** ou o **registro informal** da língua. O registro formal é adequado para situações de pouca intimidade entre as pessoas, como reuniões, apresentações de trabalho, discursos de formatura, etc. Já o registro informal é utilizado entre pessoas próximas, como em situações de conversas e encontros entre amigos e familiares. Esses registros estão presentes tanto na **oralidade** como na **escrita**. (grifos do autor) (RAMOS, 2012, p. 51)

A fim de reforçar o estudo dos conteúdos apresentados, na página 52, quatro estrofes do cordel *Seu Lunga: o rei do mau humor*, de Rouxinol do Rinaré, são apreciadas. Reproduzem-se duas estrofes do fragmento:

Na bodega de Seu Lunga	Lunga pega um alicate
Um cliente vem comprar	Joga em cima do balcão
Algo para tira-gosto	E rude pergunta ao moço:
Usa gíria ao se expressar:	– Isto serve, cidadão?
– Seu Lunga, meu companheiro,	O rapaz num rebuliço

Me venda aí bem ligeiro Diz: – Valei-me “Padim Ciço”,
 Algo para “beliscar”. Ó velho bruto do Cão!

Fonte: *Apud* RAMOS, 2012, p. 52

Em seguida aos versos sobre Seu Lunga, há duas questões, uma sobre a sonoridade do poema e outra sobre as marcas de informalidade no texto.

1. Explique como o autor faz para tornar seu texto mais sonoro.
2. Retire do texto palavras e expressões que comprovem a utilização do registro informal. (RAMOS, 2012, p. 52)

Da página 53 a 59, há orientações para a produção textual de um cordel, em dupla, na seção “Oficina de textos”. A situação comunicativa é assim apresentada:

Imagine que você é um cordelista que vai escrever um folheto de cordel para contar os principais fatos e realizações da vida de uma grande personalidade. Depois de prontos, os folhetos produzidos pela turma serão dispostos em cordéis instalados em espaços de circulação da escola. (RAMOS, 2012, p. 53)

Após instruções para o levantamento e seleção de informações sobre a personalidade escolhida como tema do cordel a ser produzido, expõem-se estrofes do poema *Patativa do Assaré: Vida e obra do poeta do povo*, de Evaristo Geraldo da Silva, com as indicações das informações exploradas no cordel biográfico em foco. Por exemplo, a sétima estrofe do fragmento é apresentada do seguinte modo:

<p>O menino Patativa Perdeu dum olho a visão Quando ainda iniciava A troca da dentição Por causa de uma doença Comum no nosso sertão</p>		<p>Menção a um acontecimento trágico: perda da visão de um olho.</p>
---	--	---

Fonte: RAMOS, 2012, p. 54

Em seguida, há, no livro em análise, questões sobre linguagem poética, métrica e rimas. A quinta questão da página 57, por exemplo, apresenta o seguinte comando, considerando o cordel *Saiona: a mulher dos olhos de fogo*, de Rouxinol do Rinaré:

5. (...) Sua missão agora será organizar em seu caderno a segunda estrofe desse poema, já que os versos apresentados estão com as palavras fora de ordem. Siga as pistas.

- 1ª. pista: cada verso da estrofe tem sete sílabas poéticas
- 2ª. pista: o esquema rímico é ABCBDB
- 3ª. pista: a única rima da estrofe é *eira*.

Para as vítimas mostra quando
Sua verdadeira cara
Em lugar dos olhos de fogo
E de caveira um rosto
Pega sua presa quando
Da pior maneira mata

Fonte: RAMOS, 2012, p. 57

Em seguida, há orientações para que os alunos avaliem sua produção textual e atividades de ortografia. Na página 59, encontram-se instruções para a produção final do folheto de cordel. Reproduzem-se, a seguir, as orientações para a elaboração da capa do folheto:

- Sobre a capa Deve ter título, ilustração e identificação dos autores e do ilustrador.
Deve ter o local e o ano da publicação.
Deve ser feita em um papel de cor diferente.
- Sobre a quarta capa Pode ter uma breve biografia dos autores.
Pode ter o contato dos autores (telefone e/ou e-mail).
Pode ter propaganda dos cordéis dos colegas.
Pode ter informações sobre a literatura de cordel.
- Sobre a montagem As páginas devem ser organizadas dentro da capa e grampeadas.
Todas as páginas devem ser numeradas, com exceção da capa e da quarta capa.
- Fonte: RAMOS, 2012, p. 59

A fim de ilustração dessas orientações, apresentam-se a capa e a quarta capa do folheto *Saiona, a mulher dos olhos de fogo*, de Rouxinol do Rinaré:

Figura 10 – Capa e quarta capa do folheto *Saiona, a mulher dos olhos de fogo*, de Rouxinol do Rinaré



Fonte: RAMOS, 2012, p. 59

Nas páginas 60 e 61, há atividades de natureza interdisciplinar. Na página 60,

apresenta-se um fragmento do poema *Emigração e as consequências*, de Patativa do Assaré, seguido de exercícios que contemplam a paisagem descrita no poema e as atividades econômicas do Nordeste. Essas atividades contam com o auxílio de fotografias e de um mapa. O terceiro capítulo do livro é encerrado com um projeto de sarau na escola.

Ainda no livro do sexto ano, no suplemento de gramática, ao final do livro, há um excerto do poema *Aos poetas clássicos*, de Patativa do Assaré, que é aproveitado para atividades que destacam marcas de oralidade no texto e abordam as sílabas tônicas.

No livro do sétimo ano, na página 243, há uma proposta de produção textual de um cordel que verse sobre o encontro de Drácula (personagem do romance *Drácula*, de Bram Stoker) com a bailarina fantasma, que aparece no romance *A bailarina fantasma*, de Socorro Acioli), personagens abordados anteriormente à referida proposta. Das seis orientações que constam da proposta, apresenta-se, a seguir, a segunda:

2. Relembre algumas características do cordel estudadas no volume 6 e use-as em seu texto.

- Versos metrificados (estrofes como mesmo número de versos, e versos com o mesmo número de sílabas poéticas).
- Esquema de rimas.
- Expressões idiomáticas e registro informal.
- Ordem invertida (menos usual) das palavras nas frases.
- Diálogo com o leitor. (RAMOS, 2012, p. 243)

Nos livros do oitavo e nono anos da coleção *Universos: língua portuguesa* não foram encontrados registros da literatura de cordel.

A coleção *Universos: língua portuguesa* se destaca por apresentar um capítulo inteiro dedicado à literatura de cordel, com informações relevantes sobre essa manifestação da literatura popular, suas origens, seus temas, sua linguagem, a constituição dos folhetos (os elementos da capa e da quarta capa), a atuação performática dos cordelistas nas apresentações ao público. As propostas de elaboração de cordéis nos livros do sexto e do sétimo ano contribuem para que os alunos se apropriem da literatura de cordel não só como leitores, mas como autores, como sujeitos que podem produzir a literatura popular, que lhes pertence.

Observa-se, a partir da análise das cinco coleções de livros didáticos *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2012); *Projeto Teláris: Português*, de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012); *Perspectiva língua portuguesa*, de Discini e Teixeira (2012); *Para viver juntos: português*, de Costa, Marchetti e Soares (2012) e *Universos: língua portuguesa*, produção coletiva editada por Ramos (2012), que três delas apresentam estudos da literatura

de cordel, ou seja, há avanços no que diz respeito à seleção democrática dos textos para compor os livros didáticos de Língua Portuguesa para o segundo segmento do Ensino Fundamental. Percebe-se, de modo geral, a preocupação inovadora dos autores de contemplar variados gêneros textuais e produções representativas da pluralidade cultural do Brasil, inclusive a literatura de cordel, de acordo com as orientações oficiais em vigor e consoante os estudos considerados nas seções 1.4 e no início do presente capítulo – Bezerra (2002) e Rojo e Batista (2003).

Além disso, é notório o reconhecimento de Patativa do Assaré como grande nome da poesia popular nordestina, J. Borges como destacado xilogravador e Pedro Malasartes como um dos personagens mais populares, nos livros didáticos analisados.

Não obstante duas coleções não considerarem os poemas de cordel e a necessidade de adequações conceituais em algumas obras que apresentaram a literatura de folhetos, nota-se, nas coleções analisadas, adotadas nas escolas a partir de 2014, a inclusão de textos representativos da diversidade regional, demonstrando respeito à variação linguística e cultural do Brasil. Acredita-se, neste trabalho, que esse posicionamento dos autores de livros didáticos consista em um movimento crescente que será aprimorado, contribuindo para que os educandos conheçam cada vez mais e melhor a multiplicidade da cultura brasileira de que participam.

A literatura de cordel é muito vasta, apresentando diversos textos com linguagem e temática que se adequam ao estudante de Ensino Fundamental, como cordéis de humor, aventura, histórias de amor, encantamento, fábulas. Esses cordéis mais próximos da literatura dedicada ao público infanto-juvenil podem ser bem aproveitados em livros didáticos. Outrossim, o cordel contribui de maneira significativa para a compreensão da identidade brasileira.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de subsidiar as seis propostas de leitura que compõem a análise do corpus, no próximo capítulo, a base teórica desta investigação consiste em obras que discutem o ensino de leitura, a significação e o estilo. Os estudos doravante apresentados contribuem para a compreensão da riqueza sógnica que caracteriza os poemas de cordel, a partir da seleção e da elaboração linguística desses textos.

Os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas são analisados nos textos-cópus com o objetivo de elucidar como essas classes de palavras são aplicadas na arquitetura textual, constituindo recortes de sentido que orientam a leitura e desencadeiam relações com outros textos, como poemas, contos, canções populares. A ampliação da rede sógnica, além de favorecer as discussões, tornando as aulas mais interessantes, facilita a participação dos educandos, valorizando sua colaboração e seus conhecimentos prévios.

3.1 Ensino de leitura em perspectiva dialógica

Já que o presente trabalho apresenta uma proposta de leitura de poemas de cordel no próximo capítulo, sob orientação da Estilística – influenciada pelos estudos semióticos – e da Semântica, considerando-se ainda as relações dialógicas entre os textos, vale destacar inicialmente, as reflexões de Cavalcanti (2010, p. 13) sobre a leitura. A autora ressalta que “ler é construir sentidos”. Ou seja, o papel do leitor não deve ser reduzido ao de “mero decodificador de mensagens”, nem a língua deve ser concebida como um código no qual os sentidos já estariam prontos (CAVALCANTI, 2010, p. 13). A autora defende a ideia de um “*leitor ativo*, um sujeito que interage, via texto, com outras vozes, dentre elas a voz de quem produz o texto objeto de leitura” (CAVALCANTI, 2010, p. 13).

A estudiosa entende por *leitura autoral* a leitura por meio da qual se constroem sentidos, “uma leitura significativa, não a melhor ou a ‘correta’, mas aquela que permite olhar os textos para além do que manifestam de forma explícita em sua superfície” (CAVALCANTI, 2010, p. 13). Cavalcanti (2010, p. 14) destaca a importância da leitura autoral “porque a maior parte dos sentidos que podem ser atribuídos a um texto está submersa, no nível do implícito”.

A leitura autoral, segundo a pesquisadora, apresenta “caráter social e histórico, é

construída (...) por sujeitos ativos, que dialogam com os textos, que interagem com outras compreensões do mundo, avaliando e criticando diferentes pontos de vista” (CAVALCANTI, 2010, p. 14). Em relação à sala de aula, a estudiosa afirma que

A leitura autoral dá ao leitor-professor condições de encontrar os contrapontos necessários para apresentar/compartilhar com seus alunos, de escolher textos que veiculem diferentes pontos de vista, e não somente os avaliados como “naturais” ou necessários. (CAVALCANTI, 2010, p. 14)

Discutindo as relações dialógicas, Bakhtin (2000) entende o enunciado como uma unidade de sentido na cadeia da comunicação e explica que o discurso sempre recebe uma atitude do ouvinte como resposta. Nas palavras do estudioso:

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em colaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (BAKHTIN, 2000, p. 290)

Nessa perspectiva, a “atitude responsiva ativa” transforma o ouvinte em produtor de discurso. Nas palavras do estudioso: “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor” (BAKHTIN, 2000, p. 290).

Segundo a orientação bakhtiniana, a interação humana ocorre em uma cadeia complexa de enunciados que são produzidos a partir de outros, em um processo contínuo. O autor afirma:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 2000, p. 291)

Bakhtin esclarece que os enunciados carregam reminiscências de outros com os quais dialogam. Nas palavras do autor, “o enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 316). O estudioso afirma ainda que o enunciado é uma “resposta a enunciados anteriores”, pois “refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles” (BAKHTIN, 2000, p. 316).

Seguindo a orientação de Bakhtin, Cavalcanti (2010, p. 18) salienta que “a linguagem não apenas *reflete* a realidade, mas também, e principalmente, a *refrata*”. Em outras palavras, “os signos não só descrevem o mundo, mas constroem diferentes interpretações desse mundo”

(CAVALCANTI, 2010, p. 18-19). Reitera que “todas as palavras da *língua viva* carregam juízos de valor, avaliações” (CAVALCANTI, 2010, p. 19). Segundo ela, em uma sociedade desigual como a nossa, há diversas possibilidades de leitura para os textos, algumas leituras mais prestigiadas do que outras.

Discutindo os estudos de Possenti, Cavalcanti (2010) ressalta que a leitura é condicionada pela grade semântica, ou seja, pela formação ideológica dos sujeitos. Desse modo, o sujeito lê o texto de acordo com sua grade semântica prévia, considerada, a princípio, a correta, e não de acordo com a grade semântica segundo a qual foi produzido o texto. Na perspectiva da autora, isso explica, em alguns casos, a divergência de leituras, que também pode resultar de uma ausência do conhecimento enciclopédico exigido pelo texto.

A autora aponta o conhecimento a respeito dos gêneros textuais como um importante fator para a compreensão dos textos. Em suas palavras, o conhecimento do gênero “facilita a comunicação, a interação, porque, ao ouvir/ler um enunciado, nas primeiras palavras já se pode prever de que gênero se trata e, assim, adotar um comportamento adequado em relação a ele” (CAVALCANTI, 2010, p. 25). Esse comportamento é a *atitude responsiva ativa* preconizada por Bakhtin, que, como esclarece a estudiosa, “engloba a adesão, a concordância, a rejeição, a execução de uma ordem etc.” (CAVALCANTI, 2010, p. 25). O conhecimento dos gêneros é denominado *competência genérica* por Maingueneau. Essa competência, segundo Cavalcanti (2010, p. 25), explicaria “o fato de guardarmos um atestado médico a ser entregue ao chefe e jogarmos fora, sem sequer ler, papéis identificados como folhetos publicitários”.

Concordando com Bakhtin, Cavalcanti entende o enunciado como um elo na cadeia de comunicação verbal (2010, p. 33), constituído de “*ao menos* duas vozes, duas posições: a que veicula e aquela à qual se opõe” (CAVALCANTI, 2010, p. 45). A estudiosa defende que mais interessante do que “procurar apreender um conteúdo que estaria supostamente pronto na superfície do texto ou ‘caçar’ possíveis erros gramaticais” (CAVALCANTI, 2010, p. 34) seria o professor de Língua Portuguesa debater com seus alunos a construção do sentido que ocorre por meio do diálogo de vozes nos textos (CAVALCANTI, 2010, p. 34). Segundo a autora: “na leitura autoral é extremamente relevante perceber as vozes que constituem os textos, observar seu papel na construção de sentidos, no direcionamento do olhar (e da opinião) do leitor” (CAVALCANTI, 2010, p. 41).

Em estudo sobre o pensamento de Bakhtin, Fiorin distingue enunciado e texto. O enunciado, segundo o pesquisador, é “um todo de sentido, marcado pelo acabamento, dado

pela possibilidade de admitir uma réplica” (FIORIN, 2008, p. 52), corresponde a “uma posição assumida por um enunciador” (FIORIN, 2008, p. 52). Fiorin afirma que “o texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos” (FIORIN, 2008, p. 52). Nessa perspectiva, “há relações dialógicas entre enunciados e entre textos” (FIORIN, 2008, p. 52). As relações dialógicas materializadas em textos são chamadas, segundo o estudioso, intertextualidade.

Koch *et al.* (2012) citam os seguintes tipos de intertextualidade *stricto sensu*:

- Intertextualidade temática – “encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes à uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento”; “entre matérias de jornais e da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal”; “entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero”; “entre diversos contos de fadas tradicionais e lendas que fazem parte do folclore de várias culturas (...) em versões diferentes” (KOCH *et al.*, 2012, p. 18-19).
- Intertextualidade estilística – “ocorre, por exemplo, quanto o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades estilísticas”. É o caso dos “textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade” (KOCH *et al.*, 2012, p. 19).
- Intertextualidade explícita – Nesse tipo, “é feita menção à fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador”. Exemplos: “citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções”. Ocorre “em textos argumentativos, quando se emprega o recurso à autoridade” e “em situações de interação face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo, ou mesmo para demonstrar interesse na interação” (KOCH *et al.*, 2012, p. 28-29).
- Intertextualidade implícita – Ocorre “quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem que qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário”. É o caso das paráfrases e das paródias. (KOCH *et al.*, 2012, p. 31).

Koch *et al.* (2012, p. 64) registram ainda a intertextualidade *lato sensu*, que pode ser

(inter)genérica ou tipológica. Segundo as estudiosas, a intertextualidade (inter)genérica ocorre quando um gênero “exerce a função de outro”. As autoras afirmam que “é muito comum, por exemplo, o uso de fábulas, contos infantis, cartas etc. em colunas opinativas de jornais, bem como em gêneros de caráter parodístico, irônico e/ou argumentativo, inclusive as charges políticas” (KOCK *et al.*, 2012, p. 64).

A intertextualidade tipológica é verificada quando, “por exemplo, num conto ou num romance, vamos encontrar, a par das sequências narrativas, (...) sequências descritivas, (...) expositivas” ou em “peças jurídicas como a petição inicial ou a contestação vão conter, normalmente, sequências narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas” (KOCH *et al.*, 2012, p. 77).

Nesta pesquisa, adota-se o termo *dialogismo* para fazer referência, de modo mais genérico, às relações de sentido observadas entre os textos analisados.

3.2 A iconicidade verbal

Simões (2009) desenvolve suas pesquisas em Semiótica, ciência que se ocupa da significação, com base nos trabalhos de Peirce, que, segundo ela, “não se ocupou do signo verbal, senão da construção de uma teoria universal que abrigasse signos de qualquer natureza” (SIMÕES, 2009, p. 63).

Na perspectiva de Simões (2009, p. 21), o signo é dinâmico, ou seja, é um “objeto que se movimenta em meio aos movimentos sociais e que se cria e recria cotidianamente”. A estudiosa ressalta a importância da imagem para a comunicação e para a compreensão do signo verbal. Segundo a autora, “a pintura, a fotografia e o cinema foram desenhando um cenário sociocultural”, de modo que “ensinar a língua para a autonomia da expressão e da comunicação demanda ter em conta a indiscutível influência da imagem” (SIMÕES, 2009, p. 53). Essas afirmações da semioticista são fundamentais não só para a apreciação das imagens que estampam as capas dos folhetos de cordel, assim como para a compreensão da relação icônica que se estabelece com o texto.

O signo pode se caracterizar como símbolo – natureza convencional –, índice – representando determinado objeto com base na contiguidade – ou ícone – funcionando a partir da similaridade. Simões (2009) aponta a manifestação da iconicidade na seleção, organização

e emprego dos recursos linguísticos. Segundo a autora:

É observável: a seleção vocabular como representativa de usos e costumes diversos; a colocação dos termos nos enunciados como imagem das opções de enfoque ou das posições discursivas; a eleição do gênero e do tipo textual como indicador da relevância dos itens temáticos e lexicais contemplados no texto etc. Também o projeto de texto, sua arquitetura visual ou sonora, é material icônico a ser observado. (SIMÕES, 2009, p. 78)

Simões argumenta que “a iconicidade será tão mais eficiente (no que concerne à representação de seu objeto) quanto mais adequada for a seleção de itens léxicos (palavras ou expressões) por parte do enunciador” (SIMÕES, 2009, p. 84). Nessa perspectiva, entende-se a importância do léxico para a representação do mundo por meio da linguagem.

A autora ressalta a importância da iconicidade isotópica para a construção do sentido. Isotopia, segundo a semioticista, é a “propriedade de um enunciado ser substituído por equivalente no plano do conteúdo, embora sejam diferentes no plano da expressão. Dessa forma tem-se a isotopia numa tomada sinonímica” (SIMÕES, 2009, p. 88). Simões defende, todavia, que essa noção seja ampliada, afirmando que “é possível (...) defini-la como a possibilidade de um recorte temático” (SIMÕES, 2009, p. 89).

Simões destaca que os recortes temáticos ou isotópicos são estabelecidos pelo emprego do léxico. Nas palavras da pesquisadora, “a garantia dos recortes isotópicos propostos para esse ou aquele texto se assenta exatamente na possibilidade de identificação de itens léxicos (palavras ou expressões) que constituam campos lexicais ou campos semânticos” (SIMÕES, 2009, p. 89). Como exemplo, a autora cita as isotopias da traição e do ciúme que conduzem o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. A professora denomina *âncoras textuais* as “palavras-chave que norteiam a identificação de uma isotopia” (SIMÕES, 2009, p. 91).

Simões salienta a seleção e a aplicação elaborada dos elementos linguísticos como procedimentos desencadeadores de efeitos especiais de sentido. Segundo a estudiosa:

Não é novidade que os signos verbais sejam regulados por uma gramática. No entanto, o arranjo destes na produção dos enunciados muitas vezes transcende as normas gramaticais estabelecidas e gera novas possibilidades estruturais sem que com isso a gramática seja aviltada. Cumpre lembrar que as normas existem para regular um padrão de produção ao alcance da média de utentes. No entanto, há fórmulas não-previstas, às vezes surpreendentes, que enriquecem a expressão e amplificam o potencial semiótico do texto: ora pela escolha do item sógnico mais apropriado ora pelo arranjo mais estratégico dos signos. (SIMÕES, 2009, p. 93-94)

Nessa perspectiva, as afirmações da semioticista, que também produziu trabalhos orientados pela Estilística, apresentam uma interseção com a ciência que se ocupa do estilo ou “a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre

a sensibilidade”, conforme estabelecido por Charles Bally, no início do Século XX (MONTEIRO, 2009, p. 39).

3.3 O estilo e a significação

Simões e Rei (2014, p. 448) ressaltam a articulação produtiva entre a Estilística e a Semiótica, na perspectiva de “desvendar os motivos das escolhas lexicais e extrair delas a intenção significativa”. Segundo os autores, “a Semiótica trata do processo de semiose (ou geração de sentido) e, aliada à Estilística, consegue subsidiar interpretações mais sustentadas pela cadeia sígnica e menos sujeitas ao impressionismo analítico” (SIMÕES; REI, 2014, p. 456). Duas questões norteiam as análises sustentadas pela Estilística e pela Semiótica, de acordo com Simões e Rei (2014). A questão que corresponde à investigação estilística é “o que isto pode provocar no leitor, enquanto impressão ou sugestão?” e a questão que corresponde à investigação semiótica é “por que isto significa o que significa?” (SIMÕES; REI, 2014, p. 456).

Segundo Câmara Jr. (1978, p. 14), “a estilística vem complementar a gramática”, investigando os desvios do sistema linguístico, que inscrevem no discurso uma personalidade ou estilo. O estudioso explica que o sistema linguístico proporciona certo grau de liberdade ao falante, o que dá margem à atividade criadora. Em outras palavras, “a liberdade que a língua faculta num ou noutro ponto permite-nos ser originais continuando, pelo menos, inteligíveis; e essa oportunidade o nosso espírito logo aproveita para o fim das suas exigências expressivas” (CÂMARA JR., 1978, p. 16).

Câmara Jr. (1978, p. 19) afirma que um dos propósitos da Estilística é a “depreensão desse mecanismo de motivações que a linguagem expressiva estabelece, entre o significante e o significado”. Ou seja, a Estilística, até certo ponto, questiona ou relativiza a arbitrariedade do signo linguístico, postulada por Saussure: “a carga expressiva, estendendo-se a todos os elementos linguísticos, forceja por anular o princípio da arbitrariedade, sob cuja égide eles se constituíram” (CÂMARA JR., 1978, p. 18).

O estilo, segundo o autor, não se limita ao plano individual. Reconhecido o valor social da linguagem, Câmara Jr. amplia a noção de estilo para o plano coletivo: “o estilo individual se esbate, assim, no estilo de uma época, de uma classe, de uma cidade, de um país. E é desta sorte que se pode falar até no estilo de uma língua, como pôs em evidência Bally

para o francês em cotejo com o alemão” (CÂMARA JR., 1978, p. 16).

Segundo o estudioso:

Visando à pesquisa da personalidade linguística, podemos fazer a estilística de um sujeito falante especialmente dotado, e, no âmbito literário, concentrarmo-nos num poeta ou num pensador de nota. Dada, por outro lado, a circunstância de que o estilo tende a ser um denominador comum de um grupo humano coeso, podemos no mesmo sentido tratar de uma época, ou de uma escola literária, ou de uma classe social, ou investigar uma gíria, quer entendida como calão de malfeitores, onde se exteriorizam recalques e impulsos afetivos, quer ainda, *lato-sensu*, como um estilo popular coletivo. (CAMARA JR. , 1978, p. 23)

Para entender o que é a Estilística, Martins (2000) propõe que se procure verificar o que é o *estilo*. A autora afirma que a palavra *estilo* tem sido aplicada a “tudo que possa apresentar características particulares, das coisas mais banais e concretas às mais altas criações artísticas”. A origem do termo, segundo a pesquisadora, é latina – *stilus* – designação de “um instrumento pontiagudo usado pelos antigos para escrever sobre tabuinhas enceradas e daí passou a designar a própria escrita e o modo de escrever” (MARTINS, 2000, p. 1).

De acordo com Simões e Rei (2014, p. 458), o estilo se constitui de “traços que definiriam modelos particulares de realizar algo”. Segundo os autores, nos estudos linguísticos, o estilo “é a maneira de expressar verbalmente as ideias” (SIMÕES; REI, 2014, p. 458). Os estilicistas esclarecem ainda que participam do estilo as marcas que identificam socialmente o sujeito falante. Segundo eles, “fazem parte do estilo, além das marcas pessoais indiscutivelmente inscritas em cada dizer, elementos que identificam o lugar social do sujeito falante, situando-o regionalmente, no grupo social de origem, na profissão ou ofício que exerce etc.” (SIMÕES; REI, 2014, p. 458).

Destarte, a literatura de cordel se destaca por seu estilo, ou pelo modo de dizer caracterizado fortemente pelo colorido regional e pela expressão da voz de um povo não obstante sofrido, criativo, resistente e alegre. Galvão (2010), em um estudo que compara notícias de jornal e os cordéis de “acontecido”, que se ocupam da narração de fatos ou notícias, chama a atenção para a preferência do público leitor de cordel por apreciar a notícia narrada nos moldes do cordel, mesmo tendo acesso às mesmas informações por outras mídias. Tratando de um assassinato ocorrido no bairro da Várzea, periferia do Recife, em 1928, noticiada pelo *Jornal do Commercio*, do Recife e narrado no folheto *O barbaro crime das mattas da Varzea*, sem autor, editado por João Martins de Athayde, a pesquisadora faz apontamentos muito interessantes. Segundo Galvão (2010):

O que parece sobressair, no folheto, não é, portanto, a reconstituição do fato em si ou a necessidade que o leitor teria de ficar informado sobre os acontecimentos. (...) o

que parecia interessar ao suposto leitor/ouvinte era, além de uma opinião/interpretação do poeta sobre o caso, uma “revisão”, uma “recapitulação” daquilo que já sabia no formato – literário – da literatura de cordel. (GALVÃO, 2010, p. 125)

A autora destaca ainda o consumo da notícia pela via do cordel como uma busca pelo prazer da leitura, o que comprova a afetividade como característica dos folhetos populares.

Mas, o que parece se sobressair, pelo menos na memória dos leitores/ouvintes de folhetos, é a possibilidade de também ter prazer no momento de se informar. O folheto era, sobretudo, uma fonte de informação capaz de divertir. Nesse aspecto, destaca-se a habilidade do poeta em transformar a notícia em história, em narrativa, em fábula. (GALVÃO, 2010, p. 127)

Galvão (2010) transcreve um depoimento de Ariano Suassuna em que o reconhecido escritor e estudioso da literatura nordestina resalta o curioso fato de que 70.000 exemplares do folheto *A lamentável morte do Presidente Getúlio Vargas*, de Firmino de Paula, foram vendidos em 48 horas, após a morte de Getúlio ter sido divulgada nos rádios e jornais. Nas palavras de Suassuna, transcritas por Galvão (2010), os 70.000 leitores que compraram o folheto o fizeram porque queriam ver os acontecimentos “tratados nos termos da literatura deles” (GALVÃO, 2010, p. 128).

Os exemplos de Galvão (2010) esclarecem que a literatura de cordel é nitidamente marcada por um estilo que se constitui a partir da elaboração linguística consagrada por uma tradição. Essa elaboração resulta na expressão do ponto de vista do povo, em oposição ao ponto de vista oficial ou das elites.

Rei (2002), autor de trabalhos orientados pela Estilística articulada à Pragmática e à Semiótica, entende que “a significação não está previamente no código, é o uso que operacionaliza e recria o valor dos signos. Os jogos de linguagem reenviam-nos para uma lógica do possível não limitada por uma significação a priori (grifo do autor)” (REI, 2002, p. 42). A fim de elucidar o desenvolvimento da Estilística, o autor elaborou uma tabela que sintetiza a diversidade de concepções dessa disciplina e seus principais estudiosos (REI, 2002, p. 28):

Tabela 21 – Escolas Estilísticas

ESCOLAS ESTILÍSTICAS		
CORRENTE	ESTILÓLOGO	CONCEITUAÇÃO
DESCRITIVA	Chales Bally Marouzeau Cressot	Investigar a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade. Inicia-se, assim, a <i>Estilística da língua ou da expressão linguística</i> , que se ocupa da descrição do equipamento expressivo da língua como um todo, opondo a sua Estilística ao estudo dos estilos individuais e afastando-se, portanto, da literatura. (Martins,

		1977: 4)
RETÓRICA	Dubois	Utilizar os métodos linguísticos para a análise do texto literário e transpor o conceito de função poética, formulado por Jakobson, para o de função retórica. (. . .) Resta dizer que a retomada dos esquemas retóricos procura estender-se a outras linguagens, como a da publicidade ou a do cinema. (Monteiro, 1988: 184)
HISTÓRICA	Auerbach Vossler Croce Bousoño	Investigar o estilo de cada autor, determinando-lhe o contexto espiritual e analisando-o justamente como forma de interpretação e transmissão do real. Por essa razão, tal estudo está voltado para as idéias e para as formas sociais, como fundamento de uma história das mentalidades e da cultura.
IDEALISTA	Leo Spitzer Dámaso Alonso Amado Alonso G. Devoto José Luis Martín Helmult Hatzfeld	Recusar a divisão tradicional entre o estudo da língua e o estudo da literatura, instalar-se no centro da obra, procurando a sua chave na originalidade da forma linguística — no estilo, pois esse método de análise se assenta sobre a noção de <i>motivação</i> do signo poético, ou seja, tentar reproduzir a intuição que deu origem à obra.
ESTRUTURAL	Riffaterre Samuel Levin L. Dolez&el	Basear-se na objetividade, em critérios capazes de “frear” as inferências do leitor; <i>por isso, o trabalho de interpretação tem que centrar-se apenas nos fatos estilisticamente marcados</i> (Monteiro, 1998: 182). Riffaterre (1971: 121) afirma <i>que o poema não apenas é escrito num código que lhe pertence, mas a chave desse código se encontra no próprio texto.</i>
FUNCIONAL	Cohen Guiraud Raúl Castagnino	Procurar a originalidade na síntese de correntes diversas e tentar reconciliar as várias tendências estilísticas. Sentir a necessidade de reintegrar a retórica no quadro epistemológico da linguística e de reconciliar a estilística linguística com a crítica literária. (...) Cada obra é uma língua desconhecida, uma incógnita lançada à imaginação do espectador. Em cada obra o sentido de uma palavra depende das suas relações com as outras na própria obra. (Yllera, 1979: 50)

Fonte: REI, 2002, p. 28

Neste trabalho, adota-se a Estilística influenciada pela corrente funcionalista dos estudos linguísticos, segundo a qual a língua é entendida como “um instrumento de interação social”, que “existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos” (NEVES, 2004 p. 53). A Semiótica também constitui importante aparato teórico para esta pesquisa, visto que a proposta de leitura que será apresentada na próxima seção investiga como a seleção e o emprego dos recursos linguístico, sobretudo, no léxico, contribuem para a significação nos textos em análise.

Martins (2000) propõe a seguinte organização para os estudos estilísticos: *estilística do som, estilística da palavra, estilística da frase e estilística do discurso*, admitindo que os níveis fonológico, morfológico, sintático e contextual se interpenetram na construção do sentido.

A Estilística do som ou fônica, também chamada Fonoestilística, segundo Martins (2000, p. 26), “trata dos valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e nos enunciados”. A autora ressalta a importância dos fonemas e prosodemas (acento, entoação, altura e ritmo) para as funções emotiva – centrada no locutor – e poética – centrada na mensagem, usando a terminologia de Roman Jakobson (1896-1983) (MARTINS, 2000, p. 26).

A respeito da expressividade dos sons da língua, Martins afirma:

Além de permitir a oposição de duas palavras – função distintiva – a matéria fônica desempenha uma função expressiva que se deve a particularidades da articulação dos fonemas, às suas qualidades de timbre, altura, duração, intensidade. Os sons da língua – como outros sons dos seres – podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões. O modo como o locutor profere as palavras da língua pode também denunciar estados de espírito ou traços da sua personalidade. (MARTINS, 2000, p. 26)

A Estilística léxica ou da palavra, de acordo com Martins, estuda o aproveitamento estilístico dos aspectos semânticos e morfológicos das palavras, sem desvinculá-los dos aspectos sintáticos e contextuais. Segundo a pesquisadora:

Os atos de fala resultam da combinação de palavras segundo as regras da língua. Só teoricamente se separam léxico (palavras) e gramática (regras), visto que mesmo as palavras que têm um significado real, extralinguístico, só funcionam no enunciado com a agregação de um componente gramatical. (MARTINS, 2000, p. 71)

A Estilística da frase corresponde, segundo Martins (2000), à observação dos valores expressivos no nível da sintaxe. A autora destaca o potencial criativo desse domínio, distinguindo-o da fonologia, em que “não há possibilidade de criar novos fonemas”. Estes “já se encontram combinados nas palavras do léxico” e as alterações fônicas obedecem às tendências da língua (MARTINS, 2000, p. 129).

Em seguida, Martins (2000, p. 129) compara a sintaxe com a semântica e a morfologia, afirmando que, apesar da liberdade na escolha do léxico, o falante “recebe da comunidade linguística praticamente todo o seu vocabulário”. A respeito da formação de novas palavras, a autora entende que ocorrem pelo uso de elementos da língua, que são combinados a partir de processos preexistentes na língua (MARTINS, 2000, p. 129).

Segundo a estudiosa, a escolha do tipo de frase e sua construção oferecem mais possibilidades ao usuário da língua:

Na sintaxe, quem fala ou escreve escolhe entre os tipos de frase, obedecendo a um número mais ou menos restrito de regras rígidas. À dupla escolha do padrão sintático e do léxico corresponde a criatividade da frase, tendo o falante a possibilidade de produzir, em número infinito, frases novas e compreensíveis. (MARTINS, 2000, p. 129)

Martins destaca ainda a frase como suporte para a expressividade das palavras. A autora salienta que “é a frase que veicula os valores expressivos em potencial nas palavras, as quais, somente nela, têm o seu sentido explicitado e adquirem o seu tom particular – neutro ou afetivo” (MARTINS, 2000, p. 129).

A Estilística da enunciação, seguindo a orientação da Linguística, investiga no enunciado (produto da enunciação) as marcas dos elementos relacionados com a enunciação (ato de comunicação verbal): situação, contexto sócio-histórico, locutor, receptor, referente. Esses estudos se ocupam, dentre outros temas, dos aspectos que revelam uma inclinação subjetiva ou objetiva e da interação na atividade linguística, sendo citado também o interesse pela intertextualidade, fenômeno que resulta da combinação de enunciados de locutores diferentes. Segundo a autora:

A Linguística/Estilística da enunciação se interessa pelo nível de subjetividade do discurso. Se a linguagem é sempre produzida por um falante que sente a necessidade, a conveniência, o desejo ou o prazer de dizer qualquer coisa, a linguagem é sempre subjetiva. (...) Quando a subjetividade se reduz ao mínimo e praticamente se anula, tem-se um enunciado *objetivo*. (...) É nos discursos científicos que mais se encontra a objetividade, que é menos natural do que a subjetividade. (MARTINS, 2000, p. 190)

A respeito da importância da intertextualidade, Martins esclarece:

Assunto muito importante de que se vem ocupando a Linguística/Estilística da enunciação é o da intertextualidade, do aproveitamento ou citação de enunciados por um falante. (...) Uma das características importantes da linguagem é a possibilidade de um mesmo enunciado ser retransmitido através de uma cadeia de locutores, fator fundamental para o aproveitamento de experiências e conhecimentos das sucessivas gerações. (MARTINS, 2000, p. 192)

É necessário salientar, ainda, a contribuição de Lapa (1982) aos estudos estilísticos. O autor enfatiza o uso estilístico da palavra, suas peculiaridades de sentido, as possibilidades oferecidas pelas diversas classes de palavras e pelos seus processos de formação, a organização das palavras nas frases e os efeitos decorrentes desse ou daquele emprego. Lapa destaca a importância da escolha das palavras para a expressão do pensamento:

Quem escreve ou quem fala tem à sua disposição, para traduzir exatamente o pensamento, séries de palavras, ligadas por um sentido comum, que acodem ao espírito, para as necessidades de expressão.

(...)

Com efeito, a arte de escrever repousa essencialmente na escolha do termo justo para a expressão de nossas ideias e dos nossos sentimentos. Por outras palavras: só escrevemos bem, quando, na série sinonímica, escolhermos a palavra ou o grupo de palavras que melhor se ajustam àquilo que queremos exprimir. É nessa escolha que reside, em grande parte, o segredo do estilo. (LAPA, 1982, p. 21)

Ao lado da Estilística Semiótico-funcional e dos estudos arrolados como fundamentação teórica, a disciplina Semântica, o “estudo do significado das palavras”

(ULLMANN, 1964, p. 7), também subsidiará as propostas de leitura dos poemas de cordel, no próximo capítulo. Segundo Ullmann, há uma relação estreita entre a Semântica e a Estilística, ciência que se ocupa dos valores expressivos e evocativos da linguagem. De acordo com o autor: “demonstrou-se que todos os grandes problemas da semântica têm implicações estilísticas, e em alguns casos, como por exemplo no estudo das tonalidades emotivas, as duas orientações estão inextricavelmente entrelaçadas” (ULLMANN, 1964, p. 22).

Marques (1995) entende como objeto de estudo da Semântica o significado em um sentido amplo, ou seja, não restrito à palavra. A autora esclarece que “a semântica tem por objeto o estudo do significado (sentido, significação) das formas linguísticas: morfemas, vocábulos, locuções, sentenças, conjunto de sentenças, textos etc. , suas categorias e funções na linguagem” (MARQUES, 1995, p. 15).

A respeito da complicada distinção entre significado e sentido, Martins (2000) cita um estudo de Tatiana Slama-Cazacu. Seguindo a orientação desse estudo, Martins explica que:

O significado existe na palavra pertencente ao léxico da língua, é a noção da palavra e contém latências para casos particulares; no mecanismo concreto da comunicação, a noção se individualiza, torna-se mais precisa pela indicação do caso particular, se enriquece, se completa, torna-se o *sentido* que a palavra adquire para uma certa pessoa que a emprega em uma situação específica, sentido que se amplia mais ainda pelos diversos elementos afetivos. (MARTINS, 2000, p. 78)

Nessa perspectiva, entende-se o sentido da seguinte maneira:

O sentido é, pois, a realidade que aparece na prática da linguagem, como fato complexo e variável; o significado é uma parte necessária e muito importante dele, mas não é a única. O sentido depende dos diversos aspectos da personalidade de cada um e pode variar em diferentes momentos. Diz-se que o sentido é *denotativo* se a palavra designa determinado ser, ação, qualidade, circunstância, com valor exclusivamente referencial; se o sentido contém algum valor particular, subjetivo, já se torna *conotativo*. (MARTINS, 2000, p. 78)

Em uma análise estilística, focada na forma e no conteúdo dos elementos linguísticos, emergem, segundo Simões e Rei (2014, p. 449), “valores de natureza semiótica e semântica”. Os estudiosos afirmam que a Semântica “vai cuidar das significações construídas e correntes no universo de um sistema linguístico” (SIMÕES; REI, 2014, p. 449) enquanto a Semiótica “vai tratar do processo de produção de sentido a partir da análise das funções-valores que os signos eleitos pelo produtor do texto adquirem na trama textual” (SIMÕES; REI, 2014, p. 449). De acordo com os autores, “para chegar-se ao sentido mais apropriado, é preciso desenvolver-se a habilidade de identificar empregos especiais na superfície do texto. Tais empregos vão-se constituindo em marcas estilísticas” (SIMÕES; REI, 2014, p. 450). Nesta tese, seguindo a orientação de Simões e Rei (2014), prioriza-se como foco das reflexões a produção do sentido, o processo da significação a partir da seleção e emprego elaborado dos

recursos da língua nos textos em análise, ocupando-se especialmente da aplicação de substantivos e adjetivos/locuções adjetivas nos poemas de cordel que compõem o corpus deste estudo.

3.4 O substantivo e o adjetivo/locução adjetiva

Visto que a proposta de leitura que constitui a análise do corpus, no próximo capítulo, se concentra nas propriedades estilísticas e sócio-semânticas de substantivos e adjetivos/locuções adjetivas, cabem algumas considerações sobre essas classes de palavras.

Câmara Jr. (1998, p. 78-79) organiza os “vocábulo formais” de acordo com os critérios morfo-semântico e funcional, em três classes: nomes, verbos e pronomes. Concordando com Herculano de Carvalho, o autor afirma que “no nome ‘*a realidade em si*’... (grifo do autor) pode ser ou não constituída por um objeto físico” (CÂMARA JR., 1998, p. 78), exemplificando com a distinção entre substantivos concretos como *cadeira*, *flor* e *homem* e substantivos abstratos como *humanidade* e *beleza*.

A classe dos verbos, segundo Câmara Jr. (1998, p. 78), “apresenta as noções gramaticais, e morfemas gramaticais correspondentes, de tempo e modo, referentes a si mesmos, e de pessoa referente ao seu sujeito, ou ser a que ele é associado como ponto de partida do processo que designa”.

O que caracteriza o pronome, de acordo com Câmara Jr. (1998, p. 78), “é que, ao contrário do nome, ele nada sugere sobre as propriedades por nós sentidas como intrínsecas no ser ‘cadeira’ (...), ou ‘flor’ (...) ou ‘homem’”. Ou seja, “o pronome limita-se a mostrar o ser no espaço” (CÂMARA JR., 1998, p. 78).

A classe dos nomes, segundo Câmara Jr. (1998, p. 79), inclui os substantivos, os adjetivos e alguns advérbios (exemplo: “fala *eloquentemente*” em oposição a “fala *aqui*”, em que o advérbio seria pronome). O autor assume, portanto, que substantivos e adjetivos apresentam propriedades comuns, ao agrupar esses vocábulos na classe dos nomes.

O estudioso observa ainda que substantivos e adjetivos podem funcionar como elemento determinado ou determinante de acordo com o contexto:

Já sabemos que ao nomes portugueses se dividem, do ponto de vista funcional, em substantivos e adjetivos. Em princípio, não há entre as duas subdivisões uma distinção de forma. Muitos podem ser, conforme o contexto, substantivos ou

adjetivos, ou seja, funcionar numa expressão como determinado ou como determinante, respectivamente. Assim, um *marinheiro brasileiro* é um marinheiro (substantivo) que é da nacionalidade brasileira (sua qualificação expressa por um adjetivo), da mesma sorte que um *brasileiro marinheiro* logo se entende como um brasileiro (substantivo) que adotou a profissão da marinha (qualificação adjetiva) (grifos do autor). (CÂMARA JR. 1998, p. 87)

Perini (2010, p. 297) inclui substantivos e adjetivos na categoria dos “nominais”, argumentando que “a distinção tradicional entre substantivos e adjetivos é inadequada”. Segundo o autor, “palavras como *mesa, ele, alto, amigo, cada, esse, pulmonar*, que são nominais” diferem de palavras como *então, de, certamente, cheguei, quando, agora*, que não são” (grifos do autor) (PERINI, 2010, p. 298). O autor afirma que o traço gramatical mais importante dos nominais é que “podem ocorrer como constituintes imediatos de um SN (sintagma nominal)” (PERINI, 2010, p. 298), além de outros traços, como:

- “somente os nominais podem ter gênero (inerente ou governado)”;
- “somente os nominais pode ter número marcado pelo sufixo –s”;
- “somente os nominais podem ter potencial referencial” (PERINI, 2010, p. 298)

O estudioso divide os nominais em cinco subclasses: “nomes”, “pronomes”, “artigos e predeterminante”, “quantificadores etc.” e “possessivos” (PERINI, 2010, p. 300-306). A subclasse que interessa à presente pesquisa é a dos nomes, que, na abordagem de Perini (2010, p. 300), corresponde a um “grupo de itens tradicionalmente chamados ‘substantivos’ e ‘adjetivos’”. O autor destaca que o grupo dos nomes se caracteriza por apresentar potencial referencial ou qualificativo, ou os dois potenciais:

Uma característica dos nomes como grupo é muitos deles terem potencial referencial, e muitos potencial qualificativo. O potencial referencial não é exclusivo dos nomes (outros nominais, como *ele*, também têm); e o potencial qualificativo parece ser também assumido por verbos, como *ela brilha*, um sinônimo próximo de *ela é brilhante*. De qualquer maneira, os nomes todos têm ou um ou outro desses potenciais, e muitos têm os dois (como *amiga* em *minha amiga* e *uma pessoa amiga*) (grifos do autor). (PERINI, 2010, p. 301)

A classe dos substantivos assim é definida por Bechara (2004):

Sustantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*) (grifos do autor). (BECHARA, 2004, p. 112)

A respeito da classe dos adjetivos, o ilustre gramático a define como “a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma

parte ou a um *aspecto* do denotado” (grifos do autor) (BECHARA, 2004, p. 142). O adjetivo, segundo Bechara (2004, p. 145), “acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso, alunos estudiosos*” (grifos do autor), ou seja, o singular ou o plural. A respeito da concordância de gênero, o gramático afirma que “o adjetivo concorda também com o substantivo a que se refere” (BECHARA, 2004, p. 146), todavia ressalta que:

No substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre determinado e determinante, nada acrescentando semanticamente. (BECHARA, 2004, p. 147)

O estudioso esclarece ainda que a locução adjetiva “é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo” (BECHARA, 2004, p. 144).

A respeito dos adjetivos, Azeredo (2008, p. 169) declara que são “os lexemas que se empregam tipicamente para significar atributos ou propriedades dos seres e coisas nomeados pelos substantivos”. O autor afirma que a locuções adjetivas, “assim como os adjetivos, (...) expressam atributos ou classes dos seres, coisas e entidades a que se referem, restringindo a referência das expressões integradas por elas” (AZEREDO, 2008, p. 171).

Luft (2002, p. 148) observa que as locuções adjetivas, “como ‘classe’, são *sintagmas preposicionais* (grifo do autor) e que sua função é “adjetiva”.

Neves (2000, p. 173-174) afirma que na língua portuguesa existem: a) adjetivos simples, como “amigo” e “desagradável”, e b) adjetivos perifrásticos, ou locuções adjetivas, como “do interior” = “interiorano”.

A autora destaca, entretanto, que não é necessário que haja um adjetivo correspondente para que “uma expressão se configure como **locução adjetiva**, já que a existência, ou não, de um **adjetivo** correspondente é questão de **léxico**, e não da **gramática** da língua” (grifos da autora) (NEVES, 2000, p. 174), como ocorre na locução “de transporte”, que pode ou não ser substituída por “transportador”, “transportativo”, “transportatório” ou “transportante” no exemplo “Entende-se, assim, o aparecimento dos sistemas digestivo, respiratório, **de transporte**, excretor”¹⁰ (grifos da autora) (NEVES, 2000, p. 174). A estudiosa explica que “nessa ocorrência, a posição sintática de de transporte, claramente corresponde à de um adjetivo” e “pode ser invocada para responder pela determinação de classe” (NEVES, 2000, p. 174).

Reconhecendo-se a relação intrínseca entre os substantivos e adjetivos, selecionaram-se

¹⁰ A autora retirou o exemplo de PISETTA, S. E. *Fisiologia Animal Comparada*. São Paulo: Anglo, 1985.

essas duas classes de palavras, assim como as locuções adjetivas, a fim de constituir o ponto de partida para a análise dos cordéis que compõem o corpus e, assim, dar início à proposta de leitura com base na Estilística influenciada pela Semiótica, na Semântica e na perspectiva dialógica. Como o substantivo é a expressão da substância, e o adjetivo/locução adjetiva serve à sua caracterização, essas categorias serão observadas a fim de obter-se uma leitura do mundo sob a perspectiva da literatura de cordel, a fim de identificar-se a cosmovisão expressa nos versos dos poetas populares, que revelam o imaginário do povo.

Em um estudo sobre a estilística da palavra, Martins (2000, p. 77) afirma que os substantivos e adjetivos se incluem na categoria das palavras lexicais, “também chamadas lexicográficas, nocionais, reais, plenas”. A pesquisadora explica que essas palavras, “mesmo isoladas, fora da frase, despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações” (MARTINS, 2000, p. 77). Segundo a autora, as palavras lexicais “têm significação extralinguística ou externa, visto que remetem a algo que está fora da língua e que faz parte do mundo físico, psíquico ou social” (MARTINS, 2000, p. 77).

Martins (2000, p. 77) esclarece que as palavras lexicais são os substantivos, os adjetivos, os advérbios derivados de adjetivos ou correspondentes a eles e os verbos, exceto os verbos auxiliares e de ligação, “que são palavras gramaticais”. A respeito dos substantivos, a autora destaca que “são a classe mais aberta às novas criações e empréstimos” (MARTINS, 2000, p. 77).

Lapa (1982, p. 92), a respeito do valor estilístico do substantivo, afirma que “pouco difere do adjetivo, são dois aspectos duma mesma realidade linguística”. Segundo o autor, “a própria origem do nome tem mais de adjetivo do que de substantivo” (LAPA, 1982, p. 92), já que “ao princípio, todos os seres foram designados por uma qualidade fundamental que os caracterizava” (LAPA, 1982, p. 92). O estudioso ressalta a importância do adjetivo na arte de escrever, pois a aplicação precisa dessa categoria de palavras contribui para “dar cor a tudo, às coisas e aos pensamentos” (LAPA, 1982, p. 99). Segundo ele, “o bom escritor revela-se num grande número de qualidades; mas entre elas sobressai a de aplicar com precisão e pitoresco os seus adjetivos” (LAPA, 1982, p. 99).

O pesquisador destaca o valor estilístico da posição do adjetivo qualificativo em relação ao substantivo. O autor explica que “muitas línguas, como o inglês e o alemão, têm uniformemente o adjetivo antes do substantivo; outras, como o francês, têm regras mais ou menos fixas para sua colocação” (LAPA, 1982, p. 104). Ele ressalta que “só o português e o

espanhol admitem liberdades que dão a quem fala e escreve riquíssimas possibilidades de expressão” (LAPA, 1982, p. 104) e exemplifica com duas frases:

1. O rapaz *pobre* necessita de fazer economias.
2. O *pobre* rapaz ficou reprovado no exame. (LAPA, 1982, p. 104)

Lapa esclarece que:

No primeiro caso, o adjetivo *pobre* está empregado no seu verdadeiro sentido, define com precisão a qualidade do *rapaz*: “moço sem recursos”. No segundo caso, entramos já em outra esfera: o adjetivo está empregado com significação diferente; na verdade, aquele “pobre rapaz” pode ser agora um rapaz imensamente rico. E o adjetivo e toda a frase aparecem-nos impregnados de sentimento, de compaixão. Tudo isto se obteve com a colocação do adjetivo antes do substantivo. (LAPA, 1982, p. 104-105)

O estilicista conclui que, em português, “quando o adjetivo está logo depois do substantivo, tende a conservar o valor próprio, objetivo, intelectual; quando está antes, tende a embrandecer-se, adquirindo matização afetiva” (LAPA, 1982, p. 105).

Monteiro (2009) reconhece a diferença semântica entre o substantivo, que traduz o mundo biossocial, e o adjetivo, que expressa os atributos dos seres:

A representação dos entes reais ou imaginários se faz linguisticamente por meio de vocábulos que (...) se caracterizam por traduzir uma perspectiva estática em relação ao mundo biossocial. Os seres, porém, são percebidos em função de seus atributos, daí surgindo a distinção semântica entre substantivos e adjetivos. (MONTEIRO, 2009, p. 126)

Todavia, o autor destaca a relação “indissolúvel” entre substantivos e adjetivos, visto que essa última classe “exprime noções qualitativas atribuídas aos seres” (MONTEIRO, 2009, p. 128) e salienta o valor afetivo e, conseqüentemente, estilístico, da categoria dos adjetivos:

É possível imaginar a importância de seu emprego (dos adjetivos) no discurso literário, dado que toda qualidade manifestada implica uma atitude valorativa. É uma das classes que mais indiciam o lado afetivo da comunicação, o que faz de seu enfoque um dos assuntos prediletos dos estudiosos do estilo. (MONTEIRO, 2009, p. 128)

Na próxima seção, serão apresentadas seis propostas de leituras, centradas nos seguintes poemas de cordel: *A briga do rapa com o camelô*, de Gonçalo Ferreira da Silva (2007); *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos (1978); *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende (1923); *A desventura de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler*, de João Martins de Athayde (1945); *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, de Janduhi Dantas (2011) e *O coelho e o jabuti*, de Arievaldo Viana (2011). Investigam-se, nessas propostas, a significação produzida por meio do emprego elaborado dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas com finalidade expressiva e as

relações de sentido que podem ser estabelecidas com outros textos, enriquecendo as possibilidades sígnicas das leituras apresentadas.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*

Tarefa extremamente difícil foi selecionar os poemas de cordel que fariam parte deste *cópus*, haja vista a imensidão da literatura de cordel, assim como a riqueza sónica e a representatividade de seus textos em relação ao povo brasileiro, em especial, o nordestino. O critério para a seleção dos textos foi a adequação ao ensino de língua materna no Ensino Fundamental II, de acordo com os temas discutidos pelos poemas ou com alguma característica (humor, fantasia) que possa ser um atrativo para o leitor em fase escolar.

Este *cópus* é composto por seis propostas de leitura centradas em poemas de cordel, a fim de contribuir para o trabalho pedagógico com a literatura de cordel nas aulas de Língua Portuguesa. As análises são orientadas, sobretudo, pela Estilística Semiótico-funcional, pela Semântica e pelos estudos de Bakhtin que perquirem o dialogismo ou as relações de sentido entre os enunciados. Observam-se, sobretudo, a fim de entender o processo de produção de sentido nos textos apreciados, a seleção e o emprego dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas e os recortes isotópicos construídos com base nessas categorias de palavras.

Os temas que orientarão as leituras dos textos que se apresentam nas próximas seções são:

- A dinâmica da luta de classes;
- Idealização da terra;
- Cordel misterioso;
- A educação formal, a escrita e as novas tecnologias em debate no cordel;
- A mulher na literatura de cordel;
- Cordel fabuloso

4.1 A dinâmica da luta de classes

A leitura do folheto *A briga do rapa com o camelô*, de Gonçalo Ferreira da Silva (2007) será orientada, sobretudo, pela observação das vozes dissonantes presentes no texto, uma, mais de acordo com o discurso oficial, e outra, representando o homem do povo em sua luta diária pela sobrevivência. A própria literatura de cordel se caracteriza por essa oposição à voz do mais forte, ao discurso dominante, posicionando-se como manifestação da voz do povo, desviando-se, algumas vezes, do politicamente correto.

O poema em foco será apreciado considerando-se também suas possíveis relações com outros textos e sua pertinência à categoria de poemas de cordel *briga/peleja/debate/discussão/encontro*, na qual o conflito entre os personagens serve como fio condutor da narrativa em versos. O poema de Gonçalves Ferreira da Silva se constitui como uma unidade de sentido na medida em que corrobora determinados discursos e nega outros, assumindo uma posição na cadeia da interação verbal.

A categoria *briga/peleja/debate/discussão/encontro* constitui uma vertente da literatura de cordel caracterizada por uma disputa ou um enfrentamento de sujeitos rivais ou com posições ou opiniões opostas. Alves Sobrinho (2003, p. 50) define peleja como “torneio de poesia improvisada entre dois cantadores repentistas”. Na mesma obra, o autor estabelece uma classificação para os folhetos de cordel, sendo a primeira categoria: “1 – Peleja, Debate, Discussão e Encontro” (ALVES SOBRINHO, 2003, p. 109). O estudioso, então, define:

Peleja – Desafio entre dois cantadores, cada um defendendo o nome e a fama pela agilidade de seu pensamento e pelo talento de seu improviso.

Debate – Discussão em que há defesa de um ponto de vista por cada um dos contendores.

Discussão – Mesmo que debate.

Encontro – Descreve luta entre dois valentões onde entra em jogo a força física. O mais característico nesta modalidade é o *Encontro de Lampião com Lampião* de João José da Silva. (ALVES SOBRINHO, 2003, p. 109)

Nessa perspectiva, entende-se que os folhetos que narram e descrevem tais conflitos seguem a tradição dos cantadores repentistas que se desafiam.

Analisando o título do folheto em foco – *A briga do rapa com o camelô* – infere-se que a narrativa trata de um confronto que, apesar de envolver um duelo físico, tem como motivação ideias e discursos conflitantes. Gonçalves Ferreira da Silva é autor de diversos folhetos que se ocupam dessas disputas: *Discussão do macumbeiro e o crente*, *Disputa do português com o fiscal*, *Encontro de Cancão de Fogo com João Grilo*, *Discussão de Zé do Tabaco com o Doutor Saúde*, *Briga do Bispo Macedo com o Diabo*. De acordo com informações da página virtual da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel) da qual é o presidente, Gonçalves Ferreira da Silva é poeta, contista, ensaísta. Nasceu em Ipu, Ceará, no dia 20 de dezembro de 1937 e, atualmente, vive no Rio de Janeiro (<http://www.ablc.com.br/o-cordel/grandes-cordelistas/> Acesso em 12 abr. 2017).

Segue o texto que será centro da discussão:

A briga do rapa com o camelô

1 Severino Cana Brava
natural de Itabaiana

17 A notícia que o “rapa”
chegou foi tomando vulto,

- na Paraíba do Norte
 é um sujeito bacana
 mas deixando o velho norte
 para tentar melhor a sorte
 por pouco não entra em cana.
- 2 Severino era um sujeito
 querido em todos os cantos
 deixava as “gatinhas” tontas
 com galanteios e encantos.
 Severino Cana Brava
 quando falava lembrava
 um futuro Sílvio Santos.
- 3 Assim foi fácil ele mesmo
 descobrir que no chão duro
 do sertão de sua terra
 não tinha nenhum futuro.
 Numa noite de verão
 arrumou o matulão
 saindo ainda com escuro.
- 4 Chegando ao Rio de Janeiro
 foi trabalhar de ajudante
 de pedreiro numa obra
 mas pensava todo instante:
 quando eu tiver boa quantia
 vou comprar mercadoria
 pra trabalhar ambulante.
- 5 Com pedaços de sarrafos
 fez uma banca, ligeiro,
 quando recebeu na sexta-
 feira o primeiro dinheiro
 o machão de Itabaiana
 chegando em Copacabana
 instalou seu tabuleiro.
- 6 Um camelô perto dele
 já na profissão antigo
- Severino disse logo
 já no meio do tumulto:
 – O maldito deste “rapa”
 hoje vai entrar no tapa,
 pra casa eu não levo insulto.
- 18 Quando o “rapa” aproximou-se
 foi declarando arrogante:
 Não permito mais na praça
 qualquer tipo de ambulante
 ainda mais camelô
 que quer criar bololô
 se fazendo de importante.
- 19 – Vamos lá, arruma as malas,
 acabou-se a brincadeira,
 a sua mercadoria
 e também sua carteira
 estou no firme propósito
 de levá-las pro depósito
 lá na Praça da Bandeira.
- 20 Severino calmamente
 disse: Vossa senhoria
 já acabou de falar?
 disse tudo o que queria?
 queira, pois, acreditar
 que o senhor não vai levar
 a minha mercadoria.
- 21 O “rapa” ao ouvir aquilo
 consultou seu ajudante,
 a multidão ensaiou
 vaia desmoralizante
 mas o “rapa” também era
 uma verdadeira fera
 e falou desafiante.
- 22 – Meus punhos até aqui
 têm sido compreensivos

- disse: Na arte eu sou velho
e agora sou seu amigo,
entendo muitos assuntos
e nós trabalhando juntos
não conhecemos perigo.
- 7 Severino Cana Brava
disse: É o seguinte, irmão,
não vim aqui pra dar mole,
sou natural do sertão,
eu não dou rasteira em sapo
e você, pelo seu papo,
é da mesma opinião.
- 8 Eles vendiam baralhos
da marca “Sarapati”
Um é cem, três é duzentos,
um pro cavalheiro aqui,
um pra moça da revista,
o da camisa de lista
está pedindo um ali.
- 9 Formou grande multidão
em torno do vendedor,
por sentir reconhecidos
seu talento e seu valor
Severino repetia:
– Meu povo, a mercadoria
dá pra todos, por favor.
- 10 Sabendo que amanhã
seria um belo domingo,
e como a mercadoria
de fato já estava um pingo
fez sinal para o parceiro
que fosse muito ligeiro
pegar baralho no gringo.
- 11 O camelô falou logo
com o gringo no sobrado
pois não atenderam ainda
aos impulsos instintivos
prestem homenagem a eles
pois graças à calma deles
vocês continuam vivos.
- 23 Severino Cana Brava
tomou uma decisão:
– Senhores que estão presentes
sou um homem do sertão,
sou pau pra todo instrumento
deixem que só eu enfrento
este “rapa” valentão.
- 24 Dizendo isto, com o dedo
grande do pé chegou junto
ao chão e fez logo um risco
dando por findo o assunto:
– Deste risco para lá
és homem e dele pra cá
um miserável defunto.
- 25 O “rapa” apagou o risco
sem temer qualquer perigo
e penetrou frontalmente
no terreno do inimigo.
OuvIU-se de Severino
um palavrão nordestino
que não se diz com amigo.
- 26 Os dois ali se agarraram
com o maior desatino
todos querendo a vitória
do camelô nordestino.
O ajudante, coitado,
também se viu obrigado
a torcer por Severino.
- 27 Um detalhe curioso:
ninguém queria apartar

- que os baralhos que eles
à praça tinham levado
não foram suficientes
para atender os clientes
tinha o estoque esgotado.
- 12 Bolsas de supermercados
foram providenciadas,
depois, cuidadosamente,
a Severino enviadas
enquanto ele na praça
brincava e fazia graça
com lorotas e piadas.
- 13 Na primeira carta, tinha
uma moça bem vestida
na outra, só de bermuda,
na outra, logo em seguida,
que era a terceira carta,
só de biquíni, e, na quarta
completamente despida.
- 14 Era aquilo, exatamente,
que o pessoal gostava,
quanto mais abria as cartas
mais emoção encontrava,
mostradas pelo artista
e grande propagandista
Severino Cana Brava.
- 15 A praça dos cearenses,
ou Serzedelo Correia,
reduto dos nordestinos
encontrava-se tão cheia
que não tinha quem julgasse
que aquilo terminasse
numa batalha tão feia.
- 16 Um camelô carioca
bem conhecido na Lapa
- pois todos queriam ver
a luta continuar
enquanto os que duelavam
também não manifestavam
vontade alguma em parar.
- 28 O rosto do “rapa” estava
ensanguentado demais,
e recebia uma chuva
de pontapés magistras,
a camisa era uma tanga,
a calça uma ciricanga
que já não prestava mais.
- 29 Quando o “rapa” despertou
do castigo recebido
estava num hospital
tão mortalmente ferido
que da enfermeira indagou:
Que dia é hoje? Onde estou?
que ano fui socorrido?
- 30 Dois anos depois o “rapa”
teve recuperação
e logo se dirigiu
à sua repartição.
Para evitar pior mal
nunca mais quis ser fiscal
solicitou demissão.
- 31 Severino Cana Brava
tranquilo bebia garapa.
Na feira de São Cristóvão,
com um camelô seu chapa,
comia churrasco no espeto
enquanto lia o folheto
da briga dele com o “rapa”.

disse para um vendedor
de aluá e garapa:
– Seguinte, meu companheiro,
arruma teu tabuleiro
porque aí vem o “rapa”.

O poema é organizado em estrofes de sete versos em redondilha maior, rimando o segundo, o quarto e o sétimo versos, e o quinto com o sexto. Segundo Silva (2011, p. 26), “as setilhas são uma modalidade relativamente recente” e prova disso “está na ausência quase completa delas na grande produção de Leandro Gomes de Barros” (SILVA, 2011, p. 26). O pesquisador afirma ainda que, para alguns estudiosos do cordel, as setilhas foram criadas pelo poeta José Galdino da Silva Duda, 1866-1931. Todavia, “o autor mais rico nessas composições, talvez por se tratar do maior humorista da literatura de cordel, foi José Pacheco da Rocha, 1890-1954”, autor de *A chegada de Lampião no inferno* (SILVA, 2011, p. 27).

O título do poema e o nome do personagem principal, *Severino Cana Brava* possibilitam diversos diálogos e reflexões. A partir do título do poema – *A briga do rapa com o camelô* –, o leitor é direcionado para uma cosmovisão caracterizada pelo popular, não só por se tratar de um folheto de cordel, mas também pela seleção vocabular. Comparando-se cada substantivo do título a um sinônimo, percebe-se a preferência pelo termo que guarda o traço da linguagem popular: *briga X discussão, rapa X fiscalização, camelô X ambulante*. O leitor é orientado para o cenário da rua, para um evento tumultuado, para uma situação de alvoroço vivenciada por membros da classe popular.

Há duas linhas isotópicas opostas no texto, uma relacionada ao discurso do poder, e outra, que corresponde ao discurso do oprimido. O cordel, como manifestação da literatura popular, defende o sujeito socialmente desfavorecido, finalizando a narrativa com a vitória do fraco sobre o forte, em perspectiva semelhante à do discurso bíblico, que professa: “Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (LUCAS 14, 11).

A mesma orientação da luta entre oprimido e opressor é apresentada pela banda *O Rappa*¹¹, cujo nome estabelece uma relação com os acontecimentos das ruas, onde os discursos se encontram e entram, não raras vezes, em conflito. A canção *Oia o rapa*¹²,

¹¹Disponível em: <http://www.orappa.com.br/blog/novidades/cao-careca-bat-macumba-a-origem-do-nome-o-rappa/> Acesso em: 03 ago. 2014.

¹²Disponível em: <http://www.letras.mus.br/o-rappa/77646/> Acesso em: 03 ago. 2014

composta por Lenine e Sergio Natureza e gravada pela banda O Rappa em 1996, descreve, assim como o folheto de Silva, o tumulto causado pela chegada do rapa a um espaço ocupado pelos camelôs:

Tremenda correria	Os caras tão aí
Some com a mercadoria	E a tal turma do rapa
	Rapadura de engolir
Sujou, sujou, sujou, rapaziada	Que barra pesada
É penalty, é penalty	Os caras tão aí
Os homens tão na área	E a tal turma do rapa
Levaram, levaram	Vai ser duro de engolir
Levaram na mão grande	
É grande, é grande, é grande a confusão	Batida, batida
	Não tem colher de chá
É um armário esse negão	Batida, batida
Derruba o tabuleiro	Não dá nem pra tramar
Mas parece um caminhão	Batida, batida
Derruba o tabuleiro	Que bode de vida
	Não dá nem pra tramar
Que barra pesada	

O nome do personagem principal do cordel de Silva (2007), Severino, muito comum no Nordeste, como outros nomes de santos, e o sobrenome Cana Brava possibilitam ao leitor diálogos com outros textos, com personagens homônimos. Pode-se estabelecer um diálogo, por exemplo, com o poema *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, do qual se transcrevem duas estrofes:

Somos muitos Severinos	morremos de morte igual,
iguais em tudo na vida:	mesma morte severina:
na mesma cabeça grande	que é a morte de que se morre
que a custo é que se equilibra,	de velhice antes dos trinta,
no mesmo ventre crescido	de emboscada antes dos vinte
sobre as mesmas pernas finas	de fome um pouco por dia
e iguais também porque o sangue,	(de fraqueza e de doença
que usamos tem pouca tinta.	é que a morte severina
E se somos Severinos	ataca em qualquer idade,
iguais em tudo na vida,	e até gente não nascida).

Fonte: MELO NETO, 1980, p. 71

É comum, no Nordeste, que os Severinos, sejam apelidados de Bui ou Bio. Nas tiras do Bode Gaiato, divulgadas na internet, o personagem Bio é alcoólatra:

Figura 11 – Tira do Bode Gaiato



Fonte: <http://blogobodegaiato.blogspot.com.br/2013/12/armaria-bio-pinguco.htm> Acesso em 11 mar. 2017.

Inferre-se desses dois exemplos que é recorrente o nome Severino (e o apelido correlato Bio/Bui) para denominar o sujeito nordestino e atribuir-lhe características consideradas típicas: sofredor, trabalhador, viril, valente e, às vezes, cômico.

O sobrenome Cana Brava remete ao personagem João Canabrava, do humorista cearense Tom Cavalcante. O personagem da *Escolinha do Professor Raimundo* (programa exibido pela Rede Globo entre 1990 e 1995, apresentado por Chico Anysio, e agora em reapresentação no Canal Viva) se caracterizava pela constante embriaguez. Relacionando os sobrenomes dos personagens Severino e João, deduz-se o hábito de consumir bebida alcoólica, também observado no personagem Bio, e a jocosidade do herói do folheto é reforçada nessa associação.

Verificada a possibilidade de estabelecer diálogos muito proveitosos entre o cordel de Silva e diversos textos, como os supracitados, será, nesta seção, priorizada a relação que pode

se estabelecer com a letra da música *O encontro de Lampião com Eike Batista* (2012), da banda carioca El Efecto, depois da análise dos versos de Silva (2007).

As primeiras estrofes da narrativa em versos descrevem Severino como um sujeito inteligente e bom de conversa, comparado ao apresentador de televisão e empresário Silvio Santos, que, na juventude, também trabalhou como camelô no Rio de Janeiro. Em seguida, o poema trata do deslocamento de Severino do Sertão para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. O projeto de Severino era ser camelô, trabalhar por conta própria, ser menos explorado. A fim de executar seu projeto, o herói conseguiu dinheiro trabalhando na construção civil, como ajudante de pedreiro. Com criatividade e determinação, por fim, montou sua banca em Copacabana, bairro nobre e movimentado, logrando êxito nas vendas por sua simpatia e pelo dom da palavra.

Havia, entretanto, um obstáculo para Severino em sua luta por melhores condições de vida: a fiscalização dos agentes do governo, acompanhada de repressão e violência. Em contrapartida, a cooperação entre os camelôs criava uma rede de apoio mútuo e resistência, como se pode notar na décima sexta e décima sétima estrofes: rapidamente a notícia da chegada do rapa disseminou-se da Lapa, na região central do Rio de Janeiro, até Copacabana, na zona sul da cidade, alertando os camelôs para que fugissem a tempo com sua mercadoria.

O personagem Severino decide não fugir do rapa, mas enfrentá-lo. A humildade do herói entra em confronto com a arrogância do agente, que representa o ponto de vista dos poderosos e seu controle sobre os desfavorecidos da sociedade, como pode ser percebido a partir da décima oitava estrofe. A adesão do povo à causa de Severino é muito clara: na vigésima primeira estrofe relata-se que a multidão ensaiou uma “vaia desmoralizante” para o rapa e na vigésima sexta estrofe afirma-se que “todos queriam a vitória do camelô nordestino” na briga, de modo que o ajudante do rapa “também se viu obrigado a torcer por Severino”. O embate entre as vozes dissonantes resultou no triunfo da voz popular sobre a voz de uma minoria dominante. Leitura semelhante é construída na charge a seguir, que circulou recentemente na internet, na qual se lê que o povo unido começa a tomar consciência de seu poder e a posição privilegiada do governo é ameaçada.

Figura 12 – Charge.



Fonte: [http://4. bp. blogspot. com/-7WIgYwLLnwk/T2JGyZFLWjI/AAAAAAAAAbw/NeG7JIOGG88/s1600/politica.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-7WIgYwLLnwk/T2JGyZFLWjI/AAAAAAAAAbw/NeG7JIOGG88/s1600/politica.jpg) Acesso em: 11 mar. 2017.

O poeta popular constrói sua narrativa em versos a partir de uma cosmovisão que favorece Severino, concebendo o personagem como um herói que luta bravamente para sobreviver, sem se deixar intimidar. A literatura de cordel se constitui como um gênero textual que expressa a voz do povo, suas impressões a respeito do mundo e das relações humanas. Ou seja, manifesta, por natureza, uma voz de oposição ao discurso oficial, de modo que a voz do povo é exaltada e o discurso dos poderosos, ridicularizado. No cordel de Gonçalves, o personagem popular derrota o rapa com suas ideias, com suas palavras, com sua força física e, diferentemente do que acontece na realidade, não é punido por isso; pelo contrário, o rapa é quem sofre as consequências de sua associação ao governo, enquanto Severino se diverte com seus pares na feira de São Cristóvão, no final do folheto.

A saga de Severino passa por momentos diversos, que vão do mais abstrato e fugaz ao mais concreto e permanente. Sua aventura tem início na ideia de ir para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida e em seu projeto de ser camelô, que concretiza por meio do dinheiro proveniente de seu trabalho na construção civil, conseguindo montar sua barraca para vender baralhos em Copacabana. O projeto de Severino se realiza pela ação e pela palavra, com que estabeleceu relações com clientes, colegas, transeuntes. Por meio da palavra, o ambulante defendeu sua sobrevivência, suas convicções, opondo-se à repressão traduzida na figura e no discurso do rapa. A discussão culminou em uma luta física, já que o embate não fora solucionado pelo diálogo. A saga de Severino termina na palavra escrita, pois sua briga fica registrada em um folheto de cordel vendido na feira de São Cristóvão, centro de lazer que preserva e divulga a cultura nordestina. O percurso do personagem se confunde com a história da literatura de cordel, que parte do pensamento, passando pela palavra falada ou literatura oral e se materializa escrita nos folhetos.

A fim de entender como se estabelecem no texto de Silva (2007) as linhas isotópicas que opõem os pontos de vista do rapa e do camelô, criando o conflito que serve como fio condutor do poema, apresenta-se a tabela abaixo, com os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas destacados das quatorze últimas estrofes do texto, nas quais a contenda se torna mais evidente. Organizam-se os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas conforme fazem referência à dimensão do poder e da fiscalização ou à atividade do camelô, buscando, nas ruas, manter a sobrevivência a seu modo.

Tabela 22 – Recortes isotópicos em *A briga do rapa com o camelô*, de Gonçalves Ferreira da Silva (2007)

Substantivos e adjetivos/locuções adjetivas	O rapa/ a fiscalização	O camelô/ o povo
Estrofe 18	Rapa, arrogante (voz do narrador)	Praça, ambulante, camelô, bololô, importante (voz do rapa)
Estrofe 19		Malas, brincadeira, mercadoria, carteira, firme propósito, depósito, Praça da Bandeira (voz do rapa)
Estrofe 20		Severino (voz do narrador) Mercadoria (voz do camelô)
Estrofe 21	Rapa, ajudante, verdadeira fera (voz do narrador)	Multidão, vaia desmoralizante (voz do narrador)
Estrofe 22	Punhos, impulsos instintivos, calma (voz do rapa)	Homenagem, vivos (voz do rapa)
Estrofe 23	Rapa valentão (voz do camelô)	Severino Cana Brava, decisão (voz do narrador) Presentes, homem do sertão, pau pra todo instrumento (voz do camelô)
Estrofe 24	Homem, miserável defunto (voz do camelô)	Dedo grande do pé, chão, risco, assunto (voz do narrador) Risco (voz do camelô)
Estrofe 25	Rapa, risco, perigo, terreno do inimigo (voz do narrador)	Severino, palavrão nordestino, amigo (voz do narrador)
Estrofe 26	Maior desatino, ajudante, coitado, (voz do narrador)	Maior desatino, vitória do camelô nordestino, Severino (voz do narrador)
Estrofe 27	Detalhe curioso, luta, vontade (voz do narrador)	Detalhe curioso, luta, vontade (voz do narrador)
Estrofe 28	Rosto do rapa, ensanguentado, chuva de pontapés magistras, camisa, tanga, calça, circanga (voz do narrador)	
Estrofe 29	Rapa, castigo, hospital, ferido,	

	enfermeira (voz do narrador)	
Estrofe 30	Rapa, recuperação, repartição, pior mal, fiscal, demissão (voz do narrador)	
Estrofe 31	Rapa (voz do narrador)	Severino Cana Brava, tranquilo, garapa, feira de São Cristóvão, camelô, chapa, churrasco no espeto, folheto, briga (voz do narrador)

Fonte: Autora

Percebe-se que, na fala do narrador, os substantivos e adjetivos referentes ao rapa contribuem para uma linha isotópica centrada em um exercício de poder não reconhecido pelo povo, enfatizando a arrogância, a violência (por exemplo: “arrogante”, “verdadeira fera”) e o merecido castigo (estrofes 28, 29 e 30). A posição do narrador, favorável ao camelô e contra o rapa é evidente no fato de o rapa e seu ajudante não serem nomeados com substantivos próprios, ao contrário do camelô, cujo nome é Severino. Na fala do rapa, exalta-se sua própria força (exemplo: “punhos”, “impulsos instintivos”), o personagem se coloca em uma posição de superioridade em relação a Severino. Este, por sua vez, como se pode perceber pelo emprego dos substantivos e adjetivos destacados na tabela, debocha da valentia do rapa (“rapa valentão”) e não se submete ao seu domínio, ameaçando transformá-lo de “homem” em “miserável defunto”.

No que diz respeito à linha isotópica referente ao camelô e à dimensão popular, na fala do narrador, o camelô, como já foi observado, tem nome e sobrenome: “Severino Cana Brava”, o personagem tem identidade, ao contrário do rapa e de seu ajudante, que são seres apagados e dominados pelo discurso de poder do qual também são vítimas. A “multidão”, sedenta por justiça social, apoia Severino, seu representante no embate, e lança “vaia desmoralizante” ao rapa. Severino é exaltado por sua valentia, por tomar “decisão” e não se deixar dominar. A “vitória do camelô nordestino”, é premiada, no fim do cordel, com a tranquilidade de estar entre seus pares, vivendo de acordo com sua cultura, bebendo “garapa”, comendo “churrasco no espeto”, na “feira de São Cristóvão”, lendo o “folheto” de cordel do qual ele é o personagem principal. Na fala do rapa, o universo do trabalho ambulante no espaço público é construído pela aplicação de vocábulos como *praça*, *ambulante*, *camelô*, *malas*, *mercadoria*, *depósito*, *Praça da Bandeira*. A atividade do camelô é avaliada de modo pejorativo como *bololô* (confusão, bagunça) e *brincadeira*, o que torna claro o desprezo e o não reconhecimento pelo trabalho do camelô como um meio legítimo de garantir a sobrevivência. Severino, fortalecido pelo apoio dos cidadãos *presentes*, exalta sua capacidade de resistência e superação, já que é *homem do sertão*, *pau pra todo instrumento*.

A capa do folheto de Silva (2007), a seguir, oferece pistas para a leitura do texto e contribui com a construção dos sentidos nele articulados.

Figura 13 – Capa do folheto *A Briga do Rapa com o Camelô*



Fonte: Fotografia da capa do cordel *A Briga do Rapa com o Camelô*

A capa apresenta o título do poema com algumas letras inclinadas, desalinhadas, o que gera um sentido de desconcerto. A xilogravura estampada na capa representa os personagens em conflito, o rapa e Severino, salientando diferenças entre eles. O rapa é branco, usa uniforme, sapatos, está armado com um cassetete em riste. Severino é negro, talvez queimado de sol por seu trabalho nas ruas, está descalço, desarmado, com os braços para baixo, surpreso, atrás de sua barraca. Um detalhe é que o rapa está com a boca cerrada, enquanto Severino está com a boca aberta. Boca aberta e boca fechada são símbolos icônicos e podem ser interpretados como: (a) na perspectiva do camelô – boca aberta representa surpresa ou desejo de argumentar; (b) na perspectiva do rapa (agente público repressor) - boca fechada – representa cumprimento do dever sem diálogo ou incapacidade de argumentação. O dom da palavra caracteriza o personagem nordestino, representante do povo do Nordeste e da própria literatura de cordel, que, no folheto de Silva (2007), posiciona-se em defesa do camelô. Assim como Severino, a literatura de cordel não se cala, assegurando sua identidade ao longo do tempo, opondo-se ao discurso dominante.

Muitos diálogos proveitosos podem ser propostos em sala de aula, enriquecendo a habilidade leitora dos estudantes. Uma leitura extremamente profícua do folheto de Silva

(2007) pode ocorrer estabelecendo-se um diálogo com a letra da música *O encontro de Lampião com Eike Batista*¹³ (2012), da banda carioca El Efecto.

Duas coisas bem distintas	Não gosto de violência
Uma é o preço, outra é o valor	Trago papel assinado
Quem não entende a diferença	Prezo pela transparência
Pouco saberá do amor	A terra de fato é minha
Da vida, da dor, da glória	O governo fez leilão
E tampouco dessa história	Eu que dei maior lance
Memória de cantador	Ganhei a licitação
	Não sou nenhum trapaceiro
Reza a história que num dia	O que é meu é de direito
Daqueles de sol arisco	Mas como bom cavalheiro
O bando de cangaceiros	Lhes proponho um outro jeito"
Mais valente nunca visto:	
Candeeiro, Labareda,	Chamou Lampião na chinha
Zabelê e Mergulhão	Prum papo particular
Juriti, Maria Bonita	Uma proposta de ouro
Volta-Seca e Lampião	Difícil de recusar
Enedina, Quinta-feira	"Vou ganhar muito dinheiro
Beija-flor e Zé Sereno	Com um novo agronegócio
Lamparina, Bananeira.	Emprego teu bando inteiro
Andorinha e o Moreno	Ainda te chamo pra ser sócio"
Moderno, Trovão, Dadá	
Moita Brava e mais Corisco	"Tu pode comprar São Paulo
Pra mó de se arrefrescar	E o Rio de Janeiro
Margeavam o São Francisco	Foto em capa de revista
	Por causa do teu dinheiro
De repente um escarcéu	Ter obra no mundo inteiro
Aperreia todo bando	Petróleo, mineração
Um trem vem rasgando o céu	Mas aqui nesse pedaço
E na terra vai pousando	Quem manda é o rei do cangaço
Do grande urubu de lata	Virgulino, Lampião!"
Cercado por muitos ômi	Se tu gosta de x mais um x eu vou lhe dar no xaxado que

¹³ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/el-efecto/o-encontro-de-lampiao-com-eike-batista/> Acesso em: 08 set. 2016.

	diz
Desce um gringo de gravata	Se tu gosta de x mais um x eu vou lhe dar no xaxado que diz: chispa!!
Falando no telefone	
	E os homi tudo de gravata desandaram a fugi
Uns homi tudo de preto	Subiru no urubu de lata e arredaram o pé dali
Peste vinda do futuro	E até o velho Xico cantou pra todo mundo ouvir:
Que pra não olhar no olho	Hay que, hay que, Eike, hay que, hay que, hay que resistir!
Veste óculos escuro	
Um se aproximou do bando	Duas coisas bem distintas
Grande pinta de artista	Uma é o preço, outra é o valor
Disse com ar de desprezo	Quem não entende a diferença
Muito seco e elitista:	Pouco saberá do amor
"Calangada arreda o pé	Da vida, da dor, da glória
Que agora isso é de Eike Batista!"	E tampouco dessa história

Memória de cantador...

A peixeira já luzia
 Quando o gringo intercedeu
 "Perdoem a grosseria
 Desse empregado meu
 Sou homem civilizado

A canção dos jovens cariocas tem “valor” imensurável em uma leitura dialógica com a literatura de cordel, por diversas razões. A letra retoma a categoria de poemas de cordel *pelejas, debates, discussões, brigas e encontros*, apresenta como fio condutor um conflito, uma oposição de valores, resgata a memória do povo brasileiro, recupera personagens de nossas tradições, como o cantador e os cangaceiros, que aparecem nomeados na segunda estrofe. O fato de os componentes da banda serem do Rio de Janeiro evidencia o alcance das tradições nordestinas, influenciando a melodia e a letra da canção dos jovens roqueiros.

A música em foco mescla o rock com ritmos nordestinos – baião, xaxado, frevo –, como pode ser conferido no vídeo, pela web¹⁴. Além disso, com o emprego de palavras ou expressões como *pra mó de se arrefrescar, aperreou, peste, se aproximou, a peixeira já luzia*, os compositores imprimem o colorido regional na linguagem do texto, ao lado do estrangeirismo *hay que*, do espanhol, usado repetidamente na oitava estrofe estabelecendo

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2F-ZYs2NIYU> Acesso em: 08 set. 2016.

uma homofonia com o nome do empresário: Eike. A fim de ilustrar ainda mais a riqueza linguística do texto, vale salientar o emprego da linguagem matemática em “x mais um”, que representa os interesses comerciais e financeiros do empresário, que entram em conflito com o “x” /Σ/ de “xaxado” e de “chispa”, relacionado ao discurso dos cangaceiros.

Assim como o cordel de Silva (2007), a letra da música *O encontro de Lampião com Eike Batista* (2012) apresenta o conflito entre pontos de vista divergentes: de um lado, interesses comerciais, modernidade, influência estrangeira, dominação, e de outro, honra, memória, tradição e resistência. Vale ressaltar o emprego dos substantivos próprios no texto da banda El Efecto. Os cangaceiros são nomeados, assim como o personagem que figura como algoz da brasilidade: Eike Batista, nome de reconhecido empresário brasileiro que fez fortuna atuando em diversos ramos, dentre os quais exploração de recursos minerais e energéticos no Brasil e que foi preso recentemente por envolvimento em esquemas de corrupção. Ao nomear os personagens, o texto evidencia o sentido de enfrentamento, deixa claro com quem concorda e a quem se opõe, assumindo, deliberadamente, uma posição.

A leitura do cordel *A briga do rapa com o camêlo*, de Gonçalo Ferreira Silva (2007), considerando-se possíveis relações de sentido com outros textos, amplia a compreensão dos estudantes a respeito da rede de sentidos atrelada às relações humanas. Além disso, os textos relacionados, já que são diversificados em termos de gênero e suporte, podem ativar conhecimentos prévios dos estudantes e despertar seu interesse, facilitando a aprendizagem da leitura.

A apreciação do texto de Silva (2007) como manifestação linguística que participa da literatura de cordel e como uma unidade de sentido que assume uma posição na cadeia do discurso, nessa perspectiva, atenta para a seleção e o emprego dos recursos linguísticos, nesse caso, especialmente, os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas, a fim de entender como esses vocábulos contribuem para a significação. No cordel em discussão, a história de Severino é contada a partir de uma cosmovisão que o favorece, ou seja, que se caracteriza por traduzir o imaginário do povo e defender suas aspirações. Outrossim, o poder da palavra é evidenciado como ferramenta fundamental para a resistência, o avanço e a transformação, tanto para o personagem Severino – que usou a palavra para persuadir fregueses e estabelecer relações interpessoais –, quanto para a própria literatura de cordel, que transparece no rock carioca da banda El Efecto.

4.2 Idealização da terra

Nesta seção, aborda-se o tema da terra, elemento importantíssimo na literatura de cordel, devido às suas raízes rurais. O lugar em que se vive ou o lugar em que se deseja viver sempre inspira os poetas, sejam populares sejam da literatura canônica.

A discussão será iniciada a partir da leitura do poema *Viagem a São Saruê*, do cordelista Manuel Camilo dos Santos (1978), que nasceu em 1905, em Guarabira, Paraíba, e faleceu em 1987. O poema, rico em lirismo e utopia, narra uma viagem imaginária à terra encantada de São Saruê, uma espécie de paraíso onde os habitantes desfrutam de saúde, riqueza e felicidade.

Viagem a São Saruê

- | | | | |
|---|--|----|---|
| 1 | Doutor mestre pensamento
me disse um dia: – Você
Camilo vá visitar
o país de São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê. | 18 | Galinha põe ovo todo dia
invés de ovos é capão
o trigo invés de sementes
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão. |
| 2 | Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
nesse tal São Saruê
destinei-me a viajar
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar. | 19 | Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumados
saem do mar vem pras casas
são grandes, gordos, cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados. |
| 3 | Iniciei a viagem
as quatro da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
e vi a aurora abismada. | 20 | Tudo lá é bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar. |
| 4 | Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte
o irmão da linda aurora
que se banhava na fonte
já o sol vinha espargindo | 21 | Maniva lá não se planta
nasce e ao invés de mandioca
bota cachos de beiju
e palmas de tapioca
milho a espiga é pamonha |

- no além do horizonte.
- 5 Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passaram lentas
o espaço incandescente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.
- 6 Passei do carro na brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins do horizonte
senti do dia o cansaço.
- 7 Enquanto a tarde caía
entre mistérios e segredos
a viração docilmente
afagava os arvoredos
os últimos raios de sol
bordavam os altos penedos.
- 8 Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e passei
pro carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.
- 9 Ao surgir da nova aurora
senti o carro pairar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar
o mar revoltado banhando
as dumas da beira mar.
- 10 Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
- e o pendão é pipoca.
- 22 As canas em São Saruê
não tem bagaço (é gozado)
umas são canos de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica e bem cromado.
- 23 Lá os pés de casimira
brim, borracha e tropical
denaycron, belga e linho
e o famoso diagonal
já bota roupas prontas
próprias para o pessoal.
- 24 Os pés de chapéu de massa
são tão carregados
os de sapatos da moda
têm cachos “aloprados”
os pés de meias de seda
chega vive “escangalhados”.
- 25 Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar a atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.
- 26 Os pés de notas de mil
carrega chega encapota
pode tirar-se à vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folhas tudo é nota.
- 27 Lá quando nasce um menino
não dá trabalho criar
já é falando e já sabe
ler, escrever e contar

- ali não existe pobre
é tudo rico em geral.
- 11 Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: – São Saruê
é este lugar aqui.
- 12 Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.
- 13 O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
passa bem anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro à vontade.
- 14 Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de “rubim”
as telhas folhas de ouro
e o piso de cetim.
- 15 Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
- salta, corre, anda e faz
tudo quanto se mandar.
- 28 Lá não se vê mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é qual um jardim de fadas
repleto de cravo e rosa.
- 29 Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho à vontade
quando sai fora parece
Ter vinte anos de idade.
- 30 É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.
- 31 Lá existe tudo quanto é beleza
tudo quanto é bom, belo e bonito,
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa
para onde Moisés e Aarão
conduziram o povo de Israel,
onde dizem que corria leite e mel
e caía manjar do céu no chão.
- 32 Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia

- montes de carne guisada. um discurso poético, lá, eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
um anel de brilhante e de “rubim”
no qual um leteiro dizia assim:
– é feliz quem visita este país.
- 16 As pedras em São Saruê 33 Vou terminar avisando
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.
- 17 Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despulpado
peru nasce de escova
sem comer vive cevado.

Fonte: *Apud* SILVA (Org.). *Cem cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*, 2008, p. 31

O poema de Manuel Camilo dos Santos apresenta trinta e três estrofes, trinta e uma sextilhas em redondilha maior, nas quais rimam o segundo, o quarto e o sexto versos, e duas décimas de versos decassílabos. Nessa estrutura o primeiro verso rima com o quarto e o quinto, o segundo verso rima com o terceiro, o sexto verso rima com o sétimo e o décimo, o oitavo rima com o nono. A sextilha, modelo de estrofe predominante no poema, segundo Viana (2010), é a principal modalidade de estrofe do cordel (p. 35).

Nos versos de Manuel Camilo dos Santos, descreve-se uma terra idealizada e incomum, ou seja, estranha à realidade conhecida. A terra de São Saruê se assemelha à Canaã bíblica, citada na trigésima primeira estrofe, terra prometida por Deus ao povo hebreu: “uma terra boa e larga, (...) que mana leite e mel” (Êxodo 3, 8). A terra de São Saruê é rica, revestida com os materiais mais preciosos: ouro, cristal, brilhante, marfim, prata, rubim (rubi), cetim, sua natureza é farta, os alimentos são abundantes, há disponibilidade de bens materiais, como vestimentas, e imateriais, como inteligência, beleza, poesia, e seus habitantes vivem em situação de igualdade.

Em virtude da extensão do poema, destacamos para uma análise mais cuidadosa treze estrofes do texto, da décima até a vigésima segunda, nas quais se descreve o país de São Saruê e enfatiza-se a abundância de alimentos.

Percebe-se no fragmento em análise duas linhas isotópicas, a da riqueza de São Saruê e a da escassez que maltrata o nordestino. A linha isotópica da abundância é explícita, enquanto a da pobreza se insinua. Todavia, esta última é a que sustenta a oposta, relativa ao delírio da terra de São Saruê. A compreensão da pobreza experimentada pela maioria da população nordestina depende, na leitura desse texto, da atenção à linha isotópica implícita.

A fartura de São Saruê e a qualidade de vida de seus habitantes são construídas, no poema, sobretudo, pelo emprego de substantivos, adjetivos e locuções adjetivas. Na tabela abaixo, apresentam-se essas classes de palavras, que descrevem a terra paradisíaca e deixam escapar pistas da realidade vivenciada pelo poeta e seus conterrâneos.

Tabela 23 – Recortes isotópicos em *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos (1978)

Substantivos e adjetivos/locuções adjetivas	São Saruê	Realidade
Estrofe 10	Cidade, (como nunca vi) igual, coberta de ouro, forrada de cristal, rico	Pobre
Estrofe 11	Barra de ouro puro, placa, letras de brilhante, São Saruê, lugar	
Estrofe 12	Povo, gente alegre e forte, (povo) civilizado, bom, tratável, benfazejo	Abismado
Estrofe 13	Povo, São Saruê, felicidade, decente, dinheiro	Contrariedade
Estrofe 14	Tijolos das casas, de cristal e marfim, portas, barras de prata, fechaduras de “rubim”, telhas, folhas de ouro, piso de cetim	
Estrofe 15	Rios de leite, barreiras de carne assada, lagoas de mel de abelha, atoleiros de coalhada, açudes de vinho do porto, montes de carne guisada	
Estrofe 16	Pedras, São Saruê, (pedras) de queijo e rapadura, cacimbas, café coado e com quentura, grande fartura	
Estrofe 17	Feijão maduro, cozinhado, mato, arroz prontinho e despoldado, várzeas, peru cevado	
Estrofe 18	Galinha, ovos, capão, trigo, sementes, cachadas de pão, manteiga, nuvens, ruma, chão	
Estrofe 19	Peixes mansos, povo, (peixes) acostumados, mar, casas,	

	(peixes) grandes, gordos, cevados, guisados	
Estrofe 20	Bom, fácil, povo	Fome, doença
Estrofe 21	Maniva, mandioca, cachos de beiju, palmas de tapioca, milho, espiga, pamonha, pendão, pipoca	
Estrofe 22	Canas, São Saruê, bagaço, canos de mel, açúcar refinado, folhas, cinturão de pelica, cromado	Gozado

Fonte: Autora

Ressalte-se que, nas análises dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas, considera-se, algumas vezes, nas propostas de leitura apresentadas, o sintagma nominal, a fim de que as classes de palavras em foco não sejam isoladas e a compreensão de sua significação não seja prejudicada.

Outra observação importante é que, não raras vezes, os adjetivos destacados coincidem com formas do particípio. Segundo Azeredo (2008):

O particípio é uma forma eminentemente verbal quando, invariavelmente, vem precedido do verbo auxiliar *ter/haver* na formação dos chamados tempos compostos. Quando, porém, é variável em gênero e número – como na construção passiva (*as cartas foram enviadas*) – o particípio se aproxima dos adjetivos, de tal sorte que, em muitos casos, migra para esta classe. (AZEREDO, 2008, p. 347)

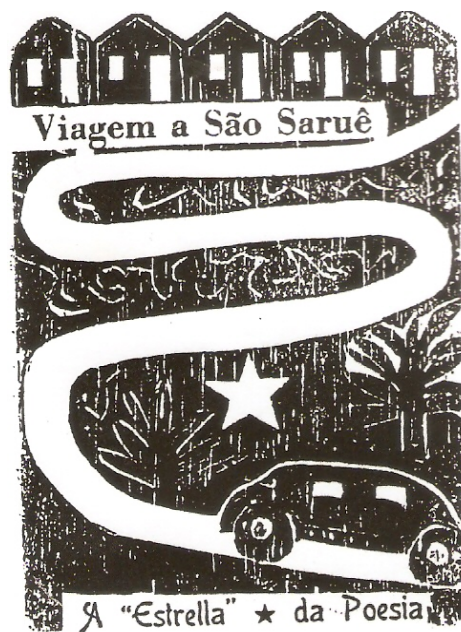
Azeredo (2008) esclarece ainda que, no caso da voz passiva, “um particípio preserva sua característica verbal” quando relacionado a um agente, como no exemplo “a floresta é habitada por lobos/floresta habitada por lobos” (AZEREDO, 2008, p. 347).

Diante da grande quantidade de substantivos e adjetivos/locuções adjetivas que assinalam a riqueza e a fartura de alimentos de São Saruê, que nascem sem a necessidade do árduo trabalho do agricultor, o foco será colocado nas palavras que estabelecem a oposição entre realidade e sonho. Na décima estrofe, o adjetivo *pobre*, substantivado, em relação ao antônimo *rico*, que caracteriza o povo de São Saruê, revela a realidade vivenciada pelo sujeito poético: a da escassez.

Na décima segunda estrofe, o adjetivo *abismado* expressa a admiração do eu lírico ao vislumbrar São Saruê. Na mesma perspectiva, na vigésima segunda estrofe, o adjetivo *gozado*, referente ao que se contempla na terra maravilhosa, denota a surpresa de quem não está acostumado com a abundância ali encontrada. Na décima terceira estrofe, afirma-se que a *contrariedade* não existe em São Saruê, em contraste, o que existe é a *felicidade*. Os substantivos *fome* e *doença*, na vigésima estrofe, estabelecem oposição a tudo o que há no país encantado, revelando o que se experimenta fora dos limites da utopia.

A imagem xilogravada na capa do cordel reforça a fartura descrita no poema, representada por vegetação abundante, e a igualdade social, representada pelas casas muito parecidas, que sugerem condições de vida semelhantes.

Figura 14 – Capa do folheto *Viagem a São Saruê*



Fonte: <http://www.paraibacriativa.com.br/artista/manuel-camilo-dos-santos/> Acesso em 12 nov. 2016.

Note-se que, no início da estrada bem delimitada e sinuosa, há uma estrela de cinco pontas a guiar o caminho. Segundo o *Dicionário de Símbolos* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015), a estrela ilumina os recônditos da mente, manifestando o misticismo e a criatividade no conflito entre o espiritual e o material.

No que concerne à estrela, costuma-se reter sobretudo sua qualidade de luminar, de fonte de luz. As estrelas representadas na abóbada de um templo ou de uma igreja dizem respeito, especificamente, ao significado celeste desses astros. Seu caráter celeste faz com que eles sejam também símbolos do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais (ou de luz) e as forças materiais (ou das trevas). As estrelas traspassam a obscuridade; são faróis projetados na noite do inconsciente. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 404)

Os autores acrescentam que o arcano do tarô que representa a Estrela “simboliza a inspiração que vem materializar ou, melhor, traduzir os desejos até então inexprimíveis do artista” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 409). Entende-se que a ilustração estampada na capa do folheto insinua a inspiração e o delírio criativo e utópico do poeta.

Um diálogo muito proveitoso com o poema de Manuel Camilo dos Santos pode se desenvolver a partir do cotejo com outros textos que exaltam uma terra imaginária ou

idealizam a terra natal. O poema *Vou-me embora pra Pasárgada*¹⁵, de Manuel Bandeira, por exemplo:

Vou-me embora pra Pasárgada	Pra me contar as histórias
Lá sou amigo do rei	Que no tempo de eu menino
Lá tenho a mulher que eu quero	Rosa vinha me contar
Na cama que escolherei	Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada	
	Em Pasárgada tem tudo
Vou-me embora pra Pasárgada	É outra civilização
Aqui eu não sou feliz	Tem um processo seguro
Lá a existência é uma aventura	De impedir a concepção
De tal modo inconsequente	Tem telefone automático
Que Joana a Louca da Espanha	Tem alcalóide à vontade
Rainha e falsa demente	Tem prostitutas bonitas
Vem a ser contraparente	Para a gente namorar
Da nora que nunca tive	
	E quando eu estiver mais triste
E como farei ginástica	Mas triste de não ter jeito
Andarei de bicicleta	Quando de noite me der
Montarei em burro brabo	Vontade de me matar
Subirei no pau-de-sebo	– Lá sou amigo do rei –
Tomarei banhos de mar!	Terei a mulher que eu quero
E quando estiver cansado	Na cama que escolherei
Deito na beira do rio	Vou-me embora pra Pasárgada.
Mando chamar a mãe-d'água	

Outros diálogos pertinentes podem ser estabelecidos com poemas que exaltam e idealizam a terra natal, temática comum tanto na literatura canônica quanto na popular. O clássico *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias (1846) e o cordel *Parque Pedra da Boca*, de Gil Ribeiro (2007) são bons exemplos.

O tema do lugar em que se vive é tão importante, que foi eleito, desde 2008, como matéria das Olimpíadas de Língua Portuguesa, concurso nacional de redação para alunos das escolas públicas, do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio.

¹⁵ BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. 21 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 143.

Segundo o portal eletrônico do MEC, o tema “O Lugar Onde Vivo” desse concurso é “destinado a valorizar a interação das crianças e jovens com o meio em que crescem. Ao desenvolver os textos, o aluno resgata histórias, aprofunda o conhecimento sobre a realidade e estreita vínculos com a comunidade”¹⁶.

Os famosos versos de Gonçalves Dias, compostos em Portugal, revelam saudades da terra natal e exaltam os encantos das terras brasileiras:

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá.	Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar – sozinho, à noite – Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá.
Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores.	Não permita Deus que eu morra, Sem que volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu’inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.
Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá.	

Fonte: O Estado de São Paulo. *Clássicos da Poesia Brasileira: Antologia da Poesia Brasileira Anterior ao Modernismo*, 1997, p. 66-67

Em cotejo com os poemas de elogio a terras imaginárias, o poema de Gonçalves Dias guarda semelhanças e diferenças em relação a eles. O poema descreve a natureza exuberante do Brasil, que é real, todavia, o sentimento nacionalista inebria os versos de Gonçalves Dias, culminando na idealização romântica da terra natal. Vale ressaltar que esse poema inspirou a composição do Hino Nacional Brasileiro¹⁷, com letra de Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manuel da Silva, como pode ser percebido na segunda estrofe da Parte II do hino:

Do que a terra, mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;

¹⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34492> Acesso em: 01 nov. 2016.

¹⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/hino.htm Acesso em: 01 nov. 2016.

"Nossos bosques têm mais vida",
 "Nossa vida" no teu seio "mais amores. "

Apresentam-se a seguir sete estrofes do cordel *Parque Pedra da Boca*, de Gil Ribeiro (2007). O cordel de Ribeiro (poeta nascido em 1967, em Serra de São Bento (RN), na fronteira com a Paraíba) se ocupa de descrever e exaltar o Parque Estadual da Pedra da Boca, localizado no município de Araruna, Paraíba, no limite com o Rio Grande do Norte.

Nesse local se avista	Estudar nosso passado
Nosso parque por inteiro,	Vem gente de todo lado
As terras do calabouço	Até mesmo do estrangeiro.
Com o Sítio de Coqueiros	
Até cidades vizinhas	Ali sempre é visitado
Avista-se nesta linha	Por matuto e doutor
Sem gastar nenhum dinheiro.	Vem gente das faculdades
	Estudante e professor
Também quero abordar	Estudar nossa pintura
Sobre a Pedra do Carneiro	Porém, aquela leitura
É na chegada do Parque	É vista com muito amor.
Bem antes da do Letreiro,	
Ela é média e redondada	Acredita-se que o homem
Fica na beira da estrada	Quando morava em caverna
Próximo duns pés de coqueiros.	Registrara sua marca
	Símbolo da cultura eterna
Além dessas duas pedras	Por isso nosso letreiro
É bom visitar também	É visto no mundo inteiro
Outras raras maravilhas	Orgulhando nossa terra.
Que o nosso parque tem	
Como a Pedra da Caveira	Porém com esse letreiro
Que está na cordilheira	O nosso turismo avança
Sem nunca assustar ninguém.	Além disso é privilégio
	A imagem duma santa
Sem dúvida a mais renomada	Que há muito tempo está
É a Pedra do Letreiro,	Naquele lindo lugar
Sua pintura rupestre	Relembro desde criança.
É fonte pra o brasileiro	

O poema de Gil Ribeiro se organiza em setilhas ou sétimas, com versos de sete sílabas poéticas ou redondilha maior. O poeta rima o segundo verso com o quarto e o sétimo, e o quinto verso com o sexto. Vale salientar que a redondilha maior, presente tanto no poema de Gonçalves Dias quanto no de Gil Ribeiro, constitui a métrica favorita dos cordelistas.

Os versos de Ribeiro exaltam as riquezas naturais e arqueológicas do parque, seu potencial turístico e destacam, sobretudo, na antítese *matuto/doutor*, registrada na quinta estrofe do fragmento, o parque como um tesouro que serve como elo entre os homens de diferentes condições, procedências e níveis de escolaridade, ou seja, o parque une os homens com o encantamento decorrente de sua beleza e história.

Entretanto, não só a poesia apresenta variedade de textos que louvam a terra natal ou a terra em que se vive. Textos de variados gêneros e tradições se ocupam desse relevante tema, por exemplo, letras de música.

O samba *Meu lugar*, de Arlindo Cruz e Mauro Diniz, gravado no álbum *Sambista Perfeito*¹⁸, em 2007, enaltece o bairro carioca de Madureira, destacando a religiosidade, as crenças, a cultura, o modo de viver e as raízes afrodescendentes da população local.

O meu lugar	Ai meu lugar
É caminho de Ogum e Iansã	Quem não viu Tia Eulália dançar
Lá tem samba até de manhã	Vó Maria o terreiro benzer
Uma ginga em cada andar	E ainda tem jongo à luz do luar
O meu lugar	Ai que lugar
É cercado de luta e suor	Tem mil coisas pra gente dizer
Esperança num mundo melhor	O difícil é saber terminar
E cerveja pra comemorar	Madureira, lá laiá, Madureira, lá laiá, Madureira
O meu lugar	Em cada esquina um pagode num bar
Tem seus mitos e seres de luz	Em Madureira
É bem perto de Osvaldo Cruz,	Império e Portela também são de lá
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá	Em Madureira
 	E no Mercado você pode comprar
O meu lugar	Por uma pechincha você vai levar

¹⁸ Disponível em: <http://arlindocruz.com.br/2007-sambista-perfeito/> Acesso em: 12 nov. 2016.

É sorriso, é paz e prazer	Um denngo, um sonho pra quem quer sonhar
O seu nome é doce dizer	Em Madureira
Madureira, lá laiá, Madureira, lá laiá	E quem se habilita até pode chegar
	Tem jogo de lona, caipira e bilhar
Ahh que lugar	Buraco, sueca pro tempo passar
A saudade me faz lembrar	Em Madureira
Os amores que eu tive por lá	E uma fezinha até posso fazer
É difícil esquecer	No grupo dezena, centena e milhar
	Pelos sete lados eu vou te cercar
Doce lugar	Em Madureira
Que é eterno no meu coração	E lalalaiala laia la la ia
E aos poetas traz inspiração	Em Madureira
Pra cantar e escrever	

A canção de Arlindo Cruz e Mauro Diniz é tão representativa de Madureira e da cultura suburbana, que inspirou o livro de crônicas *O meu lugar*¹⁹, organizado por Luiz Antônio Simas e Marcelo Moutinho, sobre bairros do Rio de Janeiro e arredores, lançado em 2015.

Além do diálogo com textos que enaltecem a terra real ou utópica, discussões proveitosas podem ocorrer nas aulas de língua materna ao debater-se a antítese entre o poema *Viagem a São Saruê* e textos que denunciam os problemas do lugar em que se vive ou do lugar em que se gostaria de viver. São comuns nas produções textuais nordestinas as queixas contra a seca, a fome, as desigualdades sociais, as condições de vida adversas enfrentadas pelos nordestinos pobres. Como contraponto à descrição idealizada da terra abundante de São Saruê, *Asa Branca*, um clássico do cancionero nordestino, composto por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, sem deixar de lado o amor pela terra natal e a dor da saudade, lamenta a escassez de recursos em decorrência da seca.

Asa Branca²⁰

Quando oiei a terra ardendo	Entonce eu disse
Qual fogueira de São João	Adeus Rosinha

¹⁹ Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-10-14/o-meu-lugar-de-arlindo-cruz-e-mauro-diniz-inspira-livro-de-chronicas-do-rio> Acesso em: 12 nov. 2016

²⁰ GONZAGA, Luiz. Asa Branca. In: *O melhor de Luiz Gonzaga*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1989. Faixa n. 1.

Eu perguntei	Guarda contigo meu coração
A Deus do céu, ai	
Pru que tamanha judiação (bis)	Hoje longe muitas léguas
	Numa triste solidão
Qui braseiro, qui fornaia	Espero a chuva
Nem um pé de prantação	Cair de novo
Pru farta d'água	Pra mim vortá pro meu sertão (bis)
Perdi meu gado	
Morreu de sede meu alazão (bis)	Quando o verde dos teus óio
	Se espaiá na prantação
Inté mesmo a asa branca	Eu te asseguro
Bateu asas do sertão	Num chore não, viu?
	Qui eu vortarei, viu, meu coração (bis)

Sabe-se que os enunciados são prenes de resposta. Os enunciados que expressam denúncia ou queixas exemplificam isso com muita evidência. A canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira roga, tentando alcançar, pela beleza de sua lamentação, tanto os homens quanto o próprio Deus, a fim de obter a graça de viver em sua terra natal com dignidade.

Elegendo-se como ponto de partida desta seção o cordel *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos, verificou-se a importância da terra em que se vive ou da terra em que se gostaria de viver como tema de produções textuais. O estudo dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas no texto de Manuel Camilo revela a utopia de viver em uma terra abundante, rica e igualitária, que se opõe à realidade experimentada, especialmente, pela população carente do Nordeste.

A partir dessas reflexões, a fim de enriquecer a proposta de leitura do cordel *Viagem a São Saruê*, apresentaram-se outros textos da poesia cordelística e canônica, assim como letras de música do cancionário popular, que atestam a possibilidade de leituras dialógicas entre o cordel de Manuel Camilo e os demais textos apresentados. Seja construindo um paraíso imaginário, valorizando as características da terra natal ou da terra em que se vive, seja denunciando suas mazelas, a língua portuguesa é plena de belíssimos textos cuja elaboração permite significar a esperança de viver feliz e dignamente.

4.3 Cordel misterioso

Nesta seção, será apresentada uma análise concentrada nos efeitos de sentido decorrentes dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas empregados no poema de cordel *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende. Além disso, investiga-se o diálogo desse texto com um conto de *As Mil e Uma Noites* e com a canção *Pavão Misterioso*, de Ednardo, a fim de ressaltar a riqueza sígnica que se materializa no cordel de José Camelo de Melo Rezende, consagrando-o como um tesouro da literatura popular.

Observa-se a participação dos substantivos e adjetivos/locuções adjetivas nos efeitos de sentido decorrentes da elaboração textual, com o objetivo de identificar o processo de construção, por meio da palavra, de uma dimensão mágica que desliza no tempo e tem sensibilizado diferentes gerações. Em seguida, o poema de José Camelo é examinado como importante elo de uma cadeia dialógica que resgata os contos árabes *As mil e uma noites*. Esse *continuum* de relações de sentido é retomado na canção *O Pavão Misterioso*, composta por Ednardo na década de 1970.

Produções posteriores à canção de Ednardo, algumas bem recentes, têm sido inspiradas na história do pavão encantado. Qual será o mistério do pavão, envolto na plumagem multicolor da palavra? A primeira edição do cordel de José Camelo é de 1923, permanecendo no Século XXI como uma história nova e fecunda, que seduz e clama por vida como a palavra de Sherazade; planta, ainda nos dias atuais, a semente da poesia e desperta a imaginação de ouvintes e leitores de todas as idades.

Devido à extensão do poema de cordel *O Romance do Pavão Misterioso* (141 estrofes), destacou-se um fragmento composto por oito estrofes. Ressalte-se que é um poema muito tradicional, um clássico da literatura de cordel, com presença garantida em diversas antologias e estudos dos pesquisadores dessa manifestação da literatura popular. Esse conhecido poema foi escrito por José Camelo de Melo Rezende, nascido em Guarabira (PB), em 1885, e falecido em 1964. Os versos de José Camelo contam a história fantástica de um jovem turco apaixonado, chamado Evangelista, que contrata um engenheiro para inventar um aparelho que lhe possibilitasse um encontro com Creuza, uma linda condessa grega que vivia reclusa por ordem de seu pai.

56 – Eu fiz um aeroplano
da forma de um pavão

60 Perguntou Evangelista:
– quanto custa o seu invento?

- que arma e se desarma
 comprimindo em um botão
 e carrega doze arrobas
 três léguas acima do chão.
- 57 Foram experimentar
 se tinha jeito o pavão
 abriram alavanca a chave
 encarnaram num botão
 o monstro girou suspenso
 maneiro como um balão.
- 58 O pavão de asas abertas
 partiu com velocidade
 cortando todo o espaço
 muito acima da cidade
 como era meia-noite
 voaram mesmo à vontade.
- 59 Então disse o engenheiro
 – já provei minha invenção,
 fizemos a experiência
 tome conta do pavão
 agora o senhor me paga,
 sem promover discussão.
- Dê-me cem contos de réis
 achas caro o pagamento?
 o rapaz lhe respondeu:
 – acho pouco dou duzentos.
- 61 Edmundo ainda deu-lhe
 mais uma serra azougada
 que serrava caibro e ripa
 e não fazia zoadá
 tinha os dentes igual navalha
 de gume bem afiada.
- 62 Deu um lenço enigmático
 que quando Creuza gritava
 chamando pelo pai dela
 então o moço passava
 ele no nariz da moça
 com isso ela desmaiava.
- 63 Então disse o jovem turco:
 – muito obrigado fiquei,
 do pavão e dos presentes
 para lutar me armei
 amanhã à meia-noite
 com Creuza conversarei.

Os substantivos e adjetivos das estrofes em análise constroem um ser ambíguo: um aeroplano em forma de pavão. Como aeroplano, dotado de mecânica e capacidade de voo e transporte, inserido no mundo objetivo, concreto, pesado; como pavão, caracterizado por magia, mistério, liberdade, envolto por um universo subjetivo, abstrato, afetivo. Na tabela a seguir, os substantivos e adjetivos estão organizados por estrofe e segundo a relação com o mundo objetivo da máquina ou com o universo fantástico do pavão misterioso.

Tabela 24 – Recortes isotópicos em *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende (1923)

Substantivos e Adjetivos	Aeroplano – Mundo Objetivo	Pavão – Universo Fantástico
Estrofe 56	Aeroplano, forma, botão, arrobas, léguas, chão	Pavão
Estrofe 57	Jeito, alavanca, chave, botão, maneiro, suspenso	Pavão, monstro, maneiro, suspenso, balão

Estrofe 58	Asas abertas, velocidade, espaço, cidade	Pavão, asas abertas, espaço, meia-noite
Estrofe 59	Engenheiro, invenção, experiência, discussão	Pavão
Estrofe 60	Evangelista, invento, réis, caro, pagamento, rapaz, pouco	Evangelista
Estrofe 61	Edmundo, serra, caibro, ripa, zoada, dentes, navalha, gume, afiada	(serra) Azougada
Estrofe 62	Lenço, Creuza, pai, moço, nariz, moça	(lenço) Enigmático
Estrofe 63	Jovem turco, obrigado, presentes, Creuza	Pavão

Fonte: Autora

Contabilizam-se mais palavras referentes ao aeroplano e ao correspondente mundo objetivo do que palavras referentes ao pavão e à dimensão encantada que o acompanha. Todavia, essa análise está focada nos vocábulos que participam da construção da esfera fantástica. As estrofes mais ricas em substantivos e adjetivos que remetem à fantasia são a segunda e a terceira do fragmento, justamente as estrofes que narram o momento do voo, o instante em que se abandona o chão e torna-se possível um afastamento da realidade, a aventura, a realização do sonho mitológico de Ícaro.

Alguns substantivos e adjetivos da coluna relativa ao aeroplano e ao mundo objetivo se repetem, nessa análise, na coluna dos termos relativos ao pavão e ao universo fantástico. *Maneiro* e *suspense* são adjetivos que caracterizam objetos concretos, todavia, como denotam a leveza, se opõem ao peso da realidade. A expressão *asas abertas* pode fazer referência a aeroplanos, mas também aos pássaros que despertam a inveja e a imaginação do ser humano, e o substantivo *espaço* ultrapassa o sentido físico, contagiado pelos mistérios vislumbrados no firmamento. Optou-se por repetir também nas duas colunas o substantivo próprio *Evangelista*, que não remete, especificamente, a um universo mágico, todavia, por evocar a personagem bíblica que prega o Evangelho, carrega traços de religiosidade, pureza, aproximação de Deus, reforçando a natureza sobrenatural do pavão em que o jovem se desloca na direção do amor.

Observando-se com mais atenção os substantivos e adjetivos da terceira coluna, conclui-se que a isotopia do mistério em torno do pavão é construída pelo emprego de signos que o determinam como um ser fantástico: (a) *monstro*; capaz de transpor o peso da realidade: *maneiro*, *suspense*; (b) comparado a um objeto que evoca o lúdico, a inocência, o infantil: *balão*. A serra e o lenço, instrumentos complementares recebidos por Evangelista junto com o pavão, apresentam propriedades mágicas, pois são caracterizados, respectivamente, pelos adjetivos *azougada* e *enigmático*. Veja-se o que diz o dicionário:

azougar. [De azougue + -ar2.] Verbo transitivo direto. 1. Misturar com azougue (1). 2. Tornar vivo, esperto; espertar. 3. Desassossegar; inquietar. // azougue. [Do ár. -hisp. az-zawqa(t) < ár. cláss. az-ziYbaq.] Substantivo masculino. 1. Designação vulgar do mercúrio; argento-vivo. 2. Fig. Pessoa muito viva e esperta. [Aurélio, s. u.]

enigmático. [Do gr. *ainigmatikós*, pelo lat. *aenigmaticu*.] Adjetivo. 1. Relativo a, ou que contém enigma: *carta enigmática*. 2. Obscuro, misterioso: *atitude enigmática*. 3. Difícil de compreender, ou interpretar: *o sorriso enigmático da Gioconda*. [Aurélio, s. u.]

Cabem algumas considerações sobre o substantivo nuclear do poema: *pavão*. Esse substantivo faz referência a um animal que representa a beleza e a vaidade. O verbete *pavão*, no *Dicionário de Símbolos*, apresenta informações muito curiosas:

Embora imediatamente façamos do pavão uma imagem de vaidade, essa ave de Hera (Juno), a esposa de Zeus (Júpiter), é antes de tudo um símbolo solar; o que corresponde ao desdobramento de sua cauda em forma de roda. (. . .) É ainda nesse caso o símbolo da beleza e do poder de transmutação, pois a beleza de sua plumagem é supostamente produzida pela transmutação espontânea dos venenos que ele absorve aos destruir as serpentes. Sem dúvida, se trata aí, acima de tudo, de um simbolismo da imortalidade. (...) Na tradição cristã, o pavão simboliza também a roda solar e, por esse fato, é um signo da imortalidade; sua cauda evoca o céu estrelado. (...) O pavão serve às vezes de montaria, ele dirige de maneira certa seu cavaleiro. Chamado de *animal de cem olhos*, ele se torna o símbolo da beatitude eterna, da visão face a face de Deus pela alma. (...) Nas tradições esotéricas, o pavão é um símbolo de totalidade, na medida em que reúne todas as cores no leque de sua cauda aberta. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 692-693)

Percebe-se que a simbologia do pavão se mantém no poema de cordel, pois o misterioso pássaro está relacionado, na narrativa em versos, à transformação, à vitória do bem contra o mal, à superação, à liberdade, ao amor. Além disso, o pavão é o meio de transporte que leva o jovem apaixonado à sua realização heroica. Quanto à beatitude relacionada ao pavão, infere-se que é confirmada pelo substantivo próprio que nomeia seu condutor: *Evangelista*, aquele que proclama o Evangelho.

A natureza encantada do pavão é reforçada pela imagem xilogravada na capa do folheto. Infere-se, nessa análise, que a figura do pavão sobre um fundo escuro representando o céu estrelado da meia-noite contribui para a compreensão do viés misterioso que permeia a narrativa do poema. O voo, a noite, as estrelas, todos esses elementos reiteram o universo do sonho, da subjetividade que o texto em foco se esforça para despertar no leitor/ouvinte.

Figura 15 – Capa do folheto *Romance do Pavão Misterioso*



Fonte: Fotografia da capa do cordel *Romance do Pavão Misterioso*

Aprofundando um pouco mais a investigação sobre o poema de José Camelo de Melo Rezende, ratifica-se que a viagem do pavão misterioso é longa. Há muitas semelhanças entre o poema de cordel e um conto árabe de *As mil e uma noites*.

Nesse conto, Sherazade narra a história de um ancião que vivera um romance com uma princesa chamada Scirina. Sherazade conta a aventura ao sultão Shariar, seu marido, em uma tentativa de escapar da morte, pois ele decidira se casar cada noite com uma mulher e, na manhã seguinte, matá-la, para punir a malícia e a infidelidade feminina. O ato de narrar, desse modo, coincide com a sedução e com a vontade de viver. Eis um fragmento do conto:

Com as tábuas o carpinteiro fez, com a ajuda do forasteiro, uma caixa de dois metros de comprimento por um e meio de largura. Terminada a caixa, o forasteiro a cobriu com um tapete da Pérsia e mandou que a levassem a um descampado. Pediu que os escravos se retirassem e, estando a sós comigo, de repente a caixa levantou voo e sumiu nas nuvens. Depois desceu e pousou a meus pés.

– Vês que é um veículo bastante cômodo – disse ele, acrescentando que o recebesse como um presente seu. – Assim podes realizar as viagens que quiseres a qualquer parte do mundo.

Agradei o presente e, dando-lhe uma bolsa cheia de dinheiro, perguntei como se punha o veículo em movimento.

– Eu te mostrarei – respondeu, fazendo-me entrar na caixa com ele. Tocou em um parafuso e logo estávamos voando.

(...)

Depois de várias demonstrações, fez a caixa tomar a direção de minha casa e pousamos em meu jardim. O forasteiro despediu-se de mim e então guardei a caixa em um dos cômodos da casa.

Continuei minha vida de farras com os amigos até consumir quase tudo o que possuía. Tomei dinheiro emprestado e em consequência disso tive que enfrentar muitas complicações. Recorri então à minha caixa: pus nela víveres, peguei o dinheiro que me restava, a levei secretamente para o jardim e levantei voo, indo assim para longe de meu país e de meus credores.

Durante toda a noite voei com o máximo de velocidade e ao despontar do dia, olhei

por um buraco da caixa e só vi montanhas, precipícios e campos desertos. Continuei voando por todo aquele dia e à noite, até amanhecer, quando me vi sobre um espesso bosque junto ao qual havia uma pequena cidade. Detive-me para contemplar a cidade e especialmente um magnífico palácio que ali havia; próximo divisei um camponês que lavrava o solo. Desci no bosque e ali deixei a caixa. Aproximei-me do camponês e perguntei-lhe como se chamava aquela cidade.

– Jovem – respondeu-me ele, – vê-se logo que és estrangeiro, já que ignoras chamar-se Gazna esta cidade, residência do bom e valoroso rei Bahaman.

– E quem mora naquele palácio?

– O rei Gazna, que o fez construir para nele encerrar a princesa Scirina, sua filha, pois, segundo o horóscopo, será enganada por um homem.

(. . .)

Após consumir as provisões que me restavam, decidi passar a noite ali. Mas não consegui dormir. Não parava de pensar na princesa Scirina a que se referira o camponês. Imaginava-a uma mulher formosa como jamais vira outra na vida e, de tanto nela pensar, tive vontade de tentar a sorte. Disse-me que seria necessário transportar-me ao terraço do palácio e penetrar no quarto da princesa. Pode ser que eu agrade a ela, quem sabe? (GULLAR, 2010, p. 38-40)

Percebe-se um diálogo entre o poema de cordel e o conto árabe, uma retomada da ideia de usar um objeto mágico para voar até o quarto da princesa enclausurada e vencer os obstáculos impostos pela realidade, que oprime o amor, a fantasia, o encantamento.

Sabendo-se que a Península Ibérica foi ocupada pelos árabes no Século VIII e que estes lá permaneceram por um longo período, compreende-se que essa história fantástica tenha chegado ao território brasileiro na bagagem portuguesa, transformando a caixa mágica em pavão misterioso. O objeto mágico que possibilita a superação das limitações humanas adquiriu, no cordel, cores, beleza, vida, um mistério maior.

A viagem do pavão misterioso no curso do tempo continua, estabelecendo novas relações dialógicas, materializadas em textos como a canção *Pavão Misterioso*²¹, composta pelo cantor e compositor cearense Ednardo, em 1974. Essa música é o tema do personagem João Gibão, da novela *Saramandaia*, apresentada pela rede Globo em 1976 e refilmada em 2013. O personagem João Gibão se caracteriza como um jovem estranho, dotado de asas e capacidade de voar, que luta para ser aceito por si próprio e pelos outros e para viver a plenitude do amor. Transcreve-se a seguir a letra da canção de Ednardo.

Pavão misterioso

Pavão misterioso	Ai se eu corresse assim
Pássaro formoso	Tantos céus assim
Tudo é mistério	Muita história
Nesse teu voar	Eu tinha pra contar
Ai se eu corresse assim	
Tantos céus assim	Pavão misterioso

²¹ EDNARDO. Pavão Misterioso. In: *Acervo Especial*. Coletânea. RCA/ BMG, 1993. Faixa n. 1.

Muita história	Pássaro formoso
Eu tinha pra contar	No escuro dessa noite
	Me ajuda a cantar
Pavão misterioso	Derrama essas faíscas
Nessa cauda	Despeja esse trovão
Aberta em leque	Desmancha isso tudo
Me guarda moleque	Que não é certo não
De eterno brincar	
Me poupa do vexame	Pavão misterioso
De morrer tão moço	Pássaro formoso
Muita coisa ainda	Um conde raivoso
Quero olhar	Não tarda a chegar
	Não temas minha donzela
Pavão misterioso	Nossa sorte nessa guerra
Pássaro formoso	Eles são muitos
Tudo é mistério	Mas não podem voar
Nesse teu voar	

A canção de Ednardo recupera os sentidos de amor, beleza, mistério, inocência, superação, coragem, que envolvem a narrativa do pavão misterioso. Viver, nesse texto, é ter história para contar, assim como ocorre no duelo de Sherazade contra a morte. De modo análogo, o povo nordestino, a despeito das condições desfavoráveis e das desigualdades sociais, constrói um patrimônio cultural valioso que embeleza a vida e fortalece a identidade nordestina. Podemos citar como manifestações desse patrimônio a música, as danças, as festividades, a culinária, o artesanato, o cordel. A música, a poesia, o amor, nessa perspectiva, têm o poder de “desmanchar” as mazelas do mundo e sustentar a vida.

Retomando a apreciação dos substantivos e adjetivos do cordel *O Romance do Pavão Misterioso*, infere-se que sua seleção e emprego, de acordo com o conteúdo sógnico que carregam, contribuem de modo significativo na criação da atmosfera de encantamento e superação em torno da figura sobrenatural do pavão misterioso. A elaboração do texto possibilita o resgate da(s) narrativa(s) que jaz(em) na memória ancestral, acrescentando novos elementos e permitindo novos diálogos. Desse modo, a história do pavão misterioso segue seu curso na linha dinâmica e contínua onde passeia a inventiva dos poetas.

A seleção e o emprego dos vocábulos, sobretudo no que diz respeito aos substantivos e adjetivos referentes ao universo fantástico despertado pelo voo do pavão misterioso, são motivados pela intenção ou necessidade de expressar o sentimento místico que permeia a existência humana, em especial, brasileira e nordestina. O poema de José Camelo é icônico, à medida que representa o modo de ser do sujeito nordestino, que acredita no amor, na liberdade, no socorro sobrenatural que garante a justiça e a supremacia do bem.

O cordel *O Romance do Pavão Misterioso* traduz, com sua linguagem simples, musicalidade, beleza, riqueza sígnica, misticismo, o estilo de um povo. Os substantivos e adjetivos, que remetem ao extralinguístico, ao mundo do leitor, são selecionados e empregados de modo a atrair o público, estabelecendo uma familiaridade do texto com o imaginário do povo, seus medos, suas crenças, suas curiosidades. O poeta lança sua palavra para seduzir o leitor, assim como o pavão abre sua cauda colorida em leque para atrair a fêmea e a admiração humana. O sucesso decorrente da iconicidade verbal do cordel de José Camelo é evidente nos diálogos estabelecidos com diversos textos, como a canção de Ednardo, a novela Saramandaia, as versões infanto-juvenis como *O Pavão Misterioso*, de Arievaldo Viana e Jô Oliveira (2007), em versos de cordel, e o conto *O Pavão Misterioso*, de Ana Maria Machado (2008), entre outros. A história do pavão encantado teve muitos desdobramentos e permanece viva, atual e fecunda, constituindo rico material para estimular produções artísticas e pesquisas científicas.

4.4 A educação formal, a escrita e as novas tecnologias em debate no cordel

Sabe-se que a literatura de cordel tem suas raízes fincadas nas tradições orais e que muito se debate sobre a natureza oral ou escrita dessa poética. Considerando-se o *continuum* entre oralidade e escrita, entende-se, nesse estudo, que a literatura de cordel é uma manifestação da escrita que mantém estreitas relações com a oralidade da qual se originou. Nesta seção, discute-se a importância da escolarização formal e do domínio da habilidade escrita segundo autores cordelistas.

Iniciam-se as reflexões a partir do poema de cordel *A desventura de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler*, de João Martins de Athayde (1945), um poema bastante dramático que ressalta as agruras de quem não sabe ler e escrever e destaca o valor da instrução. Devido à extensão do poema de Athayde (61 estrofes), apresentam-se apenas as

sete estrofes iniciais. Em seguida, aprecia-se o desenvolvimento desse debate na literatura de cordel, a partir da leitura de fragmentos dos poemas *Acorda cordel na sala de aula*, de Arievaldo Viana (2006); *O cordel: sua história, seus valores*, de Marco Haurélio e João Gomes de Sá (2011) e *Peleja da Carta com o E-mail*, de Janduhi Dantas (2012). Para a seleção do cópulus desta seção, considerou-se como critério a discussão a respeito da escrita, da relação com a oralidade, das inovações tecnológicas que servem à divulgação da cultura letrada. Investiga-se, nos textos selecionados, como os poetas entendem essas questões, qual é a importância atribuída à oralidade, à leitura e à escrita, ao meio virtual. Cabe ressaltar que a literatura de cordel é uma tradição ampla e que os poemas estudados nesta seção não correspondem a uma verdade homogênea, havendo cordéis que valorizam a esperteza, ou o conhecimento advindo da experiência.

O poema *A desventura de um analfabeto* ou *O homem que nunca aprendeu a ler*²², de João Martins de Athayde (1945), reproduzido na obra *Acorda Cordel na sala de aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*, organizado por Arievaldo Viana (2010), conta a história de um homem prejudicado pela perda de seus bens materiais, tendo sido facilmente enganado por causa de sua falta de instrução. Transcrevem-se as sete primeiras estrofes do poema.

- | | |
|---|--|
| <p>1 Quanto padece no mundo
Quem nunca aprendeu a ler,
Sofre um tormento profundo,
Vive e não sabe viver
Nos maiores embaraços,
Preso nos mais fortes laços
Contra a angústia a se bater.</p> | <p>5 O pai que não mostra ao filho
Que o saber é necessário,
Cria-lhe um grande empecilho
Torna-lhe um ente ordinário.
Prepara-lhe um futuro
Terrível, medonho, escuro,
O mais negro itinerário.</p> |
| <p>2 Um homem sem instrução
É um barco a vagar sozinho,
Sem leme, sem direção,
É como a ave sem ninho.
É como o filho sem mãe.
Sem achar quem lhe acompanhe,</p> | <p>6 Termina pedindo esmola
Depois que for enganado,
Quem nunca andou numa escola
Tem um futuro arruinado.
As maiores inclemências,
As mais graves consequências,</p> |

²² Disponível no acervo digitalizado de literatura de cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb2&pagfis=6895>. Acesso em 28 mar. 2017).

- Pela vida erra o caminho.
- 3 Qualquer negócio que faça
Tendo a sua assinatura,
Lamenta a sua desgraça
Saindo triste à procura
De quem assine seu nome
Pois o mal que lhe consome
Pra ele estará sem cura.
- 4 Da ignorância fatal
Oh! Noite profunda, imensa,
A fonte de todo mal,
Abismo da indiferença.
Martírio cruel, insano,
Abutre do desengano,
Que nos conduz à descrença.
- Na vida tem encontrado.
- 7 O livro é a lâmpada acesa
Na noite da ignorância
A nos mostrar a clareza
Da mais desejada estância.
E quem um livro não pega,
Quem o saber arrenega
Provoca repugnância.

As estrofes de Athayde são setilhas ou sétimas, com versos em redondilha maior – métrica favorita dos cordelistas –, rimando o primeiro verso com o terceiro, o segundo com o quarto e o sétimo, e o quinto com o sexto.

A tabela abaixo apresenta os substantivos e adjetivos/loquções adjetivas das sete estrofes em foco, organizados segundo duas linhas isotópicas, uma que exalta o conhecimento proveniente dos livros e outra que execra a ausência desse conhecimento.

Tabela 25 – Recortes isotópicos em *A desventura de um analfabeto* ou *O homem que nunca aprendeu a ler*, de João Martins de Athayde (1945).

Substantivos e Adjetivos/loquções adjetivas	Cultura letrada	Ausência de escolarização
Estrofe 1	Mundo	Tormento profundo, maiores embaraços, preso, fortes laços, angústia
Estrofe 2	Vida, caminho	Homem sem instrução, (barco) sem leme, sem direção, ave sem ninho, filho sem mãe
Estrofe 3	Negócio, assinatura, nome	Desgraça, triste, mal sem cura
Estrofe 4		Ignorância fatal, noite profunda, imensa, fonte de todo mal, abismo da indiferença, martírio cruel, insano, abutre do desengano, descrença
Estrofe 5	Pai, filho, saber	Pai, filho, grande empecilho, ente ordinário,

	necessário	futuro terrível, medonho, escuro, negro itinerário
Estrofe 6	Escola, vida	Esmola, futuro arruinado, maiores inclemências, graves consequências
Estrofe 7	Livro, lâmpada acesa, clareza, desejada estância, saber	Noite da ignorância, repugnância

Fonte: Autora

Os versos de Athayde apresentam a ausência de escolarização como uma condição terrível, que leva o sujeito sem instrução a um sofrimento profundo e medonho, à dependência, à fragilidade social e econômica. As comparações e metáforas que sustentam essa perspectiva evidenciam uma visão fatalista segundo a qual a pessoa que não sabe ler e escrever está condenada à total desgraça, como observado na terceira coluna. A quarta estrofe é a mais expressiva em relação à *ignorância fatal*, atacada pelo poeta, que aparece representada pelas metáforas *noite profunda, imensa, fonte de todo mal, abismo da indiferença, martírio cruel, insano, abutre do desengano*, cuja consequência é a *descrença*. A pessoa que não é instruída é descrita como ente ordinário na quinta estrofe, comparada a um barco solitário *sem leme e sem direção*, a uma *ave sem ninho* e a um *filho sem mãe* na segunda estrofe. A falta de amor ou interesse pelo conhecimento letrado é considerada comportamento que provoca *repugnância*.

Enquanto a ausência de escolarização é associada à escuridão, à angústia, à falta de perspectiva, o conhecimento letrado é associado à luz, como pode ser verificado na sétima estrofe, onde o livro é relacionado a uma “lâmpada acesa” que contrasta com a “noite da ignorância”. A instrução é exaltada como possibilidade de crescimento e progresso para o indivíduo. A família, representada pela figura do pai, é responsabilizada pelo sucesso ou insucesso dos filhos na trajetória do saber formal, aprendido na escola, por isso, o par “pai/filho” aparece tanto na coluna relacionada ao conhecimento letrado, quanto na coluna relacionada à ausência desse conhecimento.

É evidente no texto a valorização do conhecimento adquirido por meio da leitura, do contato com as produções escritas, do estudo formal realizado nas instituições de ensino. No poema de Athayde, o saber defendido não é o que se obtém da experiência, da vivência, é o que se aprende nos livros, na escola. Infere-se, portanto, uma exaltação da escrita e uma desconsideração pelo conhecimento proveniente da oralidade no fragmento do texto analisado.

Na capa do folheto de Athayde representa-se um homem do povo, que, em um ambiente simples e rudimentar, se esforça para entender o universo das letras.

Figura 16 – Capa do folheto *A desventura de um analfabeto* ou *O homem que nunca aprendeu a ler*.



Fonte:

<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=&pesq=joao%20martins%20de%20athayde> Acesso em 28 mar. 2017.

Ressalte-se que o homem estampado na capa do folheto não está no espaço de uma escola, o que denota o protagonismo autodidata de muitos sujeitos das zonas rurais, inclusive poetas de cordel, que buscaram instruir-se, apesar de terem o acesso à escola muitas vezes dificultado ou negado.

A fim de entender o desenvolvimento dessa temática relativa à educação formal na literatura de cordel, transcrevem-se abaixo as seis primeiras estrofes do poema *Acorda cordel na sala de aula*²³, de Arievaldo Viana (2006), reproduzido no livro *Acorda cordel na sala de aula: literatura popular como ferramenta auxiliar na educação* (2010). O texto de Viana apresenta uma proposta pedagógica, visando a orientar o trabalho com literatura de cordel na sala de aula.

Para quem ama o cordel,	Eu vejo grande beleza
Porém só vê poesia	Nos versos de Patativa,
Nessa linguagem matuta	De Zé da Luz, de Catulo. . .

²³ Apud VIANA, 2010, p. 9

Pru quê, pru mode, pru via,	É arte que me cativa,
Tendo o sertão como tema,	Mas se usá-la na escola
Pode esquecer meu poema	A língua do aluno enrola
Bater noutra freguesia.	Do entendimento lhe priva.

Pois eu procuro escrever	Pois o cordel sendo usado
Num correto português.	Para ALFABETIZAÇÃO ²⁴
E se acaso eu errar	Deve respeito à linguagem
Duas palavras ou três	Corrente em nossa nação.
Não foi por querer errar,	Não deve ensinar errado,
Foi procurando acertar,	Nem pode ser embalado
Isso eu garanto a vocês.	Nas plumas da erudição.

O cordel é um veículo	Falar a língua do povo
De grande penetração.	Porém de forma correta.
Nas camadas populares	É assim que o folheto
Possui grande aceitação.	Deve cumprir sua meta
Se a métrica não quebra o pé,	Usando temas diversos
Tem contribuído até	Pretendo, pois, nesses versos,
Para alfabetização.	Dar a receita completa.

O poema de Viana se empenha na defesa de uma variedade linguística considerada correta, que respeita os padrões estabelecidos para o uso da língua. Todavia, se não defende uma “língua matuta”, embora se reconheça sua beleza, também não defende uma linguagem enfeitada com as “plumas da erudição, mas, sim, “a língua do povo” usada “de forma correta”.

Apesar de usar o verbo *falar*, atribuindo-o ao folheto de cordel na sexta estrofe, o poeta ressalta o cordel como resultado de uma elaboração escrita, acompanhada de reflexão e escolhas no que diz respeito ao aspecto formal do texto, incluindo a preocupação com as regras gramaticais e a manutenção da métrica. Destaca-se ainda, no poema de Viana, o folheto de cordel como “veículo de grande penetração nas camadas populares” e importante ferramenta para a alfabetização – ou seja, ensino de leitura e escrita – a esse público.

O poema em análise propõe adequações da literatura de cordel a fim de ampliar seu

²⁴ Grifo do autor.

aproveitamento pedagógico e sugere atenção à seleção de poemas de cordel usados na escola, de modo que se facilite a aprendizagem da variedade culta da língua, da qual o estudante não pode ser privado, segundo a perspectiva do poema em análise.

A fim de exemplificar a preocupação dos poetas cordelistas com o ensino e o conhecimento relativo à língua portuguesa, apresentam-se abaixo três estrofes da obra *Lições de Gramática em versos de cordel*, de Janduhi Dantas (2009, p. 88).

SIMPLES E COMPOSTO

O sujeito simples é
o que com um núcleo vem;
composto é o sujeito
que mais de um núcleo tem:
“Jó anda de bicicleta”,
“Chico e Zé andam de trem”.

OCULTO

Sujeito oculto não é
expresso na oração;
descoberto pelo verbo
(ou pelo contexto, então):
“Viajarei amanhã”,
“Ganhaste meu coração”.

INDETERMINADO

Sujeito indeterminado
é o que na oração
não se pode ou não se quer
indicar com precisão:
“Precisa-se de pedreiros”,
“Roubaram Sebastião”.

Caracterizados pela finalidade de ensinar conteúdos relativos à gramática da língua portuguesa, os versos de Janduhi Dantas representam a categoria dos cordéis didáticos, que têm exercido ao longo do tempo o relevante papel de informar e instruir a população menos favorecida da zona rural.

Os versos seguintes, do poema *Grandes Mestres da Nossa Literatura*, de Gil Ribeiro (s.d.), exaltam e promovem o conhecimento da literatura brasileira.

Mundo mundo vasto mundo,	Carlos Drummond de Andrade
Mais vasto é meu coração	É mineiro de Itabira
Se eu me chamasse Raimundo	Grande amigo de Bandeira
Não seria solução. . .	Quem quiser veja e confira
Assim disse modernista	Maior dupla na cultura
Poeta e jornalista	Em nossa literatura
Que mais me chama atenção.	Seu espaço ninguém tira

Fonte: RIBEIRO, s. d., p. 28

Os versos de Ribeiro se empenham em despertar o gosto pela leitura e evidenciam a preocupação com a educação dos sujeitos, com o ensino da literatura, participando da categoria dos cordéis didáticos, assim como o poema de Janduhi Dantas.

Retomando o debate sobre a oralidade e a escrita na literatura de cordel, destacam-se, a seguir, a décima sexta e a décima sétima estrofes do folheto *O cordel: sua história, seus valores*, de Marco Haurélio e João Gomes de Sá (2011. p. 8-9). O poema se dedica a fazer um panorama histórico da literatura de cordel, exaltando autores e obras importantes.

Leandro Gomes de Barros	Grande poeta satírico
É o nome do menestrel	E lírico maravilhoso,
Que deu forma e deu essência	Escreveu obras eternas
Ao que chamamos cordel ²⁵ ,	Como <i>O Boi Misterioso</i> ,
Que da tradição oral	E <i>A Donzela Teodora</i> ,
Migrava para o papel.	De modo criterioso.

Os versos de Haurélio e Sá reconhecem que o cordel tem sua origem nas tradições orais, todavia ressaltam o papel de Leandro Gomes de Barros, considerado o Pai do Cordel Brasileiro, como o responsável por dar “forma” e “essência” ao cordel, pelo fato de o poeta ter sido um precursor na produção escrita dos poemas populares, registrando-os em folhetos.

A segunda estrofe cita algumas produções de Leandro, salientando-se o “modo criterioso” com que o poeta escrevia suas obras, ou seja, ressalta-se a elaboração no processo de escrita de seus poemas.

Por fim, apresentam-se, para fomentar a discussão, sete estrofes – da quarta à décima

²⁵ Grifo dos autores.

estrofe – do folheto *Peleja da Carta com o E-mail*, de Janduhi Dantas (2012, p. 1-3). Esse poema ilustra a atualidade da literatura de cordel no que diz respeito à apropriação das novas tecnologias, a saber, o computador, o celular, a internet, as redes sociais, não só como tema para a produção dos textos, mas também como ferramentas de divulgação e preservação da tradição cordelística.

Era uma carta e um e-mail em discussão calorosa dizia o e-mail à carta: “Não te faças de gostosa Sou rápido como o relâmpago tu és lenta e preguiçosa!”.	mesmo quem se comunica tá com pressa e precisão!”.
A carta disse: “És relâmpago és ligeiro na passada mesmo assim tua tarefa sem paixão não vale nada és moleque de recado numa ação robotizada”.	Retruca a carta: “Acredito que de mim gosta o poeta inda mais a Internet de vírus vive repleta e por fim quem é em meio não faz a coisa completa.
E disse mais: “Coleguinha a tua labuta é fria no tal correio eletrônico não existe poesia bom mesmo é quando o carteiro com um grito me anuncia!”.	E outra coisa, colega tu não és de confiança: por causa de falha técnica na Internet, cê dança já me pondo no Correio eu chego com segurança”.
O e-mail disse: “Amiga por caridade, essa não! a demora estraga tudo desagrada ao coração	Nisso o e-mail responde: “Alto lá! Pegue maneiro! você diz ser bem segura isso não é verdadeiro pois hoje nos grandes centros existe assalto a carteiro!”

Nessa divertida peleja, atesta-se a capacidade de adaptação e renovação da literatura de cordel. A carta e o e-mail, personificados, discutem o conflito entre o antigo e o novo, apontando as vantagens e desvantagens da comunicação impressa e da comunicação eletrônica. O poema de Janduhi Dantas supera o debate sobre a escrita, trazendo mais

elementos para enriquecer o diálogo entre os poemas apreciados: a leitura e a escrita pelos meios digitais.

A carta exalta seu romantismo e segurança, condenando a frieza, os problemas técnicos que podem interferir na comunicação e debochando da incompletude do e-mail como ferramenta de comunicação. O e-mail, por sua vez, ressalta sua rapidez, sua objetividade, ridicularizando a lentidão da carta e a insegurança que circunda o transporte e a entrega de cartas e outras encomendas, citando os assaltos a carteiros.

O poema de Dantas recorre a uma categoria tradicional dos cordéis, a peleja, derivada dos desafios entre os poetas repentistas em suas cantorias de improviso, para discutir um assunto da modernidade, representando com nitidez o diálogo entre a tradição e a inovação que alimenta a permanência do cordel no curso do tempo. Os versos do poeta provam que o cordel se apropria continuamente das inovações tecnológicas, tanto para discuti-las, quanto para fazer delas um poderoso meio para se difundir e se fortalecer.

A análise dos poemas que compõem o *córpus* desta seção evidencia que há um debate entre os poetas centralizado na educação dos sujeitos, na elaboração dos poemas no que diz respeito à forma e à adequação linguística, uma preocupação com o emprego de uma norma mais correta possível, de acordo com os padrões vigentes. Os poetas reconhecem a origem do cordel na oralidade e a beleza das manifestações poéticas que investem nessa modalidade, todavia, entendem o cordel como manifestação da escrita. Infere-se ainda que os poetas de cordel zelam pela tradição, mas estão atentos às inovações. Além disso, são engajados em relação à formação do leitor, inclinados a contribuir para o letramento e para a discussão de assuntos que consideram importantes, dentro e fora da escola.

4.5 A mulher na literatura de cordel

Esta seção discute a figura da mulher na literatura de cordel, a partir da leitura do poema *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, de Janduhi Dantas (2011). Investiga-se como se constroem, no texto em foco, duas linhas isotópicas opostas, em que os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas contribuem para dois recortes de sentido, um que exalta o protagonismo feminino, e outro que ridiculariza a figura masculina. Observa-se ainda a evolução da figura feminina no cordel, estabelecendo-se uma comparação do cordel do Século XXI com o cordel tradicional do início do Século XX.

Em sua dissertação de Mestrado, intitulada *Mulheres Cordelistas: Percepções do universo feminino na Literatura de Cordel*, Doralice Alves de Queiroz (2006) ressalta a importância do papel da mulher na perpetuação das poéticas orais e, devido à vida restrita ao ambiente doméstico, seu isolamento em relação às práticas das poéticas escritas no final do Século XIX. Segundo a autora:

A ausência feminina na autoria dos folhetos impressos deve-se em parte às funções que deveriam ser exercidas pela mulher numa sociedade patriarcal de passado colonial, em que se evidenciam o silêncio e a reclusão tanto no cenário público da vida cultural quanto no registro das histórias da nossa literatura. (QUEIROZ, 2006, p. 13)

No início do Século XX, segundo Queiroz (2006), no cordel brasileiro, a figura da mulher era assim representada, de acordo com uma perspectiva masculina, caracterizada pelos valores machistas do patriarcado:

A mulher era descrita sob várias formas: princesa europeia, cuja nobreza e inocência trazem-lhe ao final justa recompensa e punição para seus perseguidores; mãe devotada que luta e protege seus filhos dos mais diversos perigos; lutas de mulher contra o diabo; metamorfose da mulher em animais como serpente, cabras, como castigo nas suas ações; prostitutas. (QUEIROZ, 2006, p. 14)

Outrossim, a mulher era representada na poesia popular segundo uma abordagem romântica ou demonizada: “a amada é geralmente descrita segundo moldes românticos, ou seja, uma figura idealizada de mulher cujas características a divinizam e a aproximam de Maria. Ou, em contrapartida a essa figura cristã, aquela mais próxima de Eva e mesmo da prostituta” (QUEIROZ, 2006, p. 15)

Queiroz (2006, p. 15) destaca que “desde o início da publicação dos folhetos até a década de 1970, a mulher cordelista ainda estava invisível, não publicava oficialmente”. Em outras palavras:

Durante a grande efervescência do cordel nordestino, a mulher, como autora, ainda não tinha obtido espaço de visibilidade pública, diferentemente do homem que, com mais liberdade de ação, percorria os sertões em viagens, participando de feiras, cantorias, eventos artísticos, celebrações religiosas, enfim, ia para onde houvesse algum acontecimento popular. Isto fez com que, de fato, esta narrativa fosse caracterizada no Nordeste, como uma literatura tipicamente de homens. (QUEIROZ, 2006, p. 15)

Do final do Século XIX aos anos 50, período áureo do cordel, o contexto da sociedade patriarcal não favorecia a participação das mulheres na produção cordelística. Queiroz (2006) explica que:

Os vendedores iam às tipografias, compravam sacos de folhetos, viajavam de trem ou animais para as mais diversas localidades nordestinas. A venda dos folhetos era feita em feiras, onde eram expostos em bancas fixas ou espalhadas pelo chão, ou ainda “a cavalo” num barbante ou amontoados em cima de um caixote. A critério da assistência, que escolhia pelo título ou pelo autor o folheto que queria conhecer, o

vendedor declamava os versos, e da sua performance resultaria a venda ou não dos folhetos. Seria difícil acreditar que, numa região patriarcalista como o Nordeste, mulheres pudessem cantar ou apresentar, em público, performances capazes de sensibilizar os leitores, levando-os a adquirir a sua produção artística, ou se fazerem conhecidas do grande público de forma que isso possibilitasse a solicitação de seus folhetos pela assistência. (QUEIROZ, 2006, p. 56-57)

Apesar de constituírem minoria, Queiroz (2006) salienta que as mulheres cordelistas existem e que sua produção vem se destacando desde a década de 70. Em sua pesquisa de campo, a autora examinou acervos de literatura de cordel no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, João Pessoa e Campina Grande, identificando 70 mulheres cordelistas, autoras de 170 títulos. As cordelistas citadas por Queiroz são: Adelia Carvalho, Alba Helena Corrêa, Ana Denise Primo de Moraes, Ana Maria de Santana, Benedita Delazari, Berenice Heringer, Camila Alenquer, Carmelita da Silva Teixeira, Celia Castro, Clotilde Santa Cruz Tavares, Edianne Nobre, Emanuele Alencar Pinheiro, Esmeralda Batista, Fanka, Georgina Virgolino, Gloria Fontes Puppín, Heloisa Crespo, Helvia Callou, Iracema M. Regis, Isaura Melo, Josefa Costa dos Santos, Josefa Maria dos Anjos, Josefa Nazare Alves, Julia Rosa Costa, Juliany Ancelmo Souza, Julie Ane, Lenora O. P. Diniz de Sá, Lourdes Nunes Ramalho, Lucia Maria Dores Gonçalves (Luma), Lucia Peltier de Queiroz, Luciana Barbosa Nobre, Luiza Campos Oliveira, Luzinete Moraes, Madalena de Souza Figueiredo, Magna Consuelo Vieira Medeiros, Maria Alda de Oliveira, Maria Arlinda dos Santos, Maria da Piedade Correa, Maria de Fatima Coutinho, Maria de Fátima Lucas, Maria do Rosario Lustosa da Cruz, Maria do Socorro C. Soares, Maria dos Santos Batista, Maria Giselda Silva Trigueiro, Maria Godelivie, Maria Jose de Oliveira, Maria Julita Nunes, Maria Lindalva Gomes, Maria Lindalva Machado Ribeiro, Maria Luciene, Maria Matilde Mariano, Maria das Neves Batista Pimentel, Maria Rivaneide, Maria Rosimar Araujo, Marilene Eduardo Lima, Marilza de Castro Nobre, Maysa Miranda, Messody Ramiro Benoliel, Mundinha Macedo, Rosimar, Salete Maria da Silva, Samara de Sousa, Santana Andrade, Sebastiana Gomes Almeida, Sebastiana Gomes Almeida, Silvia Matos Rocha, Terezinha de Jesus Borges, Terezinha F. de Lima, Valdelia Barros Pereira, Vania Freitas, Vicência Macedo Maia, Yonne Rabello, Zaira Dantas da Silva (QUEIROZ, 2006, p. 115-121).

Queiroz cita ainda mulheres que se destacam na arte da xilogravura: Erivana, Edianne Nobre, Jô Andrade, Emanuele Alencar Pinheiro, Maria Rivaneide, Áurea Brito, Regilene Stéfanni e Eliane Nobre (QUEIROZ, 2006, p. 101).

As temáticas do cordel feminino abordam acontecimentos da vida urbana, a política, o ambiente doméstico, a zona rural, a religiosidade, dentre outras, e discutem a condição da

mulher na sociedade, segundo Queiroz (2006, p. 105-106). Um ponto que a pesquisadora destaca é que as cordelistas, em geral, têm “nível de instrução formal elevado” (QUEIROZ, 2006, p. 102). Ou seja:

A grande maioria das poetisas são vinculadas a universidades, exercem o magistério e outras funções de nível superior. São doutoras e mestres em diferentes áreas do conhecimento, como Sociologia, Letras, Antropologia, e, com raras exceções, não utilizam a produção literária do cordel para sobreviver. (QUEIROZ, 2006, p. 102)

A fim fomentar a discussão sobre a mulher na literatura de cordel em aulas de língua materna, reproduz-se, a seguir, o texto que servirá de base à proposta de leitura apresentada doravante.

A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99

- | | | | |
|---|--|----|---|
| 1 | <p>Hoje em dia, meus amigos
os direitos são iguais
tudo o que faz o marmanjo
hoje a mulher também faz
se o homem se abestalar
a mulher bota pra trás.</p> | 17 | <p>Pegou uma cartolina
que ela havia escondido
escreveu nervosamente
com a raiva do bandido:
“Por um e noventa e nove
estou vendendo o marido”.</p> |
| 2 | <p>Acabou-se aquele tempo
em que a mulher com presteza
se fazia para o homem
artigo de cama e mesa
a mulher se fez mais forte
mantendo a delicadeza.</p> | 18 | <p>Assim mostrou ter no sangue
sangue de Leila Diniz
Pagu, Maria Bonita
de Anayde Beiriz
(de brasileiras de fibra)
de Margarida e Elis!</p> |
| 3 | <p>Não é mais “mulher de Atenas”
nem “Amélia” de ninguém
eu mesmo sempre entendi
que a mulher direito tem
de sempre só ser tratada
por “meu amor” e “meu bem”.</p> | 19 | <p>Pegou o marido bêbado
de jeito, pela abertura
da direção do mercado
ela saiu à procura
de vender o seu marido
ia com muita segura!</p> |
| 4 | <p>Hoje o trabalho de casa
meio a meio é dividido
para ajudar a mulher
homem não faz alarido
quando a mulher lava a louça
quem enxuga é o marido!</p> | 20 | <p>Ficou na feira de Patos
no mais horrendo lugar
(no famoso C.T.I.)
e começou a gritar:
“Tô vendendo meu marido
quem de vocês quer comprar?”</p> |

- 5 Também na sociedade
é outra situação
a mulher hoje já faz
tudo o que faz o machão
há mulher que até dirige
trem, trator e caminhão.
- 6 Esse fato todo mundo
já deu pra assimilar
a mulher hoje já pôde
seu espaço conquistar
quem não concorda com isso
é muito raro encontrar.
- 7 Entretanto ainda existe
caso de exploração
o salário da mulher
é de chamar atenção
bem menor do que o do homem
fazendo a mesma função.
- 8 Também tem cabra safado
que não muda o pensamento
que não respeita a mulher
que não honra o casamento
que a vida de pleibói
não esquece um só momento.
- 9 Era assim que Damião
(o ex-marido de Côca)
queria viver: na cana
sem tirar copo da boca
enquanto sua mulher
em casa feito uma louca...
- 10 ... cuidando de três meninos
lavando roupa e varrendo
feito uma negra-de-ferro
de fome o corpo tremendo
e o marido cachaceiro
- 21 Umas bêbadas que estavam
estiradas pelo chão
despertaram com os gritos
e uma do cabelão
perguntou a Dona Côca:
“Qual o preço do gatão?”
- 22 “É um e noventa e nove
não está vendo o cartaz?”
Dona Côca respondeu
e a bêbada disse: “O rapaz
tem uma cara simpática
acho que até vale mais”.
- 23 Damião estava “quieto”
e de ressaca passado
com cordas nos pés e braços
numa cadeira amarrado
também tinha um esparadrapo
em sua boca pregado.
- 24 Começou a chegar gente
se formou a multidão
em volta de Dona Côca
e o marido Damião
quando deu fé, logo, logo
encostou o camburão.
- 25 Nisso um cabo da polícia
do camburão foi descendo
e perguntando abusado:
“Que é que está acontecendo?”
Alguém disse: “Esta mulher
o marido está vendendo”.
- 26 Do meio do povo disse
um velho em tom de chacota:
“Esse caneiro já tem
uma cara de meiota
não tem mulher que dê nele

- pelos botequins bebendo.
- 11 Mas diz o velho ditado
que todo mal tem seu fim
e o fim do mal de Côca
um dia chegou enfim
foi quando Côca de estalo
pegou a pensar assim:
- 12 “Nessa vida que eu levo
eu não tô vendo futuro
eu me sinto navegando
em mar revolto e escuro
vou remar no meu barquinho
atrás de porto seguro.”
- 13 “Na próxima raiva que eu tenha
desse marido ruim
qualquer mal que me fizer
tomarei como estopim
e a triste casamento
eu vou decidir dar fim.”
- 14 Estava Côca pensando
na vida quando chegou
Damião morto de bêbado
(nem boa-noite falou
passava da meia-noite)
e na cama se atirou!
- 15 Dona Côca foi dormir
muito triste e revoltada
contudo tinha na mente
a sua ação planejada
pra dar novo rumo à vida
já estava preparada.
- 16 De manhã Côca acordou
com a braguilha para trás
deu cinco murros na mesa
e gritou: “Ô Satanás
de dois reais uma nota”.
- 27 E, de fato, ô cabra feio
desalinhado e barbudo
fedendo a cana e a cigarro
com um jeito carrancudo
banguelo, um pouco careca
pra completar barrigudo.
- 28 Nisso chegou uma velha
que vinha com todo o gás
e disse para si mesma
depois de ler o cartaz
“Hoje eu tiro o atrasado
com esse lindo rapaz!”.
- 29 Disse a velha: “Francamente!
Eu estou achando pouco!
Por 1 e 99?!”
Tome dois, nem quero o troco!
Deixe-me levar pra casa
esse meu Chico Cuoco!”
- 30 Saiu a velha enxerida
de braços com Damião
a polícia prontamente
dispersou a multidão
e Côca tirou por fim
um peso do coração.
- 31 Retornou Côca feliz
pra casa entoando hinos
a partir daquele dia
teria novos destinos...
Com os dois reais da venda
comprou de pão pros meninos!

eu vou te vender na feira
vou já fazer um cartaz!

O cordel *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99* (DANTAS, 2011) conta a história de Côca, uma mulher que, revoltada com o casamento infeliz, resolve vender o marido na feira. O poema, de autoria masculina, apresenta trinta e uma sextilhas em redondilha maior, rimando o segundo, o quarto e o sexto versos.

O texto em foco se caracteriza como um cordel cômico ou de gracejo, embora apresente características de outras categorias de cordéis, como a de exemplos, devido ao castigo recebido por Damião, e a de cordéis heroicos, em decorrência do protagonismo de Côca, que reage à instituição do casamento.

Reconhecendo-se a proeminência da comicidade no cordel em análise, vale destacar alguns estudos sobre esse tópico. A respeito do riso, provocado pela comicidade, Bergson (1980) destaca o significado social. Segundo o autor, o ambiente do riso é a sociedade, onde atua no sentido de evitar os desvios e manter uma unicidade nos costumes.

Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se, sobretudo, determinar-lhe a função útil, que é uma função social. (...) O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (BERGSON, 1980, p. 14)

A respeito da função social do riso, o estudioso afirma que “o riso ‘castiga os costumes’”, obrigando-nos a “cuidar imediatamente de parecer o que deveríamos ser, o que um dia acabaremos por ser verdadeiramente” (BERGSON, 1980, p. 18). Ou seja, “pelo temor que o riso inspira, reprime as excentricidades” (BERGSON, 1980, p. 19). O autor esclarece que o riso corrige os desvios de comportamento pela perspectiva da humilhação, que intimida os indivíduos.

Em estudo sobre piadas e textos humorísticos em geral, Possenti (2010) afirma que os temas são sempre caracterizados pela controvérsia. Segundo o autor, “a humanidade só faz piadas (chistes, anedotas, caricaturas, humor em geral) sobre temas controversos, ou seja, temas sobre os quais há uma razoável pletora de discursos, cada um deles enfocando o tema de um ângulo ou posição diferente” (POSSENTI, 2010, p. 12).

Possenti (2010) entende que, para que o humor seja produzido e o riso ocorra, além do rebaixamento de uma personagem estereotipada, é necessário apresentar o conteúdo cômico por uma via indireta, em situações particulares ou espaços específicos.

Mas, para que ele (o riso) ocorra, é necessário que tal traço (do rebaixamento) seja apresentado por meio de uma forma engenhosa, que, em geral de modo indireto,

permite a apreensão de um sentido que a sociedade controla, relegando-o a situações privadas de interlocução ou, se públicas, circunscritas a espaços destinados a isso, como teatros e casas de show, horários específicos de rádio e de TV etc. (POSSENTI, 2010, p. 51)

Nessa perspectiva, a literatura de cordel, caracterizada como manifestação da cultura popular, em contraste com a cultura erudita e o discurso oficial, associada ao folclórico, é terreno fértil para a produção de textos humorísticos.

O título do poema em análise, *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, já provoca o riso, haja vista a inversão de posição que coloca o homem em uma situação passiva e a mulher em uma situação ativa, contrariando a tradição machista e patriarcal. Ou seja, a mulher é sujeito e o homem, objeto. Além disso, o preço de R\$ 1,99 iguala o marido às bugigangas do comércio popular.

A capa do folheto de Dantas (2011) apresenta uma xilogravura de Marcelo Soares. A imagem ilustra a figura de uma mulher que caminha em direção ao mercado, segurando o marido pelo braço, e ergue com a outra mão a placa com o valor que será cobrado pelo cônjuge: R\$ 1,99. A ilustração reforça a passividade da figura masculina e o domínio da mulher sobre a situação.

Figura 17 – Capa do folheto *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*



Fonte: Fotografia da capa do cordel *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*

Devido à extensão do poema, destacam-se sete estrofes para análise. Na tabela a seguir, os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas estão organizados de acordo com o

recorte de sentido para o qual contribuem. Distinguem-se duas linhas isotópicas em contraste: a do casamento infeliz e a da perspectiva de liberdade.

Tabela 26 – Recortes isotópicos em *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, de Janduhi Dantas (2011)

Substantivos e adjetivos/locuções adjetivas	Casamento infeliz com Damião	Côca e a perspectiva de libertação
Estrofe 11	Velho ditado, mal, fim	Côca, estalo
Estrofe 12	Vida, mar revolto e escuro	Futuro, barquinho, porto seguro
Estrofe 13	Próxima raiva, marido ruim, mal, estopim, triste casamento, fim	
Estrofe 14	Vida, Damião, morto de bêbado, boa-noite, meia-noite	Côca
Estrofe 15		Dona Côca, triste, revoltada, mente, ação planejada, novo rumo, vida, preparada
Estrofe 16	Satanás	Côca, braguilha pra trás, murros, feira, cartaz
Estrofe 17	Bandido, marido	Cartolina, raiva

Fonte: Autora

Percebe-se que o casamento de Côca é caracterizado como um “mal”, algo “triste”, representado metaforicamente por um “mar revolto e escuro”. O marido Damião é descrito como “ruim”; a personagem masculina chega a casa “morto de bêbado”, apresenta comportamento rude, sendo comparado a um “bandido” e ao próprio “Satanás”.

Côca é caracterizada pelos sentimentos de tristeza, raiva e revolta, que a impulsionam a usar a razão (“mente”) em uma “ação planejada” para se livrar da terrível situação. O substantivo “barquinho” pode ser compreendido como uma metáfora dos poucos recursos de que dispõe Côca para alcançar um futuro melhor, representado pela metáfora “porto seguro”. Munida de uma “cartolina”, Côca resolve anunciar a venda do marido por R\$ 1,99 e se dirige à feira, decidida a dar “novo rumo” a sua vida. A personagem Damião é caracterizada por um apagamento anímico, visto que não reage à atitude de Côca, assumindo, na narrativa, a condição passiva de objeto.

A fim de entender o protagonismo feminino evidenciado nos versos de Dantas (2011) e a que discurso(s) se opõe, apresentam-se, a seguir, seis estrofes do poema *O Romance do*

Pavão Misterioso, cordel de indiscutível importância e beleza, de José Camelo de Melo Rezende (2000, publicado pela primeira vez em 1923).

Às quatro da madrugada	– Todo o meu sonho dourado
Evangelista desceu	é fazer-te minha senhora
Creuza estava acordada	se queres casar comigo
nunca mais adormeceu	te arruma e vamos embora
a moça estava chorando	se não o dia amanhece
o rapaz lhe apareceu.	e se perde a nossa hora.

O jovem cumprimentou-a	– Se o senhor é homem rico
deu-lhe um aperto de mão	e comigo quer casar
a condessa ajoelhou-se	pois tome conta de mim
para pedir-lhe perdão	aqui não quero ficar
dizendo: – meu pai mandou-me	se eu falar em casamento
eu fazer-te uma traição.	meu pai manda me matar.

O rapaz disse: – menina	– Que importa que ele mande
a mim não fizeste mal	Tropa e navios pelos mares
toda moça é inocente	minha viagem é aérea
tem seu papel virginal	meu cavalo anda nos ares
cerimônia de donzela	nós vamos sair daqui
é uma coisa natural.	casar em outros lugares.

Fonte: REZENDE, 2000, p. 26-27

O tradicional *O Romance do Pavão Misterioso*, organizado em sextilhas e obedecendo à métrica da redondilha maior, com rimas nos versos pares, representa a figura feminina como submissa ora à figura do pai, ora à figura do amado Evangelista. Assim como nos contos de fada tradicionais, a donzela Creuza é caracterizada com a fragilidade e a inocência típicas das princesas, cuja felicidade estaria condicionada ao casamento e à relação de dependência a um homem, seu protetor, ratificando as observações de Queiroz (2006) sobre a romantização da figura feminina nos cordéis do início do Século XX.

Em cotejo com o cordel de Rezende (2000, publicado pela primeira vez em 1923), o texto de Dantas (2011), enraizado na tradição do cordel, mas antenado às novidades de seu tempo, representa a mulher do Século XXI, que luta pela liberdade e decide seu destino. No cordel de Dantas (2011), em resposta à tradição machista e patriarcal evidenciada sobretudo

nos cordéis mais antigos, o casamento não é a solução para as questões existenciais de Côca, mas a causa de seu sofrimento. Damião, seu marido, não é o príncipe valente que irá defendê-la, mas uma figura ridícula e inerte.

A fim de enriquecer a discussão sobre a mulher na literatura de cordel, é de extrema relevância apreciar um cordel de autoria feminina. O poema *As Herdeiras de Maria*²⁶, de Dalinha Catunda (2017), conta, com orgulho, a história de Maria das Neves Batista Pimentel, reconhecida como a primeira cordelista, que usava o pseudônimo Altino Alagoano, a fim de esconder seu gênero e disfarçar sua ousadia.

Quando a mulher resolveu	“O Violino do Diabo.
Escrever o seu cordel,	Ou o Preço da Honestidade”,
Ainda meio acanhada...	Foi o primeiro folheto,
Não quis botar no papel,	Tornou-se até raridade,
Seu santo nome de pia,	Pela mulher concebido,
Porém foi uma Maria,	Como troféu exibido,
A primeira do painel.	Prova viva da verdade.

Era Altino Alagoano	Os folhetos de Das Neves,
Que assinava a autoria.	O seu pai sempre editava.
A do primeiro folheto,	“Corcunda de Notre Dame”
Que a mulher se atrevia	Na sua lista constava,
A escrever sem assinar	E outros títulos mais,
Para o marido alcunhar	Em obras universais,
Com nome de Fantasia.	Ela se fundamentava.

E foi Maria das Neves,	“O Amor Nunca Morre” é,
A Batista Pimentel!	Também sua criação,
Que teve o afoitamento,	Mais um cordel que Maria,
De publicar um cordel,	Acresceu a coleção.
E mesmo não assumindo	Sua rica trajetória
O que estava produzindo	É um marco na história
Na lavra do seu vergel.	Nobre contribuição.

Era Francisco das Chagas, Maria chega ao cordel,

²⁶ Disponível em: <http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/search?q=herdeiras> . Acesso em: 06 ago. 2017.

De sobrenome Batista,	E com personalidade.
Pai de Maria das Neves,	Letrada, bem preparada,
A primeira cordelista.	Replena de habilidade.
Ele foi um pioneiro,	Disfarçada ocupa espaço,
Do folheto brasileiro,	Dando seu primeiro passo,
Na arte especialista.	Rumo à nova atividade.

Os versos de Dalinha Catunda (2017), organizados em sétimas, seguindo a métrica de sete sílabas e o esquema de rimas entre o segundo, o quarto e o sétimo versos, e entre o quinto e o sexto versos, representam o diálogo entre tradição e inovação no qual a literatura de cordel se equilibra. O panorama contemporâneo dessa manifestação da literatura popular se caracteriza pela crescente participação das mulheres como cordelistas e pesquisadoras. Além disso, outra marca do cordel contemporâneo é o uso da internet para fomentar a produção e a divulgação dessa literatura. Dalinha Catunda, por exemplo, divulga seu trabalho em redes sociais e mantém dois blogs: *Cantinho da Dalinha* <http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/> e *Cordel de Saia* <http://cordeldesai.blogspot.com.br/>, este em parceria com a cordelista Rosário Pinto.

O texto de Catunda (2017) exalta o atrevimento da cordelista Maria das Neves Batista Pimentel, que, na década de 30, inaugurou o cordel feminino, subvertendo a ordem estabelecida e prestando “nobre contribuição” a suas herdeiras. A talentosa e letrada Maria das Neves criava seus versos a partir de seu conhecimento sobre o cordel e os clássicos da literatura universal, exercendo um papel pioneiro, abrindo os caminhos para cordelistas como a própria Dalinha Catunda, que defende em seus textos o protagonismo da mulher no cordel e na sociedade. Catunda também expressa em seus cordéis contundente protesto em relação à violência contra a mulher, como se pode observar no fragmento a seguir, de *Não deixe o homem bater, nem em seu atrevimento!*²⁷.

Foi-se o tempo em que mulher	Não baixe mais sua crista,
Babava seu travesseiro,	Canto de galo machista
Pois abortando seus sonhos	Está fora de evidência.
Chorava o dia inteiro.	
Sendo hoje alforriada	Escreva nova história
Não deve ser humilhada	Tenha mais dignidade

²⁷ Disponível em: <http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2011/12/nao-deixe-o-homem-bater-nem-em-seu.html> Acesso em: 05 out. 2017.

Já basta de cativoiro.	Foi-se o tempo da Amélia, Reina hoje outra verdade
Mulher preste atenção, Vive-se novo momento, Não deixe o homem bater Nem em seu atrevimento!	Onde a mulher é guerreira Levanta sua bandeira, Diante da realidade.
Se o homem perde a razão Levantando sempre a mão Tenha seu discernimento.	Não quero ver estampado, Seu retrato no jornal. Esta violência toda, Garanto não é normal.
Quantas Marias se foram, Por causa da violência. Dê um basta nesta história, Já chega de complacência	Não quero chorar de pena Vendo você no Datena Numa ocorrência fatal.

Assim como o cordel de Dantas (2011), os poemas de Catunda (2017, 2011) apresentam uma perspectiva divergente do texto de Rezende (2000), que representa a mulher como submissa e condicionada a viver para o casamento e sob a proteção de um homem. Os textos de Dantas (2011) e Catunda (2017, 2011) provam a atualidade da literatura de cordel, sua natureza dinâmica e sua constante renovação.

Além dos textos de Rezende (2000) e Catunda (2017, 2011), propõe-se o diálogo com a letra de música “Ex mai love”²⁸, composta por Veloso Dias e gravada por Gaby Amarantos no álbum *Treme*, em 2012. No mesmo ano de lançamento do álbum, a música foi tema de abertura da novela *Cheias de Charme*, da Rede Globo. Segue a letra da canção:

Meu amor era verdadeiro, o teu era pirata
O meu amor era ouro, o teu não passava de um pedaço de lata
Meu amor era rio e o teu não formava uma fina cascata
O meu amor era de raça, e o teu simplesmente um vira-lata

Ex mai love
Ex mai love
Se botar teu amor na vitrine ele nem vai valer R\$ 1,99

²⁸ AMARANTOS, Gaby. Ex mai love. In: *Treme*. Som Livre, 2012. Faixa n. 3.

O aspecto cômico, sintetizado na coincidência do preço (R\$ 1,99) é um ponto de interseção entre o cordel de Dantas (2011) e a canção interpretada por Gaby Amarantos (2012). No cordel, iguala-se o marido de Côca a um objeto de pouco valor; na canção, o amor do ex-namorado é artigo falsificado e barato no mercado das relações humanas. As comparações divertidas que a música apresenta expressam a pobreza do amor recebido, a oposição entre o *eu* e o *outro*, a superação do fracasso amoroso por meio do riso. Além disso, o aportuguesamento da expressão em inglês *my love*, resultando em *ex mai love*, e a rima dessa expressão com o preço de R\$ 1,99 reforçam o humor. Uma aula de língua materna que conjugue os referidos textos pode ser interessante e divertida, além de proporcionar reflexões diversas e relevantes sobre os fatos linguísticos.

A partir da leitura de *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99* (DANTAS, 2011), investiga-se como os recursos linguísticos, no caso deste estudo, os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas, são selecionados e aplicados, a fim de compor um construto sígnico que opõe em duas linhas de sentido distintas o masculino e o feminino. Em uma linha isotópica, o casamento da personagem Côca é referido como a causa de sua infelicidade, e seu marido, Damião, é caracterizado como uma figura ridícula e inerte. No outro recorte isotópico, Côca é descrita como uma mulher determinada e corajosa, que reage à vida ingrata e luta por liberdade, decidindo vender o marido por R\$ 1,99 no mercado popular.

Estabelecendo-se um diálogo do texto de Dantas (2011) com *O Romance do pavão misterioso* (REZENDE, 2000), *As herdeiras de Maria* (CATUNDA, 2017) e *Não deixe o homem bater nem em seu atrevimento* (CATUNDA, 2011), percebe-se que o cordel do Século XXI discute a temática do feminino sob uma nova ótica, valorizando a participação da mulher na literatura de cordel e reconhecendo seu protagonismo na sociedade. Os poemas de Dantas (2011) e Catunda (2017, 2011) refutam a tradição machista e patriarcal na qual a ventura da figura feminina estaria condicionada a uma relação de dependência a um homem que a protegeria e salvaria das mazelas existenciais, além de exaltar o pioneirismo da mulher, mesmo em condições adversas. Por meio dos arranjos linguísticos elaborados, a literatura de cordel discute e significa o povo brasileiro, sua cultura, suas raízes, suas transformações, constituindo rico material para debates sobre a diversidade linguística e humana, na escola e além.

4.6 Cordel fabuloso

Nesta seção, aborda-se o diálogo da literatura de cordel com outros gêneros textuais, a saber, a fábula, a lenda e o conto de fadas, manifestações narrativas das quais não se pode prescindir no currículo do segundo segmento do Ensino Fundamental, visto que provocam o encantamento e despertam a imaginação do leitor, trazendo à tona o elemento essencial das reminiscências infantis.

A fim de iniciar as reflexões desta seção, apresenta-se o cordel *O coelho e o jabuti*, de Arievaldo Viana (2011).

- | | | | |
|---|---|----|---|
| 1 | Destinei-me a consultar,
Sob um céu azul-anil,
Nossas lendas populares
Dos confins do meu Brasil
E assim resolvi compor
Mais um cordel infantil. | 13 | Veja só a estratégia
Desse jabuti sensato:
Espalhou os seus parentes
Todos por dentro do mato
Para dar a impressão
Que o seu blefe era exato. |
| 2 | Vou transmitir com carinho
Aquilo que aprendi,
A história é bonitinha,
Simples como eu nunca vi:
Fala de uma aposta entre
O coelho e o jabuti. | 14 | A família jabuti
Era muito parecida,
Todos tinham a mesma cara
E a mesma fala comprida,
Foram se esconder no mato
No trajeto da corrida. |
| 3 | Os bichos, antigamente,
Falavam com maestria;
Viviam perfeitamente
Em total democracia
E, por terem consciência,
Prezavam a ecologia. | 15 | Chega o dia da corrida...
A manhã ensolarada
Iluminava a floresta
Que estava embandeirada;
O gavião, que era juiz,
Apita e dá a largada. |
| 4 | Não depredavam a floresta
Não caçavam sem razão
Não poluíam os riachos,
Pois viviam em comunhão
Com a mamãe natureza
Na floresta e no sertão. | 16 | O coelho se distancia
E depois grita pro mato:
– Camarada jabuti!
E alguém responde no ato:
– Estou aqui, camarada,
Corra mais, não seja pato! |
| 5 | O jabuti tinha a fama | 17 | O mato era muito denso |

- De ser lerdo e vagoroso,
O seu andar muito lento
Pausado e meticuloso,
Acarretou-lhe a fama
De animal preguiçoso.
- 6 Já o coelho, esse não,
Só andava na carreira,
Muito vivo e assustado
Tinha a passada ligeira,
Sua fama de veloz
Corria a floresta inteira.
- 7 Foi campeão de atletismo
E de salto ornamental
Ganhou medalhas, troféus,
Coisa muito natural
Para alguém de sua espécie.
Era um atleta, afinal...
- 8 Por conta de sua fama
O coelho sempre zombava
Dos bichinhos vagarosos
(Um “sarro” ele tirava)
Com o pobre do jabuti
Ele bastante implicava.
- 9 O jabuti paciente
A princípio nem ligou,
Mas o coelho era chato
E tanto o importunou,
Que um dia o jabuti
Com ele se enfezou:
- 10 – Fique sabendo, coelho,
Que você corre na estrada,
Mas eu, por dentro do mato,
Também ando em disparada,
- E os bichos não notavam
Que dentro do capinzal
Vários jabutis estavam,
Usando dessa estratégia
Ao corredor enganavam.
- 18 O coelho redobrou
A sua velocidade,
Corria sempre movido
Por sua tola vaidade
E os jabutis no mato,
Na maior tranquilidade...
- 19 O coelho grita outra vez:
– Camarada jabuti!!!
E uma voz respondeu:
– Muito bem, estou aqui.
Vou atrasado porque
Parei num pé de pequi!
- 20 Ele então ficou maluco
Ouvindo aquela resposta,
Corria mais que um raio
Descendo pela encosta,
Vendo a hora que perdia
A danada da aposta.
- 21 Totalmente esbaforido
Largou os pés na estrada
Mas ainda perguntou:
– Oh! Jabuti?... Camarada...
Uma voz lhe respondeu:
– Estou perto da chegada!
- 22 Quando o coelho chegou
Quase que nem acredita,
A cena que ele viu
Causou-lhe uma desdita:

	Sou o bicho mais veloz Dentro da mata fechada.		O jabuti vencedor Já estava cortando a fita.
11	O coelho achou muita graça E logo deu a resposta: – Ora, amigo jabuti, Aceito a tua proposta, Eu na estrada e tu no mato Está selada a aposta!	23	Amiguinhos, a modéstia É uma grande virtude. Ninguém deve gloriar-se Por ser rico ou ter saúde, É melhor ter humildade E pedir a Deus que ajude.
12	Marcaram então a corrida Pro dia vinte do mês, O jabuti muito esperto Querem saber o que fez? Combinou com seus parentes Correr um de cada vez.	24	Menosprezar um colega, É coisa que não se faz, Todos têm o seu talento. Se você é mais capaz, Ajude os seus camaradas, Faça o bem e viva em paz.

O cordel de Viana (2011) reconta, em sextilhas de versos em redondilha maior, uma fábula tradicional em que as personagens rivais, o coelho e o jabuti, personificados, disputam uma corrida em desigualdade de condições, visto que o coelho era rápido e o jabuti, lento. A vitória do mais fraco sobre o mais forte ocorre pela esperteza. Essa inversão da ordem vigente é muito comum na literatura popular, especialmente na literatura de cordel, como observado nas seções 4.1 (o camelô vence a briga contra o rapa), 4.2 (o eu-lírico viaja a uma terra farta, que contrasta com a realidade), 4.3 (Evangalista e Creuza desafiam o pai tirano da jovem e fogem no pavão misterioso a fim de se casarem), 4.4 (a educação é apontada como caminho para a superação das adversidades) e 4.5 (uma mulher rompe com a instituição do casamento). No cordel em análise, o coelho é castigado por sua soberba, e o jabuti supera as dificuldades graças não só a sua astúcia, mas também ao esforço coletivo junto a seus pares.

Além dos animais personificados, o texto se assemelha às fábulas pelo caráter didático e pela presença de uma moral: o cordel defende a humildade, a união e a solidariedade, em detrimento da arrogância e do abuso de poder.

Vale ressaltar que o cordel em análise foi publicado em uma edição mais sofisticada, em tamanho maior que os cordéis tradicionais, com capa dura ricamente ilustrado com imagens muito coloridas, assinadas por Jô Vieira, nos moldes das obras voltadas ao público infanto-juvenil. A seguir, apresenta-se a imagem da capa da publicação:

Figura 18 – Capa do livro *O coelho e o jabuti*

Fonte: Fotografia da capa do cordel *O coelho e o jabuti*

A capa da publicação ilustra o grupo de jabutis, cujos membros se revezam para cumprir a corrida, de modo lento e tranquilo, enquanto o coelho corre com desespero, apesar de ser maior do que os jabutis e ter a vantagem do porte atlético. Note-se que os jabutis usam um chapéu de couro, acessório típico da indumentária nordestina, o que caracteriza a construção de uma perspectiva favorável ao jabuti, significando que essa personagem representa o povo nordestino no cordel de Viana (2011).

A fim de verificar as linhas isotópicas que orientam a leitura do texto e conduzem o leitor a uma identificação com a personagem jabuti, apresentam-se, na tabela a seguir, os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas destacados das estrofes 5 a 12.

Tabela 27 – Recortes isotópicos em *O coelho e o jabuti*, de Arievaldo Viana (2011)

Substantivos e adjetivos/locuções adjetivas	Caracterização do coelho	Caracterização do jabuti
Estrofe 5		Jabuti, fama, lerdo, vagoroso, andar, lento, pausado, meticuloso, animal, preguiçoso
Estrofe 6	Coelho, carreira, vivo, assustado, passada, ligeira, fama, veloz, floresta, inteira	
Estrofe 7	Campeão, atletismo, salto ornamental, medalhas, troféus,	

	coisa, natural, espécie, atleta	
Estrofe 8	Fama, coelho, sarro	Bichinhos, vagarosos, pobre, jabuti
Estrofe 9	Coelho, chato	Jabuti, paciente
Estrofe 10	Coelho, estrada	Mato, disparada, bicho, veloz, mata, fechada
Estrofe 11	Coelho, graça, resposta, proposta, estrada, selada, aposta	Amigo, jabuti, mato
Estrofe 12	Corrida	Corrida, jabuti, esperto, parentes

Fonte: Autora

Os substantivos e adjetivos referentes ao coelho o caracterizam como um “atleta”, “vivo” e “veloz”, acostumado com práticas esportivas como “atletismo” e “salto ornamental”, na quais era “campeão”, tendo conquistado “medalhas” e “troféus”; todavia, um “chato”, que tirava “sarro” dos que considerava mais fracos.

O jabuti, por sua vez, era conhecido como um animal “lerdo”, “vagaroso”, “preguiçoso”, tinha o andar “lento”, “pausado” e “metuculoso”, essa última característica apresentando conotação positiva, coerente com os adjetivos “paciente” e “esperto”, que aparecem, respectivamente, nas estrofes 9 e 12. Ressalte-se que o coelho está relacionado à estrada, e o jabuti, ao mato, ou seja, o segundo está mais próximo da natureza, de suas raízes, assim como o cordel e a cultura nordestina que essa personagem representa. Além disso, o “pobre” jabuti é incluído no grupo dos “bichinhos vagarosos”. Em outras palavras, o emprego do adjetivo “pobre”, no sentido de “coitado”, suscita solidariedade do leitor em relação ao jabuti, e o diminutivo empregado no substantivo “bichinhos” reforça a afetividade que se constrói em torno da referida personagem.

Sabendo-se que, nas fábulas, os animais representam situações humanas, e reconhecendo-se duas linhas isotópicas distintas no texto, evidencia-se no cordel de Viana (2011) a luta do fraco contra o forte, ou da humildade contra a presunção, ou do povo contra os poderosos, por meio de um processo metafórico. A leitura é orientada por uma perspectiva que favorece o jabuti, ou seja, o bem vence o mal, de modo que a lição que caracteriza a natureza fabulosa do cordel em foco fica clara: não ser arrogante; ser solidário e humilde; usar a inteligência para vencer as dificuldades; ater-se às raízes.

A fábula recontada nos versos de cordel por Viana (2011) é registrada em uma coletânea de fábulas atribuídas a Esopo. Na quarta capa desse livro, o autor grego é descrito como “um personagem quase mítico do século VI a. C.”; “escravo libertado por seu último

senhor, Xanto”; que “possuía o dom da palavra e a habilidade de contar histórias onde os personagens eram animais, e que invariavelmente terminavam com tiradas morais” (ESOPO, 2016). A seguir, reproduz-se a fábula intitulada *A tartaruga e a lebre*:

Uma tartaruga e uma lebre discutiam para saber quem era a mais veloz. Por isso, combinaram uma data para uma corrida e um local aonde deveriam chegar. No dia certo, partiram. A lebre, que contava com a rapidez natural, não se preocupou com a corrida. Caiu à beira de uma estrada e adormeceu. Já a tartaruga, que se sabia quão lenta era, não perdeu tempo e, deixando a lebre dorminhoca para trás, venceu a aposta. O talentoso com preguiça perde para quem enfrenta a liça. (ESOPO, 2006, p. 155)

Outra versão da mesma fábula é encontrada na obra *Contos e fábulas* de Charles Perrault (2007), autor francês do Século XVII. Segue a transcrição de *A lebre e a tartaruga*:

Como uma lebre se pusesse a zombar da lentidão de uma Tartaruga, esta a desafiou para uma corrida. A Lebre a vê partir e a deixa adiantar-se tanto que, por mais esforços que fizesse depois, ela tocou o ponto de chegada antes.

*É falta de juízo estar sempre confiante
E confiança demais já perdeu muito amante.
Para ganhar o amor de uma Beldade,
Nada melhor do que a assiduidade.* (grifos do autor) (PERRAULT, 2007, p. 154)

Em uma antologia de fábulas de La Fontaine (escritor francês do Século XVII), há uma versão em versos. Transcrevem-se as quatro últimas estrofes, que narram a chegada da tartaruga ao final da corrida:

Olha; e depois que a vê perto,
Começa a sua carreira;
Mas então apressa os passos
A tartaruga matreira.

À meta chega primeiro,
Apanha o prêmio apressada,
Pregando à lebre vencida
Uma grande surriada.

Não basta só haver posses
Para obter o que intentamos;
É preciso por-lhe os meios,
Quando não, atrás ficamos.

O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;

Porque um anão acordado

Mata um gigante a dormir.

Fonte: LA FONTAINE, 2008, p. 153

Sendo a fábula, assim como o cordel, um gênero textual enraizado na oralidade e transmitido de geração a geração por meio da fala, justificam-se as diferenças percebidas nos registros escritos apresentados. Além disso, o fato de ser um texto muito antigo, que vem acompanhando a humanidade ao longo do tempo, facilita as modificações inerentes ao ato de recontar uma história, imprimindo-se as marcas de estilo que caracterizam as particularidades da autoria e do evento comunicativo.

O cordel de Viana (2011) apresenta algumas diferenças em relação às versões dos autores europeus. A lebre que aparece nas fábulas tradicionais é substituída, na versão em cordel, pelo coelho, seu similar, assim como a tartaruga é substituída pelo jabuti. Além disso, o cordel se distingue pelo elemento regional da cultura nordestina, no que diz respeito à forma do texto, à linguagem, à caracterização das personagens e à ambientação da história.

Cascudo (2006, p. 97) cita a existência de variações dessas fábulas em que o jabuti é substituído pelo sapo, no Nordeste do Brasil, e a lebre pelo veado. Segundo o autor, há uma versão, informada por Nina Rodrigues, em que o jabuti venceu o veado, “espalhando os parentes ao longo da pista” (CASCUDO, 2006, p. 100). O estudioso afirma que há muitas versões da história na África, onde o imaginário popular prefere a tartaruga ao jabuti, favorito nas narrativas dos indígenas amazônicos. Na Indochina, a corrida é disputada entre o tigre e a tartaruga (CASCUDO, 2006, p. 100). O autor ressalta que “o motivo central, multiplicação do adversário, julgado sempre o mesmo pelo antagonista vaidoso, é universal” (CASCUDO, 2006, p. 100). Registram-se ainda, mundo afora, as corridas em que competem o elefante e o camaleão, e perca e o salmão, o carrapato e o veado, o ouriço e a lebre, o ouriço e a raposa. (CASCUDO, 2006, p. 324-325).

No *Dicionário de Símbolos*, “lebre” e “coelho” constam no mesmo verbete, segundo o qual são animais associados à Lua. O dicionário registra que “lebres e coelhos estão ligados à velha divindade da Terra-Mãe, ao simbolismo das águas fecundantes e regeneradoras, ao da vegetação, ao da renovação perpétua da vida sob todas as suas formas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 540). A simbologia de lebres e coelhos apresenta “significação sexual difusa e múltipla”, ligada às “ideias de abundância, de exuberância, de multiplicação dos seres” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 542).

O verbete referente à “tartaruga”, no mesmo dicionário, apresenta as seguintes informações sobre a simbologia desse animal: “pela sua carapaça, redonda como o céu na parte superior – o que a torna semelhante a uma cúpula – e plana como a terra na parte inferior, a tartaruga é uma representação do universo: constitui-se por si mesma uma *cosmografia*” (grifo dos autores) (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 868). Os autores acrescentam que “sua massa e sua força, ideia de poder que evocam suas quatro patas curtas plantadas no solo como as colunas do templo, fazem dela também o *cosmóforo*, carregador do mundo” (grifo dos autores) (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 868). Os autores registram a noção de estabilidade atribuída à tartaruga, “em função de suporte do mundo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 869) e afirmam que “sua conhecida longevidade leva a associá-la à ideia de *imortalidade*, a par com a *fertilidade* das primeiras águas, regida pela Lua” (grifos dos autores) (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 869).

Outrossim, a simbologia dos animais que figuram como personagens da fábula em análise guarda semelhanças e diferenças. Como semelhanças, notam-se o sentido da fertilidade e a relação com a Lua. Como diferenças, percebe-se que a rapidez com que os coelhos e lebres se multiplicam e a rapidez com que se deslocam contrastam com a estabilidade disciplinada e a persistência lenta das tartarugas/jabutis. Sabendo-se que, de modo simbólico, atribui-se à tartaruga o poder de suportar o peso do mundo e estabelecendo-se um diálogo com o cordel de Viana (2011), entende-se o jabuti como metáfora do sujeito nordestino e de sua reconhecida capacidade de trabalho, tanto na lida rural, como na construção e desenvolvimento das grandes cidades brasileiras.

Além dos diálogos possíveis entre o cordel *O coelho e o jabuti* e as versões mais tradicionais da fábula, é possível estabelecer relações de sentido com as versões em desenho animado de *A lebre e a tartaruga*²⁹ disponíveis na internet: <https://www.youtube.com/watch?v=hOI7EDpb70M> (versão de Walt Disney); <https://www.youtube.com/watch?v=Eanj8DCHhss> (do canal Videobrinquedo, com roteiro e direção de Ale McHaddo); <https://www.youtube.com/watch?v=ohgb8uotLqI> (do canal Mundo Animado PT); <https://www.youtube.com/watch?v=-0ZxvgS-g7E> (do canal Casulo). Nos desenhos animados, assim como no cordel e nas fábulas, a disciplina e a persistência vencem a vaidade e o excesso de confiança. É possível ainda estabelecer uma relação interdisciplinar com Educação Física, haja vista que nas versões em desenho animado destacam-se elementos como a preparação física da tartaruga, a importância de respeitar o

²⁹ Acesso aos vídeos em: 07 dez. 2017.

adversário, a torcida, o evento da competição. Valores humanos são abordados nos textos que constituem esta proposta de leitura de maneira lúdica e divertida.

A fim de enriquecer a leitura e aproveitar os conhecimentos prévios dos estudantes, sugere-se ainda o diálogo com a letra de música *Devagar, devagarinho*³⁰, samba muito popular, composto por Eraldo Divagar e gravado por Martinho da Vila em 1995, no álbum *Tá delícia, tá gostoso*, pela Sony Music.

É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho
Devagarinho
É que a gente chega lá
Se você não acredita
Você pode tropeçar
E tropeçando
O seu dedo se arrebenta
Com certeza não se aguenta
E vai xingar
É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho
Eu conheci um cara
Que queria o mundo abarcar
Mas de repente
Deu com a cara no asfalto
Se virou, olhou pro alto
Com vontade de chorar
É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho
Sempre me deram a fama
De ser muito devagar
E desse jeito

³⁰ Disponível em: http://martinhodavila.com.br/js_albums/ta-delicia-ta-gostoso/1995. Acesso em 07 dez. 2017.

Vou driblando os espinhos
 Vou seguindo o meu caminho
 Sei aonde vou chegar

A letra da música apresentada destaca que, devagar e com prudência, os objetivos são alcançados, em consonância com o ditado popular “Devagar se vai ao longe”. O comportamento defendido pelo eu lírico da música está de acordo com as ações do jabuti no cordel de Viana (2011) e da tartaruga nas fábulas e nos desenhos animados comentados. A canção trata das consequências desastrosas da precipitação, como o fracasso, a dor, o arrependimento, ilustrando um comportamento semelhante ao do coelho ou da lebre que aparecem nos textos estudados. O diálogo entre os textos apresentados pode fomentar discussões oportunas e divertidas nas aulas de língua materna, aproveitando os conhecimentos prévios dos educandos e os interesses típicos da idade escolar.

Além da adaptação de fábulas em cordel, há a cordelização de outros gêneros bastante apreciados pelo público infanto-juvenil, como a lenda e o conto de fadas. Como exemplo, apresentam-se, a seguir, oito estrofes de *Caipora*, lenda apresentada em *Brasiliana: Lendas do Brasil em versos de cordel*, da autoria de Gonçalo Ferreira da Silva (2011).

Vivendo na intimidade da aconchegante flora como um guardião que zela a quem mais ama e adora é o protetor da fauna o lendário Caipora.	Outro artifício que é pelo Caipora usado é reter o cão esperto infantilmente acuado latindo muito diante dum toco resignado.
E o caçador prudente ao conduzir o seu cão antes de entrar na mata deve, por obrigação, ao Caipora pedir a sua autorização.	“Hoje não é o meu dia” pensa imediatamente o caçador convidando o cão desobediente que abana o rabo, entretanto, entra a latir novamente.
Senão estará sujeito a ser desafortunado ou inexplicavelmente	Agora o caçador sente um inexplicável frio; tenta dominar o medo

ficar desorientado	porém sente um arrepio
andando em círculo na mata	algo como um mudo aviso,
por tempo indeterminado.	um sentimento sombrio.

Outras vezes algo estranho	Pedras à feição de trempes
fica o cachorro sentindo	bota na mata fechada,
andando em torno do dono	acende fogo dizendo:
se lastimando e ganindo	– Vamos parar a jornada.
sem que o dono perceba	Só depois da hora-grande
quem o está perseguindo.	reinicia a caçada.

Os versos de Silva (2011) contam a lenda do Caipora, um ser fantástico que habita as matas, protegendo a fauna e a flora e espantando o caçador indesejável. A relação dialógica do cordel com as lendas pode render discussões muito interessantes em sala de aula. As lendas resgatam criaturas encantadas que personificam o medo e o mistério nos recônditos do imaginário popular, extrapolando os limites da realidade objetiva e possibilitando o contato com a realidade profunda do inconsciente, onde reside a criatividade mais livre.

A fim de exemplificar a adaptação de contos de fadas em cordel, transcrevem-se, a seguir, oito estrofes de *A peleja de Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau*, de Arievaldo Viana (2011).

Outra versão diz que o lobo,	Sentindo o cheiro do caldo
Cheio de má intenção,	Ele muito se animou,
Encontrou com Chapeuzinho,	Estava morto de fome
Que não lhe deu atenção	Do fogo se aproximou.
Nem escutou passarinho;	Baixou a cabeça e... então
Seguiu logo o seu caminho	Despencou no caldeirão
Levando o bolo na mão.	Que a velhota preparou.

Chegando à casa da avó	O lobo já estava fraco
Tratou de lhe avisar	Pelo tempo que esperou
Que o dito lobo malvado	O sol quente na moleira
Não tardaria a chegar	Pela fome que passou
Atoleimado e faminto	O lobo não reagiu,
Querendo entrar no recinto	Aos poucos se consumiu
A fim de lhes devorar!	Ali mesmo se acabou.

A vovozinha era esperta	Chapeuzinho, deste modo,
Com a neta se escondeu	Aprendeu bem a lição,
E quando o lobo chamou	Que é muito perigoso
Ela nada respondeu;	Criança dar atenção
Ele subiu no telhado	A gente que não conhece
Ficou ali entocado,	Aquilo que bem parece
Mas vejam o que aconteceu...	Pode ser embromação.

Um bom pedaço de carne	Na verdade esta historinha
A velhinha então pegou	Surgiu para alertar
Botou no seu caldeirão	Criança que anda sozinha
E a carne cozinhou.	Sem os perigos notar
Como era inteligente,	É preciso ter cuidado
Levou pra porta da frente	Não ir por caminho errado
E o resultado esperou.	Nem com estranhos falar.

O texto apresenta uma versão do conto de fadas em que a ferocidade do lobo é vencida por meio da inteligência e se empenha em alertar os jovens leitores dos perigos de acreditar na benevolência de desconhecidos. A união de Chapeuzinho com sua avó resulta em uma estratégia bem-sucedida que as livra do malfeitor. Além disso, ressaltam-se, nesse cordel, o trabalho coletivo, a obediência aos valores familiares e a retidão de caráter como meios de garantir a supremacia do bem sobre o mal.

Além das adaptações de fábulas, lendas e contos em cordel, destacam-se as adaptações de clássicos da literatura brasileira e universal, por exemplo: *Menino de Engenho em versos de cordel*, de Janduhi Dantas (2017); *Os miseráveis em cordel*, de Klevisson Viana (2008); *A metamorfose em cordel*, de João Gomes de Sá (2014); *Memórias Póstumas de Brás Cubas em cordel*, de Varnecki Nascimento (2010); *A Dama das Camélias em cordel*, de Evaristo Geraldo (2010); *A Divina Comédia em cordel*, de Moreira de Acopiara (2014); *O Alienista em cordel*, de Rouxinol do Rinaré (2010), dentre muitos outros títulos.

A partir da análise do cordel *O coelho e o jabuti*, de Arievaldo Viana (2011), texto que serviu como base para a proposta de leitura apresentada, constatou-se que os substantivos e adjetivos/locuções adjetivas participam da construção de duas linhas isotópicas antagônicas, que orientam a leitura. Em uma linha, descreve-se o coelho, mais forte e veloz, todavia,

arrogante e debochado; em outra, descreve-se o jabuti, mais fraco e lento, entretanto, prudente e disciplinado. O cordel, visto que é uma manifestação da literatura popular, apresenta uma perspectiva que favorece o jabuti, personagem caracterizada como representante do povo em sua luta constante contra os detentores do poder político e econômico. O êxito do fraco sobre o forte ocorre por meio do esforço coletivo, trabalho contínuo, disciplina e resistência.

Nesta seção, a proposta de leitura se dedicou aos cordéis que dialogam com gêneros textuais direcionados aos interesses infanto-juvenis, como a fábula, a lenda e o conto de fadas. Nessas relações de sentido, o cordel reelabora as narrativas com que dialoga, empregando-lhes o elemento regional, ressignificando-as na forma e na linguagem da poética popular nordestina. Com essa proposta de leitura, pretende-se enriquecer as aulas de Língua Portuguesa, contribuindo para o estudo da literatura de cordel e sua possível relação com gêneros textuais diversos, assim como para a compreensão da pluralidade cultural brasileira e do diálogo entre a cultura regional e a cultura universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel é uma manifestação da literatura popular brasileira, especialmente, nordestina, cujas origens estão relacionadas às tradições orais e à cultura europeia. Reconhecendo-se a importância linguística, cultural e histórica dessa literatura no contexto brasileiro e assumindo-se um compromisso com sua valorização, investigou-se, nesta tese, por meio da análise de livros didáticos de Língua Portuguesa voltados ao segundo segmento do Ensino Fundamental, como os poemas de cordel têm sido considerados nas aulas de língua materna. Examinaram-se cinco coleções de livros didáticos que estiveram em circulação de 2014 até 2017: *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2012), *Projeto Teláris: Português*, de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012) e *Perspectiva língua portuguesa*, de Discini e Teixeira (2012), *Para viver juntos: português*, de Costa, Marchetti e Soares (2012) e *Universos: língua portuguesa*, de autoria coletiva, editada por Ramos (2012).

Verificou-se que os livros didáticos analisados se empenham em cumprir as orientações oficiais, apresentando textos de variados gêneros, oferecendo propostas de trabalho relativas aos textos orais e articulando o conhecimento linguístico ao conhecimento do mundo. Além disso, os autores estabelecem um profícuo diálogo entre os estudos da língua e outras linguagens e mídias, como a pintura, o cinema, a fotografia, o desenho, a música, a internet.

Nessa investigação, constatou-se que, das cinco coleções apreciadas, duas não apresentam propostas de estudo da literatura de cordel, a saber, *Português: linguagens* (2012) e *Para viver juntos: português* (2012). Os autores das outras três coleções, *Projeto Teláris: Português* (2012), *Perspectiva língua Portuguesa* (2012) e *Universos: língua portuguesa* (2012), contemplam em suas obras textos representativos da diversidade cultural brasileira, inclusive a literatura de cordel, que começa a receber o merecido reconhecimento nos manuais escolares, não obstante a necessidade de adequações na conceituação da literatura de cordel e no aproveitamento de sua riqueza linguística e diversidade de produções e temas.

A coleção *Projeto Teláris: Português* (2012) apresenta estudos da literatura de cordel no capítulo “Conto popular em verso e conto popular em prosa”, no livro do 6º. ano e breve referência a essa poética no capítulo “Poema”, no livro do 7º. ano. Além da compreensão dos signos verbais e não verbais dos folhetos de cordel, as atividades baseadas nessa literatura abordam a variação linguística, aspectos da versificação e a relação do cordel com a oralidade.

No livro do 7º. ano da coleção *Perspectiva Língua Portuguesa* (2012), na lição “Cultura popular brasileira”, consta, ao lado de outros gêneros textuais, a literatura de cordel. As atividades propostas pelas autoras da coleção destacam a significação decorrente da elaboração expressiva dos recursos linguísticos, as possíveis relações de sentido do cordel com outros textos e a conjuntura sociocultural dessa poesia.

Na coleção *Universos: língua portuguesa* (2012), há um capítulo inteiro dedicado à literatura de cordel, intitulado “Poemas ao vento/Cordel”, no livro do 6º. ano. As atividades propostas para o estudo do cordel exploram a interpretação de signos verbais e não verbais, o processo de produção de folhetos e seu contexto sócio-histórico, as características dessa poética e o papel dos autores/cordelistas. Há uma atividade de produção textual de cordel no livro do 6º. ano, no referido capítulo, e outra no livro do 7º. ano, em um projeto de leitura apresentado no final do livro, quando os estudos sobre o cordel são revisados e os alunos são novamente convidados a se apropriarem da literatura de cordel.

Acredita-se que os livros didáticos analisados sinalizam um avanço progressivo em direção a uma seleção cada vez mais democrática dos textos que compõem suas propostas de estudo, haja vista a presença da literatura de cordel em três das cinco coleções analisadas. Destarte, o livro didático, importante ferramenta pedagógica, pode contribuir para o respeito à diversidade de saberes e para a redução dos preconceitos contra a cultura dos grupos menos favorecidos em termos socioeconômicos.

A fim de fomentar o trabalho pedagógico com a literatura de cordel em aulas de Língua Portuguesa, nesta tese, apresentaram-se seis propostas de leitura fundamentadas na Estilística influenciada pela Semiótica, na Semântica, e na perspectiva dialógica de Bakhtin (2000). As propostas de leitura, orientadas para a construção do sentido, foram desenvolvidas a partir dos cordéis: *A briga do rapa com o camelô*, de Gonçalo Ferreira da Silva (2007); *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos (1978); *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camilo de Melo Rezende (2000 – Primeira edição em 1923); *A desventura de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler*, de João Martins de Athayde (1945); *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, de Janduhi Dantas (2011) e *O coelho e o jabuti*, de Arievaldo Viana (2011).

A primeira proposta de leitura, baseada no cordel *A briga do rapa com o camelô* (SILVA, 2007), discutiu a dinâmica da luta de classes, visto que o cordel em foco trata do conflito entre dois personagens, o camelô, que representa a voz do povo e a luta diária pela sobrevivência, e o rapa, que representa o discurso do poder e da opressão. A fim de enriquecer a proposta de leitura, estabeleceram-se relações de sentido do cordel em foco com outros

textos, como a letra de música *Oia o rapa*, de Lenine e Sergio Natureza, gravada pela banda O Rappa (1996); *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1980); uma tira do Bode Gaiato e a letra de música *O encontro de Lampião com Eike Batista*, da banda El Efecto (2012).

A proposta de leitura do cordel *Viagem a São Saruê* (SANTOS, 1978) contemplou o abismo entre a terra utópica de São Saruê, onde o poeta, em uma viagem imaginária, vislumbra abundância e igualdade de condições, e a realidade conhecida pelo poeta e seus conterrâneos, na qual as injustiças sociais assolam as camadas mais pobres da população com a fome e a seca. Outros textos, dedicados ao tema da terra, seja imaginária ou real, idealizada ou não, participam dessa discussão: *Pasárgada*, de Manuel Bandeira (1993, 21 ed.); *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias (1846); *Parque Pedra da Boca*, de Gil Ribeiro (2007); *Meu lugar*, letra de música de Arlindo Cruz e Mauro Diniz (2007); *Asa Branca*, letra de música de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (gravação de 1989).

A proposta de leitura que se ocupou do cordel *O Romance do Pavão Misterioso* (REZENDE, 1923) investiga a oposição entre mundo objetivo e universo fantástico, concentrada na figura ambígua do pavão, ao mesmo tempo, máquina e ave mágica. O aspecto encantado do pavão misterioso serve como ponto de partida para a inventividade dos poetas, que recriam essa história ao longo do tempo, renovando a perspectiva de superar as dificuldades da vida por meio da criatividade e da fé no auxílio de forças superiores. Em diálogo com o cordel de Rezende (1923), apresentam-se um conto de *As mil e uma noites* e a letra da canção *Pavão misterioso*, de Ednardo (1974), com o escopo de mostrar a reelaboração dessa narrativa no curso do tempo.

A desventura de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler (ATHAYDE, 1945) é o texto cuja proposta de leitura visou a remontar como os poemas de cordel debatem questões como a educação formal, o ensino de leitura e escrita, as novas tecnologias. Além do texto de Athayde (1945), outros cordéis fomentam o estudo, como *Acorda cordel na sala de aula*, de Arievaldo Viana (2006); *Lições de Gramática em versos de cordel*, de Janduhi Dantas (2009); *Grandes Mestres da Nossa Literatura*, de Gil Ribeiro (s.d); *O cordel, sua história, seus valores*, de Marco Haurélio e João Gomes de Sá (2011) e *Peleja da Carta com o E-mail*, de Janduhi Dantas (2012).

A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99 (DANTAS, 2011) foi a base para a proposta de leitura que investigou como a figura da mulher é discutida na literatura de cordel. No texto de Dantas (2012), diferente dos cordéis e contos tradicionais, o casamento não corresponde à felicidade da mulher, nem seu destino está nas mãos de um homem, seu

salvador. O casamento é a causa da infelicidade da heroína e seu marido é representado como um personagem ridículo e inerte. Nesse sentido, o casamento é oposto à felicidade da mulher, e sua realização está na liberdade. Com o escopo de estabelecer um contraponto entre o cordel tradicional e o cordel do Século XXI, são inseridos na discussão os textos *O Romance do Pavão Misterioso* (REZENDE, 1923) e os cordéis *As Herdeiras de Maria* e *Não deixe o homem bater nem em seu atrevimento*, de Dalinha Catunda (2017, 2011), além da letra da canção *Ex mai love*, de Veloso Dias, gravada por Gaby Amarantos (2012).

A proposta de leitura desenvolvida a partir do cordel *O coelho e o jabuti* (2011) destacou adaptações de textos voltados ao público infanto-juvenil – fábula, lenda, conto de fada – em cordel. Na análise do referido cordel, consideraram-se as características dos personagens *coelho* e *jabuti*, sendo o primeiro marcado pela arrogância, e o segundo, pela humildade e inteligência. Seguindo o modelo das fábulas, o cordel em foco defende uma lição de moral e uma gama de valores associados à tradição do cordel, como a vitória do fraco sobre o forte, do bem sobre o mal. Esse estudo é enriquecido por diversos textos, como: *A tartaruga e a lebre*, de Esopo (Século VI a. C); *A lebre e a tartaruga*, de Perrault (Século XVII); *A lebre e a tartaruga*, de La Fontaine (Século XVII); a letra de música *Devagar, devagarinho*, de Eraldo Divagar, gravada por Martinho da Vila (1995); *Caipora*, de Gonçalo Ferreira da Silva (2011); *A peleja de Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau*, de Arievaldo Viana (2011).

Diante da vastidão da literatura de cordel e de suas potencialidades, esta tese reconhece a impossibilidade de esgotar a temática do ensino de leitura da literatura de cordel nas aulas de Língua Portuguesa do segundo segmento do Ensino Fundamental. Uma infinidade de desdobramentos seria possível para essa linha de investigação, visto que o cordel apresenta muitas produções caracterizadas pelo humor, pela fantasia, pela justiça, em textos que contam histórias de bichos, amor, aventura, ou que discutem temas importantes que são objeto de debate na escola, como meio-ambiente, ética, respeito às diversidades.

Com base nos poemas de cordel analisados e nas relações dialógicas estabelecidas com outros textos, conclui-se que a literatura de cordel contém uma riqueza sócio-cultural que resulta não só da elaboração expressiva dos seus textos, mas também da posição discursiva que assume como voz de resistência ao discurso dominante. Os poemas de cordel apreciados revelam o imaginário do povo brasileiro, recuperam suas memórias, incorporam sua criatividade e humor. A partir da leitura dos cordéis apresentados, teceram-se reflexões sobre as desigualdades sociais; a vida humana, que se equilibra entre o bem e o mal; a luta pela sobrevivência; a utopia da felicidade; a preocupação com a educação do povo; as

transformações da sociedade; os papéis sociais; valores morais. Ancestral e nova, a literatura de cordel se reinventa no Século XXI, apropriando-se das tecnologias, como a internet, com a finalidade de preservar e disseminar suas produções, discutindo temas relevantes e atuais, todavia, sempre segura nas raízes da tradição.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- ACOPIARA, Moreira de. *Cordel em arte e versos*. São Paulo: Duna Duetto: Acatu, 2008.
- ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- AMARANTOS, Gaby. *Ex mai love*. In: *Treme*. Som Livre, 2012. Faixa n. 3.
- AURÉLIO. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 7.0*. 5 ed. Positivo, 2010.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Textos: Seleção Variada e Atual. In: DIONISIO, Angela Maria; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Português. Trad. por ALMEIDA, João Ferreira de. CPAD, 1995.
- BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Projeto Teláris: Português*. Coleção de livros didáticos para o Ensino Fundamental. Material de divulgação. Manual do professor. São Paulo: Ática, 2012.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Guia de livros didáticos PNLD 2014: Ensino Fundamental anos finais. Língua Portuguesa*. Brasília: 2013.
- CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré: um poeta cidadão*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. Ilustrado. São Paulo: Global, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.
- CASTRO, João de. (org.). *I Antologia da literatura de cordel na Amazônia*. Belém: Ed. do Autor, 2014.
- CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. *Professor, leitura e escrita*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 7.ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012. Coleção de livros didáticos para o Ensino Fundamental. Material de divulgação. Manual do professor.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 28.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. Batista. *Para viver juntos: português*. 3.ed. São Paulo: Edições SM, 2012. Coleção de livros didáticos para o Ensino Fundamental. Material de divulgação. Manual do professor.
- DANTAS, Janduhi. *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*. Juazeirinho: Carrapicho, 2011. Folheto.
- _____. *Lições de gramática em versos de cordel*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. *Peleja da carta com o E-mail*. 4.ed. Juazeirinho: Carrapicho, 2012. Folheto.
- DIAS, Maurílio Antonio. A emergência de um sistema dualista: trânsitos e autonomias. In: *Poéticas da Oralidade*. Estudos de Literatura Brasileira contemporânea, n. 35. Brasília: Horizonte, 2010.
- DISCINI, Norma; TEIXEIRA, Lucia. *Perspectiva língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012. Coleção de livros didáticos para o Ensino Fundamental. Material de divulgação. Manual do professor.
- EDNARDO. Pavão Misterioso. In: *Acervo Especial*. Coletânea. RCA/ BMG, 1993. Faixa n. 1.
- ESOPO. *Fábulas*. Trad. Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Folhetos e jornais: uma análise comparativa do ponto de vista do leitor. In: MENDES, Simone (Org.). *Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

GONZAGA, Luiz. Asa Branca. In: *O melhor de Luiz Gonzaga*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1989. Faixa n. 1.

GULLAR, Ferreira (trad.). *As mil e uma noites: contos árabes*. 5.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: Sua História*. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HAURÉLIO, Marco. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.

_____; SÁ, João Gomes de. *O cordel: sua história, seus valores*. São Paulo: Luzeiro, 2011. Folheto.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LA FONTAINE. *Fábulas*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LEMAIRE, Ria. Tradições que se refazem. In: *Poéticas da Oralidade*. Estudos de Literatura Brasileira contemporânea, n. 35. Brasília: Horizonte, 2010.

LOPES, Ribamar. Prefácio. In: VIANA, Arievaldo Lima (Org.). *Acorda cordel na sala de aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*. 2.ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

LUCENA, Bruna Paiva de. Apresentação. In: *Poéticas da Oralidade*. Estudos de Literatura Brasileira contemporânea, n. 35. Brasília: Horizonte, 2010.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2.ed. São Paulo: Globo, 2002.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à Semântica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística*. 3.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: poética, corpo e voz. In: MENDES, Simone. (Org.) *Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

MAXADO, Franklin. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: CODECRI, 1980.

MAYA, Ivone da Silva Ramos. *O povo de papel: a sátira política na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. 12.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____. BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: Manual de análise e criação do estilo literário*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

O Estado de São Paulo. *Clássicos da poesia brasileira: antologia da poesia brasileira anterior ao modernismo*, 1997.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERRAULT, Charles. *Contos e fábulas*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Iluminuras, 2007.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Rogério de Araújo (editor responsável). *Universos: língua portuguesa*. São Paulo: Edições SM, 2012. Coleção de livros didáticos para o Ensino Fundamental. Material de divulgação. Manual do professor.

QUEIROZ, Doralice Alves de. *Mulheres cordelistas: Percepções do universo feminino na Literatura de Cordel*. 2006. 121 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6WEK7J/disserta__o.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 nov. 2017.

REI, Claudio Artur Oliveira. *A palavra caetana: estudos estilísticos*. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

REZENDE, José Camilo de Melo. *O Romance do Pavão Misterioso*. ABLC, 2000. Folheto.

RIBEIRO, Gil. Cordel sem título, sobre a história da Linguística. (s. d.). Folheto.

_____. *Grandes mestres da nossa literatura*. (s. d.). Folheto.

RIBEIRO, Gil. *Parque Pedra da Boca*. 2007. Folheto.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Apresentação – Cultura da escrita e livro escolar: propostas para o letramento das camadas populares no Brasil. In: ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (Org.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SANTOS, de Manuel Camilo dos. *Viagem a São Saruê*. 1978. Apud SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Cem cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *A briga do rapa com o camelô*. ABLC, 2007. Folheto.

_____. *Brasiliana: Lendas do Brasil em versos de cordel*. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

_____. *Cem cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

_____. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

SIMÕES, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____; REI, Claudio Artur Oliveira. Língua e estilo: uma tessitura especial. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (Org.). *Semântica e estilística: dimensões atuais do significado e do estilo. Homenagem a Nilce Sant'Anna Martins*. Campinas: Pontes Editores, 2014.

SOUZA, Ducarmo. Belém dos Sons de Outubro. In: CASTRO, João de (Org.). *I Antologia de literatura de cordel da Amazônia*. Belém: ed. do Autor, 2014.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIANA, Arievaldo Lima. Acorda cordel na sala de aula. 2006. In: _____ (Org.). *Acorda Cordel na sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na Educação*. 2.ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

_____(Org.). *Acorda cordel na sala de aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*. 2 ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

_____. *A peleja de Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau*. São Paulo: Globo, 2011.

_____. *O coelho e o jabuti*. São Paulo: Globo, 2011.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

ABLC. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/o-cordel/grandes-cordelistas/>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Leandro, o poeta*. In: Jornal do Brasil, 09 de setembro de 1976. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano197&pesq=Carlos Drummond de Andrade](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano197&pesq=Carlos%20Drummond%20de%20Andrade)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ARLINDO CRUZ. Disponível em: <<http://arlindocruz.com.br/2007-sambista-perfeito/>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

ARRAES, Jarid. Disponível em: <<http://aridarraes.com/>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

ATHAYDE, João Martins de. *A desventura de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler*. 1945. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB2&PagFis=6893&Pesq=>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

BLOGOBODEGAIATO. <<http://blogobodegaiato.blogspot.com.br/2013/12/armaria-bio-pinguco.html>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

BLOGSPORT, disponível em: <<http://4.bp.blogspot.com/-7WIgYwLLnwk/T2JGyZFLWjI/AAAAAAAAAbw/NeG7JI0GG88/s1600/politica.jpg>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2013.

CATUNDA, Dalinha. *As Herdeiras de Maria*. 2017. Folheto. Disponível em: <<http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/search?q=herdeiras>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

_____. *Não deixe o homem bater nem em seu atrevimento*. 2011. Folheto. Disponível em: <<http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/2011/12/nao-deixe-o-homem-bater-nem-em-seu.html>>. Acesso em: 05 out. 2017.

CORDEL DE SAIA. Disponível em: <<http://www.cordeldesaia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

DIÁRIO DO NORDESTE. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/zoeira/jovens-cordelistas-1.287948>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. *Considerações sobre a escola e a mídia impressa*. 2010. Disponível em: <<http://www.nre.se.ed.pr.gov.br/ibaiti/arquivos/File/Faraco.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

HINO NACIONAL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm>. Acesso em: 01 nov. 2016.

LETRAS. *Encontro de Lâmpião com Eik Batista*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/el-efecto/o-encontro-de-lampiao-com-eike-batista/>>. Acesso em: 08 set. 2016.

O DIA. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-10-14/o-meu-lugar-de-arlindo-cruz-e-mauro-diniz-inspira-livro-de-cronicas-do-rio.html>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

PORTAL MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34492>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

RAPPA. *Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.lettras.mus.br/o-rappa/77646/>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

_____. *O cão careca? Bat Macumba? A origem do nome Rappa*. Disponível em: <<http://www.orappa.com.br/cao-careca-bat-macumba-a-origem-do-nome-o-rappa/>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

SIMÕES, Darcília. *Iconicidade verbal: Teoria e prática*. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. Disponível em: <<http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/iconicidadeverbal.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

YOUTUBE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2F-ZYs2NIYU>>. Acesso em: 08 set. 2016.

_____. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Eanj8DCHhss>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

_____. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hOI7EDpb70M>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

_____. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohgb8uotLqI>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

_____. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-0ZxvgS-g7E>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

VILA, Martinho da. *Tá delícia, tá gostoso*. 1995. Disponível em: <http://martinhodavila.com.br/js_albums/ta-delicia-ta-gostoso/1995/>. Acesso em: 07 dez. 2017.

ANEXO A³¹ - *Cordel em versos* – Moreira de Acopiara

Eu resolvi escrever
Um cordel sobre cordel
Porque o cordel tem sido
Meu companheiro fiel,
E pra tirar do leitor
Alguma dúvida cruel.

O cordel em minha vida
Esteve sempre presente
Esteve, está e estará
Na vida de muita gente!
Comigo ele sempre foi
Um professor excelente.

E que nasci no sertão
Onde havia pouca escola.
Por lá os divertimentos
Eram: um joguinho de bola,
Forrós, vaquejadas e
Versos ao som da viola.

E as leituras de folhetos
Dos poetas do sertão
Quando aparecia um,
Os jovens da região
Se reuniam e, atentos,
Ouviam a narração.

Pois o povo era sensível,
E, apesar de ser pacato,
De ter pouca informação
E de residir no mato,
A leitura de folhetos
Foi sempre o grande barato.

Era comum na fazenda
A gente se reunir
Ao redor de uma fogueira
Pouco antes de dormir
Para ler versos rimados
Cantar e se divertir.

José Pacheco, a meu ver,
Foi um poeta moderno
O seu folheto *A chegada
De Lampião no inferno*
É um dos mais bem compostos,
Nasceu para ser eterno.

E nesse clima poético
Pude me desenvolver.
Sempre lendo, sempre atento
E depois de tanto ler
E de tanto ouvir, senti
Que precisava escrever.

Mas para escrever direito
Era preciso estudar,
Dominar a arte de
Rimar e metrificar.
E pra botar conteúdo
Eu tinha que pesquisar.

E li muitos e bons livros:
O dicionário, a gramática!
Devorei livros de história
De redação, matemática,
E tudo que eu aprendia
La colocando em prática.

Fiz meus primeiros versinhos
Com quinze anos de idade;
Mas uns versos primitivos,
Sem muita propriedade,
Pois nessa idade ninguém
É poeta de verdade.

Mas prossegui pesquisando,
Lendo isso, lendo aquilo
Questionando, indo atrás,
Curioso e intranquilo.
E escrevendo muito, até
Desenvolver meu estilo.

³¹ Foram selecionados para constar nos anexos somente alguns cordéis apresentados na tese, considerados mais importantes para a compreensão da pesquisa em sua totalidade.

O pavão misterioso,
Coco verde e melancia
 E o de *Pedro Malazarte*
 A gente com gosto lia.
 Logo se emocionava
 Com cada autor que surgia.

Mas na hora de escrever
 Foi que eu pude constatar
 Que minha paixão maior
 Era mesmo o popular.
 E as origens do cordel
 Eu resolvi pesquisar.

E li Câmara Cascudo
 Do começo até o fim;
 Patativa do Assaré
 Juvenal Galeno, enfim,
 Descobri que essa cultura
 Estava dentro de mim.

E li os versos e a história
 De Inácio da Catingueira.
 E Silvino Pirauá
 Essa gente pioneira
 Que foi fundamental para
 A cultura brasileira.

Depois de ler esses vultos
 Eu, com muito gosto, li
 Os versos do imortal.
 José Duda do Zumbi.
 E nessa constante busca
 Inquieto eu prossegui.

Depois li mais versos de
 José Camelo de Melo
 E também Leandro Gomes
 De Barros. E aqui revelo:
 O trabalho de Leandro
 É pra mim sem paralelo.

Leandro foi, a meu ver,
 O primeiro sem segundo;
 Foi ele o mais cuidadoso,
 Se não foi o mais profundo.
 Mas foi, com toda certeza,
 No seu tempo o mais fecundo.

E li poesia branca,
 Li poesia rimada
 Li poesia matuta
 Moderna, metrificada,
 E descobri que pra ler
 Qualquer estilo me agrada.

São esses alguns autores
 Que marcaram minha infância
 E minha adolescência,
 E com bastante elegância
 Tiraram este poeta.
 Das trevas da ignorância.

Houve muitos outros bardos
 Que pisaram o mesmo chão,
 Brilharam com seus cordéis,
 Serviram de inspiração
 E que bordaram de sonhos
 A minha imaginação.

Muito bem! Depois de ler
 Esses e outros autores
 Busquei mais informações,
 Falei com pesquisadores,
 Vasculhei bibliotecas,
 Conversei com professores.

Descobri que na Península
 Ibérica, séculos atrás,
 Essa arte teve início
 Com narrativas orais
 Recitadas nos castelos
 E nos palácios reais.

E foi com os portugueses
 Que essa arte aqui chegou,
 Instalou-se no nordeste
 E se aperfeiçoou.
 Modernizou-se e, em seguida,
 Pelo Brasil se espalhou.

Histórias que divertiam
 O Brasil colonial
 Foram logo adaptadas
 À realidade local;
 Mas outros temas, porém,
 Permaneceram no oral.

Primou pela qualidade,
Teve vasta produção,
Vendeu muitos mil cordéis
E, em certa ocasião,
Drummond o chamou de príncipe
Dos poetas do sertão.

Foi João Martins de Athayde
Outro grande ídolo meu.
Foi mesmo gigante o número
De versos que ele escreveu.
Os cordéis que publicou
Muita, muita gente leu.

Era mais ou menos mil
E oitocentos e noventa
Quando esse fato se deu,
Segundo o que se comenta
O certo é que desde então
Essa arte se sustenta.

Vendidos nas feiras livres,
Pendurados num cordão
Esses livretos viraram
O jornal da região,
Levando conhecimento
Àquela população.

Nesse tempo no nordeste
Televisão não havia.
Também não havia rádio,
Muito menos energia,
Mas o povo era sensível
Gostava de poesia.

E quando surgia uma
Notícia espetacular
De catástrofe ou de guerra,
O poeta popular
Preparava seu poema
E saía a declamar.

Depois mandava imprimir
E o comercializava
Chegava nas feiras livres
Em um canto se instalava,
Declamava, enquanto o povo
Atento ouvia e comprava.

Só no século XIX,
Acompanhando o progresso,
Essas histórias rimadas,
Após fazerem sucesso
Entre o povo sertanejo,
Passaram para o impresso.

Há alguma controvérsia,
Mas dizem que o primeiro
A publicar um livrinho
No nordeste brasileiro
Foi Silvino Pirauá,
Sendo ele assim, pioneiro.

Outro fator importante
Nesse tipo de cultura
Foi que os artistas passaram
A usar xilogravura,
Um processo artesanal
Que enriquecia a brochura.

No começo esses livretos
Eram em quadras escritos,
Com versos de sete sílabas.
Porém, poetas peritos
Acharam que com sextilhas
Ficariam mais bonitos.

Sextilha é esse estilo
Que você está lendo agora,
Seis versos de sete sílabas.
E foi enorme a melhora,
Pois cada estrofe assim vibra
De maneira mais sonora.

Cada verso é uma linha,
Como você vê aqui.
Os versos dois, quatro e seis,
Esses rimam entre si.
Mas os ímpares não rimam,
Isso, cedo eu aprendi.

Esse estilo de seis linhas
É o mais utilizado
Hoje pelos bons poetas,
Como em recente passado.
Com sete linhas também
E bastante apreciado.

Por ser um livreto impresso,
Mesmo em precário papel
Exposto em pequena corda,
O seu leitor mais fiel
Depressa o batizou de
Poesia de cordel.

Os poetas populares
Logo se multiplicaram.
Os sertanejos atentos
Por certo muito gostaram,
E foi lendo cordel que
Muitos se alfabetizaram.

Os principais temas foram
Cangaço e religião
Já li muitos cordéis sobre
Padre Cícero e Lampião
E outras grandes narrativas
Ocorridas no sertão.

Já li cordéis em oitavas!
Muito raros. Estranhei,
Pois escrevendo sextilhas
Foi que eu me projetei;
E o estilo sete linhas
Jamais abandonarei.

Muitos escrevem em décimas,
Eu não faço objeção.
Pois pra mim o que interessa
Para a realização
De um bom cordel, são três itens:
Métrica, rima e oração.

ANEXO B - Cordel em Arte – Moreira de Acopiara

A xilogravura é
Arte de muito valor,
(Em todo o Brasil nós temos
Muito xilogravador),
E ela chegou ao Brasil
Com o colonizador.

Mas existe há muito tempo!
Acredita-se que tem
Origem na China, mas
Há quem afirme também,
Com muita convicção,
Que é da Grécia que ela vem.

Gravura você já sabe:
Significa gravar
Em metal, pedra ou madeira
Pra depois utilizar
Como se fosse um carimbo
Você pode confirmar.

Xilo quer dizer madeira,
E o dicionário assegura
Que é uma palavra grega,
Que está na nossa cultura.
Logo, gravura mais xilo
Resultou xilogravura.

E essa arte é mesmo antiga.
Antes da tipografia,
Em várias partes do mundo
Xilogravura existia.
Se reproduziam textos
Chamavam xilografia.

Em pedaços de madeira,
Bem serrados e lixados
Textos pequenos e grandes
Eram com calma entalhados
Pra serem reproduzidos
E eram bons os resultados.

Chegou a imprensa, e a Xilo-
Gravura andou esquecida.
Quase morta! Mas reergueu-se
Muito mais fortalecida.
Como arte plástica teve
Até melhor acolhida.

Só em mil e novecentos
E sete um poeta usou
xilogravura na capa
De um cordel seu. Se agradou
Do resultado, e o povo
De imediato aprovou.

Desde então xilogravura
Cumprir importante papel
Na cultura popular,
Se tornando a mais fiel
Companheira dos livrinhos
Que chamamos de cordel.

As madeiras mais usadas
Por nossos artistas são:
Umburana, cerejeira.
E mogno. Todas estão
(E isso muito preocupa)
Em processo de extinção.

O motivo disso tudo
Tem sido o desmatamento.
Mas creio que há solução,
Como o racionamento
E a conscientização
Junto ao reflorestamento.

Alguns artistas já têm
Usado os emborrachados
Para fazer os trabalhos.
Outros usam compensados.
Além de baratos, dão
Excelentes resultados.

Em seguida mais artistas
Pegaram no mesmo malho
(Ou buril) porque notaram
Ser um bonito trabalho,
E fizeram logos, rótulos,
Fotos, cartas de baralho.

Você precisa fazer
Um desenho na madeira
Ou na borracha, com lápis.
Ou, pra ter menos canseira,
Use um carbono e terá
Resultado de primeira.

Agora, o passo seguinte
E recortar com cuidado,
Deixando em alto relevo
O que vai ser entintado
Como você pode ver
É um processo delicado.

A criança que quiser
Preparar uma matriz
Não precisa usar madeira;
Faça do jeito que eu fiz
No começo. Use isopor,
Por certo será feliz.

E o outro material?
Espere que vou citar:
Lápis 6B, estilete,
Borracha para apagar
Aguarrás, espátulas, goivas,
Lixa e rolo de entintar.

Bote agora tinta gráfica
Numa superfície dura,
(Um vidro, fórmica ou prato)
Use rolo e mão segura
E espalhe sobre a matriz
Para tirar a gravura.

Use uma colher de pau
Pra pressionar o papel
Sobre a matriz entintada
Pra ter a cópia fiel,
Igual a copia que vemos
Na capa deste cordel.

ANEXO C - *Belém dos Sons de Outubro* – Ducarmo Souza

Belém no mês de outubro
Muda de cor e de tom
Está em ritmo de Círio
Dos hinos se ouve o som.
E a peregrinação
Para todos, muito bom.

Isso é um privilégio
Para o povo paraense,
Esta festa religiosa.
Somente a ele pertence,
Mas compartilha com todos
Mérito do belenense.

E no segundo domingo
Acontece a grande festa!
O povo de fora acha
Que Belém é uma floresta.
Encantou o Arcebispo
O grande Orani Tempesta.

A imagem pequenina
Dia do Círio se agiganta.
Toda enfeitada de flores
De uma beleza tanta!
É uma coisa inigualável
A fé do povo na Santa.

Num domingo grandioso
De muita emoção e fé,
Como um rio caudaloso
Subindo contra a maré.
Um imenso mar de gente
Andando todos a pé.

A Santa vem na Berlinda
Protegida pela Corda.
E algo impressionante
E o romeiro concorda,
Para pagar as promessas
E muito cedo que acorda.

Na Estação tem parada
Que é tradicional
Fogos dos Estivadores
Também de O Liberal,
São minutos de emoção
É uma coisa sem igual!

Os promesseiros andando
Com muito esforço até,
Trazendo suas ofertas
Como braço, mão ou pé.
Na cabeça a casinha
Os anjinhos e muita fé.

Para atender os romeiros
Socorristas são atentos,
Muitos deles passam mal
Precisam de atendimentos.
Às vezes enfraquecidos
Pela falta de alimentos.

Cantores famosos vêm
Assistir a procissão,
Vós sois o Lírio Mimoso
Cantado com emoção.
Por todos numa só voz
Com grande satisfação.

Romeiros d'outros Estados
Nunca viram tanta gente.
Ficam impressionados
Com a multidão presente,
Enfrentando forte sol
De temperatura quente.

O fenômeno da Corda
Só vendo pra acreditar.
Mede quatrocentos metros
Milhares de mãos a pegar
Todos juntinhos contritos
Para promessas pagar.

Vão rezando vão cantando
 Louvores para Maria
 Mais de dois milhões
 Todos juntos em harmonia.
 Nada acontece de grave
 Aqui em Belém nesse dia.

Muitos nas arquibancadas
 Atentos a observar,
 Todo aquele movimento
 Uns pra lá outros pra cá.
 Mas no mesmo pensamento:
 Quer ver a Santa passar.

Vem o Carro dos Milagres
 Recebendo oferenda.
 Pessoas distribui água
 Outros, distribui merenda
 Quando isto é divulgado
 Lá fora, acham que é lenda.

Até a chuva folclórica
 Gostosa de todo dia,
 No Dia do Círio não cai
 Em homenagem à Maria.
 As nuvens ficam de longe
 Não empatam a romaria.

Existe uma tradição
 De esperança e de fé
 A Corda vai ser cortada
 Na Avenida Nazaré.
 Dividida em pedaços
 Com aqueles que têm fé.

Dá uma sensação estranha
 Olhando aquele martírio.
 É fato misterioso
 Que chega até ao delírio.
 Não vendo este fenômeno
 É como não ver o Círio.

Até em outros países
 O Círio chama atenção
 A Virgem de Nazaré
 E bem grande a devoção
 A cada ano que passa
 É maior a multidão.

A Virgem de Nazaré
 Chega ao roteiro final
 É na Praça Santuário
 Onde tem missa campal
 No CAN, fica quinze dias
 Num altar especial.

Quem vem ao Círio uma vez.
 Sente uma forte emoção
 Quer voltar todos os anos
 Sendo católico ou não.
 Para assistir bem de perto
 Esta grande procissão.

É tradição almoçar
 O pato no tucupi,
 Açaí, a maniçoba
 Cupuaçu, bacuri
 Calma. Experimentou.
 Daqui não vai mais sair.

ANEXO D - Sobre a história da Linguística – Gil Ribeiro

Caro amigo leitor
Humildemente lhe peço
Sua nobre permissão
Para enquadrá-lo no verso
Portanto sua atenção
Gera-me uma emoção
Que eu chamo de sucesso.

Sempre tive desejado
Escrever num bom cordel
Os fundamentos linguísticos
Sua prática e seu papel
Usarei com precisão
Minha especialização
Que amo como troféu.

Tenho apoio notável
De Penha e Marcos Costa
Incentivando meu livro
Com vasta cultura posta
No campus da Federal
E a dupla principal
Que seu alunado gosta.

Para falar de Linguística
Sua estruturação
Seus aspectos pragmáticos
Contextos e variação
Comecei reformular
Tudo que pude estudar
Desde sua introdução.

Linguística é a ciência
Que estuda a linguagem
Da natureza humana
Signo linguístico e mensagem
Maior mestre foi Saussure
Pois, ele foi descobrir
A língua em nova arrolagem.

Foi no século XIX
Que o mestre Saussure nasceu
Na cidade de Genebra
A Suíça recebeu
Maior nome da Linguística
No campo estruturalista
Foi onde mais escreveu.

Porém na era de seis
Do outro século passado
Foi na Linguística geral
Saussure bem representado
Morreu no ano de treze
Mas sucesso sempre teve
Com arquivos trabalhados.

Cinquenta e seis de idade
O mestre Saussure viveu
Estudou Língua-europeia
Língua que sempre escreveu
Depois com Filologia
O linguista garantia
O êxito que mereceu.

Antes do mestre Saussure
A coisa era diferente
Todos os estudos linguísticos
Era como antigamente
Sempre muito baseado
Nos laços gramaticados
Ao contrário do presente.

A gramática grego-latina
Era a base do saber
Todo mundo procurava
Suas normas conhecer
De modo bem normativo
Tirando sempre o motivo
De quem queria ascender.

Portanto foi necessário
Mudar a concepção
Gramática comparativa
Tendo outra visão
Com a Linguística histórica
Tiveram grande retórica
E vasta evolução.

Nesta contraposição
Nasceu o estruturalismo
Porém o método linguístico
Trouxe novo idealismo
Tudo é visto noutra grau
Pois, a Linguística geral
Teve outro realismo.

O termo estruturalismo
Foi a base do momento
A Linguística deu um salto
Marcando aquele tempo
Os linguistas rebelaram
E pouco a pouco ousaram
Ver a Língua mais atento.

O curso Linguística Geral
Marcou toda trajetória
Saussure e seus seguidores
Fizeram essa história
Inda hoje estudada
De forma recomendada
pra quem espera uma glória.

Tivemos Diacronia
Com ênfase no apogeu
Vendo as comparações
Dados que aconteceu
Seu avanço na história
Fracasso e tempo de glória
Que na época transcorreu.

No campo da sincronia
Pesquisa-se sobre a fala
Toda sua plenitude
No momento que se instala
Estuda-se o presente
Com a "voz" sempre na frente
Buscando essa peça rara.

Porém o positivismo
Trouxe grande resultado
Num conjunto de ideias
Vendo controle de dados
No estudo europeu
Foi visto no apogeu
Por Saussure representado.

Com a gramática histórica
O curso avançou demais
Bem no século XIX
Foi visto nele os sinais
Dum estudo elevado
De forma atualizado
Com textos fenomenais.

Todo estudo da Língua
Forma uma estrutura
Em conexão linguística
Centrado em tom da natura
Sendo a Língua sempre forma
Seu estudo nos transforma
Em profundas criaturas.

A Linguagem é um sistema
Em três níveis estruturado
"Fonológico" e "morfológico"
"Sintático" é recomendado
Para quem quiser saber
Estudar, ler e escrever
Num estudo rebuscado.

No estudo fonológico
Vejamos sons e fonemas
No aspecto morfológico
Estudamos os morfemas
No sintático recompensa
Observar a sentença
No estudo do sistema.

Esquartejando a palavra
Maior parte é o radical
Sendo o elemento básico
Se torna estrutural
Mudança não lhe convém
O radical sempre tem
Um papel fundamental.

Morfema é um elemento
De cunho gramatical
Delimitando a função
Significado ideal
Sendo afixo ou desinência
Torna-se com independência
Neste contexto atual.

Quero falar de fonema
Sua teoria e prática
Como unidade mínima
Tem distinção na gramática
Está relativo ao som
Na gramática é sempre bom
Estudar a sua tática.

O estudo semiótico
 Na época avançou também
 Focalizando os signos
 Aspectos que lhe convém
 Vendo o significado
 Buscando e sendo estudado
 O significante também.

Pois a escola de Praga
 Teve grande projeção
 Nos estudos fonológicos
 Foi feita a distinção
 Fonética e fonologia
 Diferem na teoria
 Com Chomsky na direção.

O americano Chomsky
 Tem um papel atuante
 Seus estudos na Linguística
 É sempre impressionante
 Na criação de gramática
 Há transformação e prática
 De modo exuberante.

Temos sociolinguística
 Com seus estudos reais
 Observando a linguagem
 Nos campos fundamentais
 Vendo sua produção
 Meio e comunicação
 Nos contextos sociais.

Foi com base em Labov
 Que no Brasil se estudou
 Grandes contextos linguísticos
 Rico pelo seu valor
 No campo Sociolinguística
 Sendo variacionista
 Todo povo apoiou.

Notamos variações
 Nos contextos estudados
 Sem mudar a sua essência
 Nem seu significado
 "A gente fala", "Nós falamos"
 Termos que comunicamos
 Mesmo assunto trabalhado.

Grande vertente linguística
 É a escola de Praga
 Onde seus representantes
 Buscam na Língua estudada
 Porém, diversas funções
 Com essas concepções
 Não podiam ser paradas.

De toda comunidade
 Advém o cidadão
 Usando sua linguagem
 Para comunicação
 Seus traços são do seu tempo
 O homem tem seu momento
 Na Língua e na produção.

Labov fez várias pesquisas
 Dentre as classes sociais
 Observando a fala
 Em Linguagens naturais
 Se sentiu realizado
 Com exemplos registrados
 Em situações gerais.

Labov focou a linguagem
 Da alta sociedade
 Comparou o seu padrão
 Com outras comunidades
 Viu sempre nas classes pobres
 Embora, aspectos nobres...
 Diferentes qualidades.

A pesquisa sociolinguística
 Tem o ponto de partida
 Focado sempre na fala,
 Em situação vivida
 O bate papo oral
 É a parte principal
 Para esta investida.

O fruto deste trabalho
 Serve pra suplementar
 O ensino sobre Língua
 Com dados para estudar
 Dentro da educação
 Podemos ver expansão
 Para quem quer procurar.

Os dados sociolinguística
Revela comprovação
Que a fala das pessoas
Tem sua variação
Mediante ao ambiente,
Assim, a fala da gente
Vem do meio e instrução.

Houve vários precursores
Dentro da Sociolinguística
Estudando variações
Dentro da sua estilística
Em pleno século passado
Foram coletando dados
E fazendo estatística.

A linguística textual
Com seus avanços recentes
Evoluiu nos estudos
Do texto continuamente
Nos passos de evolução
Houve conceituação
Enquadrado em sua frente.

Os passos de evolução
Foram importantes demais
Com as análises transfrásticas
E gramaticais textuais
A teoria de texto
Foi vista neste contexto
Sendo interacionais.

Porém, análises transfrásticas
Observa-se no discurso
A importância da frase
Para o texto no percurso
Vendo a co-referenciação
Respeitando a relação
Do sentido neste curso.

Já a gramática de texto
Tem sua ótica central
Observando a Linguística
Seu lado estrutural
Vendo o aspecto formado
Se ele bem contado
Com base fundamental.

As pesquisas no Brasil
Começaram em setenta
Colocando nossa Língua
Numa visão mais atenta
Portanto, pesquisadores
Com grupos de Professores
Muitas tarefas enfrentam.

O estudo Sociolinguístico
Tem um papel relevante
Maura Cesário e Votre
São autores atuantes
Fazendo um belo papel
Profundamente fiel
Destinado ao estudante.

Na Linguística textual
Todo fazer e ação
Advém de seus fatores
Gerando a compreensão
A vivência social
É sempre fundamental
Para sua construção.

Contextos e interação
São temas do momento
A produção se consagra
Com ambos ao mesmo tempo
O contexto social
Com o interacional
Forma a junção do Talento.

Desta forma a produção
Gera efeito desiguais
Mediante a interação
E saberes naturais
O jogo texto e contexto
Pode gerar no pós-texto
Aspectos fundamentais.

No sentido de um texto
Engajam vários fatores
Operando a construção
Guiada pelos leitores
Assim sendo, o escritor
Escreve para o leitor
Prevendo dados louvores.

Temos Teórica do texto
Vendo sua produção
Sua essência de linguagem
Estilo e construção
Se o texto é real
Vendo o aspecto verbal
Na sistematização.

Grandes noções relevantes
Da Linguística textual
É o intercâmbio linguístico
Em situação geral,
Tendo em vista o escritor
Diante do seu leitor
Num jogo interacional.

Tendo consideração
Neste estudo baseado,
O novo plano linguístico
Não pode estar acabado
Tem sempre nova feição
Em tom de evolução
Demonstrando o outro lado.

O leitor bem preparado
Viaja na produção
Com grande perspectiva
Vai chegando a conclusão
Integra-se na leitura
Somente quem tem cultura
Sente prazer na lição.

Um cabra despreparado
Sem estudo e sem cartaz
Não pode buscar no texto
Seus aspectos principais
Não pode sentir prazer
É melhor vim aprender
Seus passos essenciais.

Vajamos um bom trabalho
De Ingedore e REVEL
Na linguística Textual
Falando do seu papel
Tratando adequação
Do texto e situação
Metodológica e fiel.

Pois, nesta perspectiva
Gera uma derivação
Do caráter dialógico
Na linguagem da nação
Os saberes com certeza
São a maior realeza
Dum povo e sua instrução.

O texto pra ter sentido
Precisa de interação
De leitores preparados
Refazendo a construção
Rebuscando sua essência
Com preparo e consciência
Dando configuração.

Ressaltando a evolução
Do estudo do contexto
Sendo o espaço comum
Ao leitor que ler o texto
Ambiente natural,
Profundo e fundamental
No sistema do Co-texto.

Graças a Deus a Linguística
Brilha em toda faculdade
Porém, o Curso de Letras
Tem grande capacidade
Com Linguística e gramática
Vem mostrando sempre a prática
De um estudo de verdade.

Guiado pela história
Inserida no papel
Dou início a conclusão
Agradecimento e fiel
Lendo já sinto saudade
Vivi bem, fiz amizade
Opinei, fiz um cordel.

Releio hoje a linguística
Indo em ótica diferente
Baseando e comparando
Estudos de antigamente
Insisto, sofro, não mudo
Resgato seu conteúdo
Operando no presente.

Ingedore ainda disse
Com estilo e com valor
A solução de início
Advém do professor
Se ele for bem dotado
Seguro e bem preparado
Ensina com mais amor.

A Linguística Textual
No Brasil foi recebida
Das terras Pernambucanas
Para São Paulo seguida
Depois em todo Brasil
Toda nação aderiu
A Linguística inserida.

Se eu fosse um poeta
Artista ou menestrel
No terreno da Linguística
Teria um vasto papel
Tendo falas e valores
Ofertando aos leitores
Sempre em forma de cordel.

ANEXO E - *O Romance do Pavão Misterioso* – José Camelo de Melo Rezende

Eu vou contar uma historia
De um Pavão Misterioso
Que levantou vôo da Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha d'um conde orgulhoso.

Residia na Turquia
Um viúvo capitalista
Pai de dois filhos solteiros
O mais velho João Batista
Então o filho mais novo
Se chamava Evangelista.

O velho turco era dono
D'uma fabrica de tecidos
Com largas propriedades
Dinheiro e bons possuídos
Deu de herança seus filhos
Porque eram bem unidos.

Depois que o velho morreu
Fizeram combinação
Porque o tal João Batista
Concordou com seu irmão
E foram negociar
Na mais perfeita união.

Um dia João Batista
pensou pela vaidade
e disse a Evangelista:
– meu mano eu tenho vontade de
visitar o estrangeiro
se não te deixar saudade.

– Olha que nossa riqueza
se acha muito aumentada
e dessa nossa fortuna
ainda não gozei nada
portanto convém qu'eu passe
um ano em terra afastada.

– Quero fazer-te um pedido
procure no estrangeiro
um objeto bonito
só para rapaz solteiro
traz para mim de presente
embora custe dinheiro.

João Batista prometeu
com muita boa atenção
de comprar um objeto
de gosto do seu irmão
então tomou um pacote
e seguiu para o Japão.

João Batista no Japão
esteve seis meses somente
gozando naquele império
percorreu o Oriente
depois voltou para a Grécia
outro país diferente.

João Batista entrou na Grécia
divertiu-se em passear
comprou passagem de bordo
e quando ia desembarcar
ouviu um grego dizer:
acho bom se demorar.

João Batista interrogou:
– amigo fale a verdade
por qual motivo o senhor
manda eu ficar na cidade?
Disse o grego: – vai haver
uma grande novidade.

– Mora aqui nesta cidade
um conde muito valente
mais soberbo do que Nero
pai de uma filha somente
é a moça mais bonita
que há no tempo presente.

Respondeu Evangelista:

– vai que aqui ficarei
regendo os negócios
como sempre trabalhei
garanto que nossos bens
com cuidado os zelarei.

– De ano em ano essa moça
bota a cabeça de fora
para o povo adorá-la
no espaço d’uma hora
pra ser vista outra vez
tem um ano de demora.

– O conde não consentiu
outro homem educá-la
só ele como pai dela
teve o poder de ensiná-la
e será morto o criado
que dela ouvir a fala.

– Os estrangeiros têm vindo
tomarem conhecimento
amanhã ele aparece
ao grande ajuntamento
é proibido pedir-se
a mão dela em casamento.

Então disse João Batista:
– agora vou demorar
para ver essa condessa
estrela deste lugar
quando eu chegar na Turquia
tenho muito o que contar.

Logo no segundo dia
Creuza saiu na janela
os fotografos se vexaram
tirando o retrato dela
quando inteirou uma hora
desapareceu a donzela.

João Batista viu depois
um retratista vendendo
alguns retratos de Creuza
vexou-se e foi lhe dizendo:
– quanto quer pelo retrato?
porque comprá-lo pretendo.

– E a moça em que eu falo
filha do tal potentado
o pai tem ela escondida
em um quarto do sobrado
chama-se Creuza e criou-se
sem nunca ter passeado.

Então disse Evangelista:
– meu mano vá me contando
se visse cousas bonitas
onde andastes passeando
o que me traz de presente
vá logo me entregando.

Respondeu João Batista:
para ti trouxe um retrato
d’uma condessa da Grécia
moça que tem fino trato
custou-me um conto de réis
inda achei muito barato.

Respondeu Evangelista
depois d’uma gargalhada:
– nesse caso meu irmão
p’ra mim não trouxesse nada
pois retrato de mulher
é cousa bastante usada:

– Sei que tem muito retrato
mas como que trouxe não
vais agora examiná-lo
entrego em tua mão
quando vires beleza
mudarás de opinião.

João Batista retirou
o retrato de uma mala
e o entregou ao rapaz
que estava em pé na sala
quando ele viu o retrato
quis falar tremeu a fala.

Evangelista voltou
com o retrato na mão
tremendo quase assustado
perguntou ao seu irmão
se a moça do retrato
tinha aquela perfeição.

O fotógrafo respondeu:
 – lhe custa um conto de réis
 João Batista ainda disse:
 – eu comprava até por dez
 se o dinheiro fosse pouco
 empenharia os anéis.

João Batista voltou
 da Grécia para a Turquia
 e quando chegou em Meca
 cidade em que residia
 sem mano Evangelista
 banqueteceu o seu dia.

Respondeu Evangelista:
 – pois meu irmão eu te digo
 vou sair do meu país
 não posso ficar contigo
 pois a moça do retrato
 deixou-me a vida em perigo.

João Batista falou serio:
 – precipício não convém
 de que te serve ir embora
 por este mundo além
 em procura de u'a moça
 que não casa com ninguém!

– Teu conselho não me serve
 estou impressionado
 rapaz sem moça bonita
 é um desaventurado
 se eu no casar com Creuza
 findo meus dias enforcado.

– Vamos partir a riqueza
 que tenho necessidade
 dar balanço no dinheiro
 porque eu quero a metade
 o que não poso levar
 dou-te de boa vontade.

Deram balanço no dinheiro
 só três milhões encontraram
 tocou dois a Evangelista
 conforme se combinaram
 com relação ao negócio
 da firma se desligaram.

Respondeu João Batista:
 – Creuza é muito mais formosa
 do que o retrato dela
 em beleza é preciosa
 tem o corpo desenhado
 por u'a mão milagrosa.

João Batista perguntou
 fazendo um ar de riso:
 – que é isto meu irmão
 queres perder o juízo?
 Já vi que este retrato
 vai te causar prejuízo.

Os hotéis já se achavam
 repletos de passageiros
 passeavam pelas praças
 os grupos de cavalheiros
 haviam muitos fidalgos
 chegando dos estrangeiros.

Às duas horas da tarde
 Creuza saiu à janela
 mostrando a sua beleza
 entre o conde e a mãe dela
 todos tiraram o chapéu
 em continência à donzela.

Quando Evangelista viu
 o brilho da boniteza
 disse: – vejo que meu mano
 quis me falar com franqueza
 pois esta gentil donzela
 é rainha da beleza.

Evangelista voltou
 aonde estava hospedado,
 como não falou com a moça
 estava contrariado
 foi inventar uma ideia
 que lhe desse resultado.

No outro dia saiu
 passeando Evangelista,
 encontrou-se na cidade
 com um moço jornalista
 perguntou se não havia
 naquela praça um artista.

Despediu-se Evangelista
abraçou o seu irmão
chorando um pelo outro
na triste separação
seguindo para a Grécia
em uma embarcação.

Logo que chegou na Grécia
hospedou-se Evangelista
em um hotel dos mais pobres
negando assim sua pista
só para ninguém saber
que era um capitalista.

Ali passou oito meses
sem se dar a conhecer
sempre andando disfarçado
só para ninguém saber
ate que chegou o dia
da donzela aparecer.

Respondeu-lhe o Edmundo:
– na arte não tenho medo
mas vejo que o amigo
quer um negócio em segredo
como precisa de mim
conte-me lá este enredo:

– Eu amo a filha do conde
a mais formosa mulher
se o doutor inventar
um aparelho qualquer
qu'eu possa falar com ela
pago o que o senhor quiser.

– Eu aceito o seu contrato
mais preciso lhe avisar,
que vou trabalhar seis meses
o senhor vai esperar
é obra desconhecida
que agora vou inventar.

– Quer dinheiro adiantado?
Eu pago neste momento.
– Não senhor, ainda é cedo
quando terminar o invento
é que eu lhe digo o preço
quanto custa o pagamento.

Respondeu o jornalista:
– tem o doutor Edmundo
na rua dos operários
é engenheiro profundo
para inventar maquinismo
é ele o maior do mundo.

Evangelista entrou
na casa do engenheiro
falando em língua grega
negando ser estrangeiro
lhe propôs um bom negócio
lhe oferecendo dinheiro.

Assim disse Evangelista:
– meu engenheiro famoso,
primeiro vá me dizendo se
não é homem medroso
porque eu quero ajustar
um negócio vantajoso.

Quando Edmundo findou
disse-lhe Evangelista:
– sua obra está perfeita
ficou com bonita vista
o senhor tem que saber
que Edmundo é artista.

– Eu fiz um aeroplano
da forma de um pavão
que arma e se desarma
comprimindo em um botão
e carrega doze arrobas
três léguas acima do chão.

Foram experimentar
se tinha jeito o pavão
abriram alavanca a chave
encarnaram num botão
o monstro girou suspenso
maneiro como um balão.

O pavão de asas abertas
partiu com velocidade
cortando todo o espaço
muito acima da cidade
como era meia-noite
voaram mesmo à vontade.

Enquando Evangelista.
impaciente esperava
o engenheiro Edmundo
toda noite trabalhava
oculto em sua oficina
e ninguém adivinhava.

O grande artista Edmundo
desenhou nova invenção
fazendo um aeroplano
de pequena dimensão
fabricado de alumínio
com importante armação.

Movido a motor elétrico
depósito de gasolina
com locomoção macia
que não fazia buzina
a obra mais importante
que fez em sua oficina.

Tinha cauda como leque
e asas como pavão
pescoço, cabeça e bico
alavanca, chave e botão
voava igualmente ao vento
para qualquer direção.

Então disse o jovem turco:
– muito obrigado fiquei,
do pavão e dos presentes
para lutar me arrei
amanhã à meia-noite
com Creuza conversarei.

À meia-noite o pavão
do muro se levantou
com as lâmpadas apagadas
como uma flecha voou
bem no sobrado do conde
na cumieira pousou.

Evangelista em silêncio
cinco telhas arredou
um buraco de dois palmos
caibros e ripas serrou
e pendurando uma corda
por ela se escorregou.

Então disse o engenheiro
– já provei minha invenção,
fizemos a experiência
tome conta do pavão
agora o senhor me paga,
sem promover discussão.

Perguntou Evangelista:
– quanto custa seu invento?
– Dê-me cem contos de réis
achas caro o pagamento?
o rapaz lhe respondeu:
– acho pouco dou duzentos.

Edmundo ainda deu-lhe
mais uma serra azougada
que serrava caibro e ripa
e não fazia zoadá
tinha os dentes igual navalha
de gume bem afiada.

Deu um lenço enigmático
que quando Creuza gritava
chamando pelo pai dela
então o moço passava
ele no nariz da moça
com isso ela desmaiava.

Ajeitou caibros e ripas
e consertou o telhado
e montando em seu pavão
voou bastante vexado
foi esconder o aparelho
aonde foi fabricado.

O conde acordou aflito
quando ouviu essa zoadá
entrou no quarto da filha,
desembainhou a espada
encontrou-a sem sentido
dez minutos desmaiada.

Percorreu todos os cantos
com a espada na mão
berrando e soltando pragas
colérico como um leão
dizendo: – aonde encontrá-lo
eu mato esse ladrão.

Chegou no quarto de Creuza
onde dormia a donzela,
debaixo d'um cortinado
feito de seda amarela
e ele para acordá-la
pôs a mão na testa dela.

A donzela estremeceu
acordou no mesmo instante
e viu uma rapaz estranho
de rosto muito elegante
que sorria para ela
com um olhar fascinante.

Então Creuza deu um grito:
– papai, um desconhecido
entrou aqui no meu quarto
sujeito muito atrevido
venha depressa, papai
pode ser algum bandido.

O rapaz lhe disse: – moça,
entre nós não há perigo
estou pronto a defendê-la
como verdadeiro amigo
venho é saber da senhora
se quer casar-se comigo.

O jovem puxou o lenço
no nariz dela encostou
deu uma vertigem na moça
de repente desmaiou
e ele subiu na corda
chegando em cima tirou.

A moça interrogou-o
disse: – quem é o senhor?
diz ele: sou estrangeiro
lhe consagrei muito amor
se não fores minha esposa
a vida não tem valor.

Mas Creuza achou impossível
o moço entrar no sobrado
então perguntou a ele
de que jeito tinha entrado
e disse: – vais me dizendo
se és vivo ou encantado:

Creuza disse-lhe: – meu pai
pois eu vi neste momento,
um jovem rico e elegante
me falando em casamento
não vi quando ele encantou-se
porque deu-me uma passamento.

Disse o conde: – neste caso
tu já estás a sonhar,
moça de dezoito anos
já pensando em se casar
se aparecer casamentos
eu saberei desmanchar.

Evangelista voltou
às duas da madrugada
assentou o seu pavão
sem que fizesse zoadas
desceu pela mesma trilha
na corda dependurada.

E Creuza estava deitada
dormindo o sono inocente
seus cabelos como um véu
que enfeitava puramente
como um anjo terreal
que tem lábio sorridente.

O rapaz muito sutil
foi pegando na mão dela
então a moça assustou-se
ele garantiu a ela
que não era malfazejo:
– não tenhas medo donzela.

Evangelista também
desarmou o seu pavão
a cauda, a capota, o bico
diminuiu a armação
escondeu o seu motor
em um pequeno caixão.

Depois de sessenta dias
alta noite em nevoeiro
Evangelista chegou
no seu pavão bem maneiro
desceu no quarto da moça
a seu modo traiçoeiro.

– Como eu lhe tenho amizade
me arrisco fora de hora
moça não me negue o sim
a quem tanto lhe adora
Creuza aí gritou: – papai
venha ver o homem agora.

Ele aí passou o lenço
ela caiu sem sentido
então subiu pela corda
por onde tinha descido
chegou em cima e disse:
– o conde será vencido.

Ouvi-se tocar corneta
e o brado da sentinela
o conde se dirigiu
para o quarto da donzela
viu a filha desmaiada
não pode falar com ela.

Até que a moça tornou
disse o conde – é um caso sério
sou um fidalgo tão rico
atentado em meu critério
mas nós vamos descobrir
o autor deste mistério.

– Minha filha eu já pensei
em um plano bem sagaz
passa esta banha amarela
na cabeça desse audaz
só assim descobriremos
esse anjo ou santanáis:

– Só sendo uma visão
que entra neste sobrado,
só chega à meia-noite
entra e sai sem ser notado
se é gente deste mundo
usa feitiço encantado.

Disse o conde: minha filha
parece que estás doente?
Sofrestes algum acesso
porque teu olhar não mente
o tal rapaz encantado
te apareceu certamente.

Já era a terceira vez
que Evangelista entrava
no quarto que a condessa
à noite se agasalhava
pela força do amor
o rapaz se arriscava.

Com pouco a moça acordou
foi logo dizendo assim:
– tu tens dito que me amas
com um bem-querer sem fim?
Se me amas com respeito
te sentas junto de mim.

Evangelista sentou-se
pôs-se a conversar com ela
trocando riso esperava
a resposta da donzela
ela pôs-lhe a mão na cabeça
untando a banha amarela.

Depois Creuza levantou-se
com vontade de gritar,
o rapaz tocou-lhe o lenço
sentiu ela desmaiar
deixou-a com uma síncope
tratou de se retirar.

E logo Evangelista
voando da cumieira
foi esconder seu pavão
nas folhas d'uma palmeira
disse: – na quarta viagem
levo a condessa estrangeira

Creuza então passou o resto
da noite, mal sossegada
acordou pela manhã
meditativa e sismada
se o pai não perguntasse
ela não dizia nada.

Seguiu logo Evangelista
conversando com o guarda
até que se aproximaram
d'uma palmeira copada.
Então disse Evangelista
minha roupa está trepada.

E Creuza disse: papai
eu cumpri o seu mandado
o rapaz apareceu-me
mas achei-o delicado
passei-lhe a banha amarela
e ele saiu marcado.

O conde disse aos soldados
que a cidade patrulhassem
tomassem o chapéu dos homens
que nas ruas encontrassem
um de cabelo amarelo
ou rico ou pobre pegassem.

Evangelista trajou-se
com roupa de um alugado
encontrou-se com a patrulha
o seu chapéu foi tirado
viram de cabelo amarelo
gritaram: esteja intimado.

Os soldados lhe disseram:
cidadão não estremeça
está preso é ordem do conde
e é bom que não se cresça
vai à presença do conde
se é homem não esmoreça.

– Você hoje vai provar
por sua vida responde
como é que tem falado
com a filha do nosso conde
quando ele lhe procura
onde é que você se esconde?

Respondeu Evangelista:
também me faça um favor
enquanto eu vou vestir
minha roupa superior
na classe de homem rico
ninguém pisa o meu valor.

Disseram: – pode mudar
sua roupa de nobreza
a moça bem que dizia
que o rapaz tinha riqueza
vamos ganhar uma luva
e o conde uma surpresa.

E os soldados olharam
em cima viram um caixão
mandaram ele subir
e ficaram de prontidão
pegaram a conversar
prestando pouca atenção.

Evangelista subiu
pôs o dedo n'um botão
seu pavão de alumínio
ergueu logo a armação
dali foi se levantando
seguiu voando o pavão.

E os soldados gritaram:
– amigo, o senhor desça
deixe de tanta demora
é bom que não aborreça
senão com pouco uma bala
visita sua cabeça.

Então mandaram subir
um soldado de coragem
disseram: – pegue na perna
arraste com a folhagem
está passando da hora
de voltarmos da viagem.

Quando o soldado subiu
gritou: – perdemos a ação
fugiu o moço voando
de longe vejo um pavão
zombou de nossa patrulha
aquele moço é o "cão".

Voltaram e disseram ao conde
que o rapaz tinha encontrado
mas do olho d'uma palmeira
o moço tinha voado
disse o conde: – pois é o "cão"
que com Creuza tem falado.

Creuza sabendo da história
chorava de arrependida
por ter marcado o rapaz
com banha desconhecida
disse: – nunca mais terei
sossego na minha vida.

Disse Creuza: ora papai
me priva da liberdade
não consente que eu goze
a distração da cidade
vivo como criminosa
sem gozar a mocidade.

– Aqui não tenho direito
de falar com um criado
um rapaz para me ver
precisa ser encantado
mas talvez ainda eu fuja
deste maldito sobrado.

– O rapaz que me amou
só queria vê-lo agora
para cair nos seus pés
como uma infeliz que chora
embora que eu depois
morresse na mesma hora.

– Eu sei bem que para ele
não mereço confiança
enquanto ele vinha aqui
ainda eu tinha esperança
de sair desta prisão
onde estou desde criança.

Às quatro da madrugada
Evangelista desceu
Creuza estava acordada
nunca mais adormeceu
a moça estava chorando
o rapaz lhe apareceu.

O jovem cumprimentou-a
deu-lhe um aperto de mão
a condessa ajoelhou-se
para pedir-lhe perdão
dizendo: – meu pai mandou-me
eu fazer-te uma traição.

O rapaz disse: – menina
a mim não fizeste mal
toda moça é inocente
tem seu papel virginal
cerimônia de donzela
é uma coisa natural.

– Se o senhor é homem rico
e comigo quer casar
pois tome conta de mim
aqui não quero ficar
se eu falar em casamento
meu pai manda me matar.

– Que importa que ele mande
tropa e navios pelos mares
minha viagem é aérea
meu cavalo anda nos ares
nós vamos sair daqui
casar em outros lugares.

Creuza estava empacotando
o vestido mais elegante
o conde entrou no quarto
e dando um berro vibrante
gritando: – filha maldita
vais morrer com teu amante.

O conde rangendo os dentes
avançou com passo extenso
deu um pontapé na filha
dizendo: – eu sou quem venço
logo no nariz do conde
o rapaz passou o lenço.

Ouviu-se o baque do conde
porque rolou desmaiado
a última cena do lenço
deixou-o magnetizado
disse o moço: – tem dez minutos
pra sairmos do sobrado.

Creuza disse estou pronta
já podemos ir embora
e subiram pela corda
até que saíram fora
se aproximava a alvorada
pela cortina da aurora.

Com pouco o conde acordou
viu a corda pendurada
na coberta do sobrado
distinguiu uma zoadá
e as lâmpadas do aparelho
mostrando a luz variada.

– Todo o meu sonho dourado
é fazer-te minha senhora
se queres casar comigo
te arruma e vamos embora
se não o dia amanhece
e se perde a nossa hora.

Os soldados da patrulha
estavam de prontidão
um disse: vem ver fulano
aí vai passando o pavão
o monstro fez uma curva
para tomar direção.

Então dizia um soldado:
– orgulho é uma ilusão
um pai governa uma filha
mas não manda no coração
pois agora a condessinha
vai fugindo no pavão.

O conde olhou para a corda
e o buraco no telhado
como tinha sido vencido
pelo rapaz atilado,
adoeceu só de raiva
morreu por não ser vingado.

O jovem Evangelista
foi chegando na Turquia
com a condessa da Grécia
fidalga da monarquia
em casa do seu irmão
casaram no mesmo dia.

Em casa de João Batista
deu-se grande ajuntamento
dando vivas ao noivado
parabéns ao casamento
à noite teve retreta
com visita e cumprimento.

Enquanto Evangelista
gozava imensa alegria
chegava um telegrama
da Grécia para a Turquia
chamando a condessa Creuza
pelo motivo que havia.

E a gaita do pavão
tocando uma rouca voz
o monstro de olhos de fogo
projetando os seus faróis
o conde mandando pragas
disse a moça: é contra nós!

De manhã quando os noivos
acabaram de almoçar
e Creuza em traje de noiva
pronta para viajar
de palma véu e capela
pois só vieram casar.

Diziam os convidados
a condessa é tão mocinha
mais vestida como noiva
torna-se mais bonitinha
está com um buquê de flor
seria como uma rainha.

Os noivos tomaram assento
no pavão de alumínio
e o monstro levantou-se
foi ficando pequenino
continuou o seu vôo
no rumo de seu destino.

Na cidade de Atenas
estava a população
esperando pela volta
do aeroplano pavão
ou cavalo do espaço
que imita um avião.

Na tarde do mesmo dia
que o pavão foi chegando
em casa de Edmundo
ficou o noivo hospedado
seu amigo de confiança
que foi bem recompensado.

E também a mãe de Creuza
já esperava vexada
a filha mais tarde entra
muito bem acompanhada
de braço dado com seu noivo
disse: mamãe estou casada.

Dizia o telegrama:
– Creuza vem com teu marido
receber tua herança
o conde é falecido
tua mãe deseja ver
o genro desconhecido.

A condessa estava lendo
com o telegrama na mão
entregou a Evangelista
que mostrou ao seu irmão
dizendo: – vamos voltar
por uma justa razão.

Disse a velha: minha filha
saíste do cativoiro
fizeste bem em fugir
e casar com estrangeiro
tomem conta da herança
meu genro é meu herdeiro.

ANEXO F - História de um analfabeto ou O homem que nunca aprendeu a ler – João Martins de Athayde

Quanto padece no mundo
 Quem nunca aprendeu a ler
 Sofre um tormento profundo,
 Vive e não sabe viver
 Nos maiores embaraços,
 Preso nos mais fortes laços
 Contra a angústia a se bater.

Um homem sem instrução
 E um barco a vagar sozinho,
 Sem leme, sem direção,
 É como a ave sem ninho.
 E como o filho sem mãe.
 Sem achar quem lhe acompanhe
 Pela vida erra o caminho.

Qualquer negócio que faça
 Tendo sua assinatura,
 Lamenta a sua desgraça
 Saindo triste à procura
 De quem assine seu nome
 Pois o mal que lhe consome
 Pra ele estará sem cura.

Da ignorância fatal
 Oh! Noite profunda, imensa,
 A fonte de todo mal,
 Abismo da indiferença
 Martírio cruel, insano,
 Abutre do desengano,
 Que nos conduz à descrença.

O pai que não mostra ao filho
 Que o saber é necessário,
 Cria-lhe um grande empecilho
 Torna-lhe um ente ordinário.
 Prepara-lhe um futuro
 Terrível, medonho, escuro,
 O mais negro itinerário.

Termina pedindo esmola
 Depois que for enganado,
 Quem nunca andou numa escola
 Tem um futuro arruinado.
 As maiores inclemências
 As mais graves consequências,

O livro é a lâmpada acesa
 Na noite da ignorância
 A nos mostrar a clareza
 Da mais desejada estância.
 E quem um livro não pega,
 Quem o saber arrenega
 Provoca repugnância.

O saber na vida é tudo.
 Quem sabe não se atrapalha.
 Possui o maior escudo
 Pra vencer qualquer batalha.
 Não anda quebrando lança,
 Domina, conquista, alcança,
 Dinheiro, nome e medalha.

Mas, ai de quem ignora
 O quanto vale a instrução,
 De si próprio se deplora
 Sofre a mais negra opressão.
 Serve até de zombaria
 O direito, a garantia,
 Que merece o cidadão.

Contaram-me um dia um fato,
 Que eu achei lamentável,
 De um certo homem pacato,
 Pagador, sério, agradável,
 Como não sabia ler,
 Nem contar, nem escrever,
 Morreu quase miserável.

O seu negócio vivia
 Pelos outros manejado.
 Não assinava, nem lia,
 Inda que fosse um traslado.
 O monstro ANALFABETISMO
 Botou ele no abismo,
 No mais miserando estado.

Quando se viu enrascado
 Sem meio de se salvar
 Chorava desenganado
 Sem um remédio encontrar,
 Por culpa sua, somente,
 De viver eternamente

Na vida tem encontrado.

Na ignorância a vagar.

Foi em seu nome assinada
Uma duplicata um dia,
Estava falsificada,
Toda a gente conhecia,
Mas o infeliz que a aceitou
Doido completo ficou
Perdendo o que possuía.

Instrução! Coisa sublime!
Adorno de uma nação,
Grandeza que tudo exprime,
Sol de infinito clarão.
A ponta do teu compasso
Foi quem traçou no espaço
Nosso grau de perfeição.

Na data do pagamento
Ele não tinha dinheiro,
Não sossegou um momento,
Ficou louco o dia inteiro.
Uma estória sem cabeça
Foi arranjada depressa
Por um bom trampoleiro.

Em qualquer meio social,
Qualquer Estado ou País,
Da ignorância o mal
Deve cortar-se a raiz,
Pois o povo analfabeto
Que não sabe um dialeto
É bem raro ser feliz.

Era de cinquenta contos
A duplicata em questão,
Para pagar sem desconto
Quando lhe chegasse à mão
Pobre homem, sem poder,
Ao compromisso atender
Exigiu prorrogação.

N'arte, indústria, todo ofício,
Quem mais sabe, mais merece,
Não luta com sacrifício
Porque de tudo conhece,
Porém quem não sabe nada
Marca passo na estrada,
Eternamente padece.

Mas esta lhe foi negada,
Não serviu o rogatório,
Sendo a letra protestada
No outro dia, no cartório,
Porque o fino pirata
Que arranjou a duplicata
Tinha um quengo finório.

Criar escola é abrir
Caminho para o progresso.
E preparar um porvir
Que garante com sucesso
D'um povo o adiantamento,
Elevando o pensamento,
Que acaso esteja em regresso.

Finalmente o comerciante
Viu-se na necessidade
De liquidar num instante
A sua propriedade,
Sem nenhuma experiência,
Abriu depressa a falência.
Oh! Negra fatalidade...

É dolorosa demais
A sorte do ignorante,
Porque não sabe o que faz,
Iludido a todo instante,
Vagando por um deserto,
Chorando sozinho, incerto,
Eterno judeu errante.

Tomaram com arrogância
 Tudo que ele tinha em casa.
 Sem a menor relutância
 – Foi mesmo que ferro em brasa–,
 Duma vez foi liquidado
 O que havia juntado
 Ficando-lhe a cova rasa.
 Isso acontece ao sujeito
 Que não tem nenhum saber,
 Que desconhece o efeito
 Do mal que vem suceder
 A quem na obscuridade
 Não vê a luz da verdade
 Só porque não sabe ler.

Estes são quadros traçados
 Aos olhos de quem não lê,
 Que vivem martirizados,
 Porém não sabem o porquê.
 Mas a causa disso tudo
 Nasce da falta de estudo
 Só mesmo um cego não vê.

E uma pobre criatura
 Que do ler nada aprendeu,
 A noite era muito escura
 No lugar onde nasceu.
 Vive na penosa lida
 E o dia da sua vida
 Ainda não amanheceu

Quem vive a vagar na treva
 Sem ter nenhuma instrução,
 Comprando um livro se eleva
 Lendo do livro a lição.
 Só assim se desamarra,
 Se liberta, se desgarra,
 Da mais negra escravidão.

Por toda parte se estenda
 O saber a quem não tem,
 Pra que o povo compreenda
 Que sem instrução, ninguém
 Pode viver com sossego,
 Perde às vezes bom emprego
 E os seus direitos também.

Pregue-se por todo canto
 Do livro o grande valor
 A escola é o templo mais santo
 Onde se aprende com amor.
 Quem estudar não procura
 Não sai da caverna escura
 Do imenso abismo do horror.
 Oh! Consequências funestas!...
 Ruino, dano, perigo!
 Manhãs sem sol e sem festa
 A falta de um doce abrigo
 Auroras sem esplendores,
 Campos estéreis, sem flores,
 Flagelo! Imenso castigo!

Vejam pois quanto é tristonho
 Quanto é negro e deprimente
 Terrível enredo medonho
 Desolador e pungente
 Esses quadros pavorosos
 Esses antros tenebrosos
 Onde vive tanta gente.

Há muitos pais desleixados
 Que deixam no abandono
 Seus filhos deseducados
 Alvares nus de outono
 Criados pelas Campinas
 Entre vícios e ruínas
 Que só lhe trazem mau sono.

Seja lá de qualquer forma
 A instrução deve ser dada
 Pois ela é o guia e a norma
 A base, a linha traçada,
 Pelo caminho da vida
 Deve ser bem entendida
 E em todo lar semeada.

Nessa vida qualquer homem
 Tendo vontade e energia
 As mágoas não lhe consomem
 Ele acaba num só dia
 Procura um livro, vai ler,
 E luta para aprender
 Tudo quanto não sabia.

Abram-se as portas da escola
 Para este povo entrar,
 A fim de obter a esmola
 Do saber que vai buscar,
 Porque o analfabetismo
 Deixa o homem no ostracismo,
 Faz a vergonha do lar.
 Nenhuma ideia concebe
 Quem nunca quis aprender.
 Se alguma carta recebe
 Vai pedir a alguém pra ler.
 Fica nervoso, com medo,
 Pois sabe que o seu segredo
 Este alguém vai conhecer.

Se de alguma moça gosta
 E ela uma carta lhe faz,
 Para mandar a resposta
 Julga-se logo incapaz
 Não sabe pegar na pena
 E dele a amada morena
 Logo mau juízo faz...

De há muito provado está,
 Não tem valor na existência
 A pessoa boa ou má
 Que não possui competência
 Sofre prejuízo em tudo
 O tormento mais agudo
 Lhe invade a consciência.

E vive a mercê das vagas
 De um mar tempestuoso,
 Sem encontrar outras plagas
 Que lhe tragam bom repouso
 Mas ele quis isso mesmo
 Andar sem norte, a esmo,
 Podendo ser venturoso.

Por isso aqui aconselho
 A todos para estudar
 A instrução é um espelho
 Onde vamos nos mirar
 Oh! Sorte cruel, tirana,
 E da criatura humana
 Que foge desse lugar.

Se toda aquela criatura
 Que pela rua tateia,
 Escrava da desventura
 Tendo de dor a alma cheia
 Quisesse se libertar
 Procuraria estudar
 Nem que fosse na cadeia.
 A vida talvez lhe fosse
 Toda como o sol nascente,
 Tão alegremente doce
 Curado do mal que sente
 Saindo do antro escuro
 Talvez seja no futuro
 Necessário a muita gente.

Na vida o maior desgosto
 Que causa imensa tristeza
 Sofre-o aquele que anda exposto
 O mártir da incerteza,
 Desconhecendo o futuro
 Caminha pelo escuro
 Pela lei da natureza.

O mais baixo cidadão
 Para um lugar obter
 Acha a maior opressão
 Se acaso não sabe ler
 Pois hoje o menor lugar
 Para o indivíduo ocupar
 Precisa o nome escrever.

Um recibo não assina
 Nem tampouco um documento
 Pois toda gente domina
 Sem nenhum acompanhamento
 Vive aos outros ocupando
 Cruéis tormentos passando
 Não tem prazer um momento.

Não sei como vive um ente
 Sem ter instrução no mundo,
 Não pode viver contente
 Seu sofrimento é profundo
 O mal lhe causa tédio
 Não encontrando um remédio
 Não passa de um vagabundo.

E assim, de quando em quando
 Vergonhas terríveis passa,
 Entre os amigos estando
 Seu coração despedaça,
 Pois não quer se convencer,
 Que deve aprender a ler
 Pra se livrar da desgraça.
 Oh! Dias cheios de sol
 De encantos e esplendores
 Oh! Rutilante arrebol
 E auroras de mil fulgores
 Oh! Firmamento estrelado
 Oh! Mundo maravilhado,
 Que tem sorrisos e flores.

Traga tudo que tiveres
 Do sabor das esperanças
 Para homens e mulheres
 Para jovens e crianças
 Abriga em teu grande seio
 Quem nunca encontrou um meio
 De achar na vida esperanças.

Entre escarpas abrolhos
 Traz sempre os pés a sangrar
 Todo aquele que tem olhos
 Porém não quer enxergar
 Que sem instrução nenhuma
 Ninguém será cousa alguma
 E nada pode alcançar.

Fica todo sem sossego
 E muitas vezes logrado;
 Se sabe de algum emprego
 No jornal anunciado
 Pois perguntando onde é
 Iludem-lhe a boa fé
 E o pobre finda enganado.

Por isso faz piedade
 Quem anda na escuridão
 Desconhecendo a verdade
 Perdendo sempre a razão
 Façam-se mil sacrifícios
 Fechem-se as portas dos vícios
 Abramos a da instrução.

Enfim, são tantos os males
 Da ignorância gerados,
 Que abrem medonhos vales
 Onde são arremessados
 Os infelizes sem sorte
 Sem instrução e sem norte
 Eternos desenganados.
 Quem desse livro o clichê
 Observar com cuidado
 Encontra um velho curvado
 Sobre a carta de ABC
 E apesar dos seus sessenta
 Estuda ainda tenta
 Que analfabeto não lê.

Até na velhice ainda
 O homem pode estudar,
 Pois o estudo não finda
 É como as águas do mar
 Enquanto há vida, há esperança,
 O homem faz-se criança
 Depois dele se educar.

Em qualquer reunião
 N'um meio familiar
 Tem boa conversação
 Sabe muito bem falar
 Porém se for escrever
 Pra quem não conta, nem ler
 Não pode se expressar.

Oh! Desejado tesouro
 É o que encerra o saber
 Pois vale mais do que ouro
 Tem maior força ou poder
 Toda infinita grandeza
 E nos mostrar a beleza
 Com ela pode vencer.

Quem não estuda tateia
 Não possui idealismo
 Figura medonha e feia
 É a do ANALFABETISMO
 Cancro que tudo corrói
 Verme que ao mundo destrói
 Monstro pagão sem batismo.

Oh! Sublime Pestalozzi
Que traçaste com carinho
A mais santa apoteose
Da instrução no caminho
Bendito seja na história
Teu nome feito de glória
Escrito no pergaminho.
Instrução, manjar divino
Deus à terra sempre o mande,
Pois só por meio do ensino
O homem pode ser grande
E o seu valor vai mostrando
Lendo, escrevendo, falando,
Suas ideias expande.

Fonte do bem, das delícias,
Oh! Terra da Promissão,
Ninho feito de carícias
Aurora da redenção!
Oh! Mãe cosmopolitana,
O sol da cegueira humana
És tu, bendita INSTRUÇÃO.

ANEXO G - *Grandes Mestres da Nossa Literatura* – Gil Ribeiro

Para me certificar
 Dos poetas e a cultura
 Descrever sobre os autores
 De nossa literatura
 Resolvi me aprofundar
 E hoje irei falar
 Dos imortais da leitura.

Nossa Língua Portuguesa
 Advém de Portugal
 Portanto é bom falar
 Deste meio genial,
 Primeira escrita que tinha
 Foi a canção da Ribeirinha
 Documento oficial.

Nesta época prevalece
 O grande trovadorismo
 Com os sábios trovadores
 Homens de grande juízo,
 Também tinha o menestrel
 Desenvolvendo o papel
 Do verdadeiro lirismo.

O famoso Dom Diniz
 Era o Rei de Portugal
 Foi um sábio trovador
 Com seu jeito genial
 Quem quiser grande leitura
 Estude a literatura
 Deste líder principal.

O poeta Gil Vicente
 Da terra de Portugal
 Alavancou o teatro
 Em sua Terra Natal
 No livro é considerado
 O nome mais respeitado
 No espaço teatral.

Um dos livros mais famosos
 Foi Camões que escreveu
 Os Lusíadas com certeza
 Grande glória mereceu
 Na cultura portuguesa
 Foi a maior realeza
 Que o nosso povo leu.

Porém Frei Luís de Sousa
 Foi outro nome decente
 Nas terras de Portugal
 Plantou sua semente
 Hoje, na literatura
 Mantém a sua figura
 Nas livrarias da gente.

Outro grande literário
 Foi José de Anchieta
 Sem dúvida é conhecido
 Em todo nosso planeta
 No Brasil foi um Pajé
 Que o povo levou fé
 Em toda sua veneta.

Bocagem foi grande vulto
 Na história portuguesa
 Nos laços da poesia
 Tornou-se grande beleza
 Embora, com pessimismo
 Garantiu grande lirismo
 Na arte com sutileza.

O romantismo português
 Na primeira geração
 Temos Almeida Garrett
 Homem de grande missão
 Foi escritor jornalista,
 Romancista e folclorista
 Com sua nobre lição.

Alexandro Herculano
 Foi outro de Portugal
 Escreveu em grande linha
 O que sempre achou legal
 Embora de origem pobre
 Com vasto destino nobre
 Tornou-se fenomenal.

Camilo Castelo Branco
 É um gênio imortal
 Teve muitos sofrimentos
 Traumas anti-social
 Suicidou-se um dia
 Mas nos deixou garantia
 Um bom trabalho formal.

A poetisa Florbela
 Escreveu com erotismo
 Nos laços da poesia
 Foi o maior romantismo
 O seu soneto "amar"
 Nunca vai se apagar
 Do terreno do lirismo.

Um grande artista e poeta
 Foi Mário de Sá-Carneiro
 Na cidade de Lisboa
 Sofreu tédio e desespero
 No poema dispersão
 Podemos vê a razão
 Da morte do companheiro.

Nas terras de Portugal
 Sempre saiu gente boa
 Deu-se Luís de Camões
 Poeta que não enjoa
 Tem Antero de Quental
 Um artista genial
 Depois Fernando Pessoa.

Porém Fernando Pessoa
 Foi um mestre de primeira
 Criou vários heterônimos
 Cada um numa maneira
 O mestre Alberto Caeiro
 Ensinou o tempo inteiro
 Ao grupo sem ter fronteira.

O grande Alberto de Campos
 Gostava de zombaria
 Foi um poeta profundo
 Com toque de ironia
 Dizem, parecer com o "pai"
 Com o seu estilo traz
 Extrema sabedoria.

O sábio Ricardo Reis
 Foi um poeta humorista
 Clássico com muita decência
 Grande gênio, repentista,
 Foi bom na mitologia
 Seu estilo garantia
 Grande nome ao artista.

Fernando Antônio Pessoa
 Foi profundo no inglês
 Também mandou muito bem
 Seu estilo português
 No planeta é afamado
 O poeta mais amado
 Que anotei pra vocês.

Hoje mesmo em Portugal
 Temos belíssimas histórias.
 Do escritor Saramago
 Homem de grande vitória
 Seu forte foi o troféu
 Portanto, em nosso cordel
 Registramos essa glória.

O primeiro documento
 Escrito aqui no Brasil
 Foi a Carta de Caminha
 Em 22 de abril
 Para o Rei Dom Manuel
 Relatório mais fiel
 Que o país possuiu.

Navegador português
 Com altíssima qualidade
 Descreveu sobre o Brasil
 Com prudência e lealdade
 Sua carta em grande linha
 O Pero Vaz de Caminha
 Registrou sua verdade.

Outro grande escritor
 Embora de Portugal
 Ainda muito criança
 Deixa a terra Natal
 E vem morar no Brasil
 Portanto, aqui garantiu
 Um trabalho essencial.

Seu nome Antônio Vieira
 Porém foi Padre também
 E o mestre dos Sermões
 Com o talento que tem
 Até hoje é respeitado
 Vieira foi consagrado
 Pra século sem fim amém.

O Barroco na Brasil
 Teve outra garantia
 Com o poeta Gregório
 Em Salvador na Bahia
 Gregório de Matos Guerra
 Foi o primeiro da terra
 Em tudo que escrevia.

Devido escrever demais
 Tornou-se bem conhecido
 Seus sonetos e histórias
 Sem dúvidas foram bem lidos
 Mas criticou os baianos
 E teve dos conterrâneos
 Um estranho apelido.

O alcunha de Gregório
 É estranho até demais
 Sendo o Boca do Inferno
 Ninguém esqueceu jamais
 Mesmo assim é bom saber
 Que o artista veio a ter
 Um grandioso cartaz.

Outro grande escritor
 No ramo da poesia
 Escreveu prosopopéia
 Mostrando sabedoria
 Porém foi Bento Teixeira
 Literato de primeira
 Com sua grande mestria.

No tempo do Arcadismo
 O mineiro garantiu
 Uma cultura Vibrante
 Na história do Brasil
 Portanto, Minas Gerais
 Alevantou o cartaz
 Neste país varonil.

Temos Claudio Manuel
 Inteligente demais
 Falou sobre a cultura
 De toda Minas Gerais
 O poema Vila Rica
 É a coisa mais bonita
 Que Claudio Manuel faz.

Tomás Antônio Gonzaga
 Neste grupo apareceu
 Sua maior poesia
 Foi Marília de Dirceu
 Liras sensacionais
 Dentro das Minas Gerais
 Foi Tomás que escreveu.

José Basílio da Gama
 Neste grupo está também
 Foi patrono da ABL
 Com o prestígio que tem
 Escreveu obras poéticas
 Nunca fazer dietas
 Nas coisas que lhe convém.

Frei José de Santa Rita
 Falou de religião
 Seu livro Caramuru
 Foca colonização
 Do estado da Bahia
 Achado com garantia
 Pra toda população.

Suspiros poéticos e saudades
 De Gonçalves Magalhães
 Deu início ao Romantismo
 No Brasil com muitas fãs,
 Também inspirou escritores
 Com muita glórias e louvores
 Motivando gerações.

Joaquim Manuel Macedo
 Foi poeta e romancista
 Dramaturgo e fluminense
 Grande exemplo em nossa lista
 Sempre muito respeitado
 Porque era renomado
 Na terra que ele conquistou.

Outro grande escritor
 Foi José de Alencar
 Nascido em Mecejana
 Estado do Ceará,
 Escritor de Iracema
 Romance que vale a pena
 Todo país estudar.

As obras de Alencar
Primeiro é "Cinco Minutos"
"Iracema" O Guarani"
"Lucíola" tem grande vulto,
Tem "Senhora" e "Viúvinha"
"O Til" entra nesta linha
Com nome absoluto.

Temos "As Minas da Prata",
E "O Gaúcho" também,
Tem "A Pata da Gazela"
Que nunca pisou ninguém,
Tem "A Guerra dos Mascates"
"O Tronco do Ipê" é arte
Tudo isso Alencar tem.

Tenhamos "Sonhos D'Ouro"
"Senhora", "Ubirajara"
Também temos "Afarrábios"
"O sertanejo" não para
Em seguida encarnação"
Livro de grande emoção
Com a sua essência rara.

Porém, Manuel de Almeida
Tem uma história feliz:
Em uma tipografia
Vê Machado de Assis
Almeida administrava
E Machado ali estava
Trabalhando de aprendiz.

Maior canção do Brasil
Sempre se lê e se lia
Foi escrita na Europa
Com grande sabedoria
Seu autor é consagrado
Romancista respeitado
Chamado Gonçalves Dias.

Casimiro de Abreu
Escreveu na flor da idade
Poemas muito importante
Falando sobre a saudade
Hoje, na Literatura
Tornou-se uma das figuras
Que brilhou na mocidade.

Antônio de Castro Alves
Defendeu a abolição
Foi poeta dos escravos
Com força no coração,
Na luta da escravatura
Foi Castro a maior figura
Em defesa da nação.

Como defensor do escravo
Escreveu Navio Negroiro
Teve o sábio Rui Barbosa,
Seu conterrâneo e passeiro
Machado e Zé de Alencar
Também quero lembrar
Que foram seus companheiros.

O autor da Escrava Isaura
É formado em Direito
Escreveu o Seminarista
Com grandioso efeito,
Sempre com grande emoções
Pois, Bernardo Guimarães
No romance foi perfeito.

Sei que o Rio de Janeiro
Porém, foi muito feliz
Com o sábio Romancista
Que escreveu como quis
Foi notável presidente
Da ABL da gente
Joaquim Machado de Assis.

Machado foi o cabeça
Do grupo do Realismo
O seu livro, Dom Casmurro
Tem o maior romantismo Pois,
Capitu e Bentinho
No Brasil tem um cantinho
Para guardar seu lirismo.

Machado é um dos maiores
Da cultura brasileira
No morro do Livramento
Passa a infância primeira
Depois vira presidente
Assim faz quem é decente
No bairro das Laranjeiras.

Na época naturalista
 Foi bela a atuação
 De Aluíso Azevedo
 Nascido no Maranhão
 Foi escritor jornalista
 O principal romancista
 De sua população.

Porém em Angra dos Reis
 Grande nome apareceu,
 Portanto, Raul Pompéia
 Com seu livro o Ateneu,
 Foi mais um naturalista
 Que colocamos na lista
 Por tudo que escreveu.

Temos no Parnasiano
 Em nossa Literatura
 Na cidade Carioca
 Sem dúvida, maior figura
 Olavo Martins Bilac,
 Artista famoso e craque
 No terreno da leitura.

Olavo Bilac escreveu
 Nosso hino da Bandeira
 "Salve Lindo" é conhecido
 Como símbolo de primeira
 Bilac foi perfeição
 Homem de boa instrução
 Na cultura brasileira.

Temos Raimundo Correia
 Nascido no Maranhão
 Foi membro da ABL
 Com grande gesto e ação
 Foi parceiro de Bilac
 Com muita mestria e arte
 Em nossa população.

Deixo o parnasiano
 Estilo da perfeição
 Pra falar do simbolismo
 Porém, com boa intenção
 Portanto, os dois estilos
 Tiveram fantásticos brilhos
 Na cultura da nação.

O poeta simbolista
 Usa musicalidade
 É sutil por natureza
 Com prudência e lealdade
 Descreve com realeza
 Buscando grande beleza
 Com subjetividade.

Cruz e Souza foi brilhante
 Na cultura do Brasil
 Embora de origem pobre
 Grande êxito conseguiu,
 Saindo da escravidão
 Bem no Sul da região
 Cruz e Souza residiu.

Porém outro grande nome
 Poeta paraibano
 Nosso vizinho do Brejo
 Que viveu só trinta anos
 Morreu no século passado
 Mas tornou-se consagrado
 Com sonetos e muitos planos.

Pois, Augusto de Carvalho
 Rodrigues dos Anjos, é:
 Figura espetacular
 Da região de Sapé
 Seu livro de poesia
 O povo com simpatia
 Estuda com muita fé.

Em nosso Pré-modernismo
 Tem um mestre de estudo
 Escreveu com qualidade
 A história de Canudos
 Falou bem de Conselheiro
 Grande líder brasileiro
 Que sempre deu voz ao mudo.

Sem dúvida Euclides Rodrigues
 Pimenta da Cunha faz:
 A história de Canudos
 Com estilos naturais
 O sertanejo é um forte
 Embora com muita morte
 Cunha, fala bem demais.

Nesta época foi notável
 Grande escritor infantil
 Paulista de Taubaté
 Que a todos garantiu
 Grande obras pras crianças
 Trazendo muita esperanças
 Ao futuro do Brasil.

Bento Monteiro Lobato
 Escreveu com qualidade
 O Sítio do Pica Pau
 Com muita força e vontade
 Até hoje sempre é lido
 Jamais substituído
 Por nossa modernidade.

Esse mestre com certeza
 Instruiu a humanidade
 Falou a voz das crianças
 Do Sertão e da cidade
 Sempre usou neologismo
 Seu lado pré-modernismo
 Nos deixa muita saudade.

Lobato é consagrado
 Nos livros que escreveu
 Sendo o maior escritor
 Que no mundo apareceu
 No terreno infantil
 O artista é nota mil
 Pelo orgulho que deu.

As crianças, ainda hoje,
 Chora a morte do artista
 Lembrando de Narizinho
 E toda a sua conquista,
 Histórias de animais
 Simplesmente geniais
 Do nosso pré-modernismo.

Outro grande literato
 Jornalista de primeira
 Fluminense renomado
 Na cultura brasileira
 Simplesmente foi demais
 O que o mestre Lima faz
 Da fala e sua maneira.

Afonso Lima Barreto
 Foi mestre na ficção
 Em Policarpo Quaresma
 Falou a voz do povão
 Não ficou preso à gramática
 Portanto, a sua prática
 Causou muita confusão.

Sua morte prematura
 Foi devido ao alcoolismo
 Problemas de depressão
 Tirou de Lima o juízo
 Morreu aos quarenta e um anos
 Mas registrou-se nos planos
 Do nosso pré-modernismo.

É bom registrar também
 Um filho do Maranhão
 Chamado Coelho Neto
 Homem de grande visão
 Comparado à Rui Barbosa
 Com sua língua na prosa
 Dotado de perfeição.

Henrique Coelho Neto
 Presidiu à Academia
 Onde muitos literatos
 Trabalhavam todo dia
 Foi príncipe dos prosadores
 Com muita glórias e louvores
 Em tudo que escrevia.

Porém, nasceu na Bahia
 Rui Barbosa de Oliveira
 É símbolo do saber
 Na cultura brasileira
 Foi político e jornalista
 Maior escritor jurista
 Nesta terra hospitaleira.

Perdeu duas eleições
 Ao governo do Brasil
 A Segunda Epitácio
 Grande êxito conseguiu
 Mas, no ramo da leitura
 É Rui a maior figura
 Que o país possuiu.

Vou falar no Modernismo
Sua gente, suas glórias
Seu local apropriado
Suas grandes trajetórias
Seus festivais registrados
Seus poetas consagrados
Suas derrotas e vitórias.

O movimento gerou
Muitos conflitos em São Paulo
O teatro municipal
O grupo pôde usá-lo
Sem dúvida os festivais
Foram sensacionais
Pra quem pôde acompanhá-los.

Ali também foi notável
Barulhos e confusões
Houve polêmicas demais
E várias contradições
Alguns artistas vaiados
E outros admirados
Naquelas ocasiões.

O maior representante
Daquela literatura
Porém foi Mário de Andrade
Com sua rara figura,
Grande escritor folclorista
Poeta e romancista
No espaço da cultura.

O poeta foi amigo
Do mestre Câmara Cascudo,
Um dia veio a Natal
Fazer pesquisa e estudo
Cascudo gostou demais
Porque seu estudo faz
Ampliar seu conteúdo.

Outro grande escritor
Romancista e poeta
Também da grande São Paulo
Onde estudava direto
Foi Oswald de Andrade
Grande força de vontade
Era visto no poeta.

Sem dúvida, em nosso Nordeste
Teve artista de primeira
Um deles é do Recife
Terra de cana brejeira
Foi poeta consagrado
Grande escritor renomado
Chamado "Manel" Bandeira.

Bandeira é um fenômeno
Nascido na capital
Escreveu muitos poemas
Sobre a terra natal
A terra canavieira
Tem o poeta Bandeira
Como um filho genial.

Outro grande escritor,
João Cabral de Melo Neto
Nascido em Pernambuco
Onde estudava direto
O campo da poesia
Foi a maior simpatia
Que Cabral viveu de perto.

Ainda em Pernambuco
É bom a gente falar
Do nobre Gilberto Freire
Figura espetacular,
Sociólogo e ensaísta
Gilberto foi a conquista
Do povo do seu lugar.

Nós temos na Paraíba
Literato Romancista
Porém, José Lins do Rego
Enquadra-se nesta lista
Falou dos Canaviais
Rapadura e tudo mais
No estilo modernista.

Em Menino de Engenho,
É vasta a Literatura
Retratando as injustiças
Das sofridas criaturas
O Engenho Corredor
Para Lins é professor
Na formação da cultura.

As terras paraibanas
Município de Pilar
Tornou-se gloriosíssima
Com história pra contar
Pois, José Lins Cavalcante
Sempre foi muito importante
Pra quem gosta de estudar.

Outro grande escritor
Escreveu a Bagaceira
José Américo de Almeida
Da terra Canavieira,
Notável paraibano
Orgulhando conterrâneo
Na cultura brasileira.

Também temos Ariano
Na cultura popular
Seu nome é consagrado
De modo espetacular
Sua obra não enjoa
Portanto, em João Pessoa
Ele chegou pra ficar.

Vou deixar a Paraíba
Para falar do estado
Que nasceu Câmara Cascudo
Folclorista renomado
O Rio Grande do Norte
Alavancou o seu porte
Ficando representado.

O Rio Grande do Norte
Só faltou divulgação
Porque gente de primeira
Viveu nesta região,
Tem Lourival de Açucena
Com seu livro de poema
Chamando muita atenção.

Tem Segundo Wanderley
Na cultura do lugar
Auta de Souza também
Vale a pena estudar
Temos Eloy seu irmão
Zé Bezerra no Sertão
E Ferreira Itajubá

Gostei muito de estudar
Sobre o Banho da Cabocla
O mestre Jorge Fernandes
Ficou com água na boca
Falou da cabocla nova
Mostrando exemplo e prova
Que temos morena “louca”.

Também temos Diva Cunha
Escritora de estudo
Com inúmeros Conterrâneos
Seu e de Câmara Cascudo,
No Rio Grande do Norte
Sempre deu gente de sorte
Com garra, mestria e tudo.

Cascudo foi estudar
Medicina na Bahia
Desiste do Bisturi
Se forma em filosofia
Seu forte foi a pesquisa
Somente ele realiza
Vasta etnografia.

Luís da Câmara Cascudo
Foi sempre espetacular
Tornou-se o folclorista
Que todos querem estudar
O Rio Grande do Norte
Cascudo lhe deu suporte
Com história pra contar.

Vou deixar os conterrâneos
Artista de muita sorte
Com uma figura brilhante
Notável de grande porte
Diógenes da Cunha Lima
Poeta que a gente estima
No Rio Grande do Norte.

Quero falar de Rachel
Escritora e jornalista
Com sua obra o Quinze
Grande prestígio conquista
Portanto, em Fortaleza
Foi a maior realeza
A obra da modernista.

É sabido que Rachel
Foi a primeira a entrar
Na Academia de Letras,
Como imortal foi ficar
Depois com Maria Moura
Foi vista numa emissora
Seu nome frutificar.

Ganhou o prêmio Camões
Com todo merecimento
Porém Roberto Marinho
Deu-lhe reconhecimento
Na globo sua emissora
Enquadrou a escritora
Nos programas de eventos.

Maior nome de Alagoas
Sem dúvida é Graciliano
Falou em Sinhá Vitória
Os Meninos e Fabiano
Grande Vaqueiro Ocupado
Cuidando de terra e gado
Com sucesso e desengano.

O mestre Graciliano
Só fez o segundo grau
Mas na arte da escrita
Foi artista genial;
Quem quiser grande leitura
Estude a literatura
Do nobre fenomenal.

Porém, Aurélio Buarque
Dedicou-se a ficção,
Foi ensaísta e crítico
Com força na profissão,
Mas, o seu dicionário
Em todo e qualquer horário
Temos que tê-lo na mão.

"Como dois e dois são quatro"
Vale a pena estudar
A obra do maranhense
José Ferreira Gullar,
Precursor do concretismo
Famoso no modernismo
Pra quem quer se aprofundar.

O ilustre Jorge Amado
É de Itabuna Bahia
Romancista de estudo
Em tudo que escrevia,
Escreveu Cravo e Canela
Dona Flor e Gabriela
Teatro e Biografia.

Outro famoso baiano
É João Ubaldo Ribeiro
Romancista consagrado
Do Brasil ao estrangeiro
Sempre muito respeitado
Com seu livro estudado
Viva ao povo brasileiro.

Da Bahia vou a Minas
Em forma de uma glosa
Em busca do grande mestre
Chamado Guimarães Rosa,
Formado em medicina
Mas, tudo que lhe fascina
É sempre escrever em prosa.

Uma escritora famosa
No grupo mineiro UAI
É a grande Adélia Prado
Inteligente demais
Escreveu em verso e prosa
Deixando exemplo e prova
Nos livros que sempre faz.

Temos Fernando Sabino
Sábio, artista e mineiro
Bacharelou-se em direito
Mas seguiu outro roteiro
Preferiu ser jornalista
Cronista e romancista
No espaço brasileiro.

Rubem Fonseca é mineiro
Nasceu em Juiz de Fora
Foi para o Rio de Janeiro
Onde vive até agora
Sempre foi bom romancista
Contista e roteirista
No país que a gente mora.

Murilo Monteiro Mendes
 Nasceu em Minas Gerais
 Expoente modernista
 Com seus versos geniais
 Seu forte é poesia
 Sempre com arte e mestria
 Nos textos que sempre faz.

Mundo mundo vasto mundo,
 Mais vasto é meu coração
 Se eu me chamasse Raimundo
 Não seria solução...
 Assim disse modernista
 Poeta e jornalista
 Que mais me chama atenção.

Carlos Drummond de Andrade
 É mineiro de Itabira
 Grande amigo de Bandeira
 Quem quiser veja e confira
 Maior dupla na cultura
 Em nossa literatura
 Seu espaço ninguém tira.

Outro escritor mineiro
 É nosso amigo Ziraldo
 Seu nome é uma mistura
 De Zizinha com Geraldo
 O Menino Maluquinho
 Ele escreveu com jeitinho
 Do mineiro humorado.

Sua mãe era Zizinha
 E seu pai era Geraldo
 Portanto, a combinação
 Surge esse nome honrado
 O seu livro infantil
 Merece uma nota mil
 Além de ser premiado.

"Toda vez que um justo grita
 Um carrasco vem calar
 Quem não presta fica vivo
 Quem é bom manda matar"
 Esse trecho é de Cecília
 Uma escritora que brilha
 Em todo e qualquer lugar.

A autora defendeu
 Nossa língua portuguesa
 Sua obra é recheada
 De detalhes e beleza
 Se na língua crescer queres
 Leia Cecília Meireles
 Que tu cresces com certeza.

Outro nobre escritor
 Modernista brasileiro
 Da terra maravilhosa
 Cidade, Rio de Janeiro
 É Vinícius de Moraes
 Artista que sempre faz
 Sucesso no mundo inteiro.

Escreveu com Tom Jobim
 Garota de Ipanema
 Seu sucesso na história
 Foi mais do que um poema
 Pois, Vinícius e Tom Jobim
 Deixaram exemplos pra mim
 De arte que vale a pena.

Porém Clarice Lispector
 Foi grande capacidade
 Nas terras pernambucanas
 Viveu sua mocidade
 Depois no Rio de Janeiro
 Começa ganhar dinheiro
 Escrevendo de verdade.

Temos no Rio de Janeiro
 Mais um mestre jornalista
 Chamado Millôr Fernandes
 Teatrólogo e humorista
 Porém, funda um jornal
 E vive muito legal
 Com seu grupo de artista.

No Rio Grande do Sul
 Nossa cultura não pára
 Com o sábio romancista
 E sua cultura rara,
 Portanto, Érico Veríssimo
 Escreveu livros belíssimos
 Registrando sua fala.

Luís Fernando Veríssimo
 Puxou ao pai que ele tem
 É filho dum escritor
 E vira escritor também
 Sempre grande jornalista
 Cronista e humorista
 Nas terras que lhe convém.

Volto ao Rio de Janeiro
 Para registrar na lousa
 Um escritor atuante
 Paulo Coelho de Sousa
 Romancista universal
 No livro é genial
 Além de ter outras cousas.

É bom falar do talento
 Da escritora Piñon
 Substituindo Aurélio
 Com seu trabalho no tom,
 Na Academia é contente
 No topo de presidente
 Porque seu trabalho é bom.

Porém Itapemirim
 Teve um mestre capixaba
 Cronista de grande porte
 Que a seu leitor agrada
 Seu jeito de escrever
 Faz todo mundo dizer
 Que é fã de Rubem Braga.

Temos o Mário Quintana
 Bem lá no Sul do país
 Gaúcho de grande linha
 Assim, sua obra diz
 Foi poeta e jornalista
 Mereceu grande conquista
 Com seu trabalho feliz.

São Paulo é Mário de Andrade
 No Rio é Joaquim Maria
 No Ceará, Alencar
 Camões é na poesia
 Bilac foi bom no estudo
 Natal é Câmara Cascudo
 Jorge Amado é da Bahia.

Este livro é indicado
 Pra quem gosta de cultura
 Também pode abrir caminhos
 Pra nossa literatura
 Quem pegar ele pra ler
 Com certeza vai querer
 Saber mais dessas figuras.

Grande sonho realizo
 Indo com esse roteiro
 Digo com sinceridade
 Agradecendo-os ligeiro
 Lhe convido a meditar
 Viver poder estudar
 O cordel de Gil Ribeiro.

ANEXO H - *Grandes Mestres da Nossa Literatura* – Gil Ribeiro

Caro leitor, o Cordel
de assunto é sempre cheio
e pra tratar novo tema
eu do verso faço o meio
pra lhe mostrar a peleja
da carta com o e-mail.

Entre a carta e o e-mail
qual dos dois tem mais valor?
Se quiser, leitor, escolha
conforme seu gosto for
como deu-se essa peleja
eu vou mostrar ao leitor...

Eu vagava pelas ruas
da minha imaginação
quando de súbito ouvi gritos
bate-boca e confusão
sentei na esquina da mente
pra assistir à discussão.

Era uma carta e um e-mail
em discussão calorosa
dizia o e-mail à carta:
“Não te faças de gostosa
sou rápido como o relâmpago
tu és lenta e preguiçosa!”

A carta disse: “Es relâmpago
és ligeiro na passada
mesmo assim tua tarefa
sem paixão não vale nada
és moleque de recado
numa ação robotizada”.

E disse mais: “Coleguinha
a tua labuta é fria
no tal correio eletrônico
não existe poesia
bom mesmo é quando o carteiro
com um grito me anuncia!”

Retruca a carta: “Acredito
que de mim gosta o poeta
inda mais a Internet
de vírus vive repleta
e por fim quem é em meio
não faz a coisa completa.

E outra coisa, colega
tu não és de confiança:
por causa de falha técnica
na Internet, cê dança
já me pondo no Correio
eu chego com segurança”.

Nisso o e-mail responde:
“Alto lá! Pegue maneiro!
você diz ser bem segura
isso não é verdadeiro
pois hoje nos grandes centros
existe assalto a carteiro!”

A carta não se entregava
queria ter a razão
gesticulava, agitada
e pra ganhar a questão
chamou em sua defesa
poeta de inspiração:

“Manoel Monteiro, em Campina
cordelista de manchete
se comunica por mim
não vai muito com Internet
gosta de escrever a mão
é de mim grande tiete.”

O e-mail disse: “Olhe
pode ficar bem rílex
deixo você no chinelo
junto com o tal telex
você não ganha de mim
nem trajada de sedex”.

O e-mail disse: “Amiga
por caridade, essa não!
a demora estraga tudo
desagrada ao coração
mesmo quem se comunica
tá com pressa e precisão!”.

E a carta prosseguia:
“Sou de fato especial
sou embrulho e sou mensagem
tenho todo um ritual
sou do toque e tenho cheiro
tu és frio e virtual.

Quem me recebe em suas mãos
de fato fica contente
o cheiro de quem mandou-me
naquele momento sente
não é de teclado a letra
é letra do remetente!

Porque a caligrafia
marca a personalidade
do autor e mais expressa
a sua afetividade...
Prove um dia receber
uma carta de saudade!

Quem nunca se apaixonou
e nem teve amor ausente
não sabe o qu'è esperar
o carteiro impaciente
para abrir-me e ler: ‘Amor
de saudade estou doente!’”

O e-mail disse: "Não!
não é sempre bem assim
e a senhorita pensa
que é sempre bom o seu fim?
me diga aqui uma coisa –
e quando a mensagem é ruim?

No que a carta respondeu:
“Não se vexa, tenha calma
gostoso é quando o carteiro
em um portão bate palma
– alegre o destinatário
deixa feliz sua alma”.

Me responda, então, pequena
pra poder ser do meu tope:
e quando a mensagem traz
dentro do seu envelope
a morte vindo a cavalo
com seu nefasto galope?!”

Em cima da bucha, a carta
deu a sua explicação:
“Não é da mensagem em si
que estou falando, não
digo que qualquer mensagem
por mim ganha em emoção”...

Vendo que naquela briga
eles queriam insistir
levantei-me do meu canto
resolvido a intervir
pedindo paz e concórdia
aos dois me dirigi:

Disse eu: “Acabem agora
Amigos, a discussão
Nenhum dos dois tá errado
Todos dois tão com razão
Afinal, os dois, colegas
Servem à comunicação”.

Na carta o e-mail deu
Ó gesto mais comovente –
Bem apertado um abraço!
Registrei feliz, contente
E corri, peguei papel
Grafei um novo cordel –
A cultura que é da gente!

ANEXO I - *As Herdeiras de Maria* – Dalinha Catunda

Começa assim a história
Do folheto feminino:
A mulher com sua manha,
Território o nordestino,
Com patriarcado vil,
Montou-se então um ardil,
Pra traçar nosso destino.

Lá pra mil e novecentos,
E trinta e oito asseguro,
Foi que a mulher editou,
E plantou para o futuro,
O folheto feminino,
Com o nome masculino,
Que hoje aqui emolduro.

Quando a mulher resolveu
Escrever o seu cordel,
Ainda meio acanhada...
Não quis botar no papel,
Seu santo nome de pia,
Porém foi uma Maria,
A primeira do painel.

Era Altino Alagoano
Que assinava a autoria.
A do primeiro folheto,
Que a mulher se atrevia
A escrever sem assinar
Para o marido alcunhar
Com nome de Fantasia.

E foi Maria das Neves,
A Batista Pimentel!
Que teve o afoitamento,
De publicar um cordel,
E mesmo não assumindo
O que estava produzindo
Na lavra do seu vergel.

Era Francisco das Chagas,
De sobre nome Batista,
Pai de Maria das Neves,
A primeira cordelista.
Ele foi um pioneiro,
Do folheto brasileiro,
Na arte especialista.

“O Violino do Diabo.
Ou o Preço da Honestidade”,
Foi o primeiro folheto,
Tornou-se até raridade,
Pela mulher concebido,
Como troféu exibido,
Prova viva da verdade.

Os folhetos de Das Neves,
O seu pai sempre editava.
“Corcunda de Notre Dame”
Na sua lista constava,
E outros títulos mais,
Em obras universais,
Ela se fundamentava.

“O Amor Nunca Morre” é,
Também sua criação,
Mais um cordel que Maria,
Acresceu a coleção.
Sua rica trajetória
É um marco na história
Nobre contribuição.

Maria chega ao cordel,
E com personalidade.
Letrada, bem preparada,
Replena de habilidade.
Disfarçada ocupa espaço,
Dando seu primeiro passo,
Rumo à nova atividade.

E a ascensão do cordel,
Das Neves acompanhou.
A Popular Editora,
Foi o seu pai quem criou,
Instalada em João Pessoa,
Aquela ideia tão boa,
Maria testemunhou.

Para falar a verdade,
Testemunhou muito mais...
Só o homem editava!
Das mulheres, nem sinais.
Pode parecer incrível,
A mulher era invisível,
Continham seus ideais.

Só depois de muito tempo
A mulher entra em ação.
Tira o verso da gaveta
Mostra a sua produção.
Assumindo o seu lugar,
Na cultura popular,
Cumprindo sua missão.

Isso só aconteceu,
Entre sessenta e setenta,
A mulher com liberdade,
Depressa se reinventa.
Ela muda de postura,
Garante a assinatura,
No cordel que apresenta.

Chega de só propagar,
Saberes e tradição.
Chega de contar histórias,
Fazer adivinhação.
Com tanto conhecimento,
Afiml chega o momento,
De mudar de posição.

Já cansada de engolir,
O que tinha na garganta,
Cansada de ser a musa,
Às vezes puta ou santa,
Cansada de ser podada,
Encara nova jornada,
Assume seu verso e canta.

Uma luz no fim do túnel,
A mulher chega avistar.
Mas a estrada a seguir,
Ela tem que desbravar.
Porque é pura ilusão,
Sua ampla aceitação,
Não vamos nos enganar.

No mundo cordeliano,
Inda mora o preconceito.
Na produção feminina,
Muita gente põe defeito,
E perde a oportunidade,
De conhecer na verdade,
Cordéis com outro Conceito.

Do jeito que tem mulher
Escrevendo sem cuidado,
Tem homem que faz cordel
Sem entender do riscado,
Não venham com zombaria,
O dom da sabedoria,
Floresceu assexuado.

O mercado é escasso
Para a mulher cordelista.
Com o corporativismo
Nós somos poucas na lista.
Nos bancos de academia
Inda somos minoria,
Mas nos postamos na pista.

Corre o cordel feminino
Sem nenhuma timidez.
A mulher fortalecida,
Não espera, faz a vez.
Sabe que é competente,
Se a lacuna é existente
Preenche com vividez.

Aborda qualquer temática
Verseja com qualidade.
Se for para glosar, glosa!
Com muita propriedade.
Faz pejeja virtual,
O seu mote é atual,
Essa é a realidade.

A cordelista zelosa
Que cumprem sua missão,
Sabe que o bom cordel
Em sua composição,
Boa rima deve ter,
A métrica é pra valer,
Ao compor sua oração.

Somos muitas escrevendo
Algumas com maestria.
Nosso cordel feminino,
É canto que contagia.
Abram alas pras guerreiras,
Somos poetar herdeiras,
As herdeiras de Maria!

ANEXO J - Não deixe o homem bater, nem em seu atrevimento! – Dalinha Catunda

Desde pequena eu ouvia
 Nas declarações de amor
 Que não se bate em mulher
 Nem mesmo com uma flor
 E para viver comigo
 Com sinceridade digo:
 Cuidado com o andor.

Não nasci para apanhar,
 Nunca fui uma qualquer.
 Respeito é bom e eu gosto
 Isto toda fêmea quer.
 Se quiser ser respeitado
 O meu recado tá dado,
 E é conselho de mulher.

Homem que bate em mulher
 Com toda sinceridade
 É um projeto de homem
 Não é homem de verdade
 E a mulher que é surrada
 Também chamo de culpada
 Por sua cumplicidade.

Quem apanha uma vez,
 Vira saco de pancada.
 Quando ele alterar a voz
 Procure logo a estrada.
 Botar culpa na bebida,
 Já é tática conhecida
 E desculpa esfarrapada.

No começo são palavras,
 Depois vem o palavrão.
 E com a voz alterada
 Ele vem e senta a mão,
 E a mulher dependente,
 Apanha de quebrar dente,
 E esconde a situação.

Se por ventura apanhar,
 Calada não fique não,
 Apronte um grande escarcéu
 Para chamar atenção,
 Alguém vai se apiedar
 Por você testemunhar
 Na hora da precisão

Não cale pra proteger,
 Os seus filhos e seu lar.
 Depois da primeira surra
 Muitas mais irão chegar.
 Mantenha a dignidade
 Fuja da infelicidade
 De querer compactuar

Acorde enquanto é tempo,
 Tenha determinação.
 Um pouquinho de amor próprio
 Ajuda na decisão,
 Vá procurar nova vida
 Com a cabeça erguida
 Pra tudo tem solução

Hoje já existem leis,
 Pra socorrer a mulher
 Que deve ser atuante
 Quando o momento requer.
 Com a Maria da Penha
 No macho se desce a lenha
 Do jeitinho que a lei quer.

E não fique constrangida
 Em procurar seu direito,
 Pois quem maltrata mulher
 Jamais será bom sujeito
 Merece mesmo prisão
 E não tenha compaixão
 Só cadeia dará jeito.

Quanto mais você aguenta
 Mais a coisa fica torta.
 Hoje vai pro hospital,
 Amanhã pode estar morta.
 Morar com quem lhe condena
 Mulher! Não vale à pena,
 Tranque de vez sua porta.

Não pensem que estou falando
 Do chamado cidadão.
 Que cumpre os seus deveres,
 Que conhece obrigação.
 E por ter dignidade
 Dispensa a tal crueldade
 Sabe bem o que é razão.

Está nas mãos da mulher
Os direitos que ela tem.
Cúmplice de violência,
Tal papel não lhe cai bem
Compete a ela se impor
E mostrar o seu valor
Como de fato convém.

Quando a coisa ficar preta,
Procure a delegacia.
O Boletim de Ocorrência
É mesmo uma garantia.
Em seguida abra um processo
E nada de retrocesso
Acabe com a agonia.

E quando for ao juiz,
E o mesmo lhe perguntar:
Vai retirar o processo,
Ou pretende continuar?
Prossiga com sua luta
Ativa e bem resoluta,
Nem pensar em fraquejar.

Não pense em piedade,
Prossiga firme em frente
Sendo assim construirá
Um mundo bem diferente
Moldando a sociedade
Trazendo pra realidade
Um homem mais consciente.

A velha submissão
Não tem significado.
A mulher emancipada
Tem profissão e mercado.
Mas tem homem que duvida,
Que a história dessa vida
Já tem um novo traçado.

Foi-se o tempo em que mulher
Babava seu travesseiro,
Pois abortando seus sonhos
Chorava o dia inteiro.
Sendo hoje alforriada
Não deve ser humilhada
Já basta de cativoiro.

Quantas Marias se foram,
Por causa da violência.
Dê um basta nesta história,
Já chega de complacência
Não baixe mais sua crista,
Canto de galo machista
Está fora de evidência.

Escreva nova história
Tenha mais dignidade
Foi-se o tempo da Amélia,
Reina hoje outra verdade
Onde a mulher é guerreira
Levanta sua bandeira,
Diante da realidade.

Não quero ver estampado,
Seu retrato no jornal.
Esta violência toda,
Garanto não é normal.
Não quero chorar de pena
Vendo você no Datena
Numa ocorrência fatal.

Nunca seja alvo de bala,
E nem morra estrangulada.
Não quero ouvir o seu grito
Bem na hora da facada.
Aprenda a se defender
Use todo seu poder,
Não fique paralisada.

Não ature violência,
Diga adeus à sujeição.
A lei Maria da Penha
Tem a nova geração,
Não seja Maria da peia
Covarde é bom na cadeia
Para amansar na prisão.

Louvo Maria da Penha
Que teve garra e lutou.
Uma lei muito importante
Para mulher conquistou.
Dedico-lhe este cordel
Mulher de nobre papel
Que a história registrou.

Mulher preste atenção,
Vive-se novo momento,
Não deixe o homem bater
Nem em seu atrevimento!
Se o homem perde a razão
Levantando sempre a mão
Tenha seu discernimento.

ANEXO K - Caipora – Gonçalo Ferreira da Silva

O que será uma lenda?
Explicarei a você:
a lenda é como a miragem,
meu caro amiguinho, que
se vê, porem não existe,
ou existe e não se vê.

O Caipora é um gênio
que protege os animais
silvestres e que habita
as floretas tropicais
visto somente por quem
possui dons especiais.

Evidente que o vidente
dá por certa a existência
do gênio, porém o outro
não tendo o dom da vidência
indagações filosóficas
são feitas com insistência!

Vivendo na intimidade
da aconchegante flora
como um guardião que zela
a quem mais ama e adora
é protetor da fauna
o lendário Caipora.

E o caçador prudente
ao conduzir o seu cão
antes de entrar na mata
deve, por obrigação,
ao Caipora pedir
a sua autorização.

Se não, estará sujeito
a ser desafortunado
ou inexplicavelmente
ficar desorientado
andando em circulo na mata
por tempo indeterminado.

Outro artifício que é
pelo Caipora usado
é reter o cão esperto
infantilmente acuado
latindo muito diante
dum toco resignado.

“Hoje não é meu dia”,
pensa imediatamente
o caçador convidando
o cão desobediente
que abana o rabo, entretanto,
entra a latir novamente.

Agora o caçador sente
um inexplicável frio;
tenta dominar o medo
porem sente um arrepio,
algo como um mudo aviso,
um sentimento sombrio.

Pedras à feição de trempes
bota na mata fechada,
acende fogo dizendo:
– Vamos parar a jornada.
Só depois da hora-grande
reinicia a caçada.

Mas, depois da hora-grande,
incompreensivelmente,
ouve o caçador um longo
assovio à sua frente:
o caçador, intrigado,
escuta detidamente.

Gira sobre os calcanhares,
segue oposta direção,
mas não percorre uma jarda
tem ele a decepção
de saber que o assovio
já mudou de posição.

Outras vezes algo estranho
fica o cachorro sentindo
andando em torno do dono
se lastimando e ganindo
sem que o dono perceba
quem o está perseguindo.

Um caçador nos contou
um curioso ocorrido,
um caso igualmente àquele
nunca tinha acontecido:
dessa vez o Caipora
se deixou ser percebido.

Quando entrou na mata virgem
repentinamente viu
três porcos-do-mato que,
quando ele os pressentiu,
os alvejou um por um
até que o último caiu.

Quando ia dirigir-se
aos porcos mortos no chão
um moleque apareceu
com um enorme ferrão,
montando num porco-espinho
na densa vegetação.

E enfiando o ferrão
nos flancos dum animal
mandou-o se levantar
que o tiro não foi mortal:
o porco saiu correndo
por dentro do matagal.

Repetiu com o segundo
essa mesma operação
e no terceiro também
ele enfiou o ferrão.
Os animais dispararam
sem vestígios de lesão.

A seguir, o Caipora
dirigiu-se a um ribeiro;
simulando raiva disse:
– Vou amanhã ao ferreiro
consertar este ferrão
pra ele ficar linheiro.

E assim pra todo lado
em que o caçador for
segue o assovio como
se o assoviador
se mantenha mangando
da cara do caçador.

Chegando a casa, sequer
colocou da porta a tranca;
num dos cantos da latada
colocou sua alavanca
e depois da sua esposa
acariciou a anca.

E foi dormir levemente
para acordar muito cedo
para saber se o ferreiro
conhecia algum segredo
porque durante a caçada,
pra ser franco, teve medo.

O sol já estava alto...
o caçador conversando
com seu amigo ferreiro,
sobre negócios tratando,
quando avistaram um vaqueiro
que vinha se aproximando.

Quando o vaqueiro apeou
foi exibindo um ferrão
dizendo para o ferreiro:
– Tenho muita precisão
que conserte este instrumento
com a maior perfeição.

Sem querer teve o ferreiro
um leve estremecimento,
mas consertou o ferrão
naquele mesmo momento.
– Eis aí seu instrumento.

Disse o vaqueiro: – O ferrão
está como me convém.
Fitando o caçador falou:
– Preste atenção muito bem:
o que você viu de noite
não conte nunca a ninguém.

Logo o caçador pensou:
“Amanhã eu vou ficar
na porta da oficina
ver se alguém vai chegar
com um ferrão como esse
para mandar consertar”.

ANEXO L - *A peleja de Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau* – Arievaldo Viana

Existem muitas versões
 Deste conto popular
 Que atravessou gerações
 De modo bem exemplar
 A versão dos irmãos Grimm
 Do princípio ate o fim
 Em versos vou mostrar.

Diz a história que havia
 Uma jovem boazinha
 Querida por sua mãe
 Amada pela avozinha
 Da qual ganhou de presente
 Uma capa diferente,
 Vermelha, bem bonitinha.

Essa capa de veludo
 Sobre a cabeça ela atava
 Chamando muita atenção
 Nos lugares que passava,
 Atraindo, feito espelho,
 De “chapeuzinho vermelho”
 Todo mundo lhe chamava.

A própria mãe disse um dia
 – Chapeuzinho, venha cá,
 Pegue esse pão de ló,
 E este suco de cajá,
 Leve para vovozinha
 Que se encontra sozinha
 Tão doente... siga já!

A garotinha seguiu
 Pela floresta contente
 Caminhou um bom pedaço
 Mas encontrou lá na frente
 Um lobo velho e faminto
 Que chegou todo distinto
 Sorrindo, mostrando o dente.

– Para onde vais, garotinha,
 Sozinha por esta estrada? –
 Pergunta o lobo sutil
 Fingindo no querer nada.
 – Vou visitar a avozinha
 Que já está bem velhinha
 E se encontra adoentada.

O lobo estava com fome
 Nenhuma caça ali tinha,
 Pensou em correr na frente
 Pra devorar a velhinha
 Em seguida disfarçar
 Para também devorar
 A coitada da netinha.

Por isso disse à menina:
 – Veja quanta flor bonita
 Aqui existem belezas
 Que pouca gente acredita,
 Passarinhos gorjeando
 Nos arvoredos cantando
 Que a natureza se agita!

E tanto fantasiou
 Que chapeuzinho sorriu.
 O lobo mau percebendo
 Que a menininha iludiu
 Começou o seu trabalho,
 Pegou depressa um atalho
 Na frente dela seguiu.

Chapeuzinho então ficou
 Distraída e encantada
 Colhendo flores silvestres
 Na margem daquela estrada,
 Perdida entre os olores
 Tecia um buquê de flores
 Para a vovozinha amada.

Enquanto isso “Seu” Lobo
 Correu pelas capoeiras
 Viu uma casinha branca,
 (carvalhos e goiabeiras)
 Conheceu ser da vovó
 E pensou consigo, só,
 Umas ideias matreiras.

Chegou na porta da frente
 E a pobre velha chamou
 Até a voz da menina
 Meio sem jeito imitou.
 A velha avozinha, então,
 Com problemas de audição,
 Nessa trama acreditou.

– Onde mora a sua avó? –
Pergunta o lobo insistente.
– Mora naquela casinha
Que tem carvalhos na frente
E goiabeiras de lado! –
O lobo muito apressado
Bola um plano inteligente.

Pôs uma toca da velha
Na cabeça e disfarçou
No recanto mais escuro
Do casebre se deitou,
Olhando para o espelho
Por Chapeuzinho Vermelho
Com toda calma esperou.

Finalmente Chapeuzinho
Chegou na porta e notou
Que estava entreaberta,
Fato que ela estranhou.
Chamou a vovó querida,
E o lobo, com voz fingida
Para dentro a chamou.

Notando as grandes orelhas
Pôs-se a menina a falar:
– Vovó, que orelhas grandes,
São mesmo de assustar! –
O lobo então disfarçando
Disse, com a voz falseando:
– São pra melhor te escutar!

– E esses olhos tão grandes?
– São para melhor te ver!
– E essas mãos tão peludas?
– Para carinhos fazer...
– E essa boca medonha? –
Disse o lobo sem vergonha:
– Netinha, é pra te comer!
Dizendo isto o malvado
Para a menina avançou,
Abriu a bocarra enorme
De um trago a devorou;
Com o estômago pesado
O lobo muito cansado
Novamente se deitou.

A vovó abriu a porta,
O lobo entrou sorrateiro
Avançou sobre a velhinha
A devorou bem ligeiro.
Depois vestiu seu vestido
E se deitou bem fingido,
Prevendo um novo roteiro.

Outra versão diz que o lobo,
Cheio de má intenção,
Encontrou com Chapeuzinho,
Que não lhe deu atenção
Nem escutou passarinho;
Seguiu logo o seu caminho
Levando o bolo na mão.

Chegando à casa da avó
Tratou de lhe avisar
Que o dito lobo malvado
Não tardaria a chegar
Atoleimado e faminto
Querendo entrar no recinto
A fim de lhes devorar!

A vovozinha era esperta
Com a neta se escondeu
E quando o lobo chamou
Ela nada respondeu;
Ele subiu no telhado
Ficou ali entocado,
Mas vejam o que aconteceu...

Um bom pedaço de carne
A velhinha então pegou
Botou no seu caldeirão
E a carne cozinhou.
Como era inteligente,
Levou pra porta da frente
E o resultado esperou.
Sentindo o cheiro do caldo
Ele muito se animou,
Estava morto de fome
Do fogo se aproximou.
Baixou a cabeça e... então
Despencou no caldeirão
Que a velhota preparou.

Um caçador que passava
Teve a curiosidade
De se aproximar da casa
E viu o lobo à vontade
Dormindo ali, bem deitado,
Então meteu-lhe o machado
Exterminando a maldade.

Bem, amiguinhos, a história
Antigamente era assim
Terminava dessa forma
Com este final tão ruim;
Com as novas gerações
Passou por transformações
Pelas mãos dos irmãos Grimm.

Na verdade esta historinha
Surgiu para alertar
Criança que anda sozinha
Sem os perigos notar
É preciso ter cuidado
Não ir por caminho errado
Nem com estranhos falar.

O lobo já estava fraco
Pelo tempo que esperou
O sol quente na moleira
Pela fome que passou
O lobo não reagiu,
Aos poucos se consumiu
Ali mesmo se acabou.

Chapeuzinho, deste modo,
Aprendeu bem a lição,
Que é muito perigoso
Criança dar atenção
A gente que no conhece
Aquilo que bem parece
Pode ser embromação.

Aqui termina o relato,
Cumri bem meu papel
Contei a história em versos
Porque sou um menestrel
Neste estilo popular
Eu acabei de narrar
A “Chapeuzinho” em cordel.